NOVO COMENTÁRIO BÍBLICO CONTEMPORÂNEO

1&2 TIMÓTEO, TITO

GORDON D. FEE

Editor do Novo Testamento:
W. Ward Gasque

EDITORA Vida

MAZINHO RODRIGUES

Para
David M. Scholer
e
J. Ramsey Michaels
conservos
e
co-herdeiros

ISBN 0-8297-1741-2

Categoria: Comentário

Título do original em inglês:
The New International Bible Commentary
1 and 2 Timothy, Titus

© 1984, 1988, por Gordon D. Fee
Hendrickson Publishers, Inc.
© 1994 por Editora Vida

Traduzido por Luiz Aparecido Caruso

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Vida, Deerfield, Florida 33442-8134 — E. U. A.

A menos que outra fonte esteja indicada, as referências bíblicas são da Tradução de João Ferreira de Almeida, Edição Contemporânea, da Editora Vida.

Capa: Ana Bowen

Índice

Prefácio 5
Prefácio da Edição Original 7
Abreviaturas 9
Introdução 12

1 Timóteo

1. Saudação (1 Timóteo 1:12) 45
2. A incumbência: deter os falsos mestres (1 Timóteo 1:3-11) 49
3. Testemunho acerca do evangelho (1 Timóteo 1:12-17) 60
4. Renovação da incumbência (1 Timóteo 1:18-20) 67
5. Objetivos próprios da oração (1 Timóteo 2:1-7) 71
6. Comportamento apropriado na oração (1 Timóteo 2:8-15) 80
7. Qualificações dos presbíteros (1 Timóteo 3:1-7) 89
8. Qualificações dos diáconos (1 Timóteo 3:8-13) 97
9. Finalidade da carta (1 Timóteo 3:14-16) 102
10. Censurado o falso ensino (1 Timóteo 4:1-5) 108
11. Responsabilidades pessoais de Timóteo (1 Timóteo 4:6-16) 114
12. Responsabilidades para com os crentes (1 Timóteo 5:1-2) 124
13. Instruções às viúvas (1 Timóteo 5:3-16) 126
14. Instruções acerca dos presbíteros (1 Timóteo 5:17-25) 138
15. Instruções aos escravos (1 Timóteo 6:1-2a) 147
16. Última acusação aos falsos mestres (1 Timóteo 6:2b-10) 152
17. Última exortação a Timóteo (1 Timóteo 6:11-16) 160
18. Exortação aos ricos (1 Timóteo 6:17-19) 168
19. Incumbência final (1 Timóteo 6:20-21) 172

Tito

1. Saudação (Tito 1:1-4) 179
2. Nomeação de presbíteros (Tito 1:5-9) 183
3. Advertências contra falsas doutrinas (Tito 1:10-16) 190
4. Instruções para grupos de crentes (Tito 2:1-10) 197
5. Base teológica do viver cristão (Tito 2:11-15) 206
6. Instruções para viver no estado e na sociedade (Tito 3:1-8) 213
7. Exortações e advertências finais contra os erros (Tito 3:9-11) 224

8. Instruções e saudações pessoais (Tito 3:12-15) 227

2 Timóteo

1. Saudação (2 Timóteo 1:1-2) 233
2. Ações de graças (2 Timóteo 1:3-5) 235
3. Apelo à lealdade a despeito das tribulações (2 Timóteo 1:6-14) 239
4. Exemplos de deslealdade e de lealdade (2 Timóteo 1:15-18) 250
5. Apelo renovado (2 Timóteo 2:1-7) 254
6. Bases do apelo (2 Timóteo 2:8-13) 260
7. Exortação para resistir aos falsos mestres (2 Timóteo 2:14-19) 268
8. Analogia de apoio oriunda dos vasos domésticos (2 Timóteo 2:20-21) 275
9. Responsabilidades de Timóteo tendo em mente os falsos mestres (2 Timóteo 2:22-26) 278
10. Última acusação aos falsos mestres (2 Timóteo 3:1-9) 283
11. Outro apelo à lealdade e à perseverança (2 Timóteo 3:10-17) 290
12. Última incumbência a Timóteo (2 Timóteo 4:1-5) 297
13. Último testemunho de Paulo (2 Timóteo 4:6-8) 302
14. Palavras e instruções pessoais (2 Timóteo 4:9-18) 306
15. Saudações finais (2 Timóteo 4:19-22) 314

Prefácio

Embora não apareça nas listas comuns de "best-sellers", a Bíblia continua a ser mais vendida que qualquer outro livro. E apesar do crescente secularismo ocidental, não há sinais de que o interesse pela mensagem da Bíblia esteja diminuindo. Bem ao contrário, número cada vez maior de homens e mulheres volta-se para suas páginas em busca de luz e orientação, em meio à crescente complexidade da vida moderna.

Tal interesse sempre renovado pelas Escrituras encontra-se tanto dentro como fora da igreja. Percebe-se este fato entre os povos da Ásia e África, tanto quanto na Europa e América do Norte. Na verdade, à medida que saímos de países tradicionalmente cristãos, parece que o interesse pela Bíblia aumenta. Pessoas ligadas às igrejas tradicionais católicas e protestantes manifestam, pela Palavra de Deus, o mesmo anseio que existe nas igrejas e comunidades evangélicas mais recentes.

Desejamos então estimular e, na verdade, fortalecer esse movimento de âmbito mundial acerca do estudo da Bíblia pelos leigos, ao oferecermos esta nova série de comentários. Conquanto tenhamos esperança de que pastores e mestres considerem estes volumes muito úteis, tanto para a compreensão quanto para a comunicação da Palavra de Deus, não os escrevemos primordialmente para esses profissionais. Nosso objetivo é ajudar a todos os leitores das Escrituras mediante a provisão de recursos que representem o que há de melhor na cultura contemporânea, apresentados de maneira que não exijam preparo teológico formal para ser entendidos.

É convicção do editor, bem como dos autores, que a Bíblia pertence ao povo, e não meramente aos acadêmicos. A mensagem da Bíblia é tão importante que de modo algum pode ficar acorrentada a artigos eruditos, presa a ensaios e monografias herméticos, redigidos apenas para especialistas em teologia. Embora a erudição rigorosa, esmerada, tenha seu lugar no serviço de Cristo, todos quantos participam do ministério do ensino, na igreja, têm a responsabilidade de tornar acessíveis à grande comunidade cristã os resultados de suas pesquisas. Assim é que os eruditos em Bíblia, que se unem para apresentar esta série de comentários, escrevem tendo em mente estes objetivos superiores.

Há muitas traduções e edições modernas do Livro santo, em português.

Na sua maioria estas edições são excelentes e devem ter a preferência do leitor no que concerne à compreensão.

A Bíblia de Jerusalém, baseada na obra de eruditos católicos franceses, vividamente traduzida para o português por uma equipe de tradutores brasileiros, talvez seja a mais literária das traduções recentes. A BLH (Bíblia na Linguagem de Hoje), da Sociedade Bíblica do Brasil, é a tradução mais acessível às pessoas pouco familiarizadas com a tradição cristã. Há ainda em português as edições Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil, e a Revisada, da Imprensa Bíblica Brasileira, além de outras traduções mais recentes.

Cada uma dessas versões é, à sua própria maneira, excelente, e todas elas devem ser consultadas com proveito pelo estudante sério das Escrituras. É possível que a maioria dos estudantes deseje possuir diversas versões para consulta, tanto objetivando variedade quanto clareza de compreensão — embora se deva salientar que de modo algum qualquer delas seja isenta de falhas, nem deva ser considerada a última palavra quanto a qualquer ponto. De outra forma, não haveria a menor necessidade de um comentário como este!

Esta série de comentários, por ser tradução da língua inglesa, faz referências à NEB, que constitui verdadeiro monumento à pesquisa moderna protestante, e a outras versões em inglês, entre elas a RSV, a NAB, a NIV.

Como texto bíblico básico desta série, decidimos usar a ECA — Edição Contemporânea de Almeida — por ser esta edição a que está destinada a tornar-se padrão, em português, nos seminários e institutos bíblicos. A ECA representa, no momento, o que há de melhor na literatura evangélica, e por esta razão ela se vai tornando a mais utilizada por pastores e outros estudiosos das Escrituras.

Cada volume desta série contém um capítulo introdutório expondo em minúcias o intuito geral do livro e seu autor, os temas mais importantes, e outras informações úteis. Depois, cada seção do livro é elucidada como um todo, e acompanhada de notas sobre aqueles pontos do texto que necessitam de maior esclarecimento ou de explanação mais minuciosa.

Esta nova série é oferecida com uma oração: que venha a ser instrumento de renovação autêntica, e de crescimento entre a comunidade cristã no mundo inteiro, bem como meio de enaltecer a fé das pessoas que viveram nos tempos bíblicos, e das que procuram viver, em nossos dias, segundo a Bíblia.

Editora Vida

Prefácio da Edição Original

Há comentários de diversos tipos. Alguns interpretam o texto mantendo um diálogo incessante com comentários anteriores; outros são escritos como se não houvesse nenhum comentário anterior. Alguns se preocupam estritamente com a exegese (o que o texto significou para seus destinatários originais); outros se preocupam mais com o aqui e agora, isto é, de que modo esta palavra se aplica aos nossos dias, sem suficiente consideração pelo que ela significou originalmente (exceto quando enfrentam dificuldades na interpretação!) Sendo este comentário propositadamente de tipo singular, e tendo perspectiva também um tanto singular, pareceu-nos apropriado, logo de início, explicar o que pretendemos.

A preocupação básica gira em torno da exegese, uma exposição do que Paulo tencionava ao escrever essas cartas a Timóteo e a Tito, em seu contexto histórico. Porém, considerando que sou também crente sincero nas Escrituras como Palavra de Deus, vai ficar bem claro que há mais coisas em jogo do que meras informações sobre o passado. Todavia, a despeito do interesse em que essas cartas sejam lidas como Palavra de Deus para nossos dias, não poupamos esforços para afastar aplicações dogmáticas ou sectárias. Daí que foi deixado ao leitor "fazer as aplicações" que lhe pareçam próprias.

Mais importante a notar-se é o ponto de vista singular do qual foi escrito este comentário. Conforme se há de observar na Introdução, a questão crucial em um comentário sobre essas epístolas é se elas são ou não autênticas. Depois de várias vezes lecionar acerca dessas cartas em nível de seminário e faculdade, cheguei à firme convicção de que, a despeito das dificuldades lingüísticas, estilísticas e teológicas, elas fazem mais sentido se as considerarmos como escritas por Paulo do que se escritas por outro qualquer. Porém, ainda assim eu me sentia descontente com meu próprio ensino e com a maioria dos comentários que partilhavam das minhas convicções acerca da autoria, porque parecia faltar uma perspectiva unificadora quanto ao motivo por que foram escritas, e sobre o que versavam. Era evidente a todos que alguns falsos mestres estavam por trás da que se supunha ter sido a primeira das cartas — 1 Timóteo.

Porém, de modo geral não se deu a essa realidade a devida importância; daí para a frente, tudo foi tratado como se Paulo tivesse em mente apenas um manual eclesiástico que orientasse a igreja quanto à maneira de organizar-se no decorrer dos anos. Foi este ponto de vista que me deixou inquieto, embora grande parte dos capítulos 2, 3 e 5 parecessem sustentar tal idéia.

Então, num determinado ano resolvi conduzir um grupo de seminaristas através de 1 Timóteo, levando absolutamente a sério 1:3 — como se fora esse o verdadeiro motivo da carta, a saber, insistir com Timóteo que pusesse um paradeiro aos falsos mestres em Éfeso. Em cada ponto perguntávamos: Como é que isto reflete ou poderia refletir a situação real da igreja em Éfeso, que estava sendo dilacerada por falsos mestres? Os resultados nos deixaram atônitos. E depois de mais algumas aulas sobre as EP (Epístolas Pastorais) a outras turmas, convenci-me plenamente da correção deste ponto de vista. É exatamente desse modo que obtemos o melhor sentido de todas as cartas anteriores de Paulo, e para mim e para diversas gerações de seminaristas, ele se tornou a chave para entendermos igualmente as EP.

Quero agradecer aos muitos seminaristas do Gordon-Conwell que, durante alguns anos, ajudaram a moldar o pensamento que veio a fazer parte deste comentário, de modo especial aos membros do seminário do Trimestre de Inverno de 1983, que atuaram na elaboração do rascunho desta obra, e ajudaram a fazer dela um livro melhor. Acima de tudo devo agradecer ao meu assistente de ensino, Patrick Alexander, que proporcionou tanta ajuda lendo os dois rascunhos, melhorando assim o estilo em muitos pontos, conferindo as referências primárias e secundárias, e organizando a bibliografia. Agradecimentos especiais a Corinne Languedoc, secretária do corpo docente por excelência, bem como a Connie e a Barbara DeNike, cujas habilidades datilográficas combinadas possibilitaram entregar o manuscrito à editora dentro do prazo.

Abreviaturas

Geralmente os comentários são citados pelo último nome do autor, exceto com relação a Dibelius-Conzelmann (veja D-C abaixo).

AB	Analecta Bíblica (série)
ECA	Edição Contemporânea de Almeida
ANF	Ante-Nicene Fathers
ASV	American Standard Version
AT	Antigo Testamento
ATR	Anglican Theological Review
BAGD	Bauer, Arndt, Gingrich, e Danker, a Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature (1979)
Berkeley G. Verkuyl	The Berkeley Version in Modern English
BibSac	Bibliotheca Sacra
BJ	Bíblia de Jerusalém
BJRL	Bulletin of the John Rylands Library
BT	The Bible Translator
BTB	Biblical Theology Bulletin
CBQ	The Catholic Biblical Quarterly
c.	cerca de
cap(s)	capítulo(s)
CH	Church History
cp.	compare
CTJ	Calvin Theological Journal
Danby	H. Danby, tradutor, The Mishnah (1954)
D-C	Dibeliuss & Conzelmann, The Pastoral Epistles (1972)
disc.	discussão
DSB	The Daily Study Bible Series
p. e.	por exemplo
EP	Epístolas Pastorais
ERA	Edição Revista e Atualizada - Almeida
et al.	e outros
EvQ	The Evangelical Quarterly
ExpT	The Expository Times
Gr.	Grego

GNB	The Good News Bible
Goodspeed	E. J. Goodspeed, An American Translation
HNTC	Harpers' New Testament Commentaries
HS	Hennecke-Schneemelcher, The New Testament Apocrypha (1963, 1965)
IB	The Interpreter's Bible
ICC	International Critical Commentary
ITQ	Irish Theological Quarterly
JBL	The Journal of Biblical Literature
JETS	Journal of the Evangelical Theological Society
Jos.	Flávio Josefo
JRelS	Journal of Religious Studies
JSNT	Journal for the Study of the New Testament
JTS	Journal of Theological Studies
KJV	King James Version
lit.	literalmente
Loeb	The Loeb Classical Library (série)
LSJ	Liddell-Scott-Jones, Greek-English Lexicon
LTP	Laval Théologique et Philosophique
LXX	Septuaginta (tradução grega pré-cristã do AT)
MNTC	Moffatt New Testament Commentary
Moffatt	The New Testament: A New Translation (1922)
Moulton	Moulton & Milligan, The Vocabulary of the Greek Testament Milligan (1930)
MS	(MSS) Manuscrito(s)
NA26	Nestle-Aland Greek New Testament, 26a. ed. (1979)
NAB	New American Bible
NASB	New American Standard Bible
NClarB	New Clarendon Bible (série)
NCBC	New Century Bible Commentary
NEB	New English Bible
NIDNTito	C. Brown, red., The New International Dictionary of the New Testament Theology (1975-78)
NIV	New International Version
NovT	Novum Testamentum
NT	Novo Testamento
NTC	New Testament Commentary (série)
NTimóteo	New Testament Message (série)
NTS	New Testament Studies

Phillips	The New Testament in Modern English (1959)
2PNTC	Pelican New Testament Commentaries
q. v.	queira ver
RestQ	Restoration Quarterly
RevExp	Review and Expositor
RSV	Revised Standard Version
RV	Revised Version
s(ss)	seguinte(s)
SBT	Studies in Biblical Theology (série)
SD	Studies and Documents (série)
SNTSMS	Society of New Testament Studies Monograph Series
Str-B	Strack-Billerbeck, Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch (1922-38)
SWJT	Southwestern Journal of Theology
TBC	Torch Bible Commentaries
TCGNT	B. Metzger, A Textual Commentary on the Greek New Testament (UBS, 1971)
TDNT	G. Kittel & G. Friedrich, reds., Theological Dictionary of the New Testament, trad. G. W. Bromiley (1964-72)
TrinJ	Trinity Journal
TS	Theological Studies
ThZ	Theologische Zeitschrift
TU	Text und Untersuchungen (série)
UBS	United Bible Societies
v. (vv.)	versículo(s)
WBC	Word Bible Commentaries
Weymouth	The New Testament in Modern Speech (1902)
Williams	C. B. Williams, The New Testament, A Translation in the Language of the People (1937)

Introdução

Estas três cartas (1 e 2 Timóteo e Tito), chamadas Epístolas Pastorais (EP) desde o décimo oitavo século, são consideradas cartas do Apóstolo Paulo a dois de seus cooperadores mais jovens, os quais ele deixou encarregados das igrejas de Éfeso e Creta, respectivamente. Desde começos do décimo nono século, contudo, quando pela primeira vez F. Schleiermacher expressou suas dúvidas, tem sido apresentada longa série de argumentos que põem em jogo a autenticidade dessas cartas, de sorte que no presente a grande maioria de estudiosos do NT ao redor do mundo consideram-nas como não sendo de autoria de Paulo, mas de um pseudo-epígrafo (embora discípulo de Paulo), por volta da virada do primeiro século d. C. O presente comentário foi escrito tendo por base a autoria paulina, estando o autor plenamente cônscio das muitas dificuldades vinculadas, mas convencido de que as teorias da pseudo-epigrafia apresentam dificuldades ainda maiores. [1] Portanto, embora grande parte do que se diz nesta Introdução assuma, indiretamente, a forma de conversa com a erudição acerca da autoria, nossa preocupação básica é introduzir o leitor nos dados históricos necessários a uma leitura inteligente do comentário.

Os Destinatários

Timóteo era colega de Paulo, muito mais moço, que se lhe tornara assíduo companheiro de viagens e amigo íntimo. De acordo com Atos 16:1-3, Timóteo era de Listra, cidade da Licaônia, na província romana da Galácia, situada no centro-sul da Ásia Menor. Talvez Paulo o tenha encontrado pela primeira vez (c. 46-48 d. C.) durante seu primeiro empreendimento missionário nessa região (cp. Atos 13:49-14:25 e Timóteo 3:11). É possível que ele, sua mãe e sua avó se tenham convertido nessa ocasião. Durante a segunda visita de Paulo a essa região (c. 49-50 d. C.), mediante recomendação dos crentes locais (Atos 16:2), ele teria decidido levar Timóteo consigo em suas viagens. Mas, devido ao fato de Timóteo ser de linhagem mista (mãe judia e pai gentio), e com o intuito de não arruinar sua missão entre os judeus da Diáspora, ele ordenou a circuncisão de Timóteo. [2] Começou, assim, um relacionamento de

afeição mútua que deveria durar a vida toda (cp. Filipenses 2:19-24).

Paulo chama a Timóteo de variadas maneiras: "meu filho amado e fiel no Senhor (1 Coríntios 4:17 ECA; cp. Filipenses 2:22; 1 Timóteo 1:2; 2 Timóteo 1:2) e "meu cooperador" no Evangelho (Romanos 16:21 ERA; cp. 1 Tessalonicenses 3:2; 1 Coríntios 16:10; Filipenses 2:22). Como filho na fé, Timóteo tornou-se o mais íntimo e perseverante companheiro de Paulo, seguindo-o de perto (1 Timóteo 4:6; 2 Timóteo 3:10-11; cp. 2 Timóteo 1:13; 2:2), compartilhando o ponto de vista do Apóstolo (Filipenses 2:20) e podendo ordenar seus caminhos para as igrejas (1 Tessalonicenses 3:2-3; 1 Coríntios 4:17). Como cooperador de Paulo, três vezes anteriormente lhe foram confiadas atribuições nas igrejas: em Tessalônica, c. 50 d. C. (1 Tessalonicenses 3:1-10); em Corinto, c. 53-54 d. C. (1 Coríntios 4:16-17; 16:10-11), e em Filipos, c. 60-62 d. C. (Filipenses 2:19-24). Também colaborou em seis das cartas de Paulo (1 e 2 Tessalonicenses, 2 Coríntios, Colossenses, Filemom, Filipenses; cp. Romanos 16:21). Nas presentes cartas fica-se sabendo que ele ainda se encontra em outra atribuição, desta vez dificílima. Ele foi deixado em Éfeso para deter os falsos mestres empenhados no processo de desfazer a igreja como alternativa cristã viável para aquela cidade.

Várias vezes Timóteo é retratado como um jovem muito novo, enfermiço, tímido, carente de espírito enérgico. Daí que nessas duas cartas freqüentemente vemos Paulo tentando estimular a coragem do jovem em face das dificuldades. Conquanto haja certa dose de verdade com relação a este retrato (veja 1 Coríntios 16:10-11; 2 Timóteo 1:6-7), talvez seja também exagerado. Timóteo era jovem segundo os padrões antigos (mas estava, no mínimo, acima dos trinta anos na ocasião em que 1 Timóteo foi escrita) e, aparentemente, tinha problemas recorrentes de estômago (cp. 1 Timóteo 5:23). Mas uma pessoa de sua idade, que podia levar a cabo (aparentemente sozinho) as missões anteriores em Tessalônica e Corinto, talvez não fosse de todo carente de coragem. Seja como for, as exortações à lealdade e à firmeza em 1 e 2 Timóteo são, possivelmente, resultantes de dois fatores: sua juventude e a força da oposição.

De Tito sabe-se muito menos. Curiosamente, ele não é mencionado em Atos. Por meio de Paulo sabemos que ele era gentio, cuja falta de circuncisão[3] constituía fator-chave para que Paulo assegurasse aos gentios um evangelho livre da Lei (Gálatas 2:1, 3). Ele era também antigo

cooperador de Paulo (o evento mencionado em Gálatas 2:1 talvez date de c. 48-49[4] d. C.), que se tornou compatriota digno de confiança em toda a vida de Paulo. Paulo lhe havia confiado a melindrosa situação de Corinto, situação que incluía a entrega de uma carta muito difícil (veja 2 Coríntios 2:3-4, 13; 7:6-16) e a coleta de donativos dos coríntios para os pobres de Jerusalém (2 Coríntios 8:16-24).

De acordo com a carta que traz o seu nome, Tito fora deixado em Creta, depois que Paulo e ele haviam evangelizado a ilha, a fim de pôr as igrejas em ordem. Em breve, porém, ele foi substituído por Ártemas (veja disc. sobre Tito 3:12) e devia juntar-se a Paulo em Nicópolis. Evidentemente foi isso que ele fez, porque de acordo com 2 Timóteo 4:10 ele havia seguido para a Dalmácia, presumivelmente para exercer o ministério.

Embora não se possa ter certeza, Tito talvez fosse mais velho do que Timóteo (veja disc. sobre Tito 2:15). Parece, também, que ele era de temperamento mais forte. Paulo o chama de seu "verdadeiro [legítimo] filho", o que significa, pelo menos, que seu ministério é expressão legítima do ministério de Paulo; talvez indique também que ele seja convertido de Paulo (cp. 1 Coríntios 4:14-15; Filemom 10).

Seria de notar que os quadros que emergem nas EP estão em consonância com aquilo que aprendemos algures. Um pseudo-epígrafo, é claro, poderia ter lido de tal modo as cartas anteriores de Paulo que fosse capaz de pintar seus próprios quadros em conformidade. Mas isso significaria que tal autor teria feito algo bastante improvável. Além do mais, os vários movimentos de Tito (Tito 3:12; 2 Timóteo 4:10) não são o material da pseudo-epigrafia, a qual, como seria de esperar, teria traçado um retrato consistente dos eventos, fácil de acompanhar. Essas questões acerca de Timóteo e de Tito favorecem, pelo menos, a autenticidade das cartas. [5]

Situação Histórica de Paulo

Uma das dificuldades que as EP apresentam tem sido a de localizá-las historicamente com vistas ao que se conhece da vida de Paulo. O problema reside numa combinação de diversos fatores.

Primeiro, o retrato de Paulo que emerge de 1 Timóteo e de Tito descreve-o viajando livremente pelo Oriente. Ele e Tito evangelizaram Creta (Tito 1:5); aparentemente ele viajou para Éfeso com Timóteo e espera voltar (1 Timóteo 1:3; 3:14); nalgum ponto em tudo isto ele

tenciona passar o inverno em Nicópolis, na região sul do Adriático (Tito 3:12). Mas em 2 Timóteo Paulo está de novo na prisão, desta vez confinado em Roma, onde ele espera morrer (cp. 2 Timóteo 1:16-17; 2:9; 4:6-8, 16-18).

O problema surge porque tais fatos não podem ser facilmente localizados na vida de Paulo, conforme se pode reconstruí-los de Atos e das cartas anteriores. [6] A tradicional resposta de que Paulo foi liberto da prisão conforme registro em Atos 28, voltou ao Oriente, e foi preso em Roma pela segunda vez, argumenta-se que a intenção de Paulo era viajar para o oeste, e não para o leste (Romanos 15:23-29), que Lucas dificilmente poderia guardar silêncio acerca de tal acontecimento, e que em qualquer caso teria sido bastante improvável que Paulo fosse ou liberto de uma detenção em Roma ou, se liberto, preso de novo. Considerando que a única evidência que temos de uma segunda prisão é das EP, as quais são suspeitas por outros motivos também, tal retrato muitas vezes é considerado invenção de um pseudo-epígrafo.

Todavia, os proponentes das dificuldades acima simplesmente não levam muito a sério os dados históricos. Se, como crê a maioria dos eruditos[7], Colossenses, Filemom e Filipenses foram escritas de Roma, durante a prisão registrada em Atos 28, então está claro que Paulo havia mudado de idéia no tocante a viajar para o oeste e, agora, espera voltar à Ásia Menor (Filemon 22) e que ele próprio esperava ser liberto da primeira prisão (Filipenses 1:18-19, 24-26; 2:24). [8] Não existem bases históricas seguras para pensar-se que isso não tenha realmente acontecido. Além do mais, parece bastante improvável que um pseudo-epígrafo, escrevendo trinta a quarenta anos mais tarde, tivesse tentado impingir tais tradições como a evangelização de Creta efetuada por Paulo[9], a quase capitulação da igreja de Éfeso à heresia, ou um livramento e segunda prisão de Paulo se, com efeito, nunca tivessem acontecido. De novo os dados históricos favorecem a autenticidade das cartas.

Mas o que ainda não está claro, conforme se evidencia das próprias EP, é a verdadeira ordem dos acontecimentos e a seqüência de 1 Timóteo e Tito. A solução mais provável sustenta que Paulo foi para Creta com Tito e (talvez) com Timóteo logo depois de Paulo ter sido liberto da prisão em Roma. Ali eles evangelizaram a maioria das cidades, mas também encontraram oposição da parte dos judeus helenistas que pareciam tomar um curso diferente da luta por causa da circuncisão que havia

caracterizado a oposição anterior do judaísmo palestino (veja Gálatas 1:2; Atos 15). Paulo, portanto, deixou Tito na ilha para regularizar as coisas, pondo as igrejas em ordem.

Entrementes, Paulo e Timóteo puseram-se a caminho da Macedônia, passando por Éfeso, quando a parada nesta cidade revelou um pequeno desastre. Algumas falsas doutrinas, semelhantes às encontradas anteriormente em Colossos, e mais recentemente em Creta, estavam em vias de minar de todo a igreja em Éfeso. Então Paulo excomungou os dois cabeças deste movimento, Himeneu e Alexandre (1 Timóteo 1:19-20); todavia, porque ele tinha de prosseguir para a Macedônia, deixou Timóteo encarregado das questões em Éfeso para conter a maré (1 Timóteo 1:3). Por ocasião de sua chegada à Macedônia, ele escreveu cartas a Timóteo e a Tito. Timóteo devia permanecer em Éfeso, porém Tito seria substituído ou por Tíquico ou por Ártemas (aparentemente teria sido Ártemas) e deveria juntar-se a Paulo em Nicópolis onde passariam o inverno (veja Tito 3:12). Daqui (de Nicópolis) Paulo parece ter regressado a Éfeso quando foi preso, talvez em Trôade, por instigação de Alexandre, o latoeiro (veja disc. sobre 2 Timóteo 4:13-15). Não está claro em que ponto ele fez contato com a base em Corinto e em Mileto (2 Timóteo 4:20).

Finalmente, ele foi conduzido de volta a Roma, onde teve uma audiência preliminar perante um tribunal romano (2 Timóteo 4:16-18) e foi submetido a julgamento pleno. Durante o tempo que passou na prisão ele sentiu grande ambivalência para consigo próprio, da parte de seus amigos. Onesíforo de Éfeso veio a Roma, procurou por Paulo, e tanto ministrou às necessidades de Paulo como o informou da situação em Éfeso, a qual aparentemente continuara a deteriorar-se (veja 2 Timóteo 1:15-18). Outros, porém, o haviam abandonado, pelo menos um como vira-casaca, mas alguns por motivos legítimos (2 Timóteo 4:10-12). Nesta situação angustiosa ele resolveu mandar Tíquico para tomar o lugar de Timóteo em Éfeso (2 Timóteo 4:12). Com ele, Paulo enviou uma carta a Timóteo (2 Timóteo), insistindo na lealdade ao próprio apóstolo e ao seu evangelho, e solicitando, finalmente, que Timóteo deixasse tudo e seguisse para Roma, antes que o inverno fechasse a navegação no Mediterrâneo; era essa sua esperança (veja disc. sobre 2 Timóteo 4:21). [10]

Ocasião e Propósito

No resumo precedente tocamos de leve a ocasião dessas cartas; contudo, é preciso que se diga mais alguma coisa, porque esta é a questão crucial para o entendimento. Na verdade, esta questão é crucial para a interpretação de todas as EP, e é bem neste ponto que as teorias da pseudo-epigrafia enfrentam suas maiores dificuldades.

Qualquer análise exegética de uma epístola pressupõe que ela seja um documento *ad hoc*, isto é, que se trate de uma correspondência ocasionada por um conjunto de circunstâncias históricas específicas, oriundas do lado do destinatário ou do lado do autor — ou de ambos. As teorias da pseudo-epigrafia devem, portanto, reconstruir a situação histórica na época do pseudo-epígrafo, neste caso por volta dos anos 90-110 d. C., que presta esclarecimentos sobre os dados dessas cartas como falando da situação do "autor" enquanto ao mesmo tempo as torna plausíveis como pertencentes à alegada situação histórica das próprias cartas. É precisamente aqui que surgem as dificuldades.

A reconstrução mais comum vê a combinação de três fatores que levaram o autor a escrever essas cartas: o declínio da influência de Paulo na igreja; a ameaça de uma forma "gnóstica" de falsa doutrina, e a necessidade de estruturas organizacionais durante a transição da igreja de comunidade intensamente escatológica com liderança "carismática" para um povo pronto a acomodar-se a uma vida mais longa no mundo, com clero mais "regular". Na maioria dos casos a erudição aceita este último item como a suprema necessidade premente para escrever. Assim, "o escritor, alarmado pela invasão de teorias e especulações alienígenas, busca conduzir a igreja de volta a um autêntico ensino cristão, conforme havia procedido do Apóstolo Paulo. A fim de que a tradição paulina seja preservada, ele deseja que a igreja se organize corretamente". [11]

Contudo, os problemas relacionados com tal reconstrução apresentam vários aspectos: Ela em geral deixa de localizar as epístolas num contexto histórico específico e identificável; por exemplo, Éfeso ou Creta no final do primeiro século. [12] Ela tende, portanto, a ver as epístolas não como tendo lógica autêntica em seus argumentos, exigindo desse modo teorias de "técnica de composição", segundo a qual o autor é visto como intencional no esquema geral, mas negligente ou sem motivo claro na colocação de alguns materiais. [13] Além do mais, deve-se admitir com franqueza que grande parte do conteúdo dessas cartas não se ajusta, de

modo algum, à ocasião proposta. Importantíssimo é o fato de que ela nunca responde adequadamente à pergunta: Por quê três cartas? Por exemplo, por que escrever Tito ou 1 Timóteo, para mencionarmos esta ou aquela carta, e por que tal perspectiva e tal contexto histórico tão diferentes? E por que 2 Timóteo, visto que esta carta deixa, de modo deplorável, de enquadrar-se na reconstrução proposta?[14]

A proposta aqui é que em contraste com as teorias da pseudo-epigrafia, pode-se reconstruir o ambiente histórico dessas cartas de modo que não somente elas se ajustam a outros dados recuperáveis oriundos deste período, mas também se pode demonstrar que elas correspondem no todo, bem como em todos os detalhes, a essa situação histórica. Na análise final, este é o mais forte argumento a favor de sua autenticidade.

1 Timóteo

Conforme ficou indicado acima, 1 Timóteo teve origem no fato de haver Paulo deixado Timóteo em Éfeso como seu representante pessoal a fim de pôr paradeiro à influência de alguns falsos mestres. Este é um motivo declarado especificamente na própria carta (1:3). Porém, os capítulos 2 e 3 tratam das questões do culto público e do caráter dos dirigentes da igreja e concluem com outra declaração de propósito: "para que, se eu tardar, saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo" (3:15, ECA). Em virtude disto, a maioria dos eruditos, incluindo os que aceitam a autoria paulina, consideram os falsos mestres como a ocasião de 1 Timóteo, porém argumentam que "a ordem da igreja como o antídoto adequado aos falsos mestres" é o propósito dominante. Por isso aceitam o ponto de vista de que 1 Timóteo é, basicamente, um manual eclesiástico, e o objetivo, colocar a igreja em ordem. [15]

Em contraste com esse tratamento, este comentário supõe que todo o conteúdo da carta tem que ver com 1:3 ("Como te roguei, quando partia para a Macedônia, que ficasses em Éfeso, para advertires a alguns [homens] que não ensinassem outra doutrina"), e que isto expressa ao mesmo tempo a ocasião e o propósito de 1 Timóteo. Como se há de ver no comentário, isto não somente dá sentido a todos os detalhes da carta, mas também ajuda a explicar a natureza e o conteúdo de Tito e de 2 Timóteo. Três perguntas demandam, portanto, exame mais íntimo: Quem eram os falsos mestres? Qual era a natureza de seu ensino ou doutrina? Por que foi escrita 1 Timóteo?

Em contraste com a Galácia e Corinto, por exemplo, cujos problemas eram basicamente causados por estranhos ("falsos irmãos que se intrometeram", Gálatas 2:4: cp. 2 Coríntios 11:4), em Éfeso, conforme se vê em 1 Timóteo, não há indícios de que os falsos mestres tenham vindo de fora. Ao contrário, eles não apenas aparecem como pessoas de dentro da igreja, porém a carta toda faz sentido se a profecia dada aos presbíteros-bispos desta igreja registrada em Atos 20:30 tivesse sido realizada: "Dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas para atrair os discípulos após si" (ECA). [16] Se se toma isto a sério, a dificuldade — e premência — da situação em Éfeso entra em foco claro. O problema é que a igreja está sendo extraviada por alguns de seus próprios presbíteros. [17]

Diversas pistas internas sustentam esta hipótese: Primeira, os falsos mestres evidentemente ensinavam (1:3, 7; 6:3), e o ensino era tarefa dos presbíteros (3:2; 5:17). Além do mais, uma parte significativa da epístola destina-se a dar o caráter, as qualificações e a disciplina dos líderes da igreja (3:1-13; 5:17-25); grande parte disto está em evidente contraste com o que se diz especificamente dos falsos mestres. Quanto a isto, é provável que valha a pena notar que dois dos cabeças deste grupo são citados pelo nome e excomungados (1:19-20).

Segunda, está claro, de 2 Timóteo 3:6-9, e ainda apoiado por 1 Timóteo 2:9-15 e 5:3-16 (especialmente vv. 11-15), que esses mestres haviam encontrado um campo muito frutuoso entre algumas mulheres, aparentemente viúvas mais moças, que haviam franqueado seus lares a eles, e até ajudado a divulgar seus ensinos (veja disc. sobre 5:13).

Terceira, a igreja em Éfeso, com toda a probabilidade, compunha-se de muitas igrejas nos lares (cp. 1 Coríntios 16:19; veja disc. sobre 1 Timóteo 2:8). Se assim for, podemos imaginar cada uma dessas igrejas-lares como tendo um ou mais presbíteros e o problema passa a ser não tanto uma única grande assembléia reunida, que se divide ao meio, mas várias igrejas-lares capitulando *in toto* à liderança que se extraviara (cp. Tito 1:11). Esta capitulação de alguns líderes e seus seguidores é que constitui a suprema urgência e importância de todo o conteúdo da carta.

Como no caso de Colossenses e Efésios, [18] a natureza da falsa doutrina é difícil de ser definida com precisão. Algumas coisas são definíveis. Em primeiro lugar, ela possui dimensão comportamental bem como cognitiva. As descrições encontradas em 1:3-7 e 6:3-10, mais 3:1-13, mostram

os falsos mestres envolvidos não apenas em especulações e disputas a respeito de palavras, mas também em discussões e querelas de diversos tipos. São, também, orgulhosos, arrogantes e causadores de divisões. No fundo, todavia, está a ganância: chegaram a crer que a piedade, ou a religião, era um meio de auferir lucros.

Segundo, quanto ao conteúdo, há diversos elementos diferentes: O falso ensino está de algum modo relacionado com o uso que se faz do Antigo Testamento (1:6-10; cp. Tito 1:14-16; 3:9), o que por sua vez esclarece seu ascetismo (4:3; cp. 5:23; Tito 1:14-16) bem como as "fábulas ou com genealogias intermináveis" (veja disc. sobre 1:4; cp. 4:7 e Tito 3:9). Há, porém, elementos de helenismo, especialmente uma mistura de dualismo grego (com seu ponto de vista obscuro acerca do mundo material), o que também pode explicar o ascetismo, bem como a asserção de que a ressurreição (evidentemente como realidade espiritual, não-física) já havia ocorrido (2 Timóteo 2:18). Mais difícil de ser apurado é o que Paulo quer dizer com "falsamente chamada ciência" [gnosis] em 6:20-21; em qualquer caso, pode-se demonstrar que há afinidades com os problemas anteriores de Corinto e Colossos.

Em verdade, o que há de chocante com referência a esses elementos não são tanto as suas afinidades com o gnosticismo do segundo século (com o qual têm muito maiores diferenças do que similaridades) como com os erros que antes haviam invadido Corinto (c. 53-54 d. C.) e mais recentemente a Ásia Menor, em especial o Vale Licus (Colossos e Laodicéia). Em Corinto, as pessoas incluídas no "conhecer" ("gnósticos"), que também se consideravam "espirituais" achavam-se tão embebidas de dualismo helenístico, junto com uma escatologia mais do que tornada realidade, que chegavam a negar as relações sexuais dentro do casamento (1 Coríntios 7:1-7; cp. 1 Timóteo 4:3)[19] e uma futura ressurreição corporal (1 Coríntios 15:12; cp. 2 Timóteo 2:18). E em Colossos uma forma de judaísmo helenístico começara recentemente a sincretizar a fé cristã com elementos judaicos e helenísticos que haviam conduzido a práticas ascéticas (Colossenses 2:16-23) e encantamento com sabedoria/conhecimento (Colossenses 2:3-8) e ritual do AT (Colossenses 2:16, 21). [20]

O que parece ter acontecido na década de c. 54-63 d. C. é que Paulo teve de lutar em duas frentes. Por um lado, uma facção judaizante da igreja em Jerusalém, sem dúvida impelidos por elementos conservadores

da Diáspora, insistiam na circuncisão dos gentios que se haviam tornado crentes em Jesus. Queriam que tais pessoas se tornassem membros plenos de Israel conforme a nação havia sido anteriormente constituída (veja Gálatas; Filipenses 3:2-16). Por outro lado, o sincretismo religioso estava no ar no mundo helenístico, e muitos judeus helenistas parecem ter-se envolvido em tais especulações. Quando convertidos, os gentios também trouxeram para a fé um mundo de bagagem estrangeira, tanto filosófica quanto religiosa, que lhes parecia bastante fácil de absorver dentro de sua nova fé em Cristo. Paulo, contudo, percebeu com clareza que tais elementos estranhos, tanto quanto os elementos judaizantes no fim destruiriam cada pedacinho do evangelho. Primeiro, ele teve de atacar parte disto em Corinto; um tipo um tanto diferente e talvez mais sutil — por causa de sua cor distintivamente judaica — havia surgido na Ásia Menor. Havia pouco Paulo falara desses desvios em sua carta a Colossos, enquanto preso em Roma. Ao chegar a Éfeso, descobriu que eles haviam irrompido ali também, mas agora, como a linha "oficial" que era promulgada por alguns dos presbíteros. Era preciso detê-los e, para isso, Timóteo foi deixado em Éfeso. [21]

O propósito de 1 Timóteo surge, pois, dessas complexidades. Por toda a parte a carta denuncia evidências de que se destinava à própria igreja, e não apenas a Timóteo. Porém, em virtude da crise na liderança, Paulo não escreve, como antes, diretamente à igreja, mas à igreja por intermédio de Timóteo. A razão deste procedimento teria sido dupla: estimular o próprio Timóteo a levar a cabo a dificílima tarefa de deter os presbíteros que laboravam em erro, agora transformados em discutidores, e dar autoridade a Timóteo, perante a igreja, para executar sua tarefa. Ao mesmo tempo, é claro, a igreja via denunciados os ensinos dos falsos mestres, e acompanharia as instruções de Paulo a Timóteo acerca do que este devia fazer. Assim, a carta, embora endereçada a Timóteo, revela-se do interesse de todos. Como tal, falta-lhe a costumeira ação de graças (veja disc. sobre 1:3) e as saudações pessoais no final (veja disc. sobre 6:20-21); e essas palavras pessoais a Timóteo, à medida que aparecem (p.e., 1:18-19; 4:6-16; 6:11-14) abrangem sua tarefa de restaurar a ordem na igreja.

A ocasião e o propósito também ajudam a explicar outro fenômeno da carta, a saber, que Paulo está sempre solicitando a Timóteo que ensine doutrina "sã" ou "sadia", mas sem pormenorizar a natureza ou conteúdo

de tal ensino. [22] O motivo agora se torna óbvio. A carta foi escrita a um companheiro de longa data, que não necessitaria de tais instruções. Todavia, a igreja precisava ouvir que os desvios eram uma doença entre seus membros, e aquilo que Timóteo teria de ensinar seriam palavras que trariam saúde (veja disc. sobre 1:10). Do mesmo modo que em 1 Coríntios 4:17, Timóteo estava ali para trazer à lembrança da igreja os caminhos de Paulo. A carta que o autorizaria a tanto não necessitaria ao mesmo tempo de um detalhamento desses "caminhos". [23]

Tito

Talvez o mais notado aspecto referente à carta a Tito, por parte de quem de início trabalhou de modo estreito com 1 Timóteo, fosse quanto à semelhança entre ambas. Deixando de lado a situação (1:1-4) e as saudações finais (3:12-15), somente as duas passagens que tratam de modo parcial de doutrinas em 2:11-14 e 3:3-7 apresentam materiais que não têm nenhum ponto de correspondência com 1 Timóteo. Por este motivo, muitas vezes a carta a Tito é considerada como 1 Timóteo em miniatura e, com exceção de 2:11-14 e 3:3-7, tem sido tratada com benigna negligência.

Contudo, um exame mais aproximado revela grande número de diferenças marcantes com 1 Timóteo (e mais marcantes ainda se esta for obra de um pseudo-epígrafo). A mais óbvia diferença reside na ocasião e nas circunstâncias próprias de Tito. À semelhança de Timóteo (1 Timóteo 1:3), Tito foi deixado em Creta; mas, diferentemente de Timóteo, que foi deixado para reformar uma igreja estabelecida, Tito foi deixado para trás para colocar em ordem aquilo que ainda não tinha sido realizado, a saber, a nomeação de presbíteros nas várias igrejas da ilha (1:5). Parece certo, a partir desses dados, que as igrejas de Creta eram mais recentes e qualquer oposição que existisse, havia emergido dentro da igreja (em paralelo com a própria igreja), de modo especial da parte dos judeus helenistas convertidos (1:9-11).

O que encontramos em Tito, portanto, é premência consideravelmente menor do que em 1 Timóteo. Os falsos mestres estão, deveras, em evidência (1:10-16; 3:9-11), mas a carta como um todo não é dominada pela presença deles. O próprio Tito deve repreender tais oponentes (1:13), mas os presbíteros nomeados devem, em última análise, ser responsáveis por levantar-se contra eles (1:9). Exceto isso, pouco há da premência de 1 Timóteo. Tito não é reiteradamente chamado a combater

"o bom combate" (1 Timóteo 1:18; cp. 6:12) nem a guardar "o depósito" (6:20; cp. 6:14), isto é, aquilo que lhe foi confiado, nem dar atenção a seu ministério (4:11-16). Ocorrem poucos imperativos singulares na segunda pessoa — nenhum do tipo pessoal, incentivador do próprio Tito (exceto, talvez, 2:15). Não há menções de perseverança (hypomone) a Tito, não há vocativos (chamados, ou apelos diretos), apenas algumas exortações para guardar a fé ou a verdade, e somente um imperativo *tauta* ("fala estas coisas") 2:15; cp. 1 Timóteo 4:6, 11, 15; 5:7, 21; 6:2, 11). Não é que não haja nenhuma premência importante por trás de Tito; antes, a premência é de tipo diferente, com ênfase diferente.

Uma vez que as igrejas de Creta são mais novas, a preocupação em Tito concentra-se menos sobre os falsos mestres per se e mais sobre a igreja como povo de Deus no mundo. Portanto, pode-se dizer que a carta é tanto profilática (servindo de advertência contra o falso ensino) como evangelística (servindo para incentivar comportamento que se torne atraente para o mundo) em sua investida textual. Desse modo, a questão de nomear presbíteros em 1:5-9 tem interesse profilático claro, em face da ameaça de erro (1:10-16; cp. 3:9-11). Mas ela também traz consigo uma preocupação com o bom nome do evangelho no mundo (veja disc. sobre 1:6 e 3:8). Portanto, o tema dominante em Tito é boas obras (1:8, 16; 2:7, 14; 3:1, 8, 14), isto é, o comportamento cristão exemplar, e isso por amor aos estranhos (2:5, 7, 8, 10, 11; 3:1, 8). Cristo morreu precisamente para criar tal povo, que seria zeloso de boas obras (2:14; cp. 3:3-7). Até mesmo os relacionamentos e as atitudes entre os crentes (2:1-10) devem ser tais que os estranhos não somente não rejeitem o evangelho (2:5), mas possam mesmo ser atraídos para ele (2:10).

Então, por que Paulo escreveu tal carta, e quando? Visto que ela exibe uma aparência mais profilática, menos premente do que 1 Timóteo, a epístola a Tito talvez tenha sido escrita depois de 1 Timóteo. Paulo havia deixado Tito em Creta para terminar a obra de colocar as igrejas em ordem. Ele e Timóteo foram a Éfeso e encontraram a igreja ali em tão grande confusão, que Paulo deixou Timóteo ali para restaurar a ordem. Da Macedônia ele escreveu a Éfeso a fim de dar autoridade a Timóteo para desempenhar sua tarefa ali. Ao mesmo tempo ele refletiu sobre alguma oposição semelhante encontrada em Creta enquanto esteve aí, pelo que escreveu também a Tito a fim de delegar-lhe autoridade contra esses falsos mestres. Todavia, visto que a situação ali não demandava a

premência e importância de Éfeso, Paulo incentiva Tito a ajudar as pessoas no sentido do comportamento cristão exemplar, para benefício do mundo.

2 Timóteo

Mesmo uma leitura apressada de 2 Timóteo, depois de 1 Timóteo e de Tito, revela seu estreito relacionamento com estas duas cartas e, também, seus contrastes mais significativos. Reapareceu toda a preocupação de 1 Timóteo, mas agora de modo pessoal, mais urgente.

A chave para a compreensão desta carta está em reconhecer que as circunstâncias de Paulo foram alteradas. Ele já não está livre para buscar seu ministério itinerante. Preso de novo (talvez em Trôade; veja disc. sobre 4:13), agora ele se encontra em prisão confinada em Roma (1:16-17; 2:9). Paulo já passou por uma audiência preliminar (4:16-18) e aguarda o julgamento final, do qual pouco espera senão a morte (4:6-8). O confinamento é, para Paulo, um sofrimento óbvio. Alguns irmãos têm suprido as necessidades do apóstolo (1:16-18); outros partiram, noutros ministérios (4:10, 12); e, pelo menos um o abandonou (4:10). Entrementes, a situação em Éfeso havia piorado. Alguns, dos quais Paulo havia esperado coisas melhores, abandonam-no e abandonam também o evangelho que ele pregava (1:15), e Himeneu, a despeito de sua excomunhão anterior, ainda trabalha para perverter a fé que muitos tinham (2:17-18).

Em meio a essas circunstâncias, Paulo envia esta segunda carta a Timóteo. É carta que se divide em muitas partes. Num sentido, é uma espécie de testamento e manifestação de última vontade, uma "transferência de manto". Em contraste com 1 Timóteo, 2 Timóteo é intensamente pessoal, recordando os primeiros dias que passaram juntos (3:10-11; cp. 1:3-5) e, acima de tudo, apela para a lealdade permanente de Timóteo — ao próprio Paulo e à sua própria vocação (1:6-14; 2:1-13; 3:10 - 4:5). No pano de fundo estão os falsos mestres (2:14 - 3:9). Timóteo deve resistir-lhes e esforçar-se por ganhar de volta o povo de Deus. Todavia, já não deve permanecer em Éfeso; deve, antes, confiar esse ministério a outros que permaneceram fiéis (2:2). O próprio Timóteo deve vir encontrar-se com Paulo (4:9, 11, 21). Em primeiro plano está a preocupação perene de Paulo — o evangelho e seu ministério: "despertes o dom de Deus, que há em ti", é a admoestação a Timóteo (1:6-7), "guarda o bom depósito" (1:14), "conserva o modelo das sãs palavras" (1:13); e acima de tudo, "prega a palavra" (4:2). E as próprias circuns-

tâncias de Paulo, bem como as de Timóteo, levam-no a insistir na firmeza em face do sofrimento: "não te envergonhes" (1:8, 16); "antes, participa comigo das aflições" (1:8; 2:3; 3:12; 4:5).

A finalidade da carta parece relacionar-se com essas urgências. É certo que não se trata de um "manual eclesiástico"; nem está dominada por falsos mestres, como no caso de 1 Timóteo. O motivo primário da carta é simples — chamar Timóteo para que fique ao seu lado. Todavia, o maior motivo é este apelo à lealdade de Timóteo, em especial à face das muitas defecções e da prisão do próprio Paulo.

Por fim, a nota penetrante de confiança em toda a carta não deve ser menosprezada. A despeito de suas próprias aflições, da oposição e da defecção de muitos, Paulo reconhece que a mensagem de Deus, o evangelho não está (nem pode estar) algemada (2:9). Tampouco a igreja será algemada porque ela traz o selo de propriedade de Deus: "O Senhor conhece os que são dele" (2:19). Exigem-se perseverança e sofrimento (1:8; 2:3-7; 3:14; 4:5), mas o triunfo escatológico está assegurado aos que perseverarem (2:11-13; 4:8) porque Deus em Cristo já triunfou sobre a morte (1:9-10). Portanto, a ênfase básica da carta é um apelo para que Timóteo continue o ministério do evangelho após a morte de Paulo; porém, mesmo enfrentando a morte, ele está confiante em que Deus levará a obra a bom termo.

Teologia das Epístolas

Para os que têm dificuldade de aceitar a autoria paulina das EP, os problemas relacionados com a teologia delas colocam-se entre os da linguagem e do estilo (veja a próxima seção) como elementos decisivos contra a autenticidade das cartas. O problema reside não tanto no fato de sua teologia não ser paulina — em verdade os elementos paulinos são reconhecidos por toda a parte — como no fato do muito que nelas parece anti-paulino, isto é, diverge de se modo característico de pensar e falar conforme se reflete nas cartas anteriores. Em parte isto é questão de linguagem e, em parte, mudança de ênfase. Com muita freqüência esses elementos são considerados como interesses mais desenvolvidos numa época posterior. [24]

Contudo, parece justo observar que os eruditos estudiosos das EP ficam, às vezes, impressionados demais com seus próprios juízos acerca do que Paulo poderia, ou (de modo especial) não poderia ter dito ou feito. [25]

Quando se tem tão pouca evidência quanto ao que temos nos escritos de Paulo — evidência de natureza ocasional, não sistemática, pareceria apropriada uma medida maior de cautela, do que a que em geral se encontra na literatura. Na análise final a decisão recai sobre o que mais nos impressiona, se a natureza claramente paulina de grande parte da carta, ou a natureza aparentemente divergente de algumas porções dela. Nas seções seguintes examinaremos quatro áreas cruciais, ressaltaremos suas similaridades com Paulo, e ofereceremos algumas explicações possíveis para algumas das diferenças.

O Evangelho

Não se pode ler que Paulo escreveu sem reconhecer que no centro de tudo, para ele, está o evangelho, as boas novas da aceitação graciosa da parte de Deus e do perdão dos pecadores, diante do que a reação própria é a fé (confiar em que Deus realmente aceita os pecadores) e o amor para com os pecadores. Esta obra salvadora é totalmente de iniciativa do próprio Deus, sua ação antecedente da graça em prol dos desobedientes, abrangendo os justos (cuja é a autojustiça, o serem justos por si mesmos e, portanto, injustiça) bem como para os injustos. Tal graça foi efetuada pela morte de Cristo na cruz; ela se torna eficaz na vida daquele que crê mediante o poder do Espírito Santo que reside em nós. O crente, portanto, é alguém que ao mesmo tempo foi perdoado de seus pecados passados e se tornou habitação do Espírito e, desse modo, dotado de poder para obediência amorosa a Deus.

Paulo emprega linguagem extensa, com vasta variedade de metáforas, para falar deste evento — justificação, redenção, reconciliação, resgate, purificação, propiciação — mas a essência, conforme delineada, permanece constante. Exceto em Gálatas, seguida de perto pela carta aos Romanos, onde a metáfora forense da justificação foi provocada pela atividade de seus oponentes, nenhuma outra metáfora predomina. (Observe que o grupo vocabular dikai - ["justo, justificar"] não aparece nas mais antigas cartas [1 e 2 Tessalonicenses] e aparece somente como metáfora entre outras em 1 e 2 Coríntios [veja de modo especial 1 Coríntios 1:30; 6:11]; desaparece de novo em Colossenses, mas reaparece em Filipenses precisamente quando o contingente judaizante se reafirma [3:2-16].)

Qualquer leitura cuidadosa deixará claro que este interesse pelo evangelho é a força propulsora que está por trás das EP. Preservar e

reafirmar "o glorioso evangelho (lit., o evangelho de glória) do Deus bendito" (1:11) contra os erros domina 1 Timóteo de modo absoluto, é ainda uma preocupação vital em Tito e retorna em 2 Timóteo como o ponto crucial de tudo. Quanto a isso, a maioria dos estudiosos estaria de acordo. O problema surge da maneira pela qual esta preocupação muitas vezes é expressada.

Por exemplo, uma linguagem diferente começa a dominar. O evangelho muitas vezes é equivalente "à fé" (1 Timóteo 1:19; 3:9; 4:1, 6; 5:8; 6:10, 12; Tito 1:13; 2 Timóteo 3:8; 4:7; isto é raro em Paulo, mas veja Gálatas 1:23; Filipenses 1:25, 27), conhecer a "verdade" (1 Timóteo 2:4; 4:3; Tito 1:1; 2 Timóteo 2:25; 3:7; mas cp. Gálatas 5:7; 2 Tessalonicenses 2:12) o "depósito" a ser guardado (1 Timóteo 6:20; 2 Timóteo 1:14), "doutrina sã" ou sadia (1 Timóteo 1:10; 6:3; Tito 1:9; 2:1, 8; 2 Timóteo 1:13; 4:3), e "piedade" (eusebeia) (1 Timóteo 3:16; 4:7-8; 6:3, 5-6; Tito 1:1). O problema, antes de tudo, é que os últimos dois termos parecem ser emprestados da religião e filosofia helenísticas; e, em segundo lugar, isso parece tomar o evangelho, que é proclamação dinâmica de boas novas, e reduzi-lo a um corpo estático de crenças a serem aceitas. Como disse antigo erudito: "Paulo era inspirado, mas o Pastor muitas vezes é apenas ortodoxo". [26] Em vez de repetir o próprio evangelho, ou discorrer de novo sobre ele, como em Gálatas, Romanos, Colossenses, ou Filipenses, este autor apela meramente para fórmulas fixas.

Embora haja muito que dizer em prol desta objeção (e este Paulo deveras parece diferente), há também algumas outras coisas que devem ser ditas: embora "sã doutrina" e eusebeia não ocorram alhures nos escritos de Paulo, pode-se demonstrar, todavia, que se ajustam a um padrão paulino de "apropriação". É quase certo tratar-se de um exemplo, como a ocorrência de "sabedoria" em 1 Coríntios 1-3 ou "justificação" em Gálatas, em que Paulo usa linguagem dos adversários, mas recarrega-a com seu próprio conteúdo, virando-a então contra eles mesmos.

O motivo fundamental para este tipo de referência contendo alguma "objeção" ao evangelho reside, contudo, na natureza dessas cartas em contraste com as outras. As outras cartas (excetuando-se Filemom, é claro) foram escritas a igrejas, para serem lidas em voz alta e evidentemente para funcionarem como autoridade como se o próprio Paulo estivesse presente ali. Portanto, era necessário que ele reiterasse a verdade que devia corrigir ou opor-se à obstinação das pessoas no erro.

Nesse caso, porém, as cartas são escritas àqueles mesmos que tanto conhecem plenamente o conteúdo do evangelho de Paulo como devem, de modo pessoal, tomar o lugar de autoridade nas igrejas que suas cartas haviam tomado antes. Este último fenômeno é desprezado de todo pela erudição. É quase como se a verdadeira objeção fosse esta: Paulo nunca escreveu tais cartas.

Além do mais, os erros que essas cartas têm em mira não se relacionam, antes de tudo, com a natureza da salvação em si, isto é, como recebemos a reta posição diante de Deus. Aqui, como em Colossenses, os erros são a um tempo mais especulativos no conteúdo e mais comportamentais na orientação. Em tais casos, não nos deve causar surpresa se muitas vezes se fizer referência ao evangelho como se fora um conjunto fixo de crenças. Afinal de contas, para Paulo sempre houve um aspecto cognitivo do evangelho.

Contudo, além dessas coisas, dever-se-ia notar que nessas cartas não há falta total de expressões sobre o conteúdo do evangelho. Em diversos pontos-chave, onde é necessário um contraste com os falsos mestres, Paulo reflete sobre o próprio evangelho (1 Timóteo 1:12-16; 2:3-6; 3:16; Tito 2:11-14; 3:3-7; 2 Timóteo 1:9-10), e em cada caso a teologia, bem como grande parte da linguagem, é inteiramente paulina.

Por conseguinte, nessas cartas a condição humana é a de pecaminosidade, definida como desobediência ou rebelião contra Deus (veja 1 Timóteo 1:9-10, 13, 15; Tito 3:3; 2 Timóteo 3:2-5); a condição é universal em seu raio de ação, da qual não há escape evidente ou remédio humano (cp. 1 Timóteo 1:13-16; Tito 3:3, 5; 2 Timóteo 1:9). Por este motivo deve Deus intervir com misericórdia (1 Timóteo 1:13-16; Tito 3:3-7; 2 Timóteo 1:9-10), e isto ele realizou mediante a morte de Cristo, que por seu próprio auto-sacrifício assegurou nossa redenção (1 Timóteo 2:5-6; Tito 2:14) e nossa justificação (Tito 3:7). O alcance desta salvação também é universal (1 Timóteo 2:3-7; 4:10), incluindo gentios bem como judeus (1 Timóteo 2:7), porém só é eficaz para os que crêem (1 Timóteo 1:16; 4:10; cp. 1:13), e mesmo esta fé é dom de Deus (1 Timóteo 1:14). Esta obra salvadora é efetuada na vida do crente pelo Espírito Santo, que tanto regenera como renova (Tito 3:5-6) e capacita para a vida e ministério (2 Timóteo 1:6-7, 14). Tal graça deve produzir obediência na forma de amor e de outras boas obras (p.e., 1 Timóteo 1:5; 2:15b; Tito 2:12, 14; 3:8, 14). Finalmente, tal vida é vivida na esperança da promessa

de vida eterna (1 Timóteo 1:16; 4:8, 10; 6:12; Tito 1:2; 3:7; 2 Timóteo 1:10, 12; 2:10, 12a; 4:8, 18) a qual se cumprirá na segunda vinda de Cristo (1 Timóteo 6:14; Tito 2:13; 2 Timóteo 4:1, 8).

Se tudo isto não está exposto de forma tão sistemática como alguns gostariam, e se alguma parte aparece em linguagem um tanto diferente, não pode haver dúvida de que a substância é aquela que Paulo alhures chama de "meu evangelho". E Timóteo foi deixado em Éfeso precisamente para contender por este evangelho, contra o ensino exclusivista, ascético, especulativo dos presbíteros obstinados no erro, e contra a desonra que o comportamento e a ganância de tais homens estão trazendo ao evangelho.

Ética

Estreitamente relacionada com a dificuldade precedente está a apresentação da ética cristã nas EP. Em vez das grandes virtudes cristãs do amor, perdão, alegria, e assim por diante, alega-se que a ética dessas cartas é mais convencional, até "burguesa". Isto é especialmente verdadeiro com referência às qualificações dos líderes da igreja (1 Timóteo 3:2-12; Tito 1:6-8); e em Tito 2:12 a vida cristã é descrita em termos de três das quatro virtudes cardeais do estoicismo. Além do mais, em 1 Timóteo 6:6-8 a piedade parece estar definida em termos da auto-suficiência estóico-cínica. Sustenta-se que tal ponto de vista da vida cristã está muito afastado do ideal paulino que encontramos, por exemplo, em Romanos 12-14, Gálatas 5-6, ou Colossenses 3.

Há, também aqui, alguma validade óbvia na apresentação desta dificuldade. Nesses pontos o Pastor parece, deveras, menos semelhante ao Paulo que estamos acostumados a citar. De novo, porém, verificamos que o quadro geral não é tão verdadeiro e imutável como esta objeção tenta pintá-lo. Parte da dificuldade surge de um ponto de vista parcial do primitivo Paulo; parte surge de uma distorção do que está realmente dito nas EP, e parte surge de uma perspectiva diferente acerca da ocasião e do propósito das cartas.

Como antes, grande parte da linguagem assemelha-se muito à da oposição ou, pelo menos, à do meio ambiente ao qual Paulo se dirige. Nada há fora do comum em que Paulo adapte tal linguagem aos seus próprios objetivos. Nada, por exemplo, se assemelha mais a uma linguagem estóica em Paulo do que Filipenses 4:8 ou 12. Mas qualquer pessoa que ler essas sentenças no contexto de Paulo reconhecerá que o Apóstolo

tinha em mente idéias não estóicas. O mesmo é verdadeiro aqui, conforme ressaltado na discussão de 1 Timóteo 6:6-8 ou Tito 2:12.

As listas de qualificações que encontramos em 1 Timóteo 3:2-3 e em Tito 1:6-8 são um tanto enigmáticas e podem, em verdade, refletir um esquema bem conhecido (veja disc. sobre 1 Timóteo 3:1-7). Mas, conforme foi ressaltado na discussão, talvez houvesse dois motivos para que fosse assim: (1) Paulo estaria apenas supondo que tais pessoas possuíssem as virtudes cristãs marcantes; (2) a preocupação com grande parte dessas qualificações se concentraria na reputação da igreja perante os de fora. Portanto, a ênfase não estaria tanto nas atitudes e relacionamentos dentro do corpo de Cristo como, de modo especial, no comportamento imaculado observável.

Além do mais, é indiscutível, através das EP, que sempre se espera dos crentes a ética cristã mais distintivamente paulina. O exemplo de vida cristã que Timóteo deve demonstrar perante a igreja (1 Timóteo 4:12) baseia-se em lista genuinamente paulina; outras listas de virtudes também são paulinas (1 Timóteo 2;15b; 6:11; Tito 2:2b; 2 Timóteo 3:10-11). O elemento central da vida cristã como perseverança até no sofrimento (2 Timóteo 1:8, 11; 2:1, 3, 10-13; 3:12), também é caracteristicamente paulino.

O que é preciso notar, finalmente, é que, como antes, grande parte do que se diz acerca do comportamento cristão nestas cartas é reflexo direto do comportamento dos falsos mestres; e é, de igual modo, a presença deles que dita a natureza do que se diz.

Escatologia

A estrutura absolutamente essencial da autocompreensão do cristianismo primitivo, incluindo Paulo, é escatológico. Os cristãos haviam chegado a crer que, no advento de Cristo, a Nova Era (Vindoura) havia raiado, e que, de modo especial, pela morte e ressurreição de Cristo e pelo subseqüente dom do Espírito, Deus havia posto o futuro em movimento, que seria consumado por ainda outra vinda (Parousia) de Cristo. A existência deles era, portanto, essencialmente escatológica. Eles viviam, pois, "entre dois tempos", o do começo e o da consumação do fim. Deus já lhes havia assegurado a salvação escatológica; já eram o povo do futuro, vivendo a vida do futuro na presente era — e desfrutando seus benefícios. Mas ainda aguardavam a gloriosa consumação desta salvação. Viviam numa tensão essencial entre o "já" e o "ainda não".

Esta perspectiva da existência cristã é consumada em Paulo. Portanto, ele fala da salvação como acontecimento passado, realidade presente, e esperança futura. O futuro é sempre uma certeza. Às vezes, como ocorre em 1 Tessalonicenses 4:13-18 ou em 1 Coríntios 7:29-31, a esperança da consumação brilha mais intensamente do que em outras passagens. Sempre, porém, a Parousia é a ardente expectação que caracteriza os cristãos.

Às vezes alega-se que a perspectiva escatológica das EP difere disto, que Paulo agora espera morrer antes da Parousia (2 Timóteo 4:8) e que as cartas são escritas para uma igreja que "deve fazer ajustamentos para uma prolongada permanência no mundo". [27] O fato de que a Vinda é agora expressa como epiphaneia ("manifestação") de Cristo, linguagem semelhante àquela encontrada na religião helenística, também é considerada como apoio a esta opinião.

Pareceria, pois, que grande parte desta objeção é resultado de um compromisso anterior com um ponto de vista. Porque, em realidade, a escatologia dessas cartas é inteiramente paulina. Como em outros ambientes (cp. 2 Tessalonicenses 2:3, 7), a presente apostasia é vista em termos das aflições escatológicas do Fim (1 Timóteo 4:1; 2 Timóteo 3:1). Como se vê alhures, a perseverança diante do sofrimento e a espera da segunda Vinda andam lado a lado (p.e., 1 Timóteo 6:12-14; 2 Timóteo 1:12). A salvação, como sempre, é entendida escatologicamente, como presente e como futura (1 Timóteo 1:16; 4:8; 6:12, 14; Tito 2:12-14; 2 Timóteo 1:9-10, 12; 2:3-11). Se, em 2 Timóteo 4:6-8, Paulo acha que vai morrer, ele ainda pode falar dos que "amarem sua vinda" (de Cristo) no v. 8, uma perspectiva muito semelhante à ambivalência de Filipenses 1:18-26 e 3:12-14, 20-21.

Em verdade, é em 2 Timóteo, a carta na qual Paulo expressa a consciência de sua morte iminente (4:6-7), que ele também se expressa de modo inteiramente escatológico. Em 1 Timóteo e em Tito, Paulo trata da salvação de modo regular, como fenômeno escatológico (1 Timóteo 1:16; 4:8-10; 6:12-14; Tito 1:1-2; 2:13; 3:7), muito semelhante ao modo como o Apóstolo a retrata em Romanos (5:2-3, 21; 8:17, 18-27; 13:11-12). Como em Romanos, procura-se o futuro, que é certo; não obstante, traçam-se planos (Tito 3:12; Romanos 15:22-29), e a vida cristã no mundo inclui atitudes para com o estado e o próximo (Tito 3:1-2; Romanos 13:1-8).

Porém, 2 Timóteo parece mais autoconscientemente escatológica, como Filipenses. A certeza do futuro é garantida, mediante Cristo, que "destruiu a morte" (1:10). É a esperança "daquele Dia" (o Dia da vinda de Cristo), que dá apoio a Paulo (1:12), e deve incentivar Timóteo e a igreja no sentido da firmeza (2:3-13; 4:1, 8). A vinda do Senhor trará consigo o prêmio escatológico (1:12; 2:5-6; 4:8). A presente apostasia é evidência de que Cristo virá "no seu reino" (4:1), e Timóteo é exortado a permanecer leal ao seu ministério. A linguagem aqui é semelhante à de instalar-se para viver por tempo prolongado no planeta Terra. Portanto, talvez seja mais do que interesse passageiro que também nesta carta, à parte da provisão em 2:2, não se fale de nenhum tipo de "ordem da igreja".

Ordem da Igreja

De muitas maneiras a ordem da igreja é a questão crucial. Para muitas pessoas esse é o principal motivo porque devemos estudar essas cartas, de modo especial 1 Timóteo e Tito; e para outras, tanto a preocupação como seu conteúdo refletem um tempo muito posterior ao de Paulo. Um ponto de vista padrão sugere que as EP refletem um tempo semelhante ao de Inácio (c. 110-115 d. C.), quando um único bispo (moldado sobre Timóteo e Tito) tem autoridade primacial na igreja, com presbíteros e diáconos sob suas ordens. [28] Também se defende uma ordem de diaconisas e de viúvas, na base de 1 Timóteo 3:11 e 5:9, respectivamente.

Mas, como já foi discutido, a idéia de que o *propósito* das EP seja oferecer um "manual para os líderes da igreja" parece perder de longe sua oportunidade, e simplesmente não consegue explicar grande parte do texto. A fraqueza deste ponto de vista talvez seja também demonstrada pelo fato de que todo o espectro do governo eclesiástico, desde o episcopado hierárquico do catolicismo romano, passando pela expressão mediadora do presbiterianismo, e até ao congregacionalismo extremado dos irmãos de Plymouth, todos encontram apoio para sua força de governo nessas cartas. Se o pastor tencionava, com essas cartas, colocar a igreja em ordem, parece que ele não o conseguiu de todo.

O motivo de tal diversidade, alega-se neste comentário, é precisamente que essas cartas têm outro propósito muito diferente; portanto, como ocorre com tais documentos *ad hoc*, tais cartas *refletem* estruturas eclesiásticas da quarta década da igreja, enquanto Paulo vai corrigindo alguns abusos teológicos e comportamentais. Mas as estruturas eclesiás-

ticas como tais não lhe interessam. Que é, pois, que se pode afirmar com alguma certeza?

Considerar Timóteo ou Tito como pastores modelos para uma igreja local é noção errônea. Essas cartas simplesmente não têm essa intenção. Conquanto seja verdade que Timóteo e Tito detenham plena autoridade apostólica, ambos são obreiros itinerantes numa atribuição especial, como delegados apostólicos de Paulo, e não pastores de residência permanente. Há uma distância muito grande entre o papel de Timóteo em Éfeso, e o de Tito nas igrejas de Creta, e o papel de Inácio em Antioquia, ou Policarpo em Esmirna, cinqüenta anos mais tarde.

Timóteo, sem dúvida, é chamado para servir de exemplo de comportamento cristão (4:12), mas este é exatamente o papel que Paulo desempenhava em suas igrejas. Elas deviam aprender "os caminhos" de Cristo seguindo o modelo apostólico (1 Tessalonicenses 1:6; 2:14; 1 Coríntios 4:16; 11:1). Espera-se que tanto Timóteo como Tito ensinem, exortem e repreendam, é claro, o que também seria função dos presbíteros depois que Paulo e seus cooperadores houvessem partido. Essas, porém, antes de tudo, foram funções apostólicas.

A responsabilidade pela liderança nas igrejas locais (por cidade ou, como é provável em cidades maiores como Éfeso, por igreja-lar) estava desde o começo em mãos de diversas pessoas que, evidentemente, haviam sido nomeadas pelo apóstolo e por seus colaboradores (cp. Atos 14:23). Nas cartas mais antigas essas pessoas são chamadas *hoi proistamenoi* (1 Tessalonicenses 5:12; Romanos 12:8), linguagem ainda usada à época das EP (1 Timóteo 3:5; 5:17). É interessante, porém, que a despeito de todas as dificuldades em algumas dessas igrejas, nenhuma das cartas é endereçada a essas pessoas; tampouco são encarregadas de pôr a igreja em ordem, ou resistir ao erro. Em Filipenses 1:1 Paulo, pela primeira vez, dirige-se tanto à igreja como aos seus (plural) líderes, *(episkopoi,* "supervisores", e *diakonoi,* "diáconos", palavras idênticas usadas em 1 Timóteo 3:2 e 8 (cp. Tito 1:7). Sem esta referência, não teríamos como saber da existência deles antes; mas *por causa* de tal referência, podemos supor propriamente que as outras igrejas também tinham tal liderança plural. Seria de notar, finalmente, que em nenhuma das cartas anteriores aparece o termo *ancião (presbyteros).*

A evidência que surge nas EP corresponde muito intimamente a este estado de coisas. Embora tenham alguns argumentado que Timóteo e

Tito deviam nomear um único *episkopos*[29], sob quem haveria um grupo de diáconos, a exegese das passagens-chave (1 Timóteo 3:1-2, 8; 5:17; Tito 1:5-7) e uma comparação com Atos 20:17 e 28 dão outra indicação.

Em todos os casos a liderança era plural. Esses líderes são chamados presbíteros em 1 Timóteo 5:17 e Tito 1:5. Tito devia nomeá-los em Creta, mas evidentemente tinham sido nomeados havia muito tempo, em Éfeso, talvez pelo próprio Paulo. O termo *presbíteros* talvez inclua tanto os bispos-supervisores como os diáconos. Em qualquer caso, a estrutura gramatical de Tito 1:5 e 7 exige que *presbítero* e *bispo* sejam termos intercambiáveis (como em Atos 20:17 e 28); não são por isso mesmo necessariamente co-extensivos.

Quais eram os deveres de tais presbíteros? A esta altura nossa informação é limitada, precisamente porque esta não era a preocupação de Paulo. Duas coisas parecem certas: que os presbíteros chamados bispos (supervisores) eram responsáveis pelo ensino (1 Timóteo 3:3; 5:17; Tito 1:9) e os presbíteros juntos eram responsáveis por "administrar" a igreja local ou "cuidar" dela (veja disc. sobre 1 Timóteo 3:4-5; 5:17), seja o que for que esteja envolvido nesse tempo em sua história. O que passar disso é especulativo.

Não é de todo claro que houvesse "ordens" de ministérios de mulheres, incluindo viúvas. A posição tomada neste comentário é que havia mulheres que serviam à igreja em alguma qualificação, talvez incluindo liderança (1 Timóteo 3:11), mas não havia ordem de viúvas arroladas, com deveres prescritos (veja disc. sobre 1 Timóteo 5:3-16).

O que parece certo em tudo isto é que a ordem da igreja das EP ajusta-se facilmente àquilo que encontramos nas outras cartas paulinas e em Atos; em sentido contrário, ela não se assemelha às cartas de Inácio quer no espírito, quer nos detalhes.

No geral, a teologia das EP, a despeito de algumas diferenças do Paulo anterior, é mais completamente paulina do que qualquer outra; pode-se demonstrar também que ela favorece a autenticidade. Além disso, o que emerge depois reflete a natureza totalmente *ad hoc* das epístolas e, desse modo, sustenta a ocasião e o propósito delineados.

Autoria

Somos conduzidos, finalmente, a algumas palavras conclusivas acerca da autoria, porque as questões críticas relacionadas de modo especí-

fico com esta questão ainda não foram examinadas.

Evidência Externa

A evidência externa de autoria paulina das EP é tão boa quanto qualquer outra de suas cartas, exceto Romanos e 1 Coríntios. Pela primeira vez são citadas como paulinas por Irineu, c. 180 d. C. (*Against Heresies* 2. 14. 7; 3. 3. 3). Evidentemente são conhecidas muito antes. Eram usadas já ao tempo de Policarpo (morto c. 135 d. C.), que "cita" o conteúdo delas (*Philippians 4:1*) do mesmo modo eclético, mas impositivo, como faz com as demais cartas paulinas. Elas estão ausentes do cânon de Marcion (c. 150 d. C.), mas Tertuliano diz que Marcion as rejeitou[30], o que não é de admirar, visto que o conteúdo de 1 Timóteo 4:1-5 é completamente antitético ao marcionismo. Lá pelo fim do segundo século elas estão firmemente fixadas em cada cânon cristão e em cada parte do império, e nunca foram postas em dúvida por ninguém até ao décimo nono século. [31]

Não obstante, a despeito desta evidência e do fato que elas passam por cartas escritas por Paulo, estando plenas de idéias e preocupações no todo paulinas, já não se pode supor meramente que Paulo as tenha escrito. A principal dificuldade que temos notado, tem que ver com a linguagem e com o estilo, porém a sua complexidade também torna dificílimo apresentá-la numa breve Introdução como esta.

Linguagem e Estilo

Basicamente, este problema se divide em três partes: Primeira, uma parte significativa do vocabulário é nova, em comparação com as cartas de Paulo; e um pouco deste novo vocabulário, grande parte do qual é crucial à compreensão do pensamento dessas cartas, parece refletir uma dose muito maior de helenismo do que encontramos nas cartas anteriores. Assim, por exemplo, *eusebeia* ("piedade") é *o* termo crucial para descrever a fé cristã (veja disc. sobre 1 Timóteo 2:2; 3:16; 4:7-8); *epiphaneia*, preferível a *parousia*, é o único termo usado com referência à segunda vinda de Cristo (veja disc. sobre 1 Timóteo 6:14; Tito 2:13); o evangelho é descrito pela metáfora emprestada da medicina "sã doutrina" *(higiainouse didaskalia)*; Deus é chamado *nosso Salvador*; e *sophron* ("mente sã") e seus cognatos predominam como virtudes. Todos esses termos são linguagem do helenismo ou do judaísmo helenístico.

Segunda, grande parte do rico vocabulário de Paulo, expressivo de

suas mais significativas idéias teológicas, ou está de todo ausente ou é usado de alguns modos diferentes. [32] Assim, por exemplo, *dikaiosyne* ("justiça") aparece somente no sentido de "retidão" e é uma virtude a ser buscada (1 Timóteo 6:11; 2 Timóteo 2:22), não como o dom de ser reto para com Deus.

Terceira, um número significativo de aspectos estilísticos comuns a essas cartas (p.e., o uso de partículas [conjunções], preposições e pronomes, ou o uso/não-uso do artigo definido) são consideravelmente diferentes das primeiras cartas. De modo geral, essas cartas têm estilo mais monótono, faltando-lhes o vigor, a avalanche de idéias, característicos de Paulo. [33]

Embora alguns desses itens possam ser — e têm sido — exagerados em sua declaração[34], pouca dúvida há no tocante à justeza da observação de Kelly: "A homogeneidade das Pastorais (EP) umas com as outras e sua desomogeneidade com as demais paulinas devem ser consideradas como um fato consumado". Mas ele acrescenta, também com vigor: "Não se pode insistir com demasiada força em que a inferência de que o Apóstolo não pode, portanto, ser o autor das cartas não se segue por necessidade". [35] De que modo, então, avaliaremos esses dados?

Naturalmente, uma resposta aceita pela maioria dos eruditos é, a saber, o fato de que Paulo não é seu autor. Porém esta resposta tem suas próprias dificuldades — para mim intransponíveis: Primeira, as cartas são claramente muito mais paulinas do que não-paulinas em *todos* os seus aspectos: linguagem, estilo, teologia. É difícil explicar isto com a hipótese da pseudo-epigrafia. Um autor que escreve em nome de outro deve ser quase um gênio para poder imitá-lo com tanta perfeição. Além do mais, a falha em imitá-lo bem em pontos facilmente discerníveis (p.e., a saudação) e a criação de seqüências históricas como aquela notada (anteriormente) acerca de Tito ou aquela em 2 Timóteo 4:9-18 quase desafiam a razão.

Segunda, a situação histórica da igreja efésia pressuposta em 1 e 2 Timóteo, que se ajusta bem ao período da década de 60, conforme foi ressaltado, dificilmente se ajusta ao que de outro modo se conhece acerca dessa igreja perto da virada do século, à época em que o pseudo-epígrafo teria escrito (veja nota 12).

A terceira dificuldade, a mais grave de todas, é encontrar um motivo adequado para que tal autor tenha escrito essas cartas e, — importantís-

simo — ter escrito *três* cartas. Se alguém consegue argumentar bem a favor da pseudo-epigrafia de 1 Timóteo[36], fica difícil compreender as razões por que escreveu Tito e, acima de tudo, dados os motivos alegados a favor de 1 Timóteo, por que escreveu 2 Timóteo! As razões por que escreveu 1 Timóteo não se ajustam às razões porque escreveu 2 Timóteo e Tito! (Veja nota 14).

Outra solução, favorecida durante longo tempo, era considerar as cartas como pseudo-epigráficas, mas argumentando-se, porém, que o autor usou alguns fragmentos genuínos das cartas paulinas.[37] Conquanto isso possa ajudar a explicar alguns dos aspectos paulinos autênticos das cartas, também encalha no que tange à ocasião e ao propósito, isso para não mencionar que os alegados fragmentos se harmonizam com o restante em vocabulário e estilo.

Mais recentemente explicaram-se os elementos paulinos em termos do uso que o autor faz de uma variedade de fontes, incluindo alguns dados históricos autênticos.[38] Mas esta opinião também soçobra no problema da ocasião e do propósito das cartas, e nas razões para três cartas.

Solução Tradicional

Depois de tudo o que foi dito, a solução tradicional, a despeito das dificuldades, ainda parece a melhor. Ela propicia a nítida vantagem de possibilitar-nos levar em consideração mais dados históricos, sólidos, para não dizer que pode oferecer uma explicação satisfatória para três cartas, quanto ao conteúdo global, assim como quanto às partes individuais, conforme o comentário a seguir espera demonstrar.

Ainda permanece a principal dificuldade da tradição: como explicar adequadamente linguagem e estilo diferentes. Mas, no que tange a este ponto, deve-se notar com ênfase que, a despeito de todas as diferenças, as três cartas são muito semelhantes a Paulo nas questões abordadas. As semelhanças sobrepujam as diferenças. A melhor solução é que para escrever essas três cartas Paulo serviu-se de um amanuense (secretário) diferente daquele que usou para redigir as cartas anteriores (ou teria ele próprio escrito essas três, tendo usado um secretário anteriormente?). Embora se admita que esta solução tenha suas próprias dificuldades (p.e., o verdadeiro papel do amanuense, ou copista, na composição[39]), o grande número de correspondências de vocabulário com Lucas-Atos torna atraente a hipótese de Lucas ter sido o amanuense.[40] Mas quanto a este assunto só se pode conjeturar. Dizer que Paulo é o autor das EP

significa que as cartas, em última análise, procedem dele nos contextos históricos que contêm. Isso não diz *como* provieram dele; não dispomos da resposta final a tal pergunta.

Notas

1. Quanto a argumentos completos sobre um e outro lado desta questão, veja (contra a autoria de Paulo) W. G. Kümmel, *Introduction to the New Testament*, pp. 367-87, ou A. T. Hanson, pp. 2-47; (a favor da autoria de Paulo), D. Guthrie, *New Testament Introduction*, pp. 584-624, ou J. N. D. Kelly, pp. 3-36.

2. Sobre a circuncisão de Timóteo, veja M. Hengel, *Acts and the History of Earliest Christianity* Filadélfia: Fortress, 1979), p. 64, o qual observa que pelo fato de Timóteo ter mãe judia, ele teria sido considerado judeu. Não mandar circuncidá-lo teria sido equivalente a apoiar a apostasia, e isso teria efetivamente eliminado a missão de Paulo como sendo "primeiro para os judeus". Quanto às próprias declarações de Paulo sobre sua política missionária, veja 1 Coríntios 9:19-23.

3. A recusa em mandar circuncidar o gentio Tito está igualmente em harmonia com 1 Coríntios 9:19-23 (veja nota 2). Neste caso está em jogo o evangelho como libertação para os gentios. Na perspectiva mundial cristã de Paulo, a circuncisão de um judeu para exercer o ministério entre os judeus (Timóteo) e a circuncisão de um gentio a fim de ter posição com Deus, como crente (Tito), seriam duas coisas radicalmente diferentes.

4. Esta data está em harmonia com o ponto de vista que considera Gálatas 2:1-10 como expressão paulina do mesmo acontecimento registrado em Atos 15 (conforme Kümmel, *Introduction*, pp. 295-304, contra Guthrie, *Introduction*, pp. 450-65, que colocaria a data cerca de dois anos antes). Em qualquer dos casos, Tito veio a ser companheiro de viagens de Paulo antes de Timóteo.

5. É particularmente difícil imaginar por que um pseudo-epígrafo teria escolhido a Tito como o destinatário de uma das cartas, ainda mais quando consideramos a evidência de Atos. Isso é especialmente verdadeiro em se tratando dos que argumentam que o autor conhecia Atos e dependia deste livro no tocante a muitos de seus dados e, de igual modo, quanto aos que pensam que o autor de Lucas-Atos também escreveu as EP (veja, p.e., S. G. Wilson, *Luke and the Pastoral Epistles*).

6. Para uma expressão típica desta dificuldade, veja Kümmel, *Introduction*, pp. 375-78, ou E. F. Scott, pp. xvii-xx. Sobre este assunto J. A. T. Robinson (*Redating the New Testament*), argumenta corretamente: "A própria dificuldade de enquadrá-la com qualquer itinerário dedutível de Atos ou das demais epístolas paulinas é um forte argumento a favor de sua autenticidade" (p. 27). Pelo menos a questão está paralisada aqui e, finalmente, depende de como avaliamos os demais dados.

Seria de notar que a tentativa do próprio Robinson de colocá-las em três épocas diferentes nos começos da vida de Paulo (1 Timóteo entre 1 e 2 Coríntios, Tito depois de Romanos, e 2 Timóteo depois de Colossenses-Efésios-Filemom soçobra no fato da homogeneidade delas entre si e sua desomogeneidade com as demais cartas. Veja nota 35.

7. Para uma apresentação de dados favoráveis contrários ao ponto de vista tradicional da proveniência dessas cartas, veja Guthrie, *Introduction*, pp. 472-78. Este é ainda o ponto de vista majoritário, embora Kümmel argumente a favor da prisão em Cesaréia, baseado em Atos 23:23-26:32 (*Introduction*, pp. 346-48), e alguns sustentem uma diferente prisão em Éfeso (mais recentemente H. Koester, *Introduction to the New Testament*, [Filadélfia: Fortress, 1982], vol. 2, pp. 130-35, para Filipenses e Filemom; Koester rejeita Colossenses e Efésios).

8. É de algum interesse que muitos que argumentam *a favor* da prisão em Roma como o lugar de onde Paulo escreveu aos Filipenses e a Filemom também argumentam *contra* um segundo aprisionamento em Roma quanto à autoria paulina de 2 Timóteo. Isto nos parece curioso em face das claras implicações tanto em Filipenses quanto em Filemom, de que Paulo esperava ser liberto. Veja, p.e., E. F. Scott, *The Literature of the New Testament* (Nova York: Columbia University, 1932), pp. 170-72; cp. C. M. Connick, *The New Testament: An Introduction to Its History, Literature, and Thought* (Encino, Calif.: Dickenson, 1972), pp. 302-4 e 322-23.

9. Este mesmo ponto foi alegado recentemente por dois que sustentam a pseudo-epigrafia: Hanson, pp. 14-23 (sobre a missão em Creta, veja esp. pp. 22-23), e J. D. Quinn, "Paul's Last Captivity".

10. Uma das curiosidades de alguns que advogam a pseudo-epigrafia é a disposição que têm de argumentar que, uma vez que o autor talvez tenha escrito as três cartas ao mesmo tempo, é "difícil ver qualquer motivo particular por que uma carta deveria ser colocada ou antes ou depois da outra" (Hanson, p. 27; cp. R. J. Karris, p. 31). Mas tal posição parece abusar de modo um tanto severo da evidência interna. É difícil imaginar a psicologia de um autor que daria tantas pistas internas quanto à ordem em que as cartas deveriam ser lidas e depois não providenciasse, absolutamente, que fossem lidas nessa ordem. Isto é verdadeiro de modo especial quanto a 1 e 2 Timóteo. Se, por exemplo, o autor que escreve sob pseudônimo tencionasse que as cartas fossem lidas na ordem 2 Timóteo-1 Timóteo, por que não foram numeradas desse modo? Neste caso, a evidência interna é decisiva. Pelas mesmas pistas dadas nas cartas, no mínimo o autor tencionava que elas fossem lidas em sua presente ordem.

11. Scott, p. 6.

12. Por exemplo, 1 e 2 Timóteo não podem enquadrar-se com o que, por outras fontes, se conhece acerca da igreja em Éfeso, por volta do fim do primeiro século d. C. Se, conforme crê a maioria, o Apocalipse vem deste período, então esta igreja é "ortodoxa", e outras coisas também (Apocalipse 2:1-7) — preci-

samente uma guinada de 180 graus do quadro emergente nas EP. Um retrato semelhante de ortodoxia impecável aparece na carta de Inácio a esta igreja (c. 110-115 d. C.). Considerando-se esses dados, dificilmente pode ter sido a igreja em Éfeso que capitulava à época de nosso alegado autor. Por que, pois, pergunta-se, essas ficções a respeito *desta* igreja? e *para* quem especificamente? Todavia, os proponentes da pseudo-epigrafia descartam tais perguntas.

13. Veja Hanson, pp. 28-31, 42-47; cp. D-C e especialmente Gealy, que tomam esta posição de modo radical.

14. A fuga desta questão crucial é um dos quebra-cabeças da erudição quanto às EP. O que mais se aproxima de uma resposta provém de R. J. Karris (pp. 3-6, 45-47), que tenta solucionar este problema sob a rubrica de um autor que "fiscaliza" o auditório a fim de comunicar-se com os ouvintes. Talvez isso ajude a explicar como 1 e 2 Timóteo diferem tanto entre si, mas dá resposta muito fraca à verdadeira pergunta: Por quê *três* cartas? Além do mais, um autor "ficcionaliza" seus leitores somente quando escreve de modo geral (como no caso deste comentário); não é o caso de cartas, as quais são *ad hoc*, tendo em mira tratar de situações específicas, identificáveis.

Hanson parece propor que o motivo para três cartas relaciona-se com a natureza do material que o autor tinha em mãos e desejava incluir. Porém, essa sugestão vai a pique, conforme o próprio Hanson é obrigado a admitir, com a existência de Tito: "somos levados a suspeitar que Tito foi a última das cartas a ser escrita e que o autor começava a ficar sem material" (p. 47). Este reconhecimento demonstra uma dificuldade — que nunca é adequadamente considerada.

15. Para tal consideração da perspectiva da autenticidade, veja Guthrie, pp. 52-53, ou Kelly, pp. 59-60 e até ao fim. Inteirei-me de quão profundamente enraizado está este ponto de vista quando um estudante que freqüentou meu curso começou seu trabalho escrito com esta sentença: "As Epístolas Pastorais não são cartas individuais e, sim, destinadas a regulamentar a disciplina eclesiástica"!

16. É interessante notar que este dado é quase totalmente desconsiderado pelos eruditos — em ambos os lados da questão da autoria. Parece ter sido menosprezado pelos eruditos conservadores por causa da opinião que eles têm do propósito dessas cartas — estabelecer a ordem da igreja — e esta passagem do livro de Atos não parecia ajustar-se a esse ponto de vista. Outros o desconsideram porque entendem que o discurso é anti-histórico, criado pelo próprio autor de Atos (veja, p.e., E. Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary* [Filadélfia: Westminster, 1971], pp. 595-98). Mas isso nada resolve. Ainda que o autor tenha criado o discurso, a própria criação "depois do fato" argumenta com força a favor do fato. Conseqüentemente, seja verdadeira profecia ou "profecia procedente de percepção tardia, pós-acontecimento", os dados deste discurso sustentam vigorosamente a posição assumida neste comentário.

17. De modo geral, os eruditos têm subordinado a questão de *quem* eram os heréticos à questão de *o que* era a heresia e, de modo geral, supõem, se nem sempre afirmam com clareza, que os oponentes eram gente de fora. Talvez uma exceção se encontre em E. E. Ellis: "Paul and His Opponents", p. 114: "Diferentemente das cartas anteriores, os oponentes parecem incluir considerável número de ex-cooperadores cuja apostasia cria uma situação especialmente amarga".

18. Quanto a uma discussão recente e muito útil, veja P. T. O'Brien, *Colossians, Philemon,* WBC 44 (Waco, Tex. : Word, 1982), pp. xxvii-xli.

19. Veja, p.e., G. D. Fee, "1 Coríthians 7:1 in the NIV", *JETS* 23 (1980), pp. 307-14; cp. W. E. Phipps, "Is Paul's Attitude towards Sexual Relations Contained in 1 Cor. 7:1?" NTS 28 (1982), pp. 125-32.

20. Quanto a uma vista geral desta perspectiva, veja P. T. O'Brien (nota 18), pp. xxxvi-xxxviii, e a literatura ali citada.

21. Este ponto de vista da oposição é semelhante àquele apresentado por E. E. Ellis, "Paul's and His Opponents", pp. 101-15, esp. 112-15. Os vínculos desta heresia com aquela encontrada antes em Colossos foram pela primeira vez expostos com minúcias (embora eu difira um pouco na ênfase) por J. B. Lightfoot, *Biblical Essays*, pp. 411-18.

22. Esta é uma das características das EP que comumente é ressaltada como não-paulina. Note, p.e., como isto se torna crucial para a discussão em R. J. Karris, "The Background and Significance of the Polemic of the Pastoral Epistles".

23. Uma das perspectivas menos convincentes sobre as EP, defendida por alguns, sugere que "um dos aspectos mais notáveis [das cartas] ... é a ênfase sincera que demonstram quanto à autoridade apostólica de Paulo" (Hanson, p. 24; cp. R. F. Collins, "The Image of Paul in the Pastorals" *LTP* 31 [1975], pp. 147-73. Mas, pergunta-se, como se pode ver tal ênfase aceitando também a autoria não-paulina? Em comparação com Gálatas ou 2 Coríntios, por exemplo, a ênfase na própria autoridade de Paulo nas EP é um tanto suave.

24. Para um desenvolvimento mais completo desta posição, veja Kümmel, *Introduction*, 382-84, ou qualquer dos comentários que sustentam autoria não-paulina (p.e., D-C, Easton, Hanson, Scott).

25. Podemos estar seguros, por exemplo, de que se não tivéssemos 1 Coríntios, um dos "resultados garantidos" dos estudiosos das EP seria que Paulo e suas igrejas nada sabiam da Eucaristia. Em verdade, exceto pelos abusos na igreja em Corinto, só podemos imaginar que outros resultados garantidos poderiam surgir com base no silêncio.

26. J. Denney, citado por A. M. Hunter, *Introducing the New Testament* 2ª ed. (Londres: SCM, 1957), p. 155.

27. D-C, p. 8.

28. Veja, p.e., Hanson, pp. 31-38.

29. Veja esp. Bernard, pp. lvi-lxxv.

30. *Against Marcion*, 5. 21.

31. Para uma demonstração completa desta evidência, veja Bernard, pp. xiii-xxi.

32. Veja especialmente o útil sumário em Barrett, p. 6.

33. Veja, p.e., a avaliação feita por N. Turner, *Style* vol. 4 de J. H. Moulton, *A Grammar of New Testament Greek* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1976), p. 105: "Não podemos dizer que o estilo grego seja elegantíssimo nas EP, porém é o menos semítico, o mais secular, e o menos excitante. É lugar-comum".

34. Isto é especialmente verdadeiro em se tratando do estudo clássico de P. N. Harrison, *The Problem of the Pastoral Epistles*. Veja a literatura citada por Guthrie, *Introduction*, p. 607, notas 1 e 2.

35. P. 24.

36. Conforme, p.e., E. F. Scott.

37. Esta era a posição esposada por Harrison, em *The Problem of the Pastoral Epistles*. Ela gozou de um período de longo favor entre os eruditos ingleses. Para uma crítica, veja Kelly, pp. 28-30.

38. Hanson, pp. 14-23, 28-31, 42-47.

39. Há evidência em Cícero de que ele usou dois diferentes amanuenses, com dois estilos de ditado completamente diferentes, quando diferiam seus propósitos de escrever (*Letter to Atticus*, 13. 25. 3; veja G. J. Bahr, "Paul and Letter Writing in the First Century", CBQ 28 [1966], pp. 465-77). No caso das EP teríamos de levar em conta mais do que simples ditado; o amanuense parece também haver-se tornado escritor até certo ponto. Por que Paulo teria trocado seu estilo de composição, a esta altura de sua vida, ainda não foi adequadamente explicado.

40. Veja especialmente C. F. D. Moule ("The Problem of the Pastoral Epistles: A Reappraisal"), que as considera escritas por Lucas, para Paulo, durante toda a vida do apóstolo. Quanto ao ponto de vista de que Lucas é o autor das cartas, mas como pseudo-epígrafo após a morte de Paulo, veja S. G. Wilson, *Luke and the Pastoral Epistles*, e J. D. Quinn, "The Last Volume of Luke: The Relation of Luke-Acts to the Pastoral Epistles".

1 TIMÓTEO

1. Saudação (1 Timóteo 1:1-2)

A carta começa com a forma padrão de saudação encontrada em quase todas as cartas do período greco-romano. Tal carta em nosso tempo teria começado com as palavras "Caro Timóteo", e concluído com algo como "Teu afetuoso pai em Cristo, Paulo", mas as cartas antigas começavam com o nome do autor, seguido do nome do destinatário e de uma saudação. Geralmente, a forma era resumida: "Paulo, a Timóteo, saudações". Saudação assim resumida pode encontrar-se na mais antiga carta existente (1 Tessalonicenses), mas, com o passar do tempo, cada parte da saudação tendia a tornar-se esmerada ("cristianizada"), numa variedade de formas. Essas formas esmeradas, especialmente as mais compridas, muitas vezes refletem os pontos enfáticos da carta em mãos. Parece que isto se verifica com a nossa carta.

1:1 / Paulo, regularmente, denomina-se a si mesmo **apóstolo de Cristo Jesus** (1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Colossenses; cp. Romanos), especialmente nas cartas em que sua autoridade era questionada ou aquilo que estava prestes a dizer necessitava do peso da autoridade apostólica. Nas cartas de caráter mais pessoal, sua autodesignação é "servo" (Filipenses; cp. Romanos) ou "prisioneiro" (Filemom). Então, por que Paulo usa a designação **apóstolo** quando escreve ao seu companheiro missionário de muitos anos e **filho na fé?** Talvez porque, conforme foi observado na introdução, Paulo esteja escrevendo a Timóteo na plena expectativa de que a igreja em Éfeso ouça falar da carta. Os erros que estão sendo divulgados na igreja exigem forte ação da parte de Timóteo, ação em última análise baseada na autoridade apostólica de Paulo.

A autoridade de Paulo fica ainda mais acentuada com o acréscimo **segundo o mandado de Deus.** Costumeiramente ele fala de seu apostolado como "pela vontade de Deus" (cp. 2 Timóteo 1:1); mas nesta carta ele vai encarregar Timóteo de "ordenar" à igreja, ou aos que estão em erro, que façam ou se refreiem de fazer determinadas coisas. Desse modo, quem ordena está, ele mesmo, sob ordens.

A fonte de autoridade de Paulo é **Deus, nosso Salvador e Cristo**

Jesus, esperança nossa. É hábito de Paulo, especialmente nas saudações, qualificar a menção de Deus, mas somente nas EP (Epístolas Pastorais) ele designa a Deus como Salvador. Este título tem longas raízes na devoção do AT, onde muitas vezes se faz referência a Deus como (meu) "Salvador" (Deuteronômio 32:15; Salmos 24:5; 25:5; 27:9; 42:5, et al. ; cp. Lucas 1:47 e Judas 25). Aqui a ênfase recai sobre Deus como a fonte de salvação, que por sua vez leva Paulo a referir-se a Cristo Jesus como **esperança nossa** que completará nossa salvação ao tempo do seu aparecimento. (Observe como todas essas idéias se reúnem no próprio Cristo, em Tito 2:13).

1:2 / A designação de Timóteo como seu **verdadeiro filho na fé** também parece refletir o ponto central da autoridade. (Observe que em 2 Timóteo, carta mais pessoal, ele é simplesmente chamado "meu amado filho"). A palavra traduzida **verdadeiro** literalmente se refere a um filho legítimo. Uma vez que Paulo de igual modo se refere a um irmão desconhecido, em Filipenses 4:3, como "verdadeiro" companheiro de jugo, talvez aqui não devêssemos acentuar demais o conceito de legitimidade. Mas a palavra se ajusta bem à preocupação de Paulo, não apenas para dar segurança ao próprio Timóteo, mas também assegurando que a igreja não o rejeite (veja 4:6-16).

Discute-se o significado de **na fé** (veja disc. sobre v. 5 com referência à *fé* nas EP). No texto grego não há artigo. Uma vez que algures nestas cartas, onde Paulo de maneira não-ambígua diz "*a* fé", sempre empregando o artigo, é muito provável que aqui o significado é **em fé.** Isto é, ou Paulo se refere à **fé** do próprio Timóteo (*por* ter ele **fé** em Cristo, tornou-se **filho** de Paulo) ou na esfera do seu relacionamento com Paulo (**em** sua **fé** [fidelidade] quanto a Cristo), ele é um **verdadeiro** e fiel **filho.** Talvez seja este último o significado. Embora Paulo com freqüência use a imagem pai-filho para refletir seu relacionamento com seus convertidos (p.e., 1 Coríntios 4:14-15; Filemom 10), a evidência em Atos 16:1-3 não sugere que Timóteo fosse, com efeito, convertido do próprio Paulo. Os sentimentos de Paulo para com seu colega mais jovem podem muitas vezes ter sido paternais, mas na maioria das referências a ele nas cartas anteriores Timóteo é mencionado como cooperador (p.e., 1 Tessalonicenses 3:2; Filipenses 2:19-20). Em 1 Coríntios 4:16-17 Paulo já havia usado linguagem semelhante à que usou aqui e, nesse caso, a ênfase em ser Timóteo "meu filho amado e fiel *no Senhor*" objetivava que,

observando o exemplo do "filho" Timóteo, seus "filhos" coríntios soubessem comportar-se à semelhança de seu pai. Assim, a igreja em Éfeso deve reconhecer a Timóteo como **verdadeiro filho** de Paulo em virtude de sua fé.

A saudação, o desejo-oração de que Timóteo receba **graça, misericórdia e paz** é (deixando de lado o acréscimo de **misericórdia**) a fórmula paulina padrão. Já antes Paulo havia transformado a saudação grega *chairein* ("Saudações"!) em *charis* ("Graça"), e a havia incorporado paralelamente à saudação hebraica *shalom* ("Paz"). Na teologia de Paulo e, portanto, em sua saudação e oração a favor de seus convertidos, a **graça** vem de **Deus** mediante **Cristo,** e resulta em **paz**. A combinação **misericórdia e paz** tem raízes judaicas e foi usada antes por Paulo em Gálatas 6:16. Assim, nas últimas cartas a saudação se tornou completa.

Notas Adicionais #1

Para uma coleção de exemplos e mais exemplos de saudações oriundas das descobertas de papiros, veja F. X. J. Exler, *The Form of the Ancient Greek Letter of the Epistolary Papyri (3rd. c. BC—3rd. c. AD [3º séc. a. C. ao 3º séc. d. C.])*, pp. 23-68.

1:1-2 / É hábito de Paulo em suas saudações referir-se a Cristo como **Cristo Jesus** (embora em diversos casos alguns escribas anteriores revertessem a ordem para Jesus Cristo). Todavia, em suas cartas anteriores ele também fala de "Jesus" (p.e., Romanos 8:11; 2 Coríntios 4:10; Gálatas 6:17), "Cristo" (Romanos 5:6, 8, e até ao fim). Mas, no tempo das EP, o título **Cristo Jesus** predomina (vinte e seis vezes a duas), e tornou-se algo muito próximo de um nome próprio completo.

Sōter (salvador), paralelamente a *kyrios* (senhor), era um título comum dado às divindades das seitas helenísticas de mistérios. Fílon de Alexandria já se havia apoderado do título e o aplicara a Deus no judaísmo helenístico. Portanto, na opinião de muitos eruditos este é um termo não-paulino, usado por nosso autor, que absorveu o judaísmo helenístico de Fílon e o adaptou para ajustar-se a Paulo. Contudo, o título é totalmente bíblico, sendo igualmente provável que o uso que dele faz Paulo nestas cartas reflita a ênfase dos falsos mestres.

Em verdade, **Deus, nosso Salvador** poderia ser considerado idéia verdadeiramente paulina. Apenas uma vez Paulo chama a Cristo de **nosso Salvador** — no contexto totalmente escatológico de Filipenses 3:20 (o uso em Efésios 5:23 não parece ser um nome). Todavia, o sujeito do verbo *salvar*, ou a idéia verbal no substantivo *salvação*, nunca é Cristo, mas somente Deus (1 Coríntios 1:21; 1 Tessalonicenses 5:9). Na maneira de Paulo ver as coisas, "seremos salvos [por Deus] mediante ele [Cristo]" (Romanos 5:9). Assim, não seria de surpreender

que, finalmente, Paulo viesse a chamar tanto a Deus como a Cristo de **nosso Salvador**, uma vez que o primeiro já havia ocorrido no judaísmo helenístico.

Muitas vezes se argumenta que há elementos não-paulinos na saudação, que denunciam outra mão, não a de Paulo (**segundo o mandado de Deus, nosso Salvador,** o acréscimo de **misericórdia,** e a ordem das palavras **Deus nosso Pai e de Cristo Jesus. nosso Senhor**). Poderíamos notar em resposta quantos aspectos genuinamente paulinos há também. Com efeito, podíamos esperar que um imitador fosse mais servil ao copiar Paulo. As modificações feitas nesta saudação com a mesma facilidade argumentam *a favor* de Paulo, uma vez que tais modificações constituem hábito regular do apóstolo. É claro que um imitador poderia ter observado isso também. Assim sendo, o argumento é um contrapeso aqui.

2. A Incumbência: Deter os Falsos Mestres (1 Timóteo 1:3-11)

Paulo começa a carta propriamente dita de um modo que não lhe é característico — sem as costumeiras ações de graças. De suas cartas anteriores, somente em Gálatas (fato bastante significativo) faltam as ações de graças. A ausência dessa expressão gratulatória aqui sustenta a observação já feita de que 1 Timóteo visa, realmente, o benefício da igreja tanto quanto do próprio Timóteo, ou ainda mais; o que está ocorrendo na igreja não é motivo para dar graças.

Ao invés, Paulo entra de imediato na ocasião e no propósito da carta. Em verdade, todas as questões cruciais que compõem a estrutura e conteúdo de 1 Timóteo estão exibidas no parágrafo inicial (vv. 3-7). A igreja corre grande perigo em virtude de alguns presbíteros que talvez se julguem **mestres da lei (v. 7),** mas, com efeito, ensinam **outra doutrina** (v. 3). Timóteo foi deixado em Éfeso para conter a maré. Ele não é o "pastor"; antes, foi deixado para atuar em nome de Paulo enquanto Paulo estiver ausente. Esta carta autorizará a Timóteo — perante a igreja — a opor-se àqueles enganadores e seus adeptos. Portanto, o palco está montado: A carta no seu todo é uma reação à presença dos falsos mestres.

1:3 / A sentença inicial proporciona a ocasião da carta, acrescida de todos os "atores" significativos — Paulo, Timóteo, a igreja (implícita no **em Éfeso**), e os falsos mestres.

Embora não haja certeza quanto a se Paulo havia estado recentemente em Éfeso, isso parece estar implícito ao rogar a Timóteo que fique em Éfeso enquanto ele, Paulo, partia **para a Macedônia**. Mais adiante (3:14), ficamos sabendo que Paulo esperara ir para Éfeso em breve; contudo, no caso de demora (o que de fato aconteceu, dada a evidência de 2 Timóteo), Paulo queria que seu companheiro mais jovem tivesse "por escrito" o motivo para ele estar ali.

Os começos da igreja **em Éfeso** estão muito envoltos em mistério (Atos 18:19-21; 18:24 - 20:1), embora fique claro do relato de Atos, corroborado por referências passageiras em 1 Coríntios 16:8-9, 19, e 2 Coríntios 1:8-9, que se tratava de uma igreja paulina (talvez composta

por muitas igrejas-lares; veja 1 Coríntios 16:19). Éfeso era ao mesmo tempo a capital da província e centro religioso da província da Ásia. Devido ao lodo que o entupia, no tempo de Paulo, o porto sofria declínio comercial; mas isto ainda era compensado, contudo, por sua importância passada e pela presença do seu templo de Artemis (Diana), uma das Sete Maravilhas do Mundo antigo e atração turística que obviamente rendia não pequenos lucros líquidos aos audazes vendilhões de lembranças religiosas (Atos 19:23-41). O culto de Artemis refletia mistura (sincretismo) religiosa, mas basicamente era um rito de fertilidade oriental, com práticas sensuais e orgásmicas. A igreja efésia era muito importante na estratégia missionária de Paulo; daí sua preocupação em desarraigar o erro neste centro-chave.

Não há indício algum de que em qualquer das cartas a Timóteo **alguns** homens que ensinavam **outra doutrina** fossem elementos de fora, como no caso ocorrido na Galácia (Gálatas 2:4) e em Corinto (p.e., 2 Coríntios 11:4, 12-15). De mais a mais, o discurso de despedida de Paulo aos presbíteros efésios, conforme registrado em Atos 20:17-35, prediz com clareza que os "lobos cruéis" que "não pouparão o rebanho" serão alguns homens "dentre vós mesmos" (vv. 29-30). Portanto, que os falsos mestres talvez fossem presbíteros encontra apoio em diversos trechos de 1 Timóteo: o presumirem ser "mestres da lei" (v. 7), responsabilidade essa dos presbíteros (5:17; cp. 3:2); o fato de que foi Paulo quem citou e excomungou dois deles (1:19-20), e não a igreja, como em 2 Tessalonicenses 3:14 e 1 Coríntios 5:1-5; e o repetido interesse pelos presbíteros nesta carta, quer quanto à qualificação deles — sem mencionar deveres — em 3:1-7, quer quanto à disciplina a eles aplicada e evidente substituição em 5:19-25.

A expressão traduzida por **ensinassem outra doutrina** aparentemente cunhada aqui e encontrada depois apenas em escritos cristãos, ao pé da letra significa "ensinar outras coisas", ou "ensinar novidades". É reminiscente dos falsos mestres em Corinto, que pregavam "outro Jesus" e "outro evangelho" (2 Coríntios 11:4; cp. Gálatas 1:6). Contudo, "outra doutrina" (novidades) não são trivialidades inocentes; são perversões claras do evangelho puro. A finalidade de Timóteo em permanecer ali era, pois, **para advertires a alguns que não ensinassem outra doutrina.**

1:4 / Timóteo deve também ordenar aos mestres do erro que não **se ocupassem com fábulas ou com genealogias intermináveis.** Essas

duas palavras, dentre as poucas encontradas nas cartas a Timóteo que dão alguma indicação do conteúdo das falsas doutrinas, colocam-se também dentre as mais enigmáticas. Conforme diz Kelly: "Elas chegam tantalizantemente, quase revelando o conteúdo da heresia"! (p. 44). Em 4:7 elas são de novo caracterizadas como "fábulas profanas de velhas". Fenômeno semelhante também surge em Creta, onde a expressão de Paulo é *"fábulas judaicas"* (Tito 1:14); as "genealogias" reaparecem numa lista que inclui "contendas e debates acerca da lei" (Tito 3:9).

Eruditos têm afirmado muitas vezes que essas palavras refletem o suposto caráter gnóstico da heresia, apoiado também por linguagem como "oposições da falsamente chamada ciência" (6:20) e pelas práticas ascéticas mencionadas em 4:3 (cp. 5:23). Assim, **fábulas** e **genealogias** são consideradas como referindo-se às cosmologias especulativas dos últimos gnósticos com seus sistemas de *eões* (seres espirituais) que emanam de Deus (o Pai de todos), como se encontra em Valentino. (Esta posição parece refletir-se na Bíblia Viva, que diz: "A idéia que eles têm de poder salvar-se por conseguir a proteção de uma cadeia interminável de anjos que leva a Deus".)

Mas os termos traduzidos por **fábulas** *mythoi* e **genealogias** (*genealogiai*) nunca são usados nas descrições desses sistemas gnósticos. Aparecem, contudo, regularmente no helenismo e no judaísmo helenístico referindo-se a tradições sobre origens dos povos. O termo *mythoi* nesta literatura quase sempre é usado em sentido pejorativo (como por todas as EP), para contrastar o caráter mítico de muitas dessas fábulas com a verdade histórica.

Portanto, dada a falta de qualquer consideração verdadeira em 1 e 2 Timóteo pelas bases caracteristicamente gnósticas, além do fato de que no v. 7 os erros se relacionavam de modo específico com a lei, é mais plausível que tais **fábulas e genealogias intermináveis** reflitam algum tipo de influência judaica, sem dúvida com alguns revestimentos helenísticos. Porém, não sabemos com precisão o que eram, embora tenha havido algumas sugestões (como as especulações que encontramos no *Book of Jubilees* ou em *Questions and Answers on Genesis*, de Fílon, ou no *Book of Biblical Antiquities* de um pseudo-Fílon, e até mesmo na tradição hagádica judaica [comentário ilustrativo sobre o AT]). Deve-se, por fim, admitir que não sabemos ao certo por que Paulo não nos deixou pistas suficientes.

O que sabemos com certeza é que ele condena ousadamente tais coisas, não tanto em função de seu conteúdo (embora tais **fábulas** não tenham relação alguma com a verdade [4:6-7; 2 Timóteo 4:4], mas porque esse ensino tem dois efeitos finais: (1) são "discursos vãos" (1:6; cp. 6:20; 2 Timóteo 2:16; 3:7), que (2) resultam em contendas e discórdias (6:3-5; 2 Timóteo 2:14, 23).

É a absoluta futilidade disso tudo que molesta a Paulo neste ponto. Em verdade, a palavra traduzida por **intermináveis** talvez se refira à natureza "exaustiva, cansativa" daquele ensino. O que essas "fábulas e genealogias intermináveis" **produzem** é "especulações" (RSV; lit., "busca"), ou **controvérsias** (NIV e ECA). Dessa maneira, **fábulas** e **genealogias** são tédios intermináveis, que promovem especulações tolas, "cheias de som e fúria", mas "nada significando".

Além do mais, essas especulações nada têm que ver com o **serviço de Deus** o qual é **na fé.** A palavra traduzida por **serviço**, quando empregada em seu sentido literal, não figurado, refere-se à "administração" da casa de outrem (como em Lucas 16:2-4). Como metáfora, significa ou "uma mordomia confiada por Deus" (cp. 1 Coríntios 9:17; Efésios 3:2), ou como na ECA e NIV, **serviço de Deus,** significando "providências de Deus para a redenção do povo". É mais provável que esta última seja a intenção, visto que a ênfase neste contexto não parece estar sobre a falha dos falsos mestres em exercer mordomia fiel, mas sobre o evangelho como **serviço de Deus,** baseado na fé, ou conhecido **na fé**, em contraste com a futilidade das "novidades", ou "outra doutrina".

1:5 / Havendo dado a ocasião para escrever a carta (v. 3), e mais alguma reação ao que os presbíteros errados estão fazendo (v. 4), Paulo volta agora a ordenar (**advertires**) que eles parem (v. 3). O **intuito deste mandamento**, diz ele, **é o amor. Talvez não seja esta** uma afirmação geral a respeito do evangelho, em contraste com os erros; ao contrário, Paulo está dando o motivo específico para o envolvimento de Timóteo, a saber, suscitar o **amor que procede de um coração puro.** Os falsos mestres estão envolvidos em controvérsias (v. 4) e discursos vãos (v. 6) cheios de engano (4:1-2) que levam a discórdias e suspeitas (6:4-5). A finalidade de ordenar-lhes que parem é conduzir a igreja de volta ao resultado próprio do "serviço de Deus" baseado "na fé", a saber, o amor de uns para com os outros. (Observe quantas vezes aparecem juntos **fé** e **amor** nas EP como virtudes verdadeiramente cristãs: 1 Timóteo 1:14;

2:15; 4:12; 6:11; 2 Timóteo 1:13; 2:22; 3:10; Tito 2:2).

A graça cristã do **amor** brota **de um coração puro, de uma boa consciência, de uma fé não fingida.** Essas motivações para amar ficam em agudo contraste com as dos falsos mestres, que estão enganados e cheios de engano (4:1-2; 5:24; 2 Timóteo 2:26; 3:13; cp. 1 Timóteo 2:14; 5:15; 2 Timóteo 3:5-7), têm consciências "cauterizadas" (4:2), "vieram a naufragar na fé" (1:19).

Um **coração puro** reflete o pano de fundo bíblico de Paulo (Salmos 24:4; 51:10; cp. a bem-aventurança de Jesus, Mateus 5:8). O conceito de **boa consciência** deriva de seu meio ambiente helenístico. A **consciência** é a capacidade, ou sede, da consciência moral, comum a todas as pessoas (Romanos 2:15; 2 Coríntios 4:2). Em cartas anteriores de Paulo (somente Romanos, 1 e 2 Coríntios), a consciência arbitra as ações próprias — e as de outros (esp. 1 Coríntios 8-10). Mas também está claro que ela pode ser informada, quer pelo passado pagão da pessoa, quer pela presente existência em Cristo. Nas EP, o termo consciência é muitas vezes, como aqui, acompanhado de um adjetivo descritivo (boa, pura, cauterizada), implicando que a sede da tomada de decisão foi "purificada" por Cristo ou "cauterizada" ou "contaminada" por Satanás (veja disc. sobre 1 Timóteo 4:2 e Tito 1:15-16). Deste contexto e de 1:19 fica claro que um **coração puro** e uma **boa consciência** são idéias sinônimas.

A qualificação da **fé** como **não-fingida** (sincera) é comparável à qualificação que Paulo dá ao amor em Romanos 12:9. Num sentido, nem fé nem amor podem ser assim qualificados. Ou você tem fé, ou amor, ou não tem. Mas a palavra **fé** tem amplo emprego em Paulo, variando desde "confiar em Deus" (o mais comum) passando por uma virtude cristã que se aproxima muito da idéia de "fidelidade" (p.e., 1 Tessalonicenses 3:6; 5:8, muito freqüente nas EP; veja disc. sobre 1:2), até o conteúdo da crença cristã (p.e., Gálatas 1:23; também muito freqüente nas EP). Aqui, **fé não-fingida** refere-se à virtude cristã, significa confiar em que Deus está presente de verdade, em contraste com a natureza enganosa da "fé" dos mestres do erro.

1:6-7 / Agora está claro que essas fontes do amor cristão estão expressas de modo que contrastem com os falsos mestres. **Alguns**, a saber, os falsos mestres **se desviaram destas coisas** (isto é, de "um coração puro, uma boa consciência e uma fé sincera"; cp. 1:19). O conceito de **desviar-se de** fé (ou *a* fé) repete-se nas EP, às vezes com este verbo (6:21;

2 Timóteo 2:18), mas também com diversos outros (**rejeitado**, ECA, 1:19; "apostatarão", 4:1; "se desviaram", 1:6; 5:15; 6:10; "recusar", 2 Timóteo 4:4). Esta apostasia por parte tanto dos presbíteros errados como de seus seguidores é a grande ênfase de 1 Timóteo.

Não somente **se desviaram** da verdadeira fé e integridade, mas em seu lugar **se entregaram a discursos vãos.** Isto repete os temas do tédio e das controvérsias do v. 4. A palavra que representa **discursos vãos** é um composto de *mataios* ("vazio, vão")e *logos* ("discurso"). Este "discurso" é alhures caracterizado como "conversas vãs" e "falatórios inúteis" (6:20; 2 Timóteo 2:16).

Paulo tem uma designação final para os mestres do erro nesta arremetida inicial: **Querem ser mestres da lei.** Não é fácil determinar com precisão o que Paulo quer dizer por **mestres da lei** (no grego uma palavra composta: *nomos*, "lei"; *didaskalos*, "professor"). A palavra é estritamente cristã, usada por Lucas (5:17) para referir-se aos rabis, e a Gamaliel, em Atos 5:34. Aqui talvez seja um epíteto pejorativo (estão meramente assumindo o papel de rabinos judeus); porém, é mais provável que seja uma descrição do que os falsos mestres desejavam, na realidade, ser mestres da lei (no sentido provável de intérpretes das leis, 4:3, e intérpretes especulativos das histórias e genealogias do AT a respeito dos começos, 1:4).

Em qualquer dos casos, eles **não entendem nem o que dizem**, como o próximo parágrafo elucidará (porque estão cheios de controvérsias e de discursos vãos) **nem o que com tanta confiança afirmam** (o significado das Escrituras). Estão simplesmente "pontificando sobre o incognoscível". O tema da "ignorância" ou "tolice" dos heréticos se repetirá nestas cartas (6:4, 20; 2 Timóteo 2:23; Tito 1:15; 3:9; cp. 2 Timóteo 3:7).

1:8 / O próximo parágrafo (vv. 8-11) parece digressão que leva a uma segunda digressão (vv. 12-17; observe como os vv. 18-20 retomam o argumento dos vv. 3-7). Porém, no sentido típico paulino é uma digressão que confirma de modo significativo o ponto sob discussão. Em resposta ao uso impróprio que os falsos mestres fazem da "lei", Paulo lhes expõe o verdadeiro intento da lei, o qual, conforme expresso aqui, é que ela se destina aos ímpios.

Muito interessante é o fato de Paulo não lhes dizer *como* ou *por que* a lei é para eles; mas, em Gálatas 3:23-4:7 e em Romanos 7:7-25, ele já havia tratado desta questão e mencionado dois motivos: pôr um freio no

pecado (Gálatas) e expressar a desesperada pecaminosidade dos pecadores, levando-os a clamar pela misericórdia de Deus (Romanos). É provável que o primeiro motivo é que estava na mente de Paulo, ao iniciar este parágrafo.

A sentença inicial evolui do v. 7. Os falsos mestres desejam ser mestres da lei, mas não sabem o que fazem. É claro que a intenção de Paulo aqui não é argumentar a favor de um uso correto, cristão, da lei. Em vez disso, ele está ressaltando a insensatez dos falsos mestres, incluindo o fato de que eles nem sequer usam a lei. **Que a lei é boa** é repetição de uma assertiva feita em Romanos 7:12-13 e 16 (embora em contexto diferente). Fica implícito em ambos os casos que ela é **boa** porque reflete verdadeiramente a vontade de Deus. Não obstante, conforme ressalta Kelly, a lei não é o evangelho, mas permanece uma espécie de lei. Aqui, a "bondade" da lei relaciona-se com ser ela usada **legitimamente**, isto é, tratada como lei (tendo em mira os sem lei, v. 9) e não usada "ilegitimamente" como fonte de fábulas e genealogias intermináveis, ou para práticas ascéticas.

1:9-10 / Paulo continua descrevendo o que faz aquele que trata a lei como lei. O que é verdadeiro em se tratando da lei de Deus, tida como lei, é naturalmente verdadeiro em se tratando de todas as leis. Ela foi outorgada, não **para o justo, mas para os transgressores e rebeldes, os irreverentes e pecadores, os ímpios e profanos.** Ao dizer que a lei não se destinava "ao justo", Paulo repisa um ponto já apresentado em Gálatas, ou seja, que os que têm o Espírito e produzem o fruto do Espírito entraram numa esfera de existência na qual a lei já não desempenha suas funções legais (Gálatas 5:22-23).

À menção de **transgressores** da lei, Paulo se lança a uma lista completa de tais pecadores. Listas de vícios como esta são típicas do apóstolo (veja, p.e., Romanos 1:29-31; 1 Coríntios 5:11; 6:9-10; Gálatas 5:19-21; e 2 Timóteo 3:2-4). O que nos espanta é que nenhum pecado singular é especificamente repetido nelas (nem nas três cartas anteriores). Em cada caso elas parecem catálogos *ad hoc*, embora também pareçam um tanto adaptadas aos contextos. Dos pecados relacionados nesta lista, os **devassos** e os **sodomitas** (v. 10) encontram-se nas listas anteriores (1 Coríntios 6:9). O mais chocante, porém, é a natureza bipartida do catálogo. Primeiro, há três pares de classificações gerais: **transgressores e rebeldes**, os **irreverentes** (sem respeito no íntimo) e os **pecadores**

(exteriormente sem obediência), e **os ímpios e profanos.** Daí para a frente o catálogo tem uma coincidência notável com os Dez Mandamentos (do quinto ao nono), muitas vezes dando expressões mais grotescas desses pecados.

Assim, esses sem-lei são os **parricidas, matricidas** (quinto mandamento; e **homicidas** (sexto mandamento); **os devassos** (lit., "fornicadores") e **sodomitas,** uma palavra que indica homossexualidade entre homens (sétimo mandamento); **roubadores de homens** (oitavo mandamento). Tais coincidências dificilmente podem ser acidentais. Porém, qual é o motivo para essa lista figurar aqui? Certamente não é uma referência aos pecados dos falsos mestres, culpados de seus próprios pecados, mas de outros tipos. É muito provável que essa lista seja um reflexo consciente da lei mosaica, como lei, e expressa os tipos de pecados, para proibir os quais foi outorgada a lei. *Este*, diz Paulo, é o motivo por que Deus deu a sua lei, não para controvérsias ociosas e discursos vãos.

Paulo encerra esta lista de maneira semelhante a Romanos 13:9 e Gálatas 5:21, de modo que inclui os demais pecados também: **para o que for contrário à sã doutrina.** Mas neste caso as palavras de "encerramento" trazem Paulo de volta uma vez mais às advertências contra os falsos ensinos. A expressão **sã doutrina** aparecerá regularmente nessas cartas (6:3; 2 Timóteo 1:13; 4:3; Tito 1:9, 13; 2:2, 8). Trata-se de metáfora médica referente à saúde do ensino "conforme o evangelho" (v. 11) e se opõe a "ruins suspeitas" (6:4; NIV, "interesse doentio") dos praticantes do erro, cujo ensino "corrói como câncer" (2 Timóteo 2:17). Tal metáfora não se encontra anteriormente nos escritos de Paulo. Sua fonte, como dispositivo polêmico, com toda a probabilidade é contemporânea dos filósofos itinerantes, que teriam sido conhecidos dos efésios. Que Paulo tenha emprestado tal metáfora não é mais surpreendente do que o uso que ele faz da metáfora do corpo, metáfora política contemporânea bem conhecida, em 1 Coríntios 12, ou o uso que ele faz de imagens do atletismo em 1 Coríntios 9:24-27 e nestas cartas (1 Timóteo 6:12; 2 Timóteo 2:5; 4:7-8). Nestas epístolas, a imagem do ensino sadio torna-se uma polêmica eficaz contra os enfermados falsos mestres. Porém, o cerne da metáfora não visa o *conteúdo* da doutrina; visa, antes, o comportamento. O ensino sadio leva ao comportamento cristão apropriado, ao amor e às boas obras; o ensino doentio dos heréticos leva a controvérsias,

arrogância, abuso e discórdia (6:4).

1:11 / Havendo mencionado o comportamento "contrário à sã doutrina", Paulo conclui descrevendo a verdadeira fonte e medida do ensino sadio. É aquela que está **conforme o evangelho... de Deus. O evangelho,** como boas novas de Deus, em contraposição às más novas da pecaminosidade grotesca da humanidade, é expressão favorita de Paulo para referir-se à atividade de Deus em Cristo Jesus a favor dos pecadores. A "sã doutrina" está de acordo com a mensagem do evangelho, tanto no conteúdo como no comportamento resultante; o ensino "doente" dos presbíteros transviados não está.

Ao mencionar **o evangelho**, Paulo faz duas explicações: ele é descrito como 1. **o evangelho da glória do Deus bendito**, 2. **o qual me foi confiado.** O evangelho é, antes de tudo, **o evangelho da glória do Deus bendito** (lit.) Este tipo de construção genitiva (frase com "de") é particularmente difícil de fazer sentido na língua portuguesa (e há mais ou menos quatorze possibilidades para o seu significado em grego). Embora a frase "da glória" muitas vezes seja usada de modo descritivo no NT (p.e., Efésios 1:17, "o Pai glorioso"; Colossenses 1:11, "seu glorioso poder"; ou veja GNB aqui, "Deus glorioso e bendito"), é muito provável, neste caso, que a frase descreva, não o *caráter* do evangelho ("glorioso evangelho"), mas o seu *conteúdo* ("evangelho que manifesta a plena glória de Deus"). O evangelho que Paulo anuncia desvenda a "glória", ou majestade, do próprio Deus, aqui descrito como **o Deus bendito.** Esta última frase, encontrada também em 6:15, não significa tanto que atribuímos bem-aventurança a Deus, mas que toda a bem-aventurança reside nele e dele procede.

Este evangelho, que revela a verdadeira glória de Deus, conclui Paulo, **me foi confiado.** Isto é tipicamente paulino. Mencionar o evangelho, a atividade graciosa de Deus a favor dos pecadores, muitas vezes significa mencionar seu próprio papel como beneficiário e servo, ou mordomo (cp. 1 Coríntios 9:17; Gálatas 2:7; Efésios 3:2; 1 Tessalonicenses 2:4). Porém, neste caso, talvez Paulo também queira fazer-nos voltar ao tema central, a autoridade (veja disc. sobre o v. 1). Este tema é tão importante que será mais plenamente desenvolvido no próximo parágrafo.

Assim, o parágrafo conclui aparentemente a alguma distância do ponto onde começou, como ligeira digressão sobre o propósito da lei, o qual passou despercebido pelos mestres da lei. Contudo, esta breve

excursão para mencionar o evangelho como a revelação da majestade de Deus e do relacionamento de Paulo com o evangelho não está muito longe de seu principal interesse — obstar a divulgação do falso ensino. E tendo chegado até aqui, Paulo agora se esmerará ainda mais, novamente não sem propósito contextual.

Notas Adicionais #2

1:3 / A sentença inicial no grego empregado por Paulo não é gramatical, embora possa ser meramente elíptica (Moulton-Milligan, p. 314, dá alguns exemplos). Ela começa: "Como te roguei..." construção que necessitaria de um "assim, agora..." para completá-la. Ou Paulo tinha em mente algo como o que a NIV traduz, ou algo assim: "Do mesmo modo como insisti contigo quando eu estava a caminho da Macedônia, assim agora insisto contigo por escrito: permanece em Éfeso".

Se Paulo esteve ou não recentemente em Éfeso é questão duvidosa. Guthrie, talvez pela forma como Paulo se expressa em 3:14, afirma que o apóstolo pode ter "deixado Timóteo no curso da viagem para Éfeso, e o incumbiu de *permanecer* aí" (p. 57). Mais recentemente, J. D. Quinn, que não pensa que Paulo tenha escrito as cartas, apresentou a alternativa muito atraente de que o autor tencionava que elas fossem lidas nesta ordem: Tito, 1 Timóteo, 2 Timóteo; de sorte que Paulo se mudou de Nicópolis (Tito 3:12), de onde despachou Timóteo enquanto estava a caminho da Macedônia (1 Timóteo 1:3), tencionando ele mesmo vir em breve (3:14). Mas, na viagem ele foi preso em Trôade (2 Timóteo 4:13), de onde foi levado para Roma (veja "Último Cativeiro de Paulo"). A posição assumida aqui pressupõe que Paulo havia estado presente para excomungar Himeneu e Alexandre (v. 20).

1:4 / Para uma análise das "fábulas ou ... genealogias intermináveis" que refletiriam idéias gnósticas ou gregas, veja os comentários de D-C e de Hanson. Quanto à perspectiva adotada aqui, veja também em J. A. Hort, *Judaistic Christianity*, pp. 132-33;e F. Büchsel, *TDNT*, vol. 1, pp. 663-65. Cp. os comentários de Kelly e Bernard.

A palavra traduzida por **controvérsias** (*ekzeteseis*) ocorre aqui pela primeira vez na literatura grega. A forma verbal está bem atestada e significa "buscar com diligência". Uma vez que a palavra aglutinada que a acompanha, não-composta, *zetesis* (substituída aqui nos últimos MSS) aparece alhures nas EP (1 Timóteo 6:4; 2 Timóteo 2:23; Tito 3:9)— e *de fato* significa "controvérsias" ou "discussões" — Paulo seguramente tencionava algo diferente aqui ao usar *ekzeteseis*.

BAGD, seguidos pela RSV e outros, sugerem "treinamento divino" como tradução para **serviço de Deus**; mas se desconhece o uso da palavra com este significado antes do final do segundo século d. C., e quaisquer dos outros significados, ambos bem estabelecidos à época de Paulo, ajusta-se bem ao contexto.

1:5 / Muitos argumentam que as qualificações tanto de **consciência** como de **fé** são indicações óbvias do caráter não-paulino das *idéias* das EP. Mas isto supõe um Paulo estático, por um lado, e por outro, parece interpretar mal a evidência anterior. Por exemplo, D-C argumentam que "fé" foi transformada aqui em "uma atitude humana" (p. 18). Mas isto é negligenciar a evidência a favor de ser a fé uma virtude cristã, muitas vezes em conjunção com o amor, nas cartas anteriores, e ao mesmo tempo, erra o alvo aqui, em que na verdade tem que ver com a confiança em Deus.

1:8 / No grego esta sentença apresenta um jogo de palavras difícil de reproduzir-se em português. "A lei (*nomos*) é boa, contanto que seja usada 'legalmente' (*nomimos*)."

1:9-10 / Para uma análise da possível fonte (ou possíveis fontes) e função das listas de vícios nas EP, veja N. J. McEleney, "The Vice Lists of the Pastoral Epistles".

A frase "mercadores de escravos" foi sugerida por BAGD (como uma possibilidade) para significar "alcoviteiro", em lugar de **roubadores de homens**, vinculando-a assim com os pecados sexuais previamente mencionados. Mas, quase com certeza, refere-se ao comércio de escravos. De mais a mais, há evidência muito antiga favorável a que se entenda que os rabinos relacionavam o oitavo mandamento ao comércio de escravos. Veja Str-B, vol. 1, pp. 810-12.

1:11 / Tem havido longo debate sobre o significado de **sã doutrina** nas EP. Para um exame crítico desse debate e apresentação completa da posição adotada aqui, veja A. J. Malherbe, "Medical Imagery in the Pastoral Epistles".

3. Testemunho Acerca do Evangelho (1 Timóteo 1:12-17)

Este parágrafo é, claramente, uma digressão na discussão que a carta apresenta, de modo que é fácil lê-lo ou comentá-lo separado de seu contexto imediato. Todavia, proceder assim é perder grande parte de seu significado. O parágrafo todo flui diretamente do precedente. Antes de tudo, é uma apresentação do "evangelho" (v. 11) como expressão ousada da graça de Deus para com os pecadores. Muito embora ele assuma a forma de testemunho pessoal (observe as onze ocorrências de **eu** (oculto ou não), **me**, e **mim**, a ênfase do princípio ao fim recai sobre a graça de Deus manifestada em Cristo, que por sua vez inspira a doxologia no v. 17. Como tal, o parágrafo está em contraste com os vv. 8-10 onde, embora não o diga expressamente, Paulo mostra de novo a precariedade da lei, que dizia existir para os pecadores. Todavia, a lei apenas pode "mantê-los em xeque", por assim dizer; a **graça** de Deus traz consigo **fé** e **amor**, e oferece **vida eterna.**

Contudo, esta afirmação do evangelho é feita na forma de testemunho pessoal, emanando diretamente das palavras "me foi confiado". Maravilhado diante da graça que lhe foi prodigalizada, Paulo se coloca à frente como exemplo número um de tal graça para todos os pecadores. O testemunho serve, também, de contraste aos falsos mestres. A *autoridade* de Paulo finalmente reside na natureza *autêntica* do seu evangelho, segundo ele o tem pregado e experimentado.

1:12-13 / Havendo mencionado o "evangelho" que "foi confiado" a ele, Paulo faz uma coisa que lhe é natural — explode em ações de graças (cp. Romanos 6:17; 7:25; 1 Coríntios 15:57; 2 Coríntios 2:14; 8:16; 9:15). Conquanto em sua maioria essas ações de graças sejam breves, esta aqui, muito semelhante a 2 Coríntios 2:14, expande-se numa expressão pessoal para trazer à lembrança dos seus ouvintes o relacionamento de Paulo com o evangelho (cp. 1 Coríntios 15:9-10;2 Coríntios 2:14-7:4; Efésios 3:1-13).

Não é comum que Paulo dirija seus agradecimentos a **Cristo**, em vez de a Deus, mas isto foi determinado aqui pelo qualificador **que me**

fortaleceu (que precede **Cristo Jesus** no texto grego). Para Paulo, este verbo comumente se refere à obra de Cristo e não à do Pai (veja Filipenses 4:13; Efésios 6:10; 2 Timóteo 2:1; 4:17). Em dizendo que Cristo **me fortaleceu**, Paulo não se refere a ter recebido força interior de algum tipo (como em Filipenses 4:13). Antes, o verbo refere-se ao "me foi confiado" do v. 11; portanto, uma tradução melhor seria "que me capacitou, ou me dotou de poder" (cp. NEB: "colocou-me à altura da tarefa"). A gratidão de Paulo abrange também duas outras realidades: Cristo **me considerou fiel** e, por isso mesmo, acabou **pondo-me no seu ministério**. Por **me considerou fiel** (melhor, "digno de confiança"; veja nota), Paulo não quer dizer que recebeu designação porque Deus o teria tido em alta conta — tal idéia contradiria a passagem toda — mas afirma que lhe é sumamente espantoso que Deus viesse um dia a confiar-lhe o evangelho, conforme deixam claro os vv. 13 e 14. Expondo de novo este ponto: "Pensar que ele me consideraria, dentre todas as pessoas, digno desta confiança". Sua designação aqui, convém notar, não se refere ao apostolado, mas à obra de um servo, no seu ministério (*diakonia*, serviço, "ministério", palavra favorita de Paulo).

Como em 1 Coríntios 15:9-10 e em Gálatas 1:13-16, passagens muito semelhantes a esta, o modo de Paulo entender sua conversão e seu ministério como expressões da graça encontra seu foco na memória vívida de seu passado. A maravilha, para ele — que assim dá magnitude à graça de Deus — é Cristo tê-lo levado em consideração (v. 12), uma vez que por ocasião do seu chamado ele era ativamente **blasfemo e perseguidor e injuriador.** Isto, é claro, se refere à perseguição que Paulo movera contra a igreja (Atos 8:3; 9:1-2; 22:4-5; 26:9-11). Ele não somente negara a Cristo ("blasfemo"), mas, mediante perseguição e violência (cp. Gálatas 1:13, "e a assolava"), tentara obrigar outros a fazer o mesmo, até que, finalmente, ele mesmo foi preso — pela graça.

Mas, continua ele, **alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade.** À primeira vista, isto parece contraditório, como se ele houvesse recebido misericórdia porque a merecia. Mas o parágrafo inteiro indica que não é assim. Paulo está aqui refletindo sobre a distinção que o AT faz entre pecado "involuntário" e pecado "voluntário", intencional (p.e., Números 15:22-31). Sua conduta anterior não é, por isso, menos culpável ou grotesca, mas para Paulo esta distinção explica porque ele se tornou objeto da compaixão, e não da ira de Deus.

1:14 / Ainda envolto na maravilha a que se referira, Paulo repete o que afirmara, mas desta vez a ênfase se transfere de seu ministério (vv. 11-12) para sua real conversão. Embora escreva com algumas variações inusitadas (p.e., **nosso Senhor** [Cristo Jesus] como o doador da graça), a teologia desta passagem é totalmente paulina. A **graça** que havia sido derramada sobre ele **superabundou**, graça que lhe motivava ao mesmo tempo **fé** e **amor**. Para Paulo, a ação de Deus é sempre ação motivadora. **Fé** é resposta à **graça** (Romanos 3:23-25; Efésios 2:8), e a **fé** age em **amor** (Gálatas 5:6; cp. 1:5). De mais a mais, que **a fé e o amor** estão em **Cristo Jesus** mostra claramente que não são qualidades humanas, mas indicações de que a graça operou. São "expressões visíveis de um relacionamento vivo com o Salvador" (Kelly).

Tudo isto certamente contrasta com os presbíteros heréticos, que se desviaram da fé e do amor (1:6), que blasfemam (1:20) e estão engajados em contendas (6:4), e desse modo abandonaram o evangelho da graça exemplificado aqui.

1:15-16 / Havendo proferido esta palavra pessoal sobre como a graça de Cristo transbordou para um ex-perseguidor, Paulo se lembra de que aquilo que lhe aconteceu está de pleno acordo com um enunciado bem conhecido, que talvez tivesse raízes no próprio Jesus (Lucas 19:10; cp. João 12:46; 18:37). Ele começa com a fórmula: **Fiel é esta palavra** (lit.), que se repetirá mais quatro vezes nessas cartas (3:1; 4:9; 2 Timóteo 2:11; Tito 3:8) e que foi assunto de considerável discussão. Neste caso, a fórmula precede o enunciado, e a expressão do próprio enunciado é clara. Nem sempre é esse o caso (p.e., 3:1 e 4:9). Além do mais, nada exatamente igual ocorre algures no NT. Contudo, a fórmula semelhante, "fiel é Deus", é comum em Paulo (p.e., 1 Coríntios 1:9; 10:13; 2 Coríntios 1:18), e talvez seja a fonte desta presente formulação.

A ênfase no grego, como na ECA, reside na fidelidade da palavra. Aumenta-se a ênfase ainda mais pelo acréscimo: **digna de toda a aceitação.** Existe alguma ambigüidade aqui quanto a saber se há um sentido intensivo (NIV, total; ECA, **toda**; cp. RSV, GNB), ou um sentido extensivo ("aceita por todos", Weymouth, Livro de Oração Comum no adjetivo *pases*. A fórmula semelhante em 6:1, em que o sentido só pode ser intensivo ("dignos de toda a honra") empresta apoio à tradução de ECA; não obstante, pode-se argumentar, partindo do contexto, que há ênfase naquela palavra como digna de aceitação universal.

No próprio ditado, **Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores**, dois pontos são apresentados: Encarnação e Redenção, com a ênfase na Redenção. Dizer que ele **veio ao mundo** em si mesmo não implica necessariamente, é claro, em preexistência, mas que se entendesse assim, quase com certeza é o que Paulo tinha em mira. Aqui se acentua o motivo da sua vinda, e o motivo para que Paulo o incluísse — **salvar os pecadores. Pecadores**! Esse era um termo bastante comum no judaísmo dos fariseus (tradição do próprio Paulo). Referia-se a todos quantos não guardassem estritamente a lei, de modo especial os gentios (até Paulo pode usá-lo assim em Gálatas 2:15). Aqui, porém, e algures em Paulo, **pecadores** é termo universalizante. Toda a humanidade, quer judeus quer gentios, todos se igualam neste ponto (Romanos 3:19-20, 23). Mas Cristo veio **para salvar** os pecadores.

Para Paulo, *salvação* é, antes de tudo, um termo escatológico; isto é, tem que ver com o destino humano, o que acontece às pessoas no fim (grego, *eschaton)*. Mas essa salvação escatológica já começou na presente obra de Cristo, donde "salvar pecadores" também significa salvá-los de sua presente pecaminosidade. Tanto o aspecto presente como o futuro parecem estar em mira aqui (cp. v. 16, "crer nele e receber a vida eterna").

A fim de personalizar o ditado, Paulo acrescenta **dos quais eu sou o principal**, não como forma de hipérbole, como alguns diriam, nem porque Paulo fosse mórbido com relação ao seu passado pecaminoso, mas precisamente em virtude de sua própria experiência da misericórdia e graça de Deus. Essas declarações devem ser entendidas à luz da intersecção na vida de Paulo do sentido esmagador, simultâneo de sua própria pecaminosidade e total desamparo diante de Deus e do fato da graça de Deus ser-lhe prodigalizada, sem méritos, e de Deus aceitá-lo incondicionalmente a despeito do seu pecado. Conviria notar também que ele diz **eu sou**, e não "eu fui". Até mesmo Hanson, que acredita ser a carta uma falsificação, admite que este é um "toque verdadeiramente paulino". Mas assim é, não por causa do senso permanente de pecaminosidade da parte de Paulo (conforme Bernard e outros), mas porque ele se reconhecia como tendo sempre o status de "pecador redimido".

Com a adição desta última sentença, **dos quais eu sou o principal**, Paulo encontra-se agora em posição de atingir seu último objetivo neste testemunho a favor da graça de Deus. O motivo para que Cristo salve

Paulo, **o principal** dos pecadores, era que por esse meio ele poderia apresentar Paulo como exemplo básico para todos os demais pecadores **que haviam de crer nele** para a salvação. O ponto de Paulo é simples: "Se Deus quis — e pôde — fazê-lo a mim, considerando-se quem eu sou e o que fiz, então há esperança para todos" (cp. 2:3-7). E por isso ele repete: **alcancei misericórdia**, mas agora acrescenta este novo motivo.

Salvando a Paulo, **Cristo Jesus** demonstrou **toda a sua longanimidade** (ou, "a extensão total de sua paciência") no trato com os pecadores. "Tolerância" ou "paciência" como característica da divindade no trato da rebelião humana é idéia totalmente paulina (Romanos 2:4; 3:25-26; 9:22-23; cp. 2 Pedro 3:9, 15). Vê-se tal **longanimidade** (paciência) no seu trato comigo, **para que em mim, o principal dos pecadores...** precisamente para que Cristo pudesse ter um **exemplo**, um protótipo **para os que haviam de crer nele** e, desse modo, também **receber a vida eterna.** O termo grego para **vida eterna** significa não tanto vida de longevidade sem fim, mas principalmente "vida na era vindoura", vida que agora é nossa em Cristo para ser plenamente usufruída por ocasião de sua "volta" (veja 6:12-15; 2 Timóteo 4:6-8; Tito 2:11-14).

1:17 / O que começou como ações de graças e depois mudou para testemunho da abundante graça de Deus, agora conclui como doxologia. Como poderia ser diferente? A reflexão na graça de Deus muitas vezes leva Paulo ao louvor (p.e., Gálatas 1:5; Efésios 3:21; Filipenses 4:20). Em 6:15-16 aparece uma doxologia semelhante. O que separa estas duas doxologias das anteriores é sua ênfase na "diversidade" e eternidade de Deus. Ambas trazem consigo um toque litúrgico, bem arraigado na piedade judaico-helenística. Talvez reflitam doxologias oriundas da sinagoga da Diáspora, onde Paulo tinha suas próprias raízes, e onde ele começou seus esforços missionários.

O **Rei eterno** (lit., "o rei dos séculos") retoma o tema da **vida eterna** no v. 16. Deus é **eterno** no sentido de que ele governa em todos e por todos os séculos. Deus é, de igual maneira, o **imortal** (lit., "incorruptível", termo tirado do judaísmo helenístico), **invisível** (expressão recorrente do AT; cp. Romanos 1:20; Colossenses 1:15), e **único Deus** (tema primordial do AT). Portanto, toda **honra e glória** (cp. Apocalipse 4:9, 11, 5:12, 13; 7:12), são devidas a ele **para todo o sempre.** O **amém** pronunciado nas sinagogas em assentimento às doxologias e bênçãos já havia passado à adoração cristã (veja esp. 1 Coríntios 14:16) e muitas

vezes também conclui as doxologias do NT (p.e., Gálatas 1:5; Romanos 16:27).

Com esta doxologia Paulo dá conclusão repentina à digressão. Ele se afastou, deveras, ficando à considerável distância da incumbência inicial dada a Timóteo: permanecer em Éfeso a fim de opor-se aos falsos mestres (vv. 3-4). Mas, conforme vimos, nada disto deixa de ter propósito. Por trás de cada palavra estão os presbíteros heréticos e seu ensino "doentio" (1:11), com sua ênfase na lei, e controvérsias que contradizem o evangelho puro da graça de onde emana fé e amor. Chegou a hora de Paulo voltar à questão em discussão.

Notas Adicionais #3

1:12-13 / Alguns MSS primitivos têm o verbo "fortalecer" no tempo presente, "que me fortalece", mas esta é uma harmonização com Filipenses 4:13 que faz perder bastante o objetivo de Paulo, aqui.

Ao traduzir **me considerou fiel**, perde-se o que parece constituir um trocadilho. Foi *confiado* a Paulo (v. 11); foi considerado digno de *confiança* (v. 12: me considerou), e muito embora ele estivesse entre os não *confiáveis* (v. 13; ECA: "porque o fiz ignorantemente"), a graça de Deus a ele veio **com a fé** (*confiança* em Deus, v. 14).

D-C argumenta que "somente a designação 'perseguidor' se aplica ao caso específico de Paulo", e que o homem que escreveu Filipenses 3:4-6 não poderia ter empregado a palavra "blasfemo" para descrever-lhe o passado. Afirmar isso, contudo, é perder muita coisa. Do ponto de vista de sua antiga vida no judaísmo, é verdade que Paulo não poderia ter-se considerado deste modo, mas o ponto de vista aqui é sua presente vida em Cristo; desta perspectiva, sua antiga atitude para com Cristo deve ser considerada "blasfêmia" — exatamente como as atitudes dos falsos mestres são agora consideradas blasfêmia (v. 20).

As palavras **porque o fiz ignorantemente, na incredulidade** dizem, literalmente, "eu agia em [estado de] incredulidade". Três vezes em Romanos ele afirma algo semelhante acerca da reação dos judeus a Cristo (3:3; 11:20, 23).

1:14 / Graça... superabundou traduz o verbo *hyperepleonasen* (lit., "superabundou"). O verbo não ocorre em nenhuma outra parte mais, porém os compostos com *hyper* são uma marca registrada paulina (veja p.e., "mais do que vencedores", Romanos 8:37; "o exaltou soberanamente", Filipenses 2:9; "transbordo de gozo", 2 Coríntios 7:4; "crescer muitíssimo", 2 Tessalonicenses 1:3 [todas ECA, KJV], além de outras seis).

1:15-16 / Para discussão plena, com bibliografias completas, das cinco ocorrências de "fiel é esta palavra" (ou seus equivalentes), veja G. W. Knight, *The Faithful Sayings in the Pastoral Letters.*

Embora a formulação doutrinária precisa, encontrada nessas expressões, não ocorra algures em Paulo, ela reflete sua teologia com máxima segurança. Veja esp. Gálatas 4:4-5 e Filipenses 2:5-11.

A palavra traduzida por **principal** é, na realidade, "primeiro" no grego, mas "primeiro" no sentido de "dianteiro", ou "pior", como dizem algumas versões. Portanto, ECA praticamente não muda o sentido quando traduz "dos quais eu sou o principal... para que em mim, o principal... O ponto essencial de Paulo é, conforme a NIV traduz: "dos quais eu sou o pior... para que em mim, o pior... "

1:17 / Alguns copistas mais tarde acrescentaram a palavra *sábio* depois de **único**, segundo o padrão de Romanos 16:27.

4. Renovação da Incumbência (1 Timóteo 1:18-20)

O argumento iniciado nos vv. 3-7 retorna ao ponto de partida neste parágrafo final do capítulo 1. Com efeito, podemos notar que os vv. 18-20 são como que uma continuação do v. 7. A natureza continuativa do parágrafo é até mais clara no texto grego, onde a palavra aqui traduzida por **instrução** (v. 18) é a mesma traduzida por **advertires** e **mandamento** nos vv. 3 e 5, respectivamente (cp. a RSV, que insistentemente traduz "encargo").

Este parágrafo, porém, não repete simplesmente os vv. 3-7; antes, por via dos vv. 12-17, Paulo encarrega Timóteo de modo pessoal a "apegar-se". Ele assim o faz lembrando a Timóteo sua própria vocação para o ministério, e colocando esse fato em contraste com os dois que fracassaram.

1:18-19a / Retornando ao vocativo de familiaridade (lit., "filho Timóteo"), Paulo renova **esta** "instrução", primeiramente dada no v. 3. Aqui Paulo a **dá** a ele, uma palavra grega que se relaciona com confiar alguma coisa aos cuidados de outrem (veja esp. 6:20, 2 Timóteo 1:12, 14; 2:2).

Para reforçar a incumbência, Paulo lembra a Timóteo sua vocação. Não foi Paulo, finalmente, quem deixou Timóteo "encarregado", mas o Espírito Santo. **Esta instrução te dou segundo as profecias que houve acerca de ti, por elas combatas o bom combate.**

Quais são, porém, essas profecias? Paulo mencionará este acontecimento na vida de Timóteo mais duas vezes nessas cartas. Em 4:14 ele se refere ao ministério de Timóteo (aparentemente) como um "dom espiritual", e aí ficamos sabendo também que as **profecias** eram acompanhadas pela imposição das mãos dos presbíteros. Em 2 Timóteo 1:6, onde a preocupação é com o próprio relacionamento pessoal deles, Paulo restringe o foco à sua própria imposição de mãos. Porém, não se sabe precisamente o que aconteceu, e quando. Com toda probabilidade, Paulo se refere a uma experiência nos primeiros dias da vida de Timóteo, por meio da qual se reconheceu que ele havia recebido o dom do Espírito Santo para exercer o ministério, reconhecimento que se tornou claro através de algumas **profecias.**

Em qualquer caso, Paulo lembra-lhe aquelas profecias de modo que, por elas (lit., "que por meio delas" ou "na força delas"), ele pudesse engajar-se melhor num combate corrente ("combatas o bom combate"). Combate, aqui, é metáfora militar (cp. 2 Timóteo 2:3-4). Em contraste com suas metáforas atléticas sobre "combates" (1 Coríntios 9:24-27; 1 Timóteo 6:12; 2 Timóteo 4:7-8), onde está em vista a competição geral da vida crista, ou de seu ministério em geral, Paulo com regularidade usa a metáfora militar nas competições onde a luta é contra os oponentes de seu evangelho, contra as forças espirituais (2 Coríntios 10:1-6; Filemom 1 [cp. Colossenses 4:17]; Efésios 6:10-17). Assim, o combate de Timóteo é contra os falsos mestres e seus erros e, ademais, deve ele engajar-se no combate apegando-se sempre à fé e a boa consciência (veja v. 5).

1:19b-20 / Como nos vv. 5 e 6, a menção da **fé e a boa consciência** incita Paulo a refletir sobre alguns homens que as desprezaram **(havendo rejeitado).** Literalmente, ele diz que eles "repudiaram" ou "rejeitaram" tanto a **fé** (confiança em Deus), quanto a **consciência.** Em assim fazendo, com típica mudança de metáfora, Paulo acrescenta que eles **vieram a naufragar na fé.** Não foi sua **fé** que naufragou — embora isso, também, tenha acontecido — mas *a* fé. Ao rejeitarem a **fé** (a completa confiança deles na graça de Deus), eles se acham ao mesmo tempo no processo de levar *a* fé (o próprio evangelho) à ruína.

Acontece agora algo bem fora do comum. Paulo menciona nomes. **Himeneu** será citado de novo, com Fileto, em 2 Timóteo 2:17, como no apócrifo do segundo século *Atos de Paulo e Tecla.* Fora disso, é um desconhecido. Um tal de **Alexandre** é mencionado duas outras vezes em conexão com Éfeso. Em Atos 19:33-34, há um judeu com esse nome, cuja voz foi abafada pelos gritos da multidão, e em 2 Timóteo 4:14-15 Paulo adverte a Timóteo acerca de Alexandre, o latoeiro, a respeito de quem não se sabe ao certo se era de dentro ou de fora da igreja. Parece que se trata de pelo menos duas pessoas diferentes. O **Alexandre** mencionado aqui é às vezes identificado com o latoeiro de 2 Timóteo; outros identificam as referências em Atos e em 2 Timóteo e vêem este Alexandre (de 1 Timóteo 1:20), como sendo alguém diferente. Não há como possamos estar seguros (mas veja a disc. sobre 2 Timóteo 4:14-15 quanto a uma hipótese). Em qualquer caso, os dois homens mencionados aqui com certeza são líderes, talvez presbíteros, como em 2 Timóteo 2:17-18.

O que Paulo diz a seguir tem sido assunto de debate. Literalmente ele afirma: "os quais entreguei a Satanás". Grande parte da discussão se relaciona à nossa maneira de entender a frase "para destruição da carne", que aparece numa sentença semelhante em 1 Coríntios 5:5. É possível que a cláusula signifique que Paulo os tenha entregado **a Satanás** com a expectativa de castigo físico (cp. GNB). Parece mais provável, porém, que a frase "entregar a Satanás" signifique apenas "devolver à esfera de Satanás", fora da igreja e da comunhão do povo de Deus; se ele esperava que ocorresse também algum dano físico é ponto discutível, porém menos provável.

Paulo espera que por essa "excomunhão" **aprendam a não blasfemar**. A palavra "aprender", que ele usa de novo em 2 Timóteo 2:25 (conhecer), talvez signifique, neste caso, "corrigir pela disciplina". Pelo menos Paulo espera que sua providência contenha um elemento educativo. O que eles devem aprender é **não blasfemar**. Qual o significado disto não ficou certo de todo, mas no v. 13 Paulo descreve sua antiga pessoa como "blasfemo", e, em 6:4, "contendas de palavras" (NIV, "conversa maldosa") acha-se arrolada como um dos resultados do apetite "doentio para a controvérsia" dos falsos mestres. É provável que Paulo tenha em mente aqui este último significado: a rejeição consciente da graça de Deus e o apego às contendas. Não se declara quando ocorreu esta excomunhão, mas veja nota sobre o v. 3.

Com este parágrafo define-se de vez o motivo da carta. Timóteo foi deixado em Éfeso para conter os falsos mestres. Depois de algumas digressões que apresentam contrastes com esses falsos mestres e seus erros, Paulo conclui com esta incumbência pessoal a Timóteo, porém, tendo claramente em vista sempre os falsos mestres.

Notas Adicionais #4

1:18-19a / O adjetivo determinativo **esta** (de **esta instrução**) aponta para a vanguarda, nesta sentença: Timóteo deve "combater o bom combate" (ECA). Não obstante, ela também aponta para a retaguarda, à incumbência dada antes.

Há diferença de opinião quanto a se a palavra *proagousas* significa **uma vez feita** (NIV; cp. GNB), ou "que houve acerca de ti" (ECA), ou "primeiro te indicaram a mim" (NEB). ECA e NIV são muito prováveis, tanto por causa do prefixo *pro*, quase sempre em referência temporal como (mais importante) porque a questão, no contexto, relaciona-se à lembrança de Timóteo de seu próprio chamado para o ministério, e não ao modo como foi descoberto por Paulo.

Muitos discordariam da interpretação apresentada aqui, que considera 1:18; 4:14; e 2 Timóteo 1:6 como referindo-se à mesma realidade. As objeções surgem de uma aparente necessidade de estabelecer a linguagem de cada passagem com maior precisão. Mas as diferenças nada mais são do que aquilo que comumente acontece quando repetimos várias vezes o mesmo acontecimento, mas assim o fazemos, em cada caso, a fim de enfatizar um ponto diferente. Nada na linguagem é, com efeito, irreconciliável. Além do mais, as próprias diferenças indicam a autenticidade; seria de esperar que um pseudo-epígrafo fosse mais cuidadoso.

O. Bauernfeind *TDNT*, vol. 7, p. 711, sugere que a metáfora militar nesse versículo tem como ponto de partida a "vida humana em geral, e daí também a cristã". Mas isto parece despregar-se do contexto.

1:19b-20 / A natureza e o propósito da "excomunhão" nos três textos pertinentes do NT (2 Tessalonicenses 3:14-15; 1 Coríntios 5:3-5; 1 Timóteo 1:20) é assunto sobre o qual nem todos estão de acordo. Isto se deve em parte à natureza e significado da linguagem usada. Por exemplo, "para destruição da carne" em 1 Coríntios 5:5 refere-se à sua "natureza pecaminosa" (NIV), ou a *castigo físico literal (GNB)*? Nos três casos parece haver uma preocupação claramente redentora. Entretanto, como é que Satanás se encaixa aí? A posição assumida aqui é que Paulo usa linguagem que se tornou semitécnica e, por isso, não afirma literalmente que vai entregá-los a Satanás para "que opere neles", por assim dizer, mas apenas vai afastá-los da igreja, da esfera do Espírito, onde Deus opera ativamente na vida das pessoas. Paulo vai devolvê-los à esfera onde Satanás ainda opera. O que Paulo espera que aconteça exatamente parece muito menos definível do que alguns afirmam.

5. Objetivos Próprios da Oração (1 Timóteo 2:1-7)

Após a incumbência dada a Timóteo no capítulo 1, que indica a presença de falsos mestres como a razão da carta, Paulo passa agora a dar uma série de instruções específicas (2:1-7) sobre os objetivos próprios da oração; 2:8-15 sobre a conduta própria para a oração; 3:1-3 sobre as qualificações da liderança da igreja. Tudo isto leva diretamente a 3:14-15, onde Paulo repete seu propósito de escrever em termos do conhecimento dos crentes sobre a maneira de conduzir-se na família de Deus.

Considerando-se que não há referência *específica* aos falsos mestres, nestas três seções, muitas vezes se sugere que aquilo que está sendo dado nos dois capítulos é um primitivo manual eclesiástico, do tipo que seria necessário para colocar uma congregação em ordem — embora alguns tenham sugerido que o motivo de tal manual teria sido oferecer a ordem na igreja como o antídoto apropriado contra a heresia. De modo geral, porém, o ponto de vista do "manual eclesiástico" vê muito pouco relacionamento entre os capítulos 2 e 3 e a incumbência dada a Timóteo no capítulo 1.

Porém, uma vez que a nova seção começa com a conjunção "pois" (NIV, "então"), implicando um resultado ou inferência daquilo que precede, parece muito mais provável que todo este material seja conseqüência direta do que ficou dito no capítulo 1. Isso significa que essas instruções são mais bem entendidas como reações à presença dos presbíteros heréticos, que arruinavam a igreja com seus erros e controvérsias. Com efeito, Paulo não determina em ponto algum que Timóteo deva pôr a igreja em ordem, como se pela primeira vez. Em cada caso as atividades parecem já estar presentes. O que Paulo está fazendo é outra coisa: Corrigir abusos de vários tipos. Por exemplo, pode admitir-se que os homens orem, e o façam com mãos "santas", não "manchadas" pela ira ou por discussões.

Se assim for, então qual poderia ser o lugar deste primeiro parágrafo na argumentação? A resposta freqüente é que a questão reside no v. 2, que se faça oração a favor dos governantes, de sorte que a igreja desfrute existência pacífica. Tem-se até sugerido que o que está em vista é uma

atitude cristã correta para com o estado. Os vv. 4-7 são vistos, pois, como quase sem relação alguma com esse ponto, mas objetivam elaborar minúcias sobre um ponto secundário, apresentado no v. 1 (que se faça oração **por todos os homens**. Todavia, parece muito mais provável que se trate precisamente do contrário. A preocupação evidente que percorre todo o parágrafo tem que ver com o evangelho para **todos** ("todos os homens", vv. 1, 4-6). Segundo este ponto de vista, a frase **isto é bom**, no v. 3, refere-se à oração **por todos os homens** no v. 1, considerando assim o v. 2 como digressão — embora, como antes (1:12-17), bastante significativa. A melhor explicação para esta ênfase reside com o falsos mestres que, ou através da natureza esotérica, altamente especulativa de seu ensino (1:4-6) ou através do "judaísmo" desse mesmo ensino (1:7) ou do caráter ascético (4:3) estão promovendo uma mentalidade elitista ou exclusivista entre seus seguidores. O parágrafo inteiro ataca essa estreiteza.

2:1 / Embora esta sentença dê início claramente a algo novo, o **pois** (melhor, "portanto") também a vincula ao que se passou antes. Mas o quê? Com toda probabilidade ele percorre todo o caminho de volta à incumbência dada em 1:3, mas agora, por via dos vv. 18-20. O que Paulo diz, pois, é: "Como insisti contigo, permanece em Éfeso para conter os falsos mestres. Agora exorto, portanto, **antes de tudo, que... " O antes de tudo** sugere não tanto que a oração em si mesma seja a primeira coisa que necessita ser discutida, mas que fazer oração de todos os tipos **por** (a favor de) "todos os homens" é a questão de maior importância.

Usam-se quatro diferentes palavras para oração; contudo, as diferenciações muitas vezes feitas em geral são sutilíssimas. O problema de Paulo não é definir ou distinguir os vários tipos de oração que deveriam caracterizar o culto cristão, mas insistir em que **orações** de todos os tipos **se façam ... por todos os homens**, com ênfase em **todos**. Os vv. 3-7 deixam claro este ponto.

2:2 / "Orações" de todos os tipos "por todos os homens" também incluem as autoridades governamentais — **reis e por todos os que exercem autoridade.** Podia ser, é claro, dada a natureza das coisas em Éfeso, que o acréscimo se refira aos que **exercem autoridade** na igreja. Mas o emprego de **reis,** mais o contexto todo, implica que todos quantos governam (o imperador, os oficiais provinciais, os magistrados locais)

são objetos apropriados da oração cristã. Nisto não há nada de novo: Orações e sacrifícios em favor das autoridades pagãs têm longa história no judaísmo (veja nota).

Paulo agora acrescenta um motivo para que se ore em favor das autoridades pagãs: **para que tenhamos uma vida tranqüila e sossegada, em toda piedade e honestidade.** Para muitos eruditos, isto parece terrivelmente burguês, egoísta mesmo. Mas, de novo, talvez reflita as atividades dos falsos mestres, que não somente causam ruptura ("desinquietando") à igreja, mas também levando o evangelho e a igreja a perder sua reputação lá fora (veja esp. 3:7; 5:14; 6:1; cp. Tito 2:5, 8; 3:1-3). O objetivo aqui não é, portanto, que os cristãos tenham uma vida isenta de problemas ou de aflições (o que dificilmente se enquadra no ponto de vista de 2 Timóteo 1:8 e 3:12), mas que devem viver de tal modo que "o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados" (6:1).

Esta maneira de compreender é apoiada por dois outros fatores: Primeiro, em 1 Tessalonicenses 4:11-12 Paulo emprega linguagem idêntica ("Procurai viver quietos") pelo mesmo motivo ("para que andeis honestamente para com os que estão de fora"), onde "intrometidos" estão atrapalhando as coisas (cp. 2 Tessalonicenses 3:11 com 1 Timóteo 5:13); e, segundo, as expressões: em toda piedade *(eusebeia)* e honestidade *(semnotes)*; (melhor, "conduta apropriada", conforme GNB), que é peculiar a essas cartas no conjunto dos escritos paulinos (exceto quanto a Filipenses 4:8, *(semnes)*, relaciona-se com o comportamento que pode ser visto. Nesses pontos, esperaríamos "justiça" *(dikaiosyne)* e "santidade" *(hagiosyne)* em Paulo, se a ênfase fosse sobre nosso relacionamento com Deus ou sobre a justiça interna.

O termo *eusebeia* (paralelamente com seu verbo e advérbio é de crucial importância nessas cartas. Na conversação popular significava mais ou menos o que *religião* significa hoje no linguajar do povo. Para muitos é difícil imaginar Paulo usando tal palavra, que pertence ao helenismo e ao judaísmo helenístico (veja especialmente Eclesiástico e 4 Macabeus), para descrever ou a fé cristã ou o comportamento cristão. Mas a resposta a isto, como se dá com muitos desses termos nas EP (veja a Introdução), está com os falsos mestres. Com toda a probabilidade, esta é a palavra *deles*, que Paulo emprega para neutralizá-los (cp. o uso de *sabedoria* em 1 Coríntios 1-3).

Deveríamos notar também que a atitude para com o estado refletida

nesta passagem está em perfeito acordo com Romanos 13:1-5. A oração em favor de tais autoridades deve ser feita, precisamente, para que os crentes, incluindo os presbíteros, vivam sua fé de modo livre, perante os "de fora" (3:7). Mas esse ponto, não obstante, é ligeira digressão, motivada pela menção de oficiais pagãos.

2:3-4 / Paulo volta agora à sua preocupação central, orações de todos os tipos "por todos os homens". O motivo? Porque Deus **deseja que todos os homens se salvem.** Que **isto é bom, e agradável diante de Deus** podia, naturalmente, referir-se ao conteúdo do v. 2. Mas a cláusula relativa no v. 4 indica outro entendimento. Isto é bom, diz Paulo; isto é, orações "por todos os homens" é bom, e agrada a Deus nosso Salvador, precisamente porque o Deus que nos salvou (nosso Salvador) deseja que sua salvação alcance **todas** as pessoas.

A designação **Deus nosso Salvador** (veja a nota sobre 1:1) acentua que **Deus** é o originador do acontecimento salvífico (cf. Filipenses 1:28; 1 Tessalonicenses 5:9) e que Paulo e a igreja já o experimentaram. Contudo, nem a nossa salvação, nem a de uns poucos elitistas satisfaz a Deus, porque Deus **deseja** que *todos os homens* se salvem e venham ao conhecimento da verdade. O objetivo do texto é claro: O evangelho, por sua própria natureza, conforme Paulo argumentará nos vv. 5-6, é universal em seu raio de ação, e qualquer estreitamento dessa abrangência por uma teologia truncada ou por "doutrinas" que apelam à curiosidade intelectual de uns poucos não é o evangelho de Cristo. E dizer que Deus **deseja** (não que "quer" e, portanto, deve acontecer) que todas as pessoas sejam salvas não implica em que todos (todas as pessoas) serão salvas, em face de 3:6; 4:2; ou 4:10, p. e.), nem em que a vontade de Deus seja de certo modo frustrada, uma vez que nem todas, deveras, são salvas. A preocupação é com a abrangência universal do evangelho em contraste com alguma forma de exclusivismo herético ou estreiteza.

Salvação, nesta sentença, acha-se intimamente vinculada a chegar **ao conhecimento da verdade.** Isso não quer dizer que a salvação já não é uma resposta da fé (veja disc. sobre 1:15-16) mas que, especialmente no contexto dos falsos ensinos, a salvação tem também seu aspecto cognitivo, **ao conhecimento da verdade**, isto é, ouvir e captar a mensagem do evangelho (cp. 3:15; 4:3; 2 Timóteo 3:8; 4:4; Tito 1:1).

2:5-6a / Paulo oferecerá agora como evidência a favor de que "Deus

deseja que todos os homens se salvem" algumas afirmações teológicas comumente sustentadas, talvez oriundas de uma primitiva formação de credo — embora parte da presente linguagem seja dele próprio. A declaração divide-se em três partes: a unidade de Deus, Cristo como mediador, e a morte de Cristo como garantidora da redenção. Deve-se notar que as três partes sustentam a insistência de Paulo quanto à abrangência universal da salvação.

Há um só Deus. Esta declaração reflete a afirmação judaica fundamental acerca de Deus (veja Deuteronômio 6:4; cp. 1 Coríntios 8:4). Sua intenção original no AT era acentuar a unidade de Deus, vis-a-vi o politeísmo em derredor de Israel. Infelizmente, porém, muitas vezes a doutrina chegou a ser usada de modo exclusivista: "Ele é *nosso* Deus e toma cuidado dos seus". Mas, na base da intenção original, e do que Paulo acentua aqui, estava o fato de que **um só Deus** não somente significava que não havia outros deuses, mas que ele é, portanto, **um só** Deus sobre todos os povos.

E há **um só Mediador entre Deus e os homens** (lit., "um só é o Mediador entre Deus e a humanidade"). A pressuposição desta linha em relação com a primeira é a pecaminosidade universal da humanidade, que necessita de ajuda externa a fim de relacionar-se retamente com **um só Deus** a quem ela rejeitou. O problema apresentado aqui não é somente que a raça humana necessita de mediação com Deus (a pressuposição), mas que o próprio Deus a proveu. A palavra "mediador" havia sido algumas vezes aplicada a Moisés no judaísmo (p.e., Fílon, *Moses* 2. 166), como aquele que "mediava" a lei com o povo de Deus, noção a que Paulo parece aludir negativamente em Gálatas 3:19-20. Aqui, ou no próprio credo antes de Paulo usá-lo, o pano de fundo reside na idéia de um "negociador" que "estabelece uma relação que de outra maneira não existiria" (*TDNT*, vol. 4, p. 601). Jesus Cristo é o "Deus Mediador", que reconcilia a humanidade caída com **um só Deus**, a saber, quem medeia **entre Deus e os homens.**

A frase Cristo Jesus, homem acentua tanto a sua total identificação com **todos os homens** como ser ele o único ser humano de quem se podia dizer: ele é **o Homem** *(anthropos*, o termo genérico, e não *aner*, que expressa o gênero masculino). Isto parece refletir o uso que Paulo faz da imagem Adão-Cristo no qual o Senhor se torna o "homem" representativo da Nova Aliança, como Adão o era da Antiga.

O qual se deu a si mesmo em resgate por todos *(todas as pessoas).* Esta cláusula torna explícito o que estava apenas implícito nas duas primeiras cláusulas, revelando o motivo de Paulo citar o todo. O desejo de Deus de que todos sejam salvos evidencia-se no próprio credo, com sua declaração de que a morte de Cristo foi para **todos os homens.** O evangelho, portanto, potencialmente provê salvação para todas as pessoas, porque o auto-sacrifício expiatório de Cristo foi "em favor de" *(hyper)* **todos os homens.** De modo eficaz, é claro, a salvação acaba sendo "principalmente dos fiéis" (4:10).

A cláusula está muito próxima como conceito; não, porém, na linguagem real de Marcos 10:45, e talvez reflita uma forma helenizada desse ditado. Dar-se **a si mesmo** por nós é modo tipicamente paulino de referir-se ao auto-sacrifício de Cristo na cruz (Gálatas 1:4; 2:20; Efésios 5:2). **Como resgate** traduz um substantivo, *antilytron*, que pode significar ou um "resgate" (que envolve "pagamento") ou "redenção" (no sentido do Êxodo de livramento da escravidão). Em Marcos 10:45, e também aqui, a última é preferida (bem como em Tito 2:14).

Como muitas vezes acontece, portanto, quando descreve a obra de Cristo (cp. Romanos 3:24-25; 1 Coríntios 1:29; 6:11), Paulo usa uma rica combinação de metáforas, sendo que esta declaração de credo não constitui exceção. Mas a questão toda é sua potencialidade para **todos os homens.**

2:6b / A vírgula colocada antes das palavras **para servir de testemunho a seu tempo** reflete de modo correto uma tentativa de traduzir bem uma frase difícil, que parece estar em óbvia desconexão gramatical com o que veio antes. Literalmente diz: "testemunho a seu próprio tempo" (aqui o autor emprega o neutro, em inglês, "its" ["seu"] "ou his" ["seu", pronome pessoal masculino] - N. do T.). "Testemunho" evidentemente está em justaposição com o todo dos vv. 5-6a. "A seu tempo", que se repetirá em 6:15 e Tito 1:3, implica que na "história da salvação" o tempo propício para Deus mostrar misericórdia a todas as pessoas acaba de chegar, conforme se testemunhou na morte de Cristo, que foi "por todos os homens".

2:7 / Com um golpe final Paulo sublinha a questão do parágrafo: oração por todos porque Deus quer que todos sejam salvos. Desta vez ele assim o faz reafirmando o propósito de seu próprio ministério. A

sentença está vinculada ao "testemunho" mencionado no v. 6: **Para isto**, a saber, para dar testemunho da obra redentora global de Cristo, o próprio Paulo foi **designado pregador e apóstolo... e mestre dos gentios na fé e na verdade.** A palavra **pregador**, que ocorre somente aqui e na passagem paralela de 2 Timóteo 1:11, nos escritos de Paulo, designa o apóstolo como anunciador de boas novas. Embora ele acompanhe **pregador** com **apóstolo**, a ênfase nesta sentença não recai sobre seu apostolado como tal, mas sobre o fato de ser ele **mestre dos gentios**, o que capta o tema da abrangência universal da redenção. Isto se demonstra pela repentina inserção do protesto: **digo a verdade, não minto** (cp. Romanos 9:1; 2 Coríntios 11:31) antes de **mestre dos gentios.** Tal arroubo enfático, que quase com certeza tenciona acentuar o que se segue, e não o que precede, parece de todo fora de lugar, exceto quanto à necessidade de a igreja em Éfeso ouvir com clareza que o ministério do próprio Paulo como **mestre** (não apóstolo) **dos gentios na fé e na verdade** também demonstra o âmbito universal do evangelho. Esta última frase em particular pareceria sugerir alguma forma de exclusivismo judaico como sendo o âmago do problema (cp. esp. Tito 1:10-16).

A expressão **na fé e na verdade** no final da frase na versão ECA aparece como tentativa de clarificar uma conclusão desta sentença, que me parece obscura. A expressão literalmente diz: "mestre dos gentios na fé e na verdade", como na ECA. Pode referir-se ou à maneira de Paulo cuidar de seu ministério (mestre fiel, cheio de integridade) ou à esfera desse ministério (mestre dos gentios quanto à fé e à verdade). Embora a primeira se ajuste bem à ênfase da sentença, é mais provável que Paulo tenciona a última (cp. o uso de "verdade" no v. 4), a fim de que a sentença termine não sobre uma observação acerca de si mesmo, mas do seu evangelho. Desse modo, a NIV toma as duas palavras como sendo quase iguais, **a verdadeira fé,** que neste caso devem ser entendidas como para contrastar com o exclusivismo dos falsos mestres.

Embora não seja a questão exata de Paulo neste parágrafo, essas palavras funcionam como uma das mais significativas passagens sobre missões/evangelização do NT. O motivo de Paulo ser **designado pregador** das boas novas aos gentios é o mesmo por que a igreja deve sempre estar envolvida em missões. É inerente ao próprio caráter de Deus, **o qual deseja que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade**, e inerente à obra redentora de Cristo, **o qual se deu a si mesmo**

em resgate por todos. É, portanto, incumbência do povo de Deus proclamar as boas novas.

Notas Adicionais #5

2:1 / As primeiras três palavras traduzidas por oração neste versículo podem ter matizes e sentido ligeiramente diferentes, mas na realidade as três apenas significam "oração". As duas primeiras, *deesis* e *proseuche,* são sinônimos intercambiáveis no NT (p.e., cp. 1 Tessalonicenses 1:2, *proseuche*, com Filipenses 1:4, *deesis*; e quando aparecem separadas, são traduzidas por "oração". A palavra que significa **intercessão** aparece de novo em 1 Timóteo 4:5 e geralmente é traduzida por "oração" (embora o contexto dê a entender que a oração é de ações de graças!). Nesta lista, porém, ela pode bem inclinar-se para "intercessão". **Ações de graças** *(eucharistiai)* é expressão sugerida para referir-se à eucaristia, mas é certo que se trata de anacronismo. A mais antiga tentativa para traçar linhas tênues entre essas palavras foi feita por Orígenes, *On Prayer* 14; ele foi seguido, dentre outros, por Bernard, Hendriksen e Barclay.

A ênfase clara do parágrafo paulino reside no âmbito universal da salvação, como se vê na repetição de *pantas* ("todos os homens") nos três pontos-chave do parágrafo (vv. 1, 4, 6). Seria discriminação sexual enganosa e desnecessária alguém imaginar que ECA e NIV (bem como outras versões) traduzam **todos os homens** nos vv. 1, 4 e 6 não incluindo as mulheres.

2:2 / Os textos judaicos seguintes falam sobre os judeus orando, ou oferecendo sacrifícios, em favor das autoridades: Esdras 6:9-10; 1 Macabeus 7:33; *Letter of Aristeas* 44-45; *Pirke Aboth* 3:2; Jos. *Wars* 2. 196. Veja também autores cristãos do 1º e do 2º séculos: 1 Clemente 60:4-61:1; Tertuliano, *Apologia* 30.

2:3-4 / Há, naturalmente, uma longa história de ênfase teológica na igreja gerada por esta sentença. Grande parte dela procede do ponto de vista agostiniano-calvinista, que parece estar em desacordo com o sentido claro do texto. Várias sugestões têm sido apresentadas, como **todos** significando "todos os tipos de" (isto é, pessoas de todas as raças e situações) ou "todos os eleitos". Grande parte desta discussão tem sido levada adiante à parte do contexto de Paulo e, por isso, supõe que o texto deve ter em vista algum tipo de pronunciamento teológico, ou então que determinado autor já teria à mão sua própria teologia, antes de abordar o texto, sendo a exegese aqui apenas uma escaramuça contra o texto. Tudo se aplica ao v. 6 também.

2:5-6a / Na segunda linha do credo, a estrutura do grego que, como em nossa "tradução" literal, tem a partícula *kai* ("e", "também") após a palavra **um**, permite a possibilidade de a declaração enfatizar a divindade de Cristo. Isto é, o **um só Deus** e **também** o único mediador, com o nome **Cristo Jesus, o homem** encarece sua humanidade. Veja I. H. Marshall, "The Development of the Concept of Redemption in the New Testament", p. 166.

Para análise das palavras "resgate, redenção" no NT, veja L. L. Morris, *The Apostolic Preaching of the Cross*, pp. 9-59; D. Hill, *Greek and Hebrew Meanings*, pp. 49-81, cuja influência se evidencia nessas páginas, e o ensaio de Marshall acima mencionado.

2:7 / Há um **eu** enfático na sentença de Paulo aqui (oculto na ECA), mas o verbo está na voz passiva, indicando que seu ministério não foi de sua própria escolha, mas de Deus.

6. Comportamento Apropriado na Oração (1 Timóteo 2:8-15)

Neste parágrafo Paulo continua suas instruções acerca de "orações", iniciadas no v. 1. Mas agora o interesse se volta para o comportamento apropriado da parte de "quem ora". Pórém, *por que* esse interesse, e por que desta maneira? E por que um texto tão longo dedicado às mulheres, em comparação ao destinado aos homens? De novo, a solução relaciona-se aos falsos mestres. A palavra dirigida aos homens é uma reação óbvia às fábulas e controvérsias entre eles. A palavra dirigida às mulheres pode, portanto, supor-se estar relacionada a este conflito. Como, porém?

A resposta está bem à mão — em 5:3-16 e em 2 Timóteo 3:5-9. É evidente da última passagem que os falsos mestres encontram melhor audiência entre algumas mulheres "néscias, carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências; que aprendem sempre, mas nunca podem chegar ao conhecimento da verdade". De acordo com 1 Timóteo 5, entre essas mulheres estão algumas viúvas mais moças, do tipo que "vive em prazeres" (v. 6), tornaram-se "faladeiras e intrigantes", *falando o que não devem* (v. 13), e agindo assim trazem descrédito ao evangelho (v. 14). Algumas delas, diz Paulo, "já se desviaram, indo após Satanás" (v. 15; cp. 2:14 e 4:2). Seu conselho ali é semelhante ao dado aqui. Elas devem casar-se (cp. 4:3), ter filhos (cp. 2:15), e cuidar de seus lares (5:14). Dentro desse contexto, tanto as instruções acerca de vestir-se com modéstia, acerca de não ensinar nem exercer autoridade sobre os homens, bem como a ilustração de Eva, que foi de modo semelhante enganada por Satanás, além da instrução final do v. 15, tudo isso faz sentido.

Se qualquer destas instruções também se relaciona com a predominância de mulheres no culto local de Artemis (veja disc. sobre 1:3), é ponto discutível, mas certamente possível.

2:8 / Esta sentença vincula-se ao que a precede, pela conjunção *oun* ("pois"), não traduzida na NIV (talvez em virtude de ser entendida como transicional). "Pois", diz Paulo, "enquanto tratamos do assunto, quando as pessoas se reúnem para orar, tenham certeza de que é para oração e

não em **ira nem contenda**". Isto é, a instrução não é que os homens *devem* orar, nem que *somente* os homens devem orar, nem ainda que devam fazê-lo com mãos levantadas, mas que, *quando* orarem, devem fazê-lo sem engajar-se em controvérsias.

Isto deve ser assim em **todo lugar**, isto é, "por toda a parte onde os crentes se reúnem em Éfeso e ao redor de Éfeso" (as igrejas-lares). **Levantar mãos santas** enquanto **se ora** é a postura suposta para a oração, quer no judaísmo, quer no cristianismo primitivo (veja nota). A imagem é da pureza ritual, mãos limpas antes de orar, e a referência é a não serem "contaminadas" por **ira nem contenda**, os pecados peculiares dos falsos mestres.

2:9-10 / Paulo volta-se a seguir para as **mulheres** (sem o artigo definido, no grego, implicando um contexto mais amplo do que meramente esposas). A preocupação, antes de tudo, tem que ver com seus vestidos e comportamento. Não é fácil, da posição vantajosa em que nos encontramos, entender o motivo dessa preocupação, mas é provável que se relacione com tornarem-se elas "levianas contra Cristo" (5:11, ECA) e "levadas de várias concupiscências" (2 Timóteo 3:6). Há grande agregado de evidências, tanto helenísticas quanto judaicas, que fazem os "vestidos dispendiosos" das **mulheres** equivaler à leviandade sexual, ou à insubordinação conjugal (veja nota). Em verdade, para uma mulher casada apresentar-se em público dessa maneira equivalia à infidelidade marital (veja, p.e., *Sentences of Sextus* 513: "Uma esposa que gosta de adorno não é fiel"). Dado o estreito vínculo aqui entre quinquilharias (vv. 9-10) e a necessidade de aprender "com toda a submissão" (v. 11, ECA), o mais provável é que Paulo esteja considerando as ações de algumas mulheres de dentro desta mesma estrutura cultural geral (veja disc. sobre 2 Timóteo 3:6-7).

Assim, as mulheres devem **ataviar-se com traje decoroso, com sobriedade**. Há inerente nesta última palavra o uso de "bom senso" na questão de vestir-se. Define o apóstolo mais especificamente que a mulher não deve usar **tranças** (lit., "cabelo frisado"; cp. 1 Pedro 3:3, e Juvenal, citado na nota), **ou com ouro, ou pérolas** (veja Juvenal) **ou vestidos dispendiosos.**

Em verdade, as mulheres crentes devem "revestir-se" de coisas melhores — de boas obras, as quais mais adiante serão definidas como, entre outras coisas, criar filhos (5:10). O ponto em questão é que a "sã

doutrina" (veja disc. sobre 1:10) tem que ver com a conduta **que convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus**, não a conduta imodesta ou indecente, característica de mulheres cujo intento é a sedução.

2:11-12 / Paulo agora passa ao outro aspecto do problema da imodéstia, a tendência à insubordinação. A **mulher aprenda em silêncio com toda a submissão.** Ao dizer **a mulher aprenda**, Paulo pressupõe que as mulheres faziam parte da adoração pública e estavam incluídas na instrução. É simplesmente ir longe demais argumentar a partir daí que com isso Paulo esteja ordenando que elas sejam ensinadas, inaugurando dessa maneira uma nova era para as mulheres. O restante dos dados no NT deixa claro que isto já havia acontecido entre a maioria dos cristãos.

Porém, ela (o texto grego usa o singular a partir deste versículo até ao meio do v. 15) deve **aprender** não "em silêncio" (isto é, sem falar), conforme interpretariam alguns (p.e., GNB), mas "num comportamento tranqüilo" (cp. a mesma palavra em 2:2 e a evidência de 1 Coríntios 11). Uma vez que esta é a primeira coisa dita sobre as mulheres e a última coisa dita no v. 12, parece claro que a ênfase recai aqui. Com maior probabilidade, neste contexto a ênfase é contra a mulher estar "em evidência", falando tolices, ou "sendo intrometida" (5:13). Seu aprendizado "em quietude" é ademais qualificado com as palavras **com toda a submissão** ("sendo submissa de todos os modos"). Paulo não diz a quem ela deve ser submissa. Por causa do exemplo de Adão e Eva, que se segue, muitas vezes se sugere que aqui ele se dirige às esposas com vistas a seus maridos. Mas a implicação da palavra **toda** ("de todas as maneiras concebíveis") talvez tenha em vista uma frente maior, que inclua a conduta das viúvas mais moças e o andar elas "de cada em casa [igrejas-lares?]; e não somente ociosas mas... falando o que não devem" (5:13).

O v. 12, que começa com as instruções pessoais do próprio Paulo (**não permito**; melhor, "não estou permitindo", implicando instruções específicas para esta situação), retoma os três itens do v. 11 e os apresenta com mais algum detalhe. **Não permito que a mulher ensine** corresponde a **a mulher aprenda em silêncio.** Grande parte do problema da igreja em Éfeso residia no ensino. Os presbíteros transviados são mestres (1:3; 6:3); os presbíteros "dignos", para os quais talvez Timóteo deva servir de modelo (4:11-16; cp. 2 Timóteo 2:2), são "aqueles cujo trabalho é

ensinar" (5:17). Em verdade, nessas cartas Paulo se intitula a si mesmo mestre (2:7). Mas aqui ele está proibindo que as mulheres **ensinem** na igreja ou nas igrejas-lares de Éfeso, embora em outras igrejas elas profetizem (1 Coríntios 11:5) e talvez ministrem ensino de tempos em tempos (1 Coríntios 14:26), e em Tito 2:3-4 as mulheres mais velhas devem ser boas mestras das mais jovens.

Parte do problema visto desta distância é saber o que envolvia "ensinar". A evidência de 1 Coríntios 12-14 indica que "ensinar" pode ser apresentado como dom espiritual (14:6, 26); ao mesmo tempo, alguns da comunidade são conhecidos especificamente como mestres (cp. Romanos 12:7), embora também se ministre instrução em particular (Atos 18:26; aqui por uma mulher). Em virtude da evidência e do que podemos recolher das presentes epístolas, muito talvez o ensino relacione-se com instrução nas Escrituras, isto é, as Escrituras apontando para a salvação em Cristo (cp. Timóteo 3:15-17). Se for isso que está sendo proibido (e certamente não temos como sabê-lo com certeza, aqui), então isso talvez se deva ao fato de algumas delas terem sido terrivelmente enganadas pelos falsos mestres, que estão violando o AT (cp. 1:7; Tito 3:9). Pelo menos esse é o ponto que Paulo retomará nos vv. 14 e 15.

Tal entendimento tem apoio adicional por ser proibido à mulher **exercer autoridade sobre o homem**, o que corresponde a ser ela "submissa de todos os modos" no v. 11. A palavra traduzida por **autoridade**, que ocorre somente aqui no NT, tem conotação de "dominar". No contexto, talvez ela tenha de novo reflexos sobre o papel que as mulheres desempenham na promoção dos erros — ou controvérsias — dos falsos mestres e, portanto, tal papel deve ser entendido junto com a proibição contra ensinar. Antes, conclui Paulo, **a mulher aprenda**, não **em silêncio**, mas "em conduta tranqüila", o que repete exatamente a frase preposicional do v. 11. Desse modo, algum tipo de comportamento destruidor, que talvez incluísse afirmação arrogante e heresias, parece estar por trás dessas instruções.

2:13-14 / Paulo volta-se agora para as Escrituras a fim de apoiar o que foi dito nos vv. 9-12 (não simplesmente vv. 11-12). Contudo, ele não o faz à sua maneira usual, citando as próprias Escrituras, mas referindo-se a duas realidades das narrativas de Gênesis 2 e 3. Em primeiro lugar ele observa que **Adão foi formado primeiro, depois Eva.** Conquanto ele não o diga de modo explícito , nem esteja implícito no texto de Gênesis

2, parece que a prioridade de Adão na criação é vista como apoio da necessidade de a mulher vestir-se modestamente e viver "em conduta tranqüila". Parece que Paulo apresentara um ponto semelhante em 1 Coríntios 11:8-9, embora ali o contexto não traga nenhuma sugestão de submissão, e nos vv. 11-12 ele qualifica de maneira incisiva os vv. 8-9 para que não sejam mal aplicados. O caso é que Paulo aqui não explica nem se esmera; ele apenas declara os fatos da ordem na criação.

Contudo, Paulo esmera-se em seu segundo ponto, baseado na declaração de Eva em Gênesis 3:13, de que ela **foi enganada** pela serpente. Uma vez que a sentença concludente no v. 15 segue-se direto do seu engano e subseqüente queda no pecado, este parece ser o motivo básico para o apelo ao relato do Gênesis. Visto que Adão serviu alhures como o homem representativo, através de cujo pecado toda a raça humana caiu em condição pecaminosa (Romanos 5:12, 19), assim aqui Eva serve como a mulher "representativa", que através de seu engano por Satanás "caiu em pecado" (lit., "veio a estar em transgressão"). De igual modo, é através dos enganos dos falsos mestres, eles mesmos envolvidos em "coisas ensinadas por demônios" (4:1), que algumas mulheres já "se desviaram indo após Satanás" (5:15). Dizer que **Adão não foi enganado** significa, tão-somente, que ele não foi enganado pela "serpente". Mas Eva foi, e isso resultou na sua queda.

2:15 / Paulo agora concluirá sua instrução sobre as mulheres trançando os fios soltos, isto é, retomando diversas partes integrantes de vv. precedentes. Em assim fazendo, ele se expressa de um modo que tem causado problemas para gerações de cristãos, porque seu ensino parece tão contraditório à sua própria teologia, por um lado e, por outro, humilhante para as mulheres. Mas, como conclusão deste argumento neste contexto, com efeito, o ensino paulino faz bom sentido.

Havendo dito que a **mulher sendo enganada**... e por isso caiu em pecado, ele agora diz: **Todavia salvar-se-á**... Há, aqui, uma mudança sutil de Eva para as mulheres de Éfeso. O sujeito do verbo **salvar-se-á** é, com efeito, **a mulher** do v. 14 (veja nota b do texto da NIV sobre o v. 15). Obviamente Paulo não está falando acerca da salvação de Eva, mas "da mulher" em Éfeso; donde a mudança de volta ao plural no meio do v. 15. De modo que **salvar-se-á** é que tem criado problemas — **dando à luz filhos**! Pelo parto. É isso que ele quer dizer? Muitos têm dito que não, e têm proposto como alternativa que a cláusula signifique "será

conservada segura através do parto" (p.e., NIV, GNB margem). Mas, além de tal interpretação não ser fiel à realidade — muitas mães cristãs têm morrido de parto — o uso que Paulo faz do verbo **salvar-se** no texto destas cartas desautoriza tal interpretação (ele sempre quer dizer redenção do pecado para a vida eterna, como em 1:15-16 e 2:4). De mais a mais, ele emprega uma palavra inteiramente diferente para a idéia de ser "conservada segura" em suas cartas (veja, p.e., 2 Timóteo 3:11 e 4:18). Uma segunda proposta é que elas serão salvas dos erros mencionados nos vv. 11-12. Todavia, além de ter contra si os mesmos contra-argumentos da primeira alternativa, é quase inconcebível que Paulo usasse o verbo **salvar-se** de modo absoluto, conforme ele faz aqui, sem algum qualificativo (p.e., "dos erros"), se ele tencionava referir-se aos vv. 11-12. Uma terceira alternativa é que "dando à luz filhos" deveria traduzir-se mediante *o* parto, isto é, mediante o fato de Maria ter dado à luz a Jesus, revertendo dessa maneira o papel de Eva ao referir-se ao assim chamado *protoevangelium* de Gênesis 3:15. Contudo, esta é uma forma obscura de enunciar a doutrina e, além disso, em parte alguma Paulo dá a entender que a salvação se efetua pela encarnação ou por ação de Maria (visto que a palavra "filhos", em nenhuma circunstância, pode ser esticada para significar "filho de Maria".) De mais a mais, a expressão "dar à luz filhos" sempre se relaciona com o fato de gerar e dar à luz vários filhos, e não com um único nascimento, isto é, as palavras "dar à luz filhos" têm que ver com o processo de "gerar e parir filhos" e não com o substantivo singular "nascimento" ou "criança"). Deveríamos notar, também, que em parte alguma, em toda a interpretação judaica, alguma vez Gênesis 3:15 fosse entendido como significando outra coisa senão a inimizade natural entre os seres humanos e os répteis venenosos. A mais antiga interpretação cristã deste texto referindo-se à morte de Cristo provém de Irineu, no segundo século.

O mais provável é que Paulo tenha em mira a salvação da mulher das transgressões motivadas por engano semelhante, levando-a à vida eterna, isto é, salvação que deve encontrar-se em ser ela mulher modelo, piedosa, conhecida por suas boas obras (v. 10; cp. 5:11). E suas boas obras, de acordo com 5:11 e 14, incluem casamento, gerar filhos ("dando à luz filhos") e manter um bom lar. O motivo de Paulo dizer da mulher que **salvar-se-à** é que ele disse antes: "a mulher... caiu em pecado".

Mas Paulo nunca deixaria a questão nesse ponto, como se a salvação

fosse alcançada por esta "boa ação", por isso imediatamente ele qualifica: "contanto que, naturalmente, ela já seja uma mulher verdadeiramente cristã", isto é, **se permanecer com sobriedade na fé, no amor e na santificação**. É aqui, obviamente, onde em última análise está a sua salvação, como Paulo sempre ensina. Supõe-se que tal mulher já tem **fé**, que está ativando **amor** e **santificação.** Mas o contexto da carta e o presente argumento em particular criaram este modo inusitado de enunciar a doutrina. Contudo, nem mesmo no fim perdeu Paulo de vista o ponto de partida, de modo que ele acrescenta: **com decoro**. ECA elimina estas palavras. ERA traz "com bom senso".

Como se dá, portanto, com a instrução sobre os objetivos próprios da oração (todas as pessoas), assim se dá com o comportamento próprio na oração (homens sem controvérsias; enquanto a conduta das mulheres na comunidade que adora deve ser tranqüila), o motivo dessas instruções especiais deste modo particular é mais compreendido como reação às atividades e aos ensinos dos presbíteros transviados.

Notas Adicionais #6

2:8 / O **em todo lugar** da ECA talvez pretenda sugerir "em todas as igrejas universalmente". Mas quando Paulo tem isso em mira, geralmente ele o diz (1 Coríntios 11:16; 14:33). Ademais, aquela forma de interpretar parece perder totalmente o alvo proposto por Paulo. Talvez se trate de referência às igrejas-lares em Éfeso e arredores.

Para referências à oração com as mãos levantadas, no judaísmo, veja, entre outras passagens: 1 Reis 8:54; Salmos 63:4; 141:2; 2 Macabeus 14:32; Fílon, *121*; Jos., *Antiquities* 4. 40; quanto ao cristianismo primitivo, veja esp. Tertuliano, *On Prayer* 17.

2:9-10 / Quanto a tão-somente um exemplo desta perspectiva, veja *Satire* 6, de Juvenal: "Nada há que uma mulher não se permita fazer, nada que ela considere vergonhoso, quando circunda o pescoço com esmeraldas verdes e prende enormes pérolas a suas orelhas alongadas.... Tão importante é o negócio do embelezamento; tão numerosas são as ondas, os cachos, os topetes empilhados na cabeça!... Enquanto isso, não dá atenção ao marido" (Loeb, pp. 121ss.) Cp., entre outros, 1 Enoque 8:1-2; Testamento de Rúben 5:1-5; Ps-Phintys 84-86; Perictione 135; Sêneca, *To Helvia 16:3-4;Plutarco 26. 30-32; Sentences of Sextus* 235.

As palavras **tranças** e **ouro ou pérolas** podem vir juntas e relacionadas com cabelo penteado com esmero, formando castelinho na cabeça, decorado com ouro e pérolas. Veja J. B. Hurley, *Man and Woman in Biblical Perspective*, pp. 198-199.

2:11-12 / Ao exigir que a mulher aprenda em silêncio, ou "tranqüila", dificilmente Paulo estaria adotando uma atitude como a de Plutarco: "A fala da mulher também não deve ser para o público... porque a mulher deve conversar com seu marido ou por meio dele" (26:30-32, Loeb). A opinião de Plutarco relacionava-se a todas as mulheres em todas as circunstâncias públicas. A declaração de Paulo de modo especial relaciona-se com o problema em Éfeso. Obviamente ele não firmou esta posição acerca das mulheres em geral (veja, e. g, Romanos 16:1-3; Filipenses 4:2-3).

Ao dizer "não estou permitindo", Paulo enfoca particularmente a situação em Éfeso. Linguagem como esta, bem como o "quero" no v. 8, carece de qualquer senso de imperativo universal para todas as situações. Isto não quer dizer que ele não considere sua palavra como investida de autoridade, mas que não foi dada a ela o ímpeto de um imperativo universal (cp. 1 Coríntios 7:25).

Alguns há que vêem a palavra **autoridade**, aqui, com referência à autoridade jurídica na igreja ou na transmissão do ensino autorizado da igreja, mas esse ponto de vista supõe uma estrutura muito mais avançada do que realmente aparece nessas cartas. É grande exagero de um ponto simples, a saber, que o papel da mulher na comunidade que adora deve ser desempenhado "em silêncio", em "conduta tranqüila".

A questão hermenêutica no que tange a esses vv., ou se aplicam a todas as situações todas as vezes, é questão ainda não encerrada. Quanto à opinião de que o assunto já está fechado, veja D. J. Moo, "I Timothy 2:11-15. Meaning and Significance", e J. B. Hurley, *Man and Woman in Biblical Perspective*. Quanto à opinião divergente, veja P. B. Payne, "Libertarian Women in Ephesus: a Response to Douglas J. Moo's Article", e G. D. Fee e D. Stuart, *How to Read the Bible for All Its Worth*, pp. 57-71. É de interesse notar que os que pensam que esses versículos são de aplicação universal, muito embora o restante do NT indique aplicação tópica (Éfeso), não sentem a mesma ênfase quanto ao casamento de viúvas mais moças, conforme 5:14, que começa do mesmo modo que este parágrafo ("quero").

2:13-14 / O argumento muitas vezes apresentado de que a "ordem da criação" precede a queda e, portanto, tem precedência eterna, não é apresentado por Paulo (nem por Moisés), nem é relevante, visto que *não* é essa a preocupação do apóstolo aqui. Ao contrário, Paulo está preocupado com o subseqüente engano da mulher e sua queda no pecado.

O "engano de Eva" teve longa história de interpretação especulativa no judaísmo, algumas vezes visto como sedução sexual por parte da serpente (p.e., 2 Enoque 31:6; 4 Macabeus 18:6-8; *Yebamoth* 103b; *Rabbah Genesis* 18:6) e noutras vezes como resultado de ser ela o sexo mais fraco (p.e., Fílon, *Question on Genesis* 1:33, 46; *Pirke Rabbi Eliezer* 15ª.

Ainda que Paulo conhecesse essas tradições, aqui ele não faz alusão a elas. Ele só está interessado no fato de que ela foi enganada, como ilustração vital do problema em mãos. Observe o uso comparável que ele faz desse fato em 2 Coríntios 11:3.

2:13 / Para discussão recente e proveitosa das várias opções para interpretar-se este versículo, veja D. J. Moo, "I Thimothy 2:11-15", pp. 71-73.

7. Qualificações dos Presbíteros (1 Timóteo 3:1-7)

Até este ponto Paulo falou de algumas preocupações concernentes à comunidade, no culto, e corrigiu alguns abusos gerados pelas atividades dos presbíteros heréticos. Agora, ele se volta para os próprios presbíteros e estabelece algumas qualificações para o "ofício".

Ele começa, nos vv. 1-7, com um grupo chamado *episkopoi* ("supervisores"); a seguir, nos vv. 8-13, passa para um grupo chamado *diakonoi* ("servos", "diáconos"), com uma nota também sobre algumas mulheres no v. 11. É de todo provável que *ambos* os ofícios, o de presbítero (supervisor) e o de "diácono" estejam sob a categoria mais ampla *presbyteroi* ("anciãos", ou "presbíteros"). Em qualquer caso, a evidência que temos de Atos 20:17 e 28, e de Tito 1:5 e 7 indica que os termos *episkopoi,* "supervisores" (Atos 20:28; Tito 1:7), e *presbyteroi* , "presbíteros", "anciãos" (Atos 20:17; Tito 1:5), são parcialmente intercambiáveis. Assim, pelo menos os supervisores *(episkopoi)* deste primeiro parágrafo são presbíteros da igreja. (Para breves comentários sobre a ordem da igreja primitiva, veja a Introdução.)

Convém notar que em contraste com Tito (1:5), Timóteo não foi deixado em Éfeso para *designar* presbíteros. Em verdade, tudo em Timóteo, bem como a evidência de Atos 20, indica que já havia presbíteros nessa igreja. Por que, pois, *esta* instrução? Novamente, a evidência aponta para o caráter e para as atividades dos falsos mestres. Quanto a isto, duas coisas devem ser notadas: Primeira, muitos dos itens constantes da lista estão em nítido contraste com o que está escrito algures na carta acerca dos falsos mestres. Segunda, a lista em si tem três aspectos notáveis: (1) Ela dá as qualificações, e não os deveres; (2) a maioria dos itens reflete o comportamento exterior, observável; e (3) nenhum dos itens é distintamente cristão (p.e., amor, fé, pureza, perseverança; cp. 4:12; 6:12); antes, refletem os mais elevados ideais da filosofia moral helenística. Uma vez que a passagem toda aponta para o v. 7, com o qual conclui, isto é, concerne à reputação da igreja entre os estranhos, isto sugere que os falsos mestres traziam, por seu comportamento, infâmia ao evangelho. Portanto, Paulo está preocupado não somente em que os presbíteros tenham virtudes cristãs (estas são presumidas), mas que

também reflitam os mais elevados ideais da cultura.

Se estivermos corretos em identificar os falsos mestres como sendo presbíteros, o motivo por que Paulo estabelece este conjunto de instruções é que Timóteo deve cuidar de que os presbíteros vivam à altura de sua designação, isto é, por esses padrões. Ao mesmo tempo, é claro, a igreja toda estará ouvindo e, desse modo, recebendo as bases para disciplina dos presbíteros transviados, bem como para a substituição deles (cp. 5:22, 24-25).

3:1 / A seção começa com nossa segunda **palavra fiel** (ditado, 1:15). Visto que a **palavra** em si pareceria um tanto pedante e porque o verbo "salvar" (cp. 1:15) surge em 2:15, alguns têm alegado que o versículo precedente é **a palavra fiel digna de toda a aceitação.** Porém, 2:15 não tem as características de "ditado", enquanto 3:1 tem, a despeito de seu conteúdo nada ter que ver com o credo. Talvez se tenha exagerado o conceito de "ditado", como se todos os "ditados" ou palavras dignas "de toda aceitação" estivessem circulando abertamente na igreja (como 1:15 talvez circulasse). Mais provável é que tais palavras se tenham tornado para Paulo uma espécie de fórmula de reforço: "O que vou dizer tem importância especial", ou, "pode ser aceito em geral como verdadeiro".

A palavra fiel em si é: **se alguém aspira ao episcopado, excelente obra deseja.** Parece emprestar algum crédito ao ponto de vista comumente aceito de que as pessoas estavam "candidatando-se ao cargo". Mas não existe nenhuma outra evidência no NT de que as pessoas "aspirassem a" posições de liderança na igreja. A pouca evidência que temos implica que os chefes de famílias dentre os mais antigos convertidos eram normalmente designados para tais posições (Atos 14:23; cp. 1 Coríntios 1:16 e 16:15-16).

A palavra fiel, com efeito, concentra-se menos na *pessoa* e mais no cargo. Portanto, Paulo não está elogiando as pessoas que têm grande desejo de tornar-se líderes; ao contrário, ele está dizendo que o cargo de presbítero (**episcopado**) é questão sobremodo significativa, uma **excelente obra,** que deveria ser, na verdade, o tipo de tarefa à qual uma pessoa podia aspirar. Assim, a despeito das atividades de alguns, não é por essa razão que ele vai negar o cargo em si.

3:2-3 / Considerando-se que aspirar **ao episcopado** é aspirar **excelente**

obra, Paulo está interessado em que os presbíteros em Éfeso manifestem vidas verdadeiramente exemplares. **O bispo**, portanto, **deve ser irrepreensível**. Isso pareceria *excluir* qualquer aspirante ao cargo! A expressão **irrepreensível**, porém, que se repete com referência às viúvas em 5:7 e ao próprio Timóteo em 6:14 (num contexto escatológico), relaciona-se com a conduta *observável* irrepreensível. Parece que o termo foi criado de modo que cobrisse a seguinte lista de onze virtudes ou qualidades (na maioria, palavras no singular, no grego), que deveriam caracterizar um **bispo**.

O primeiro item da lista, **marido de uma só mulher**, é uma das frases verdadeiramente difíceis das EP (cp. 3:12; 5:9, sobre as "verdadeiras" viúvas, e Tito 1:6). Há, pelo menos, quatro opções: Primeira, poderia exigir que o supervisor fosse casado. O apoio encontra-se no fato de que os falsos mestres proíbem o casamento, e Paulo insiste no casamento para as viúvas desviadas (5:14; cp. 2:15). Mas contra esta interpretação verifica-se que ela enfatiza o termo **é necessário** e a palavra **mulher,** enquanto o texto enfatiza a palavra **uma**. Talvez Paulo e Timóteo não fossem casados, e tal interpretação estaria em contradição com 1 Coríntios 7:25-38. Ademais, havia um pressuposto cultural segundo o qual as pessoas, em sua maioria, deveriam ser casadas.

Segunda, talvez o texto esteja proibindo a poligamia. Isto se acentua de modo correto pela expressão **uma só mulher**; contudo, a poligamia era característica tão rara na sociedade pagã que tal proibição seria insignificância inaplicável. De mais a mais, não pareceria ajustar-se à frase idêntica usada com referência às viúvas em 5:9.

Terceira, poderia estar proibindo um segundo casamento. Tal interpretação conta com o apoio de muitos dados: Ajustar-se-ia às viúvas de modo especial. Todos os tipos de evidência louvam as mulheres (a elas de modo especial e às vezes também os homens) que "se casaram uma única vez" e permaneceram "fiéis" a esse casamento, depois que seus parceiros morreram. Esta perspectiva proibiria, pois, o segundo casamento após a morte do cônjuge, mas também proibiria, é óbvio — talvez de modo especial — o divórcio e o novo casamento. Alguns eruditos (p.e., Hanson) tratam do texto como referindo-se somente a esta última interpretação.

Quarta, talvez o texto esteja exigindo fidelidade marital a **uma só mulher** (cp. GNB: "fiel à sua única esposa"). Neste caso, exige-se do

bispo que viva uma vida matrimonial exemplar (o casamento fica implícito), fiel a **uma só mulher** numa cultura em que a infidelidade marital era comum e, às vezes, implícita. Seria, é natural, um meio de se eliminar a poligamia e o divórcio e novo casamento, mas não eliminaria, necessariamente, o novo casamento de um viúvo (embora esse ainda não fosse o ideal paulino; cp. 1 Coríntios 7:8-9, 39-40). Embora ainda haja muito que ser dito a favor de um ou de outro entendimento da terceira opção, a preocupação de que os líderes da igreja vivam vida matrimonial exemplar parece ajustar-se melhor ao contexto — dada a aparente desvalorização do casamento e da família apregoada pelos falsos mestres (4:3; cp. 3:4-5).

A próxima palavra, **vigilante**, muitas vezes se relaciona, no grego, ao uso de bebidas alcoólicas. Contudo, uma vez que está dito de modo específico no v. 3, **não dado ao vinho**, o termo **vigilante** talvez esteja sendo usado de maneira figurada, significando: "livre de todas as formas de excesso, paixão ou temeridade" (cp. 2 Timóteo 4:5). O bispo deve também ser **sóbrio** e **honesto**, palavras que muitas vezes ocorrem juntas nos escritos pagãos como elevados ideais de comportamento. Portanto, um líder cristão deve estar acima, e não abaixo, desses ideais.

É necessário que ... o líder da igreja **seja** ... também **hospitaleiro**. Esta era, de igual modo, uma virtude grega, mas constituía a expectação extrema de todos os cristãos da igreja primitiva (cp. 5:10; Romanos 12:13; 1 Pedro 4:9; Aristides, *Apology* 15. De igual modo... é necessário... que ele também **seja apto para ensinar**. Este é o único item da lista que também implica deveres, assunto que se tornará claro em 5:17. Este adjetivo se repete em 2 Timóteo 2:24 e Tito 1:9, cujos contextos sugerem que **apto para ensinar** significa capacidade tanto para ensinar a verdade como para refutar o erro.

Ao acrescentar: ... **é necessário, pois, que o bispo seja não dado ao vinho**, está Paulo também estabelecendo um contraste com os falsos mestres? Talvez não, em face do ascetismo observado em 4:3. Todavia, pode ser que tenham sido ascetas acerca de determinados alimentos, mas beberrões de vinho bastante indulgentes. Em qualquer caso, a embriaguez era um dos vícios comuns da antigüidade, e poucos autores pagãos a verberam de modo aberto — somente contra outros "pecados" que pudessem acompanhá-la (violência, repreensão e xingação pública dos escravos, etc.). O **bispo** não tem de ser, necessariamente, abstêmio

(5:23), mas tampouco deve ser **dado ao vinho** (cp. 3:8; Tito 1:7); o alcoolismo é condenado nas Escrituras de modo insistente.

As próximas três qualidades talvez andem juntas e, deveras, parecem refletir o comportamento dos falsos mestres... . **É necessário, pois, que o bispo seja... não espancador, mas moderado, inimigo de contendas.** A descrição dos falsos mestres em 6:3-5, bem como em 2 Timóteo 2:22-26 (cp. Tito 3:9), dá a entender que esses homens são dados a dissensões e a brigas. O verdadeiro presbítero deve ser **moderado**, mesmo quando corrige os oponentes (2 Timóteo 2:23-25).

A lista conclui com **não ganancioso**. De acordo com 6:5-10, a ganância se revela um dos "pecados mortais" dos falsos mestres, diretamente responsável pela ruína deles. Assim, uma advertência contra a avareza aparece em todas as listas de qualificações para liderança (3:8; Tito 1:7; cp. Atos 20:33). Quanto a esta questão, veja especialmente a discussão sobre 6:5-10 e 2 Timóteo 3:6-7.

3:4-5 / Paulo agora passa, nos vv. 4-7, a falar sobre três outras preocupações. O líder da igreja deve ter família exemplar (vv. 4-5), não deve ser recém-convertido (v. 6), mas deve ser pessoa de boa reputação entre os de fora (v. 7). Estes qualificativos talvez também reflitam a situação em Éfeso.

Esta passagem apenas supõe, também, que o *episkopos* será casado (mas não o exige; cp. v. 2). Não somente isso, mas a sociologia do primeiro século também torna muitíssimo provável que os que eram designados "supervisores" nas igrejas primitivas, levando-se em conta, de modo especial, que estamos tratando com igrejas em lares, eram, com efeito, os chefes das "casas" onde as igrejas se reuniam. Desse modo, como está implícito no v. 5, prevalece o mais estreito relacionamento entre família e igreja. O homem que fracassa no primeiro caso (família) é, por isso mesmo, desqualificado para o outro (igreja). Em verdade, conforme 3:15 e 5:1-2 indicam, a palavra *oikos* "lar"; NIV, família; ECA, **casa**) para Paulo é metáfora rica que subentende "igreja".

Portanto, **o bispo que governe bem sua própria casa**, porque ele também **cuidará da igreja de Deus.** O verbo governar é usado de novo com referência aos presbíteros em 5:17 (NIV, "dirigir" [como foi usado anteriormente em 1 Tessalonicenses 5:12, onde é traduzido "presidir"; NIV, "estão sobre"]), verbo que tem o sentido de "comandar, governar", ou "estar preocupado com, cuidar de" (cp. "devotar-se a" em Tito 3:8).

A pista para seu significado aqui está em entender o verbo acompanhante com referência à igreja, no v. 5, "cuidar de", que carrega a força total da expressão idiomática em inglês. Em outras palavras, "cuidar de" implica tanto a liderança (orientação) como o interesse atencioso. No lar e na igreja, a orientação e o interesse atencioso não têm validade se um não estiver ligado ao outro.

O bom presbítero será conhecido por exercer uma liderança tal, no lar, que tem **seus filhos sob disciplina, com todo o respeito** (lit., "tem filhos em submissão", como 2:11). A força da frase **com todo o respeito** talvez signifique não tanto que eles **obedecerão** com **respeito**, mas que eles serão conhecidos tanto por sua obediência como por seu bom comportamento. Em Tito 1:6 a idéia é mais esmerada ainda, de modo que sugere serem esses filhos bons crentes, ao lado da preocupação pela reputação entre os de fora. Há tênue linha entre exigir obediência e obtê-la. O líder de igreja, que na verdade deve exortar as pessoas à obediência, não "governa" a família de Deus por essa razão. Ele "cuida dela" de tal modo que seus "filhos", isto é, os filhos da igreja, serão conhecidos por sua obediência e bom comportamento.

3:6 / Portanto, o líder da igreja, também não deve ser **neófito**, metáfora que no grego significa literalmente "uma pessoa plantada há pouco tempo". Conforme se repetirá de modo diferente em 5:22, o *episkopos* deve ser maduro na fé. O motivo para que assim seja é o grande perigo de envaidecimento: **para que não se ensoberbeça**. Uma vez que é precisamente isto que se diz dos falsos mestres em 6:4 (cp. 2 Timóteo 3:4), perguntamo-nos se alguns deles eram **neófitos** (convertidos recentes), cujos "pecados... são manifestos antes... os de outros, manifestam-se depois" (5:24).

Em qualquer caso, **para que não se ensoberbeça** significa também não **cair na condenação do diabo.** Embora o grego de Paulo seja um tanto ambíguo (lit., "cair no julgamento do diabo"), talvez a linguagem esteja refletindo o tema comum de que no ministério de Cristo, de modo especial na sua morte e ressurreição, Satanás sofreu sua derrota decisiva, que será finalizada plenamente no fim (cp. Apocalipse 12:7-17 e 20:7-10).

3:7 / Finalmente, Paulo chega à questão de que o líder da igreja deve ser pessoa que **tenha bom testemunho dos que estão de fora.** Conforme

foi notado na discussão de 2:2, esta é uma preocupação genuinamente paulina no NT. Em verdade, esta preocupação é que coloca em perspectiva essa lista de atributos. Tal lista tem que ver com o comportamento observável, constituindo testemunho para **os de fora.** Como no v. 6, o grego de Paulo não é bem claro, mas parece que a ênfase está em que uma reputação má junto ao mundo pagão fará que o *episkopos* **caia em opróbrio**, isto é, será difamado e, com ele, a igreja; e isso seria equivalente a **cair no laço do diabo.** É laço armado pelo **diabo** o mau comportamento dos líderes da igreja, de tal modo que os de fora não se motivarão a ouvir o evangelho. Perguntamo-nos de novo se a ganância e a conduta abusiva dos falsos mestres não estão trazendo opróbrio à casa de Deus em Éfeso, especialmente quando se considera que Paulo havia sido acusado assim em Tessalônica (1 Tessalonicenses 2:1-10) e que os moralistas pagãos em particular condenavam tais atividades entre os "falsos" filósofos (veja esp. Dio Chrysostom, *Oration* 32 e *Philosophies for Sale*, de Luciano).

Notas Adicionais #7

3:1 / Alguns há que favorecem esta variação textual: "Este é um ditado popular" (GNB). Mas essa variante encontra-se somente numas poucas assim chamadas fontes ocidentais que não são conhecidas por sua confiabilidade. Além do mais, a própria natureza desvinculada de credo do ditado explica a mudança. Veja a discussão em Metzger, *TCGNT*, p. 640.

3:2-3 / O fato de que *ton episkopon* ("o bispo") está no singular aqui, tem levado alguns a argumentar que este ofício representa o monoepiscopado (uma única pessoa como pastor) ao passo que o plural *diakonoi* ("diáconos") serve sob as ordens dele (como na maioria das igrejas protestantes contemporâneas). Contudo, o singular aqui é quase certamente genérico, como "a mulher", em 2:11-12. A pista segura para esta opinião, além do plural em 5:17, é Tito 1:5 e 7, onde o plural "presbíteros" aparece no v. 5 e, depois, passa para o singular genérico nos vv. 6 e 7. Além do mais, o "se alguém" no v. 1, que levou o verbo ao singular neste versículo, é sentença condicional, ou generalizadora, não limitadora. Ela reaparece em 1 Timóteo 5:8 e 6:3, e em ambos os casos — esp. 6:3 — refere-se a um grupo de mais de uma pessoa.

Muitos eruditos consideram esta lista de doze qualidades como "burguesa", contendo pouca coisa especificamente cristã. Assim, argumenta-se que um suposto pseudo-epígrafo teria um "esquema" de tais virtudes, conforme se encontra em *Strategikos* de Onosander, para as qualidades desejadas em um general, e depois as adaptou para servirem aos seus propósitos (veja esp. D-C, pp. 158-60). As correspondências com Onosander são deveras surpreendentes,

como são de igual modo surpreendentes as correspondências entre 1 Tessalonicenses 2:1-10 e *Oration 32 de Dio Chrysostom. A linguagem* pertence ao ambiente; a presença dos falsos mestres explica a menção das qualidades. A falta de "um elemento especificamente cristão" deve ser explicada como algo que Paulo *supõe* para os presbíteros. Tal elemento dificilmente estaria faltando em 1 Timóteo (veja 4:12 e 6:11).

Quanto a uma apresentação mais completa da opinião assumida aqui sobre "marido de uma só mulher", veja C. H. Dodd, "New Testament Translation Problems II", pp. 112-16. Quanto às diversas opções, veja Hanson, pp. 77-78. Para a suposição tácita de infidelidade marital na cultura greco-romana, veja Demóstenes, *Oration* 59:122: "Conservamos as amantes pelo amor do prazer, as concubinas para o cuidado diário do corpo, mas as esposas para gerar-nos filhos legítimos" (Loeb, VI, 445, 447, ligeiramente modificado).

Kelly acha que ambos, a hospitalidade e o ensino, refletem deveres oficiais. Desde, porém, que se espera a hospitalidade de todos os crentes, é difícil ver qualquer coisa "oficial" aqui.

É possível, uma vez que a embriaguez em geral leva à violência, que ambas estejam juntas na lista (cp. GNB), e que a menção de violência lembra ao apóstolo, então, os falsos mestres, e conduz aos contrastes: **moderado, inimigo de contendas.**

3:4 / Entendem alguns que **com todo o respeito** é frase que modifica "o pai", e deveria traduzir-se "deve administrar bem sua própria família, com toda a seriedade", ou, "verdadeira dignidade". Mas a ordem das palavras favorece a interpretação dada aqui.

3:6 / A frase "cair na condenação do diabo" poderia referir-se a alguma forma de julgamento que Satanás adjudica e desse modo corresponde ao v. 7, onde "laço do diabo" é armadilha que ele mesmo prepara. Contudo, tal interpretação é bastante improvável. O NT é claríssimo ao ensinar que é Deus quem distribui o juízo, e não Satanás.

8. Qualificações dos Diáconos (1 Timóteo 3:8-13)

Paulo agora volta sua atenção para os **diáconos** *(diakonoi*; veja disc. sobre os vv. 1-7). No que se refere aos **diáconos**, a instrução apresenta as qualificações básicas, sem fazer nenhuma sugestão quanto aos deveres. Ausente neste caso está a palavra *didaktikon* ("capaz de ensinar"); incluem-se itens que esperaríamos ser aplicáveis aos bispos (supervisores) também — **conservando o mistério da fé** (v. 9) e **primeiro provados** (v. 10). Desconhecemos de que outra maneira esses dois grupos deveriam distinguir-se (à parte do ensino). De nada adianta um apelo a Atos 6:1-6, uma vez que aqui esses homens não são chamados diáconos. Com efeito, eles são claramente ministros da Palavra entre os judeus de fala grega, que no fim recebem o título de "os sete" (Atos 21:8), o que os caracteriza de maneira semelhante a "os doze". Ficamos, assim, com a quase certa realidade de que *episkopoi* e *diakonoi* são funções distinguíveis na igreja, mas sem saber quais.

3:8-9 / Designar esses homens como **diáconos,** contrastando com **bispos** não implica que não fossem "líderes" também. Com efeito, a palavra *diakonos* é a favorita de Paulo para descrever seu próprio ministério e o de seus colaboradores (p.e., 1 Coríntios 3:5; 2 Coríntios 3:6; Romanos 16:1; Colossenses 1:23; 4:7) e assim é usada com referência a Timóteo em 4:6. Contudo, como no caso de "profeta" e "mestre", a palavra parece oscilar entre a ênfase na determinada *função* e a descrição de um cargo; no tempo da carta aos Filipenses, ela descreve um "cargo" (Filipenses 1:1), ao passo que nas cartas relativamente contemporâneas aos Efésios e aos Colossenses, *diakonos* ainda descreve uma função. Aqui, como em Filipenses 1:1, ela se refere a uma posição, ou cargo.

A primeira palavra na lista de atributos dos diáconos é também um termo de "cobertura", pois descreve um tipo de dignidade pessoal que os faz (à semelhança dos bispos): **respeitáveis** (grego, *semnous*; cp. 2:2, "piedade", e 3:4 "com todo o respeito"). Seguem-se três proibições: "não ambíguos" (NIV), ou **sinceros,** isto é, dignos de total confiança no que dizem; **não dados a muito vinho**, como os bispos (v. 3); e **não**

cobiçosos de sórdida ganância, também à semelhança dos bispos (v. 3), isto é, não deviam amar o dinheiro ao ponto de ter integridade questionável.

A partir dessas características negativas, Paulo se volta para uma positiva: **conservando o mistério da fé com uma consciência pura.** Segundo já sabemos de 1:5-6 e 1:19-20, os falsos mestres em Éfeso desviaram-se de **uma boa consciência** (1:6; 1:19) e fizeram naufragar **a fé** (1:19). Os **diáconos** devem fazer o oposto.

A expressão traduzida por **o mistério da fé** é uma das favoritas de Paulo para descrever o evangelho e, literalmente significa "mistério" (1 Coríntios 2:7; 4:1; Efésios 3:3-9) e só com muita dificuldade teria conotação de "verdades profundas". Para Paulo, o "mistério da fé" não era algo "secreto" nem algum tipo de "verdade profunda". Antes, conforme 1 Coríntios 2:6-16 deixa bem claro, refere-se à verdade essencial do evangelho, especialmente o caráter salvífico da morte de Cristo, que outrora estava escondido (em Deus), mas agora é revelado pelo Espírito (donde "verdade revelada", da GNB).

3:10 / Com esta sentença chegamos a algo novo, mas não surpreendente, em face da situação em Éfeso. Os diáconos devem **primeiro** ser **provados,** para que depois **sirvam.** Embora não possamos ter toda certeza, podemos supor que isto seja verdadeiro com referência aos bispos também. Há um "também" na sentença inicial de Paulo, não traduzido na NIV, que talvez se refira aos bispos (cp. NEB, "não menos do que os bispos"). Pode, contudo, apenas referir-se ao v. 9; isto é, eles deveriam também ser **provados** para ver se estão **conservando o mistério da fé.**

Mas, qual é a natureza desta prova? será efetuada por quem? provar o quê? Crêem alguns que Paulo tem em vista um exame formal que inclui um período de experiência. A prova seria efetuada ou por Timóteo ou pelos outros presbíteros, que examinariam o que o candidato entendia da fé. Mas isso parece refletir o panorama de um período posterior. Mais provável é que Paulo tenha em mira aqui a seleção de homens "aprovados", que tenham sido examinados no sentido de 1 Coríntios 16:3 ("os que... aprovardes") ou de 2 Coríntios 13:5 ("Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos").

Este ponto de vista parece estar apoiado pelas palavras "se forem irrepreensíveis". É a expressão do algo (v. 2) exigido dos *episkopoi*. (Cp.

Tito 1:6 e 1 Timóteo 3:2 (aqui, "irrepreensível" encabeça a lista). Paulo diz, portanto, que quando você encontrar homens "que conservam o mistério da fé com a consciência pura", isto é, pessoas cujo comportamento é irrepreensível, que tais homens "aprovados" sirvam (eis a forma verbal de *diakonos*). Isto implica que, como no caso do bispo, tal pessoa não seria um convertido recente (3:6). De novo, parece certo o contraste com os falsos mestres.

3:11 / Esta sentença é um verdadeiro quebra-cabeças de 1 Timóteo. Os eruditos estão divididos quanto a se Paulo está voltando a atenção às **esposas** dos diáconos (NIV) ou a alguma diaconisa (NIV, margem), uma vez que a palavra *gyne* pode significar ou "esposa" ou "mulher".

O fato de este versículo estar dirigido aos diáconos, em quaisquer aspectos, favorece a tradução "esposas". Também se alega que seria de esperar maiores detalhes se estivesse em mira uma terceira categoria de pessoas, a das diaconisas. Em favor da tradução por "diaconisas" está a estrutura da própria sentença, que é o equivalente exato do v. 8, sendo que ambos os versículos penduram-se em "é necessário", no v. 2 (implicando, assim, três categorias). Alega-se, ademais, que se estivessem em mira as esposas dos diáconos, seria de esperar que Paulo dissesse *suas* **esposas** (conforme faz a NIV, mas sem nenhuma comprovação). Uma vez que não havia no grego nenhuma palavra para "diaconisa" (melhor, "ajudadora feminina", conforme GNB), é provável que aqui a palavra "mulheres" tivesse sido entendida com o significado de mulheres que serviam à igreja em algum cargo.

Esta opinião parece ser apoiada também pela lista de quatro qualidades que deveriam caracterizar as "ajudadoras femininas" que equivalem mais ou menos às quatro qualidades dos diáconos nos vv. 9-10. Elas devem ser **respeitáveis** (a forma feminina da mesma palavra que encabeça a lista dos diáconos). A seguir vêm duas proibições: elas **não** devem ser **maldizentes** (lit., "difamadoras"; cp. Tito 2:3), o equivalente de "sinceros" (não ambíguos) dos diáconos (v. 8), mas **sóbrias** (cp. "não dados a muito vinho", v. 8), embora **sóbrias,** aqui, talvez tenha sentido mais amplo, como no v. 2. Finalmente, devem elas ser **fiéis em tudo** (ou "fiéis em todas as coisas", NASB).

Seja qual for a opinião que tenhamos quanto a este versículo, essas qualificações ficam em acentuado contraste com as descrições das mulheres em 5:11-15 e em 2 Timóteo 3:6-7. Portanto, o fato de serem

mencionadas talvez reflita a influência negativa dos falsos mestres sobre as mulheres da igreja.

3:12-13 / Se Paulo tenciona **esposas** no v. 11, o v. 12 deve ser entendido como nova referência aos diáconos, em virtude do que ele acaba de dizer de suas esposas. Paulo se lembra de que aquilo que é verdadeiro com referência aos *episkopoi* é de igual modo verdadeiro quanto aos *diakonoi*. **Os diáconos sejam maridos** (também fiéis) **de uma só mulher** (v. 2), e que **governem bem** a sua própria família (v. 4).

Se Paulo tencionasse dizer "diaconisas" no v. 11, como parece mais provável, o v. 12 é, então, produto de reflexão posterior. "Ah, sim, voltando por um minuto aos diáconos, que **sejam maridos de uma só mulher** (veja comentário sobre o v. 2) **e governem bem seus filhos e suas próprias casas"** (veja comentário sobre v. 4).

Com o v. 13 Paulo conclui as qualificações dos **que servirem bem**, apresentando diante deles a "recompensa" que podem esperar pelo bom desempenho. Em primeiro lugar, **adquirirão para si uma boa posição**. A palavra **posição** significa literalmente "um degrau". Usada de modo figurado como aqui, é provável que se refira à influência e reputação deles na comunidade de crentes, embora pudesse referir-se à **posição** diante de Deus. A primeira opção encontra mais apoio na frase seguinte. Os que por seu bom trabalho adquirem boa reputação são os mesmos que terão **muita confiança na fé em Cristo Jesus.**

O significado desta última frase não ficou claro de todo. A expressão muita confiança muitas vezes traz o sentido de ter ousadia ou abertura para com outros (cp. 2 Coríntios 3:12; Filipenses 1:20; Filemom 8; cp. também GNB). Mas a expressão pode também referir-se à nossa "confiança" diante de Deus, como em Efésios 3:12 (cp. Hebreus 10:19, 35). Daí que a NIV traduz: "grande segurança em sua fé em Cristo Jesus". A decisão não é fácil. Por um lado, ela acrescentaria outra dimensão ao que significa ter boa posição, a saber, a confiança na linguagem que procede da integridade na vida e no trabalho. Por outro lado, poderia referir-se à dupla natureza da "recompensa", isto é, boa reputação junto a outras pessoas e confiança diante de Deus. No todo, esta última opção deveria ser preferida, porque a frase prepositiva qualificadora diz "na fé" (e não *a* fé), implicando, como ocorre na carta toda de 1 Timóteo, nossa própria **fé... em Cristo Jesus**.

Essas duas qualificações são precisamente o que falta aos falsos

mestres. Eles ministram "outra doutrina" (veja disc. sobre 1:19), mostram comportamento impróprio e reputação manchada, o que também os levou a abandonar a verdadeira fé em Cristo (1:5, 6).

Notas Adicionais #8

3:10 / O conteúdo deste versículo pode parecer apoiar o ponto de vista de "manual eclesiástico" (veja disc. de 2:1-7) de que se trata de instrução para "colocar a igreja em ordem". O ponto de vista assumido aqui é que há tensão por toda 1 Timóteo entre alguns que já se encontram nessas posições, aos quais *faltam* as qualificações estabelecidas e outros que serão designados no futuro para substituir os que forem disciplinados.

3:11 / Há certo interesse em notar que a maioria dos recentes comentários em inglês (exceto Hanson) aceitam a opinião aqui favorecida, ao passo que muitas das novas traduções favorecem **esposas** (NIV, NEB, GNB).

3:12-13 / Alguns têm argumentado que a **posição** a que Paulo faz referência relaciona-se com um "avanço em categoria" no progresso espiritual, como encontramos em Clemente de Alexandria ou nos escritos posteriores atribuídos a Hermes Trismegistus. Mas tal idéia parece estar muito atrasada no tempo, bem como esotérica demais para este contexto.

9. Finalidade da Carta (1 Timóteo 3:14-16)

A carta cobriu considerável distância. Começou com um enunciado claro de sua razão de ser: incumbência a Timóteo de continuar em Éfeso a fim de opor-se a alguns falsos mestres e seus erros, incluindo uma digressão à guisa de testemunho pessoal ilustrativo da verdade do evangelho (cap. 1). Nos capítulos 2 e 3 enfrenta diversas preocupações que refletem algumas desordens na igreja, as quais tinham vindo à tona em suas reuniões de culto (cap. 2) e nas vidas de alguns líderes da igreja (cap. 3).

Agora ele conclui esta seção da carta com uma declaração adicional de sua finalidade. A igreja deve dar atenção ao que Paulo escreveu, porque somente a ela, a igreja, foi confiada a verdade (v. 15), verdade essa ilustrada em primitivo hino cristão.

3:14-15 / A gramática da sentença inicial está um pouco "injuriada", mas o significado é claro. Aqui ficamos sabendo que havia sido intenção de Paulo todo o tempo **ir ver** a Timóteo (e portanto à igreja) **em breve.** Com efeito, a NIV quase parece captar a força talvez concessiva do particípio grego "esperando", isto é, *muito embora* esteja **esperando ir ver-te em breve**, no caso de eu demorar-me (v. 15, como por certo lhe parecia provável) aproveito a ocasião e **escrevo-te estas coisas** (lit.), a saber, instruções dos capítulos 1-3) agora. (Quanto à questão de haver Paulo estado ou não recentemente em Éfeso, veja nota sobre 1:3).

Com o v. 15, entram em foco as verdadeiras razões enfáticas da carta. A própria igreja corre perigo. **Se eu tardar**, é crucial que **saibas** como as pessoas devem **andar na casa de Deus**, porque são a **igreja do Deus vivo, a coluna e esteio da verdade. A verdade** foi confiada à igreja; a conduta dos falsos mestres equivale ao abandono da verdade (cp. 6:5; 2 Timóteo 2:18; 3:8; 4:4). Daí ser extremamente importante que Timóteo não somente contenha os falsos mestres (1:3-11), mas leve as pessoas de volta à verdade.

A fim de acentuar este ponto, Paulo usa algumas metáforas, de maneira semelhante a Efésios 2:19-22. Começa com **como convém andar** (comportamento) **na casa de Deus**. Esta metáfora da "casa"

(família), já insinuada em 3:4-5, flui naturalmente do reconhecimento de Deus como Pai, os crentes como irmãos e irmãs, e os apóstolos como "mordomos" (administradores da casa). O ponto central de Paulo, portanto, não é, como diz a KJV, e outras dão a entender, como "comportar-se na casa de Deus" (isto é, "na igreja"), mas como traduz com felicidade a NAB, "que tipo de conduta convém a um membro da família de Deus". Tal declaração de propósito dificilmente se ajusta à idéia de a carta ser "manual eclesiástico".

A seguir, a metáfora muda ligeiramente, da **casa** para o edifício (cp. Efésios 2:19-20). Os termos **coluna** ("baluarte") **e esteio**, e a expressão **do Deus vivo** (cp. 2 Coríntios 6:16) indicam que a imagem comum de Paulo, da igreja como templo de Deus, é o que ele tem em vista (cp. 1 Coríntios 3:16-17; 2 Coríntios 6:16; Efésios 2:21). Do mesmo modo como **o Deus vivo** habitou no santuário de Israel, assim agora, pelo Espírito, Deus habita no seu novo templo, a igreja, e como tal, seus membros devem ser "coluna e esteio da verdade" (BJ).

Com essas duas imagens, família e templo, Paulo expressa as duas ênfases da carta: sua preocupação quanto ao comportamento próprio entre os crentes vis-à-vis os falsos mestres, e a igreja como povo incumbido de sustentar e proclamar a verdade do evangelho.

3:16 / A menção de **na fé** (sempre estando implícita a expressão "do evangelho" quando Paulo usa esta palavra) leva o apóstolo a exclamar: **"Sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade** ("verdade revelada", como em 3:9). A palavra **piedade** *(eusebeia*, favorita em 1 Timóteo [veja disc. sobre 2:2]), comumente se refere "ao dever das pessoas para com Deus". Mas aqui, como ocorre muitas vezes com "fé" nessas cartas, ela não se refere à qualidade de "piedade" como tal, mas "*a* piedade", considerada de um modo mais objetivo como o conteúdo ou base do Cristianismo.

O que vem a seguir expressa um pouco do conteúdo da "verdade revelada" da **piedade** confiada ao povo de Deus. A própria passagem é quase certamente um hino, ou fragmentos de hino, em seis versos rítmicos. Cada verso tem dois membros, um verbo na primeira posição, no tempo aoristo (passado), voz passiva no grego, terminando com o rítmico — *the* seguido por uma frase prepositiva (grego, *en*, "em" ou "por"). O sujeito subentendido de cada verbo é Cristo.

Quanto a isso, todos os intérpretes modernos estão de acordo; mas

com respeito à própria estrutura, o significado de dois versos e o significado do todo, tem havido considerável debate e nenhum consenso. O texto tem sido considerado como uma única estrofe de seis versos consecutivos (veja a BJ), como duas estrofes com três versos cada uma (mas numa variedade de padrões [cp., p.e., a GNB com a RSV]), como três estrofes com dois versos cada uma (cp. NIV), ou em outras combinações não facilmente classificadas. De mais a mais, três dos versos (2, 3 e 6) não são perfeitamente claros quanto ao seu significado. A dificuldade é levantada em parte por alguns aparentes paralelos e/ou antíteses entre os versos e, em parte, porque o todo parece ter um grau de cronologia, passando da Encarnação para aspectos ulteriores da vida e ministério de Cristo, não obstante dividindo-se no verso 6. Em vista de tantas dificuldades e desacordos, oferecemos uma interpretação com alguma reserva.

Comecemos pelo que parece ser certo. Verso 1, **aquele que se manifestou em carne** (lit., "ele se manifestou na carne"), tem sido universalmente reconhecido como uma afirmação da encarnação, comparável a João 1:14 ou Romanos 1:3. Mais ainda do que em 1:15, tal linguagem subentende preexistência. Em Cristo, Deus mesmo apareceu "em carne".

Verso 4, **pregado aos gentios** (algumas versões trazem "nações") é expressão de igual modo reconhecida, em geral, como referência ao período da história apostólica primitiva, quando o evangelho foi proclamado através das nações de **gentios** do mundo conhecido.

Verso 5, **crido no mundo**, parece acompanhar o verso 4, como expressão da resposta à proclamação do evangelho.

O conteúdo desses versos, portanto, que começam com a entrada do próprio Cristo no mundo e, no 4º e 5º retomam o testemunho apostólico a favor de Cristo, tem levado a maioria dos intérpretes a considerá-lo como alguma forma de hino *heilgeschichtliche*, isto é, um hino que conta a história da salvação (cp. "One Day" de J. Wilbur Chapman, ou "Tell me the Story of Jesus", de Fanny Crosby). Se essas observações forem corretas, então o problema que permanece tem a ver com o significado dos outros três versos e como eles se relacionam entre si.

Voltemos, agora, ao que é menos certo. O verso 2, **foi justificado em Espírito** (ou "espírito"), que ECA traz literalmente, apresenta dificuldades consideráveis. No grego parece haver um paralelo entre "em

carne", no verso 1, e "em espírito", no verso 2. Mas refere-se isso ao Espírito Santo, ou (talvez dado o paralelo) à natureza espiritual de Cristo? Se a resposta certa for a última opção, então o ponto deste verso, com alguma licença poética, é pelo menos "vindicação", talvez "exaltação", referindo-se à ressurreição de Cristo. Desse modo, as duas primeiras linhas celebram em hino a humilhação e a exaltação de Cristo (encarnação e ressurreição) de maneira semelhante à prosa esplêndida de Romanos 1:3 e 4 (cp. 1 Pedro 3:18).

Verso 3, ele foi **visto dos anjos** é, de igual modo, frase enigmática. É o único verso sem a preposição grega *en* ("em" ou "por"). Este verbo (foi **visto dos** ou "apareceu a"), com a pessoa (ou pessoas) a quem ele apareceu no dativo grego (como aqui), é a fórmula regular no NT para aparições de ressurreição (Lucas 24:23; Atos 9:17; 1 Coríntios 15:5-8). Neste caso, porém, talvez se refira à adoração prestada por anjos ao Cristo assunto e glorificado. Se assim for, então os três primeiros versos cantam a encarnação, ressurreição e glorificação de Cristo, e formam uma estrofe acerca do próprio Cristo, como é visto "de glória em glória".

Em tal esquema, os dois versos seguintes (4 e 5) oferecem paralelo semelhante ao dos versos 1 e 2, mas agora cantam o ministério contínuo de Cristo através de sua igreja. Todavia, o problema surge no verso 6, **recebido acima na glória**. A expressão foi **recebido acima, em alguma parte** no NT refere-se à ascensão (Lucas 9:51; Atos 1:2, 11, 22; cp. Marcos 16:19). Como, pois, a ascensão segue o ministério apostólico? A resposta parece estar na frase **na glória**, que talvez se refira menos ao *lugar* da exaltação de Cristo e mais à maneira, isto é, teria sido exaltação "gloriosa" ou "acompanhada de glória". Como o verso 3, pois, este verso também acentua o triunfo e glorificação de Cristo, mais do que o verdadeiro evento da própria, entendida cronologicamente. Na verdade, segundo esta perspectiva, o verso 6 é o clímax glorioso do todo, que começa no verso 1 com a humilhação da Encarnação.

Segundo este entendimento, pois, o hino tem duas estrofes de três versos cada uma. A primeira estrofe canta o ministério terreno de Cristo, concluindo com uma palavra de triunfo e glorificação. Semelhantemente, a segunda estrofe canta o ministério contínuo de Cristo por intermédio de sua igreja, concluindo de novo com o tema da glorificação. Em certo sentido, ambas as estrofes refletem o tema da humilhação e exaltação.

Assim, **grande é o mistério da piedade** no qual cremos, e que Paulo

canta, relacionando-se com a própria humilhação e exaltação de Cristo e o testemunho contínuo da igreja ao Senhor agora exaltado e glorificado. Este duplo foco, especialmente a ênfase no ministério contínuo às nações, retorna a um tema entoado antes, nas palavras doutrinárias do credo de 1:15 e 2:4-6.

Mas ainda permanece a pergunta: Por que *este* hino com *estas* ênfases, a esta altura da carta? A resposta a essa pergunta não é fácil, mas duas possibilidades se recomendam (talvez seja combinação de ambas): Primeira, a dupla ênfase na humilhação/exaltação, focalizando a presente e triunfante glória de Cristo, talvez contraste com a cristologia dos falsos mestres. Isto seria verdade especial se, conforme argumentamos na Introdução, houvesse afinidades entre o que está em curso em Éfeso e o que antes havia acontecido em Colossos e em Laodicéia. Segunda, Paulo está prestes a reencetar a censura aos falsos mestres, com exortação a Timóteo para que lhes resista em nítido contraste. Este hino prepara o caminho para a censura, ao expressar ousadamente o que é, afinal, a verdade, em contraste aos erros demoníacos.

Notas Adicionais #9

3:14-15 / Na sentença grega de Paulo, o sujeito do infinitivo "andar" não está expresso. A KJV supre: "tu... tu mesmo", uma opção muitíssimo improvável; a GNB traz: "nós... nós mesmos", mas **pessoas** ... **elas mesmas** (NIV; cp. NEB) é bem mais preferível. A Bíblia Viva traduz: "você saberá que espécie de homens deverá escolher como oficiais da igreja", sendo totalmente injustificada.

3:16 / O texto original do verso 1 começa com o pronome relativo grego *hos* ("aquele que"). Pelo fato de esta palavra ter sido escrita OC, por volta do quarto século, foi erradamente lida como OC, abreviatura de Deus. Esta forma chegou a predominar na igreja grega (nunca no ocidente, visto que a tradução para o latim ocorreu antes de surgir a variante). Daí que a KJV traduziu "Deus foi manifesto em carne". Veja a discussão em Metzger, *TCGNT*, p. 641; e G. D. Fee, "The Majority Text and the Original Text of the New Testament", esp. 117-18.

Outra alternativa, a mais comum, para o ponto de vista do hino, apresentada aqui, é considerá-lo como tendo três conjuntos de dois versos, cada um expressando alternadamente humilhação e exaltação (ou o reino da terra e o reino do céu). Os versos formam então dois conjuntos de quiasmos (ab ba ab — uma forma de retórica na qual as palavras ou idéias na segunda unidade, ou nas unidades subseqüentes, em estruturas diferentes, paralelas, estão na ordem inversa); os conjuntos cantam respectivamente a encarnação e a ressurreição de Cristo, sua ascensão e proclamação na terra, sua recepção na terra e no céu.

Embora esta interpretação seja tão comum — e em alguns aspectos tão atraentes (RSV, Kelly, Bernard, D-C, et al.) — alguns dos supostos paralelos parecem forçados, sendo provável que nunca teriam sido vistos como tais, não fosse o par carne-espírito, nos versos 1 e 2. Mais ainda, as palavras "na glória" seriam bastante inusuais se o verso 6 tencionasse ser paralelo ao verso 5. Nesse caso, a frase esperada seria "no céu", que é a única antítese de "terra", no NT.

É extensa a bibliografia sobre esta passagem. A discussão mais completa está em alemão: W. Stenger, *Der Christushymnus 1 Tim. 3, 16. Eine strukturanalytische Untersuchung.* A mais útil e recente discussão em inglês é a de R. H. Gundry, "The Form, Meaning and Background of the Hymn Quoted in 1 Timothy 3:16".

10. Censurado o Falso Ensino (1 Timóteo 4:1-5)

Devido ao conteúdo de 3:14-16 — a declaração de propósito culminada pelo hino — é fácil pensar que o capítulo 3 nos conduz à conclusão, ou grande intervalo, no meio da carta. Porém, considerar 3:14-16 desse modo é perder o vínculo muito estreito entre o capítulo 4 e aquilo que o precede.

Paulo está prestes a esmerar-se em algumas minúcias sobre as duas questões expressas na incumbência registrada no capítulo 1: a natureza dos erros dos falsos mestres (4:1-5; cp. 1:3-11, 19-20) e o papel de Timóteo em Éfeso (4:6-16; cp. 1:18-19). As instruções intervenientes dos capítulos 2 e 3, sobre "que tipo de *conduta convém* a um membro da família de Deus", devem ser entendidas em face da tela de fundo dos ensinos e atividades dos presbíteros transviados. Agora, em 4:1-5, Paulo volta a esses mestres. Primeiro, diz que o aparecimento deles não deveria causar surpresa — o Espírito preveniu a respeito deles com clareza; Paulo indica que a fonte do ensino desses mestres, na verdade é demoníaca; e, terceiro, dá algumas características de seus erros e os motivos por que são erros.

4:1-2 / Este parágrafo une-se a 3:14-16 pela conjunção *de* (não traduzida na NIV), que poderia significar "agora" (conforme KJV, com o sentido de "passar para o próximo assunto") ou "mas". A última parece preferível. Em 3:15-16 Paulo declarou que à igreja foi confiada **a verdade** — a verdade que entoamos a respeito de Cristo. "Mas", continua ele, **o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos alguns apostatarão da fé** (isto é, da verdade).

Mas, quem são esses **alguns**? Quem são essas pessoas? Neste caso — e certamente esta é a grande ênfase da carta — não são os falsos mestres, mas os membros da "casa de Deus" (3:15), que estão sendo desviados pelos **espíritos enganadores** (os falsos mestres) do v. 2. Observe como esta mesma preocupação está expressa em 2 Timóteo 2:16-18; 3:13; e 4:3-4.

Não somos informados de como **o Espírito expressamente diz**. Paulo nunca usa esta fórmula quando se refere ao AT. Se isto se refere ao falar

do Espírito profético na igreja (conforme Barrett) ou ao Espírito falar a Paulo enquanto este escreve (ou anteriormente, como em Atos 20), não se sabe. Em qualquer caso, Paulo vê a presente "apostasia" (aqui ele usou a forma verbal de *apostasia*, "rebelião", "abandono") como algo que **o Espírito** claramente anunciou de antemão.

Nos últimos tempos refere-se à situação presente. A igreja primitiva muito antes tinha interpretado o advento do Espírito como o começo do fim. O próprio Paulo acreditava, e pertencia a uma tradição, que o fim seria acompanhado por um tempo de intensa maldade (cp. 2 Tessalonicenses 2:3-12), incluindo a "apostasia" de alguns do povo de Deus (veja 2 Timóteo 3:1; cp. Mateus 24:12; Judas 17-18; 2 Pedro 3:3-7). Assim, a cena presente era evidência clara, para Paulo, de que viviam nos **últimos tempos** (o tempo do fim).

Aquilo que apenas havia sido insinuado antes (2:14; 3:6-7) declara-se agora com ousadia. A fonte suprema dos falsos ensinos é o próprio Satanás. Os **espíritos enganadores** e as **doutrinas de demônios**, às quais **alguns estão dando ouvidos,** talvez se refiram à mesma realidade — a natureza demoníaca do ensino que se opõe ao evangelho (cp. 2 Coríntios 4:4; 11:3, 13-14).

Que tais **doutrinas de demônios** vêm **pela hipocrisia de homens que falam mentiras** é acusação forte contra os falsos mestres. Não somente seus ensinos são de natureza demoníaca, mas eles mesmos falam **mentiras** (lit., "faladores de falsidade"). A tradução **falam mentiras** poderia ser um tanto enganosa, visto que implica em tentativa deliberada de declarar como fato o que sabemos não ser verdadeiro. A palavra grega implica apenas que eles andam dizendo coisas a respeito do evangelho que não são verdadeiras, isto é, estão falando falsidade, em vez da verdade. Essas "mentiras" são incrementadas pela **hipocrisia**, subentendendo-se que aqueles homens são falsos e, portanto, que a abstinência deles, no v. 3, é mero fingimento ou espetáculo externo.

Finalmente, são caracterizados como homens que **têm cauterizada a própria consciência**. O grego que Paulo usa não é tão claro assim. A inferência da NIV (também RSV, GNB, NAB) é que eles tiveram a sede de seu juízo moral totalmente cauterizada (queimada com ferro em brasa); desse modo, são incapazes de discernir entre a verdade e a falsidade. Porém, é igualmente possível que Paulo tenha em mente insinuar que suas consciências levam a marca de Satanás (conforme

NEB, Bernard, Kelly). Isto parece harmonizar-se melhor com o contexto. Ao ensinar à guisa de verdade o que é realmente falso, foram marcados por Satanás como pertencentes a ele e executores de sua vontade.

4:3a / Como exemplo das "doutrinas de demônios" que vêm "pela hipocrisia de homens que falam mentiras", Paulo menciona duas coisas: **proíbem o casamento, e ordenam a abstinência de alimentos**. Isso nos pega um pouco de surpresa, embora talvez haja relação com aqueles homens que "querem ser mestres da lei" (1:7). De modo algum é fácil ver como essas coisas se relacionam com "fábulas e genealogias intermináveis" de 1:4, ou com o ensino de que "a ressurreição é já passada" (2 Timóteo 2:18). Alguma forma de ascetismo, talvez semelhante à de Colossos (Colossenses 2:16-23), esteja presente. É possível que se tenha misturado também a algum tipo de escatologia mais do que cumprida (que o fim não só já havia começado, mas já chegara em sua plenitude; cp. 2 Tessalonicenses 2:1-2; 1 Coríntios 15:12). Em Corinto, esse ponto de vista acerca do fim parecia vinculado ao dualismo helenístico, que acreditava que a matéria é corrupta, ou má, e somente o espírito é bom. Como alguns coríntios negavam a futura ressurreição corporal (1 Coríntios 15:12, 35), e alguns pelo menos desaprovavam o sexo (7:1-7) e o casamento (7:25-38), é de todo provável que doutrinas muito semelhantes a essas estariam sendo ensinadas como "lei", em Éfeso. Daí que a estrada para a pureza estava demarcada para os efésios mediante a abstenção do casamento (para serem como os anjos após a ressurreição, Mateus 22:30)? e de **alimentos**. (Veja Introdução, para uma discussão mais ampla).

Já observamos (2:8-15) como estes ensinos **que proíbem o casamento** haviam, talvez, perturbado algumas mulheres de Éfeso (cp. 5:6, 11-15). Quanto ao restante deste parágrafo, Paulo reagirá somente à **abstinência de alimentos**.

4:3b-5 / Diversas vezes antes Paulo teve de ocupar-se com a questão de comer ou não comer certos **alimentos** — em 1 Coríntios 10:23-33; Romanos 14:1-23; Colossenses 2:16, 21. Cada uma dessas situações era diferente, explicando, assim, o que parece ter sido alguma ambivalência de sua parte. Contudo, emergem algumas diretrizes coerentes: alimento é uma questão de indiferença; portanto, podemos participar ou não, conforme nos aprouver. Todavia, aquele que se abstém não julgue aquele

que participa (Romanos 14:3, 10; 1 Coríntios 10:29-30), e quando alguém vai além do mero "julgamento" e exige abstinência por motivos religiosos ou teológicos, como em Colossenses 2, Paulo vai à luta. Podemos fazer segundo nos apraz perante Deus, mas não podemos impor nossos "desejos" como regulamentos que os outros devem obedecer. A reação aqui combina algumas coisas ditas em 1 Coríntios 10:25-26, 29-30, dentro de um contexto de polêmica anti-abstinência semelhante a Colossenses 2:16, 21-23.

Os motivos apresentados para a atitude paulina contra a abstinência têm base dupla, sendo diversas vezes repetidos com esmero: **Deus criou** esses **alimentos... a fim de usarem deles** os **fiéis** crentes, sendo "recebidos" esses alimentos (lit., "compartilhados em", "participados de") **com ações de graças** pelos que **conhecem a verdade**.

O primeiro ponto condena de modo direto qualquer forma de dualismo que atribui impureza ritual ou ética (embora o contexto aqui seja ritual) a qualquer coisa criada (veja também Tito 1:14-16). **Deus criou** aqueles **alimentos** — os que são rejeitados pelos falsos mestres e também, por implicação, todos os alimentos — dos quais devem participar **os fiéis e ... os que conhecem a verdade** (quanto a esta combinação, cp. Tito 1:1). Os que crêem no evangelho estão livres das leis dos alimentos (cp. Marcos 7:19; Atos 10:9-16). Uma razão para isto é o apelo a um repetido ensino básico em Gênesis 1 — "E viu Deus que isso era bom", a saber, tudo que ele criara. Noutras palavras, o fato de Deus haver criado algo tem inerente em si a realidade de que é coisa boa. Portanto, **nada há que rejeitar**, subentendendo-se rejeição por motivos de impureza ritual (cp. Romanos 14:14: "nenhuma coisa é de si mesma imunda").

O segundo ponto apela para o fato comum de que bênçãos, ou **ações de graças**, sempre acompanharam as refeições no judaísmo e na igreja primitiva. Isto se evidencia tanto nos evangelhos (Marcos 6:41; 8:6; 14:22-23 e passagens paralelas nos demais sinóticos; Lucas 24:30) como em Paulo (1 Coríntios 10:30; Romanos 14:6). Na realidade, no judaísmo do segundo século, "é proibido ao homem desfrutar de qualquer coisa deste mundo sem a bênção" (Talmude Babilônio, *Berakoth* 35a). O ponto central de Paulo é o mesmo de 1 Coríntios 10:30: Como pode alguém condenar a outrem por comer aquilo para o qual foram dadas ações de graças? Não está implícito aqui que a

oração em si "consagra" o alimento, mas que a oração de ações de graças traz inerente em si mesma o reconhecimento da ação criadora anterior, de Deus. Oração é, então, o reconhecimento de Deus como Criador, pelo crente, pois, **pela palavra de Deus, e pela oração**... por ambas é **santificado** (lit., "santifica-o", mantendo a imagem ritual).

Tem havido considerável debate quanto ao significado de **palavra de Deus** no v. 5. Muitos vêem a expressão como referindo-se ao AT, muitas vezes usada nas orações de agradecimento (p.e., Salmo 24:1, que Paulo emprega em sua argumentação de 1 Coríntios 10:25-26). Contudo, Paulo não usa a expressão **palavra de Deus** para referir-se ao AT como realidade objetiva, documentada por escrito. Nas EP, **a palavra de Deus** invariavelmente se refere à mensagem do evangelho (2 Timóteo 2:19; Tito 1:3; 2:5; cp. 1 Timóteo 5:17; 2 Timóteo 2:15; 4:2). Se for esse o caso aqui, a expressão reflete a idéia de terem os crentes chegado a conhecer **a verdade** (v. 3) de que em Cristo não há leis de alimentos. Por outro lado, aquela expressão pode referir-se (talvez seja esta a opção mais viável, no contexto) à palavra que Deus pronunciou em Gênesis 1, segundo a qual tudo quanto o Senhor criara era bom; não se referiria, portanto, a um texto do AT, mas ao fato de haver Deus declarado bons todos os alimentos.

A abstinência, pois, nada tem que ver com o evangelho; a abstinência obrigatória do casamento ou de alimentos é, em última análise, ensino de demônios, e a igreja em Éfeso não deve ser enganada desse modo.

Notas Adicionais #10

4:1-2 / O fato de os primitivos cristãos entenderem que estariam vivendo **nos últimos tempos**, na época do fim, muitas vezes deixa perplexos os cristãos do século vinte. Porém, devemos tomar cuidado para não acentuar em excesso a idéia de "iminência" — embora esta bem possa ter estado ali no texto. Antes, viver **nos últimos tempos** relaciona-se com uma nova compreensão da existência. O fim já começou; os crentes devem ser o povo do futuro, na presente era, embora a consumação do que se iniciou ainda esteja no futuro. Assim, a existência cristã sempre pertence aos **últimos tempos,** cujo início se deu com o advento do Espírito. Para uma visão geral desta estrutura do entendimento em Paulo, veja, p.e., G. E. Ladd, *A Theology of the New Testament* pp. 360-75.

4:3a / Quanto à possibilidade de a heresia envolver uma forma de "escatologia mais do que cumprida", veja W. L. Lane, "1 Tim. iv 1-3. An Early Instance of Over-realized Eschatology?"

4:3b-5 / Há, pelo menos, três outras interpretações de **a palavra de Deus** nesta sentença, incluindo a possibilidade de que a oração em si funcionava como palavra de Deus; que aquela expressão significava a palavra de bênção vinda de Deus em resposta à oração (Hendriksen); ou que palavra de Deus se referia, de modo muitíssimo indireto, ao pão e ao vinho da Eucaristia (Hanson).

11. Responsabilidades Pessoais de Timóteo (1 Timóteo 4:6-16)

Por fim, Paulo passa a dizer algumas coisas a Timóteo, em caráter pessoal, coisas que poderíamos ter esperado, bem antes, na carta, dados o endereço (1:2) e a incumbência com que se iniciou (1:3, 18-19a). Mesmo aqui, porém, essas questões estão subordinadas à preocupação central da carta.

As instruções do primeiro parágrafo (vv. 6-10) são, de modo evidente, dadas em face dos falsos mestres. Em contraste com esses falsos mestres, que foram enganados por Satanás e estão, por sua vez, enganando outros, Timóteo deve guardar sua própria vida e o ensino da verdade com grande cuidado. O apelo é pessoal para Timóteo; ele que não se deixe enredar nas "fábulas profanas" desses falsos mestres; **tu, porém, exercita-te a ti mesmo** na verdadeira **piedade** (v. 7). Esta última é metáfora atlética que Paulo a seguir explora para ulterior vantagem.

Mas o segundo parágrafo (vv. 11-16), embora cheio de assuntos pessoais, deixa claro que Paulo deseja, assim, que Timóteo sirva de modelo (vv. 12, 15), tanto no viver piedoso (v. 12) como no ministério (vv. 13-14)— tudo para benefício de seus ouvintes (vv. 15-16).

4:6 / O primeiro parágrafo começa com um apanhado do que ficou dito desde 2:1 até 4:5 e Paulo insta com Timóteo: **Propondo estas coisas aos irmãos... Os irmãos**, é claro, não significa os líderes da igreja, mas como sempre em Paulo, a comunidade eclesiástica como uma família de irmãos e irmãs (cp., p.e., Filipenses 4:1, que passa no v. 2 a dirigir-se a algumas das irmãs). **Propondo estas coisas** à igreja, Timóteo cumprirá seu próprio ministério como **bom ministro** (*diakonos*, melhor, "servo", veja disc. sobre 3:8) **de Cristo Jesus**. A primeira preocupação, pois, como ocorre na carta toda, é com a igreja em Éfeso.

Paulo a seguir desce a pormenores para o benefício de Timóteo: o que significa para ele ser um bom servo, sem perder de vista a igreja. O particípio que se segue ("alimentado") é metáfora tirada da criação de filhos, relacionada com alimentação (treinamento ou nutrição). A tradução de NIV e ECA ("educado com") cria um desvio na questão central

referida por Paulo. "Educado" subentende que Paulo está trazendo à lembrança de Timóteo o treinamento de sua mocidade (cp. NEB "criado"), ao passo que o particípio presente tencionaria algo concorrente com o verbo principal "serás". O interesse de Paulo é que Timóteo *continue a nutrir-se"* (cp. GNB "alimenta-te espiritualmente"), de sorte que ele seja bom servo de Cristo Jesus, ao propor estas coisas aos irmãos. A fonte dessa nutrição espiritual é "as verdades" (lit., **as palavras da fé e da boa doutrina,** como traz ECA). Por **palavras da fé** Paulo quer dizer claramente o conteúdo do evangelho, mas não está bem claro se **boa doutrina** também se refere ao evangelho, ou ao uso correto das Escrituras (como em 2 Timóteo 3:14-16). Em qualquer dos casos, este apelo inclui um lembrete da longa associação de Timóteo com Paulo: a **boa doutrina que tens seguido** (cp. 2 Timóteo 1:13; 2:2; 3:10). O ponto essencial desta sentença se repetirá com maior detalhe em 2 Timóteo 3:14-16).

4:7-8 / Quase como em ato reflexo, a menção de Paulo **da boa doutrina** traz à tona um contraste com a má doutrina. Na verdade, a própria ordem das suas palavras, com o imperativo vindo no fim, serve para jorrar luz sobre o contraste. **Mas** (grego, *de*, não traduzido na NIV) **rejeita as fábulas profanas e de velhas.** Quanto a **fábulas**, veja discussão sobre 1:4. Aqui, são caracterizadas como **profanas** no sentido de serem contrárias, de modo radical, ao que é sagrado, e procedente de conversa **de velhas**, expressão sarcástica muitas vezes empregada em polêmicas filosóficas, que compara a posição de um oponente aos fuxicos perpetuados por mulheres mais idosas daquelas culturas, quando se assentavam em roda tecendo, ou fazendo outras tarefas.

Em contraste com **fábulas profanas e de velhas**, que promovem especulações e nada têm que ver com a piedade *(eusebeia)* autêntica, Paulo insta com Timóteo a que se exercite com vigor na piedade. Em assim exortando, Paulo muda as metáforas — da criação de filhos (v. 6) para o atletismo: **Exercita-te** *(gymnaze)* **a ti mesmo na piedade** *(eusebeia)*. O objetivo de Paulo é que, à semelhança do atleta, Timóteo se conserve exercitando-se com vigor, na prática da verdadeira piedade, aqui entendida tanto como o conteúdo da verdade como sua expressão visível no comportamento correto (veja disc. sobre 2:2 e 3:16).

Havendo usado a metáfora do **exercício físico**, Paulo, de modo típico, faz uma pausa para refletir sobre a própria metáfora, por um momento.

Há outro tipo de **exercício**, diz ele, **exercício físico** (gymnasia), que **para pouco aproveita**. Esta declaração tem causado perplexidade. Está Paulo, com isso, tentando incentivar Timóteo a fazer um pouco de **exercício físico?**

Quase certamente não. Tal consideração não vem ao caso, no contexto, estando fora de cogitação. Então, o quê? É muito provável que o motivo esteja na própria metáfora. Havendo acabado de instar *(gymnaze)* **exercita-te... na piedade** *(eusebeia)*, Paulo agora retoma ambas as extremidades desse imperativo e, com sentenças perfeitamente equilibradas, insiste no motivo por que deve Timóteo "exercitar-se na piedade". Paulo concorda que o **exercício físico** *(gymnasia)* **para pouco aproveita**, isto é, tem valor limitado a esta era. Mas ele diz isso somente para estabelecer sua verdadeira preocupação. *Eusebeia* (piedade) é onde reside o verdadeiro valor. Em verdade, **a piedade para tudo é proveitosa** (melhor, "tem valor de todos os modos"), porque ela contém a **promessa da vida presente e da que há de vir**. (A idéia de piedade como contendo promessa de vida é reiterada em Tito 1:2.) Aqui há clara referência à compreensão que Paulo tem da existência cristã como sendo basicamente escatológica. A **vida**, que significa "vida eterna" (veja 1:6), já começou. A **vida** do futuro é, portanto, realidade **presente** bem como esperança da **vida que há de vir**. (Veja também a nota sobre 4:1.)

O argumento de Paulo desvia-se um pouco, mas com um propósito. A palavra *eusebeia* ("verdadeira piedade") é usada de ponta a ponta em 1 Timóteo para expressar a fé cristã autêntica — a verdade e sua expressão visível. É a qualidade que falta aos falsos mestres. Assim, "piedade", embora contrastada com **exercício físico,** realmente contrasta com **fábulas profanas**, porque ela tem que ver com **vida**, tanto **presente** como futura.

4:9 / Esta é a terceira vez (cp. 1:15; 3:1) que encontramos a fórmula **fiel é esta palavra**, neste caso do modo como está em 1:15, com o acréscimo de **digna de toda aceitação**. Mas qual é a palavra? Quatro opções têm sido propostas: (1) O que se segue imediatamente no v. 10 (NEB): "Com isto diante de nós, trabalhamos e lutamos, porque firmamos nossa esperança no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens". ECA: **Pois para isto é que trabalhamos e lutamos, porque esperamos no Deus vivo, que é salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis.** (2) A segunda metade do v. 10: ... **porque espera-**

mos no Deus vivo. (3) Todo o v. 8, com os pares equilibrados: **exercício físico** e **piedade** (Barrett, Knight). (4) A segunda parte do v. 8: "A piedade é proveitosa de todos os modos, porque ela promete vida assim para o presente como para o futuro" (NAB, Kelly). ECA traz: **a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir.**

Por diversos motivos a quarta opção parece de longe a melhor. Primeiro motivo: conforme veremos, o v. 10 não é uma sentença independente, mas reflexão posterior sobre o v. 8b e, gramaticalmente, depende dele. Segundo: muito embora o versículo comece com pares equilibrados, o ponto central está somente na segunda parte. A primeira parte, conforme vimos, surge em virtude do que foi dito no v. 7 e existe só para estabelecer um contraste com aquilo que se segue em 8b. Terceiro, o v. 8b tem natureza epigramática de um ditado, e somente isso é que o v. 10 passará a expor com minúcia.

4:10 / A fim de transformar a segunda parte deste versículo em "fiel é esta palavra e digna de toda aceitação", a NIV trata com bastante desconsideração o grego muito significativo de Paulo, que não necessita de parênteses. O versículo está vinculado ao v. 9 com um "pois" (traduzido "e" na NIV, para o qual não se conhece nenhum precedente), assim tencionando que o que se segue é refinamento posterior em termos do ministério deles quanto à razão de esta palavra fiel e digna de toda aceitação "merecer total aceitação". As palavras talvez se refiram à promessa de vida encontrada na piedade (v. 8b). Assim, as sentenças estão atadas juntas, como a seguir:

(1) v. 8b, a própria palavra fiel, com sua ênfase na *eusebeia* prometendo vida agora e no futuro;

(2) v. 9, a declaração de que esta (referindo-se a 8b), com efeito, é palavra fiel e digna de toda aceitação.

(3) v. 10, "Para isto" (referindo-se ao v. 9); o conteúdo de 8b é palavra fiel e digna de toda aceitação. "Para isto" (por este motivo; referindo-se à promessa de vida agora e para o futuro), **trabalhamos e lutamos.**

Os dois verbos, trabalhar e lutar, ocorrem com freqüência nos escritos de Paulo, e referem-se ao seu ministério e ao de outros (cp. Colossenses 1:29, onde eles ocorrem também juntos). O primeiro verbo, trabalhamos, relaciona-se com engajar-se em competições atléticas (veja disc. sobre 6:12; cp. 2 Timóteo 4:7; 1 Coríntios 9:25), e assim continua a metáfora

atlética iniciada no v. 7. O verbo **lutamos** é mais freqüente; ocorre de novo em 5:17 com vistas ao ministério de ensino dos presbíteros.

O que a NIV traduz "que" (seguindo o parêntese) na verdade deveria ser traduzido como "porque". É assim que Paulo conclui o parágrafo, esmerando-se ainda mais na palavra fiel e digna de toda aceitação, de 8b, enquanto ao mesmo tempo retoma diversos temas anteriores da carta. **Para isto,** a vida presente e a futura, que a piedade promete, **trabalhamos e lutamos, porque** (ou "nisso") **esperamos no Deus vivo**, visto que só ele pode dar vida agora e no futuro. Nossa esperança repousa nele, porque **é o salvador de todos os homens**, isto é, ele salvaria (daria a vida a) todas as pessoas. (Veja disc. sobre 2:4-6), mas a sua salvação é, na verdade, eficaz **principalmente** para **os fiéis.** Este último acréscimo deixa claro que o hábito universal da salvação, defendido com tanto vigor em 2:4-6, não é ao mesmo tempo expressão de universalismo.

Portanto, este parágrafo, que começou como uma palavra a Timóteo, em face dos falsos mestres, muda por via desse contraste a uma exortação para disciplinar-se na verdadeira piedade e conclui dizendo-lhe por que: O resultado é **vida**, agora e para sempre, não somente para nós que **esperamos no Deus vivo**, mas para todos os **fiéis** (cp. 1:16).

No parágrafo seguinte (vv. 11-16) Paulo retorna ao seu interesse por Timóteo, tanto por sua vida como por seu ministério, mas no contexto de seu relacionamento com a igreja. Este parágrafo é uma série de dez imperativos (ordens), cujo conteúdo está resumido no v. 16: **Tem cuidado de ti mesmo** (v. 12) **e da doutrina** (vv. 13-14), **porque fazendo isto te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem** (vv. 11-12, 15).

4:11 / Paulo começa lembrando a Timóteo que a busca da verdadeira piedade com sua promessa de vida não é apenas para ele, mas para a igreja também. **Manda** (o mesmo verbo da "incumbência" em 1:3, 5, 18) **estas coisas e ensina-as** (pelo menos os vv. 8-10; talvez tudo desde 2:1; cp. 4:6). Observe como esta ordem é repetida em todas as EP (5:7; 6:2b; 2 Timóteo 2:2, 14; Tito 2:15).

4:12 / Talvez tenhamos descoberto, agora, a razão oculta que levou Paulo a escrever esta carta — a mocidade de Timóteo. **Dizer ninguém despreze a tua mocidade** é, com muita probabilidade, espada de dois gumes. Antes de tudo é palavra de incentivo a Timóteo, porque ele era

de fato jovem (entre trinta e trinta e cinco) — e talvez tímido (cp. 1 Coríntios 16:10-11; 2 Timóteo 1:6ss.). Numa cultura onde os "anciãos" eram altamente considerados, e numa igreja onde os presbíteros teriam sido mais velhos do que Timóteo, este incentivo não é insignificante. Mas, pelos mesmos motivos, é de igual modo uma palavra à comunidade, para que saibam que, a despeito de sua mocidade, ele tem a autoridade do próprio Paulo: **Manda estas coisas e ensina-as** (v. 11).

Pelo contrário, não somente não devem desprezá-lo pela sua **mocidade**, mas devem "respeitá-lo". Ele deve fazer-se padrão (lit., "tornar-se"): **Sê exemplo dos fiéis.** Que o povo de Deus aprenda a ética cristã tomando por modelo o exemplo apostólico é um conceito paulino consumado e crucial (veja 1 Tessalonicenses 1:6; 2 Tessalonicenses 3:7, 9; 1 Coríntios 4:6; 11:1; Filipenses 3:17; cp. 2 Timóteo 1:13).

As virtudes que Timóteo deve exemplificar para eles são aquelas que no entender de alguns eruditos estão faltando na lista de qualificações para a liderança da igreja (veja nota sobre 3:2). Mesmo aqui, porém, elas estão em contraste com a conduta dos falsos mestres: **na palavra** (não envolver-se em discussões; cp. esta virtude em Colossenses 3:8; 4:5-6); **no trato** (melhor, "conduta", o termo amplo para *comportamento* e favorito de 1 Pedro, **no amor, na fé** (que os falsos mestres abandonaram; 1:5-6), **e na pureza** (o fato verdadeiro, em contraste com seu falso ascetismo; cp. 5:22-23).

4:13-14 / Das instruções com vistas à conduta pessoal, Paulo volta-se para o ministério de Timóteo, enquanto estiver em Éfeso. **Até que eu vá,** ou enquanto Paulo não voltar à cena (cp. 3:14), Timóteo deve persistir **em ler, exortar e ensinar** publicamente as Escrituras. Muitos são tentados a ver aqui um padrão de culto público nos moldes da sinagoga. Embora isto de certo se refira ao que Timóteo deve fazer no culto público, seria ponto de vista estreito demais entender a passagem como tencionando prover um modelo litúrgico. Sabemos, por via de outras fontes, que o culto público incluía orações (2:1-7; 1 Coríntios 11:2-16), cânticos (Colossenses 3:16; 1 Coríntios 14:26; cp. 1 Timóteo 3:16), expressões carismáticas (1 Tessalonicenses 5:19-22; 1 Coríntios 11:2-16; 12-14), e a Ceia do Senhor (1 Coríntios 11:17-34).

Em vez de prover um exemplo dos deveres litúrgicos do pastor, esses três itens basicamente se referem à mesma coisa — leitura, exortação e exposição da Escritura — e como tais devem ser um recurso positivo de

Timóteo para contrapor-se aos ensinos errôneos (cp. 2 Timóteo 3:14-17). As últimas duas palavras, **exortar e ensinar**, repetem-se como imperativos em 6:2b acerca do que Timóteo deve fazer com o conteúdo desta carta.

O próximo imperativo, **não desprezes o dom que há em ti** (lit., "não negligencies), segue-se, de modo natural, do v. 13. A palavra **dom** *charisma* significa algo como "dotação graciosa"; pelo fato de que em Paulo há com freqüência um laço estreito (como aqui) entre *charisma* e "Espírito" (cp. 1 Coríntios 1:7; 12:4, 31; Romanos 1:11), muitas vezes a palavra é traduzida por "dom espiritual" (conforme NASB, GNB aqui). Neste caso o **dom** "que há em ti" quase com certeza tem que ver com sua vocação e talentos para o ministério, como pregador e mestre da Palavra. É mediante seu papel de pregador e mestre que Timóteo deve vencer a influência do erro, um ponto que ficou até mais claro em 2 Timóteo (1:13-14; 2:15, 24-26; 3:14 - 4:5). Mas Timóteo deve, em última instância, depender do Espírito Santo que, conforme 2 Timóteo 1:6-7, 14 deixa claro, é a fonte do **dom** que ele **não** deve "desprezar" (**não desprezes**... *(amelei* "desconsiderar", ou "não cuidar de").

O **dom** de ministério, conforme 1:18, diz-se que foi **dado por profecia** (cp. 1:18). Neste caso, porém, em virtude do interesse mais amplo pelo relacionamento de Timóteo com a comunidade, Paulo acrescenta que a concessão do dom mediante mensagem profética foi "acompanhada por" (o grego *meta* significa "com", e não "quando", conforme a NIV, nem "mediante", conforme a NEB) **a imposição das mãos do presbitério** (lit.). O preciso relacionamento dos três elementos (dom espiritual de Timóteo, as profecias, e a imposição de mãos) não é de todo claro e no próprio NT é ambíguo. O pano de fundo de tal imposição de mãos encontra-se no AT (Deuteronômio 34:9; cp. Números 27:18-23) e aparece no judaísmo contemporâneo. A mais provável analogia, porém, deve ser encontrada em Atos 13:1-3, onde o Espírito fala (v. 2), aparentemente através de profetas (v. 1), em resposta ao que profetas e mestres impõem as mãos como forma de consagração. Em qualquer caso, a evidência ali e algures (2 Timóteo 1:6-7) indica que o Espírito é a questão crucial; a imposição de mãos, embora não insignificante, é o lado humano (resposta) à atividade prévia do Espírito. Talvez seja anacrônico referir-se a este acontecimento como "ordenação", conquanto a linguagem certamente reflete a preocupação ao registrar o reconhecimento pela

comunidade crente, do ministério de Timóteo desde o início.

4:15-16 / Agora Paulo resume as considerações dos versículos anteriores. **Medita estas coisas, ocupa-te nelas**. O primeiro verbo pode significar "aplica tua mente a" (cp. KJV, "medita sobre"), mas também é muitas vezes usado como "cultivar" ou "praticar", recolhendo a última, desse modo, a metáfora atlética dos vv. 7-10.

A finalidade de tal prática e devoção a **estas coisas** é **para que o teu progresso seja manifesto a todos.** Evidências de 2 Timóteo 2:16 e 3:9 insinuam que **progresso** era um dos "slogans" dos falsos mestres, talvez um apelo elitista aos que desejavam "avançar" em "verdades mais profundas" pelo engajamento em sua tolice especulativa (veja disc. sobre 1:3-4, 6-7; 6:20-21). Nesse caso, então, esta é uma ousada contradeclaração do tipo do **progresso** deles, que em 2 Timóteo 2:16 é ironicamente rotulado de "progresso na impiedade *asebeia* ". Pelo fato de Timóteo ser um fiel ministro da palavra do evangelho, as pessoas poderiam ver a realidade do fato.

O último versículo do parágrafo repete em parte as injunções do v. 15, porém o faz de tal modo que resume o todo. As duas primeiras admoestações clarificam o significado de **estas coisas**, no v. 15. **Tem cuidado de ti mesmo**, diz Paulo, referindo-se a ser Timóteo um exemplo para os crentes (v. 12); **e da doutrina** (melhor, "ensino"; como no v. 13 o substantivo aqui acentua o *ato* de ensinar, mais do que seu conteúdo, embora o último não esteja excluído) referindo-se ao ministério de Timóteo *a* eles (vv. 13-14). Assim, mais uma vez Paulo recomenda a Timóteo: **persevera nestas coisas**, porque **fazendo isto te salvarás tanto a ti mesmo como** especialmente aos **que te ouvem**. Como em 2:15 acima e em 1 Coríntios 7:16, a linguagem talvez não seja teologicamente exata, mas o significado é claro. A salvação envolve perseverança; e a tarefa de Timóteo em Éfeso é exemplificar e ensinar o evangelho de tal forma que leve a igreja à perseverança na fé e no amor e, daí, à salvação final, escatológica. Portanto, ambos os parágrafos desta seção concluem com a grande finalidade do evangelho — salvação das pessoas (cp. 1:15; 2:4-6: 4:10).

Notas Adicionais #11

4:6 / Algumas pessoas interpretam **estas coisas** limitadas a 4:1-5. Mas, uma vez que a última incumbência pessoal a Timóteo estava em 1:18-20, e tudo,

desde esse ponto tem sido instrução à igreja, o *tauta* ("estas coisas") logicamente inclui o todo de 2:1-4:5.

O verbo traduzido como **propondo** significa "colocar diante" ou "ordenar, impor". Alguns intérpretes, enamorados da derivação de propor (no grego), de duas palavras que significam "colocar sob", vêem uma referência metafórica a impor um fundamento para a igreja. Mas esses entendimentos etimológicos raramente têm ligação com uma fase posterior, no uso de certa palavra e, com toda certeza, são irrelevantes aqui.

4:7-8 / Quanto ao uso semelhante de "fábulas profanas e de velhas", num contexto polêmico, veja Luciano, *Lover of Lies* 9: "Suas narrativas ainda continuam a ser fábulas, conversa de velhas".

Há uma significativa tradição interpretativa que considera **exercício físico** como metáfora, nessas sentenças, referindo-se a certo grau admissível de ascetismo (p.e., Bernard, Calvino, Easton): "a disciplina do corpo... praticada com moderação... é proveitosa por um pouco" (Bernard). Mas, conforme diz Kelly: "Parece incrível que, depois de denunciar o ascetismo dos sectários como diabólico, Paulo termine concordando que a mortificação física tem valor limitado" (p. 100). Na verdade, o uso de tal metáfora talvez fale de modo mais direto contra o ascetismo extremado daqueles homens. Veja V. C. Pfitzner, *Paul and the Agon Motif* pp. 171-77, embora o autor concorde, também, que "o veredicto de que ele (o exercício físico) tem pouco valor não equivale a uma negação completa da necessidade de negação de si mesmo e controle sobre o corpo" (p. 124).

4:9 / Para uma discussão mais pormenorizada dos problemas referentes à **palavra** fiel, veja G. W. Knight, *The Faithful Sayings in the Pastoral Letters*, embora este autor argumente a favor da terceira opção.

4:10 / As versões mais antigas (latina e siríaca) e a maioria dos manuscritos gregos posteriores trazem "sofremos censura" em vez de **trabalhamos.** É provável que a variante surgiu das idéias expressas em 2 Timóteo 1:8, 12; 2:9-10. Veja Metzger, *TCGNT*, pp. 641-42.

Alguns intérpretes (p.e., Calvino, Guthrie, Barrett) percebem dificuldades teológicas na cláusula final deste versículo e sugerem que **salvador** significa "preservador". Todos são, assim, "preservados" por Deus, mas somente os crentes obtêm salvação escatológica. Mas isto parece perder o vínculo óbvio com 2:4-6 e argumenta a favor do uso de **salvador** não encontrado em nenhum outro lugar no NT. **Deus ... é o salvador de todos os homens** no mesmo sentido em que Cristo se deu a si mesmo em resgate por todos (2:6). Nenhuma das sentenças afirma que todas as pessoas serão deveras salvas.

4:12 / Quanto a uma substancial coletânea de evidências de que muitas vezes dos homens na casa dos trinta anos se dizia que eram jovens, veja a nota de rodapé em Bernard. Que Timóteo devia estar entre trinta e trinta e cinco anos, baseia-se na data em que ele se juntou a Paulo (c. 49-50) e na data desta carta (c. 62-64).

4:13-14 / Pelo fato de "presbitério", no singular, refletindo os **presbíteros** como um **corpo**, parecer esquisito para alguns, tem-se sugerido que o genitivo "do presbitério" deveria ser interpretado como tradução grega de um termo hebraico, dando como resultado "sua ordenação como presbítero" (NEB margem). Mas esta sugestão produz um significado muitíssimo antinatural da frase grega, incluindo desconsideração do artigo definido. Também implica em perder, talvez, o objetivo no contexto, o qual não é que Timóteo tenha sido ordenado presbítero, mas que ele havia recebido um **dom** espiritual **por profecia.**

Muitas vezes se alega que Paulo tem em vista a "ordenação", na base da ordenação rabínica, que o apóstolo, ou o autor pseudônimo, tomou emprestado do judaísmo. Mas a data de tais ordenações, bem como sua natureza, não estão muito claras nos textos; em qualquer caso, o elemento decisivo aqui, o Espírito, está ausente dos textos judaicos. Quanto a uma discussão da "ordenação" no judaísmo primitivo, veja M. Warkentin, *Ordination: A Biblical-Historical View*, pp. 16-28.

12. Responsabilidades para com os Crentes (1 Timóteo 5:1-2)

Este parágrafo é uma espécie de transição na argumentação. Por um lado, ele flui naturalmente de 4:11-16, com um conjunto de mais dois imperativos a Timóteo (na segunda pessoa do singular), e o conteúdo continua a refletir preocupação sobre o relacionamento do jovem pastor com a comunidade eclesiástica, agora de modo específico, em função de sua juventude.

Este conteúdo, por outro lado, também serve como um tipo de introdução ao que se segue: uma longa seção sobre as viúvas, anciãs ou jovens (vv. 3-16), uma seção sobre os presbíteros (vv. 17-25), e uma breve palavra de conclusão referente aos escravos crentes (6:1-2). Desse modo, na forma e nos interesses, o parágrafo pertence a 4:11-16; no conteúdo, ele antecipa com algumas diretrizes gerais, as instruções específicas de 5:3-25.

5:1-2 / Em 4:12 Paulo lembrou a Timóteo: "ninguém despreze a tua mocidade". E na outra face dessa moeda, diz ele (em 5:1): **Não repreendas asperamente a um ancião**. Todavia, **não repreendas asperamente** não significa que Timóteo não deva "instar" com **um ancião**, no sentido de uma conduta reta. Portanto, a ordem a Timóteo é: **admoesta-o como a pai** (a mesma palavra traduzida por "advertir" em 1:3, "exortar" em 2:1 e 4:13, e "recomendar" em 6:2. Na casa de Deus (observe o tema da "família" em cada caso) há um modo apropriado que o líder deve usar no trato das pessoas — o modo exato como tratamos nossa própria família (supondo a existência de um ideal cultural de grande deferência e respeito no lar).

De modo semelhante quanto aos outros grupos etários, Timóteo deve "admoestar" (os próximos três termos são objetos desse verbo: **aos moços, como a irmãos, às mulheres idosas, como a mães** (cp. a atitude de Paulo em Romanos 16:13), **e às moças, como a irmãs.** A estas últimas Paulo acrescenta **com toda pureza**, não somente em virtude da natureza especial deste relacionamento, mas talvez também porque pode ter sido área de especial preocupação para algumas pessoas na comunidade (veja disc. sobre 2 Timóteo 3:6-7; cp. 5:11).

Nota Adicional #12

5:1 / A palavra para **ancião** *(presbyteros)*, singular, é a mesma traduzida por "presbíteros" em 5:17. Alguns, incluindo a NEB, a têm traduzido desse modo aqui, subentendendo-se que estão em mente os líderes da igreja mencionados em 4:14 e 5:17-25. Mas o contexto exige o termo mais geral, que incluiria os "presbíteros", mas não se limitaria a eles.

13. Instruções às Viúvas (1 Timóteo 5:3-16)

As próximas duas grandes seções, sobre as viúvas e sobre os presbíteros trazem agora a um foco específico as instruções sobre como Timóteo deve lidar com os dois elementos que causam problema na igreja — as viúvas mais jovens e os presbíteros heréticos (talvez os falsos mestres). Portanto, embora o assunto seja novo, a carta se encaminha no sentido dessas instruções. Ela conclui, depois dessas diretrizes sobre o trato de casos específicos, com uma exposição e condenação finais dos falsos mestres (6:11-16, 20-21).

Esta seção sobre as viúvas de há muito tem sido um dos itens enigmáticos da carta. Os problemas são intrínsecos. A seção começa e termina com grande interesse quanto ao cuidado às viúvas. Entretanto, no v. 9 as viúvas devem "ser inscritas" (RSV), e a descrição que se segue no v. 10 tem levado muitos a crer que existia uma ordem de viúvas que receberam deveres prescritos e, em retribuição, cuidava delas.

A maior insistência da seção, contudo, não parece estar, de maneira alguma, no arrolamento e nos deveres das viúvas mais idosas, porém, nas atividades repreensíveis de algumas viúvas mais jovens. Em verdade, a seção toda basicamente apresenta duas preocupações: como identificar as que "verdadeiramente são viúvas", de sorte que a igreja possa cuidar delas, e por que as viúvas mais moças não devem ser "inscritas" como verdadeiras viúvas, mas devem casar-se pela segunda vez.

Uma análise cuidadosa do todo indica que a segunda questão é a mais importante. É verdade que há autêntico interesse em que a "verdadeiramente viúva" receba assistência. O primeiro parágrafo começa e termina sobre essa nota (vv. 3-4 e 8), e é trazido de novo no fim (v. 16). Mas as *descrições* dessas "verdadeiramente viúvas" parecem ser erigidas como um ideal que contrasta com as viúvas jovens, quase do mesmo modo como Timóteo contrasta com os falsos mestres (4:6-16; 6:11-16).

Já propusemos (veja disc. sobre 2:8-15) que a provável razão desta preocupação com as viúvas mais moças reside em seu relacionamento com os falsos mestres. Se estivermos corretos em identificá-las como as "mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências" de 2 Timóteo 3:6-7, então a ênfase inusual desta seção faz bom

sentido, para não mencionarmos sua desordenada extensão comparada com outra coisa qualquer da carta.

5:3 / A seção começa com a preocupação ou encargo da igreja: **Honra as viúvas que verdadeiramente são viúvas** (lit.). O imperativo **honra** não é fácil de traduzir, porque no v. 17 o mesmo substantivo implica alguma sorte de remuneração, ao passo que em 6:1 significa simplesmente "respeito". Mas o contexto da seção toda, finalmente clarificado no v. 16, sugere que o que Paulo tem em vista é: **honra as viúvas**, ou "dá o devido reconhecimento", no sentido de "cuida das viúvas". Se elas devem receber reconhecimento (honra) também porque servem à igreja de algum modo, não está bem claro, mas o elogio a elas por suas boas ações, no v. 10, de certo permitiria tal interpretação.

Deve notar-se que, muito embora esta seção tenha sido, em última análise, moldada pelas atividades das viúvas mais jovens, o cuidado das verdadeiramente viúvas é, deveras, uma preocupação genuína. Tal preocupação tem raízes profundas no AT (p.e. Êxodo 22:22; Deuteronômio 24:17, 19-21; Jó 29:13; Salmos 68:5; Isaías 1:17) e muito cedo também veio a encontrar lugar na igreja (Atos 6:1-6; 9:36, 39, 41; Tiago 1:27). A premência aqui, porém, não é exortar a igreja a cuidar das viúvas, mas fornecer diretrizes para determinar quem se qualifica para tal cuidado.

É de igual modo restritivo demais traduzir "que são verdadeiramente viúvas" (repetido nos vv. 5 e 16) como "que realmente estão em necessidade". A adição do qualificativo "desamparadas" no v. 5 e o argumento dos vv. 4-8 deixam claro que o fato de ela ser verdadeira viúva significa, pelo menos, que está **desamparada**, isto é, não tem família para sustentá-la. Porém, é também claro que "verdadeiramente viúva" é aquela que é piedosa, dada à oração.

Na análise final há duas classes de viúvas que não se qualificam: as que têm família e amigos para cuidarem dela (vv. 4-5, 8, 16) e as viúvas mais moças dos vv. 11-15.

5:4 / Esta sentença dá a primeira qualificação para identificar quais não são "verdadeiramente viúvas", a saber, as que têm **filhos, ou netos**. Tanto este como o versículo 8 são dirigidos às famílias das viúvas a fim de lembrá-las de que o cuidado dos pais é sua "primeira" ordem (**aprendam eles primeiro**). Tal cuidado pelos progenitores é *eusebein* (veja disc. sobre 2:2; 3:16; 4:7-8): É **exercer piedade**. Como no caso dos

bispos e dos diáconos (3:4-5, 12), assim se dá com a comunidade como um todo; o verdadeiro comportamento cristão começa em casa **com a sua própria família** *(oikos*, "casa", "família", como em 3:4-5, 12, 15).

A cláusula seguinte, **e a recompensar a seus progenitores** refere-se, é claro, à mãe ou avó enviuvada. Esta cláusula representa um aposto da precedente, de sorte que explica em detalhes *como* os filhos devem **exercer piedade**, ao **recompensar** os pais por todo o cuidado que dedicaram aos filhos. Tal "compensação" aos pais ou avós é **bom e agradável diante de Deus**, e com certeza é uma reflexão sobre o quinto mandamento.

5:5-6 / Os dois próximos versículos apresentam a seguinte qualificação para a "verdadeiramente viúva" — ela deve ser uma mulher piedosa. Conquanto as sentenças sejam descritivas, são também, sem dúvida, dirigidas às próprias viúvas. O v. 5 começa: **Ora, a que é verdadeiramente viúva** (NIV, "a viúva que realmente está em necessidade, que ficou desamparada"). Assim, Paulo vincula aos vv. 3 e 4 o que está prestes a ser dito. O **ora** (grego, *de)* **a verdadeiramente viúva** retoma as palavras do imperativo inicial (v. 3); a expressão **desamparada**, que significa ser deixada sem família pela morte do marido, reflete a viúva cujo caso não se encaixa no v. 4.

Mas tal viúva deve ser também uma mulher que **espera em Deus.** Esta linguagem é obviamente apropriada à viuvez, porém, mais do que isso, reflete a linguagem dos salmos, em que os pobres (incluindo as viúvas), o povo humilde deposita sua confiança no Senhor, **espera em Deus.** Neste caso, a viúva **espera em Deus**, visto que **persevera de noite e de dia em súplicas e orações**. As palavras **súplicas e orações** aparecem em 2:1 encabeçando a lista. As palavras **de noite e de dia**, que refletem a compreensão judaica do dia (cp. Gênesis 1; 1 Tessalonicenses 2:9), reforçam o conceito de orar continuamente. O modo notável como esta passagem coincide com a descrição de Ana em Lucas 2:36-38 deixa-nos a nítida impressão de que é dado aqui um ideal para a viuvez, semelhante ao ideal para a feminilidade cristã, em 2:9-15.

Tal impressão é fortalecida pelo contraste no v. 6. A verdadeiramente viúva é uma mulher que confia, que ora, e que não **vive em prazeres**. Esta expressão, encontrada também em Tiago 5:5, implica de modo sistemático em auto-indulgências de todos os tipos e parece ajustar-se à descrição posterior das viúvas mais jovens nos vv. 11-13. Uma mulher

como essa, diz Paulo, **está morta** (isto é, espiritualmente) **mesmo viva** (ainda que viva; o oposto de João 11:25).

5:7 / A premência da situação ocasionada pelo comportamento das viúvas mais moças leva Paulo, a esta altura, logo após o v. 6, a exortar Timóteo: **Manda estas coisas**. A cláusula intencional seguinte **para que elas sejam irrepreensíveis** parece limitar **estas coisas** ao que foi dito às viúvas nos vv. 5-6, e não às famílias, no v. 4. Esta interpretação também recebe apoio do fato de que a cláusula de intenção, ocorre aqui, e não depois do v. 8, e do fato que a palavra "irrepreensíveis" (NIV, não "expostas à repreensão"; a mesma palavra que iniciou a lista das qualificações dos supervisores, 3:2) refere-se ao comportamento de que falam os vv. 5-6. No v. 8 há uma palavra ainda mais forte de juízo às famílias.

Dessa maneira, muito embora o esforço do parágrafo todo (vv. 4-8) seja definir "as viúvas autênticas", que devem ser "reconhecidas" pela igreja, este repentino imperativo a Timóteo: **Manda, pois** (a mesma palavra grega de 1:3, 5 e 18) às viúvas **estas coisas para que elas sejam irrepreensíveis** indica vigorosamente que o problema reside aqui. Compare a premência semelhante e solene interrupção em 5:21.

5:8 / Antes de continuar com essas instruções às viúvas, porém, Paulo retorna uma vez mais aos filhos e aos netos do v. 4 — desta vez para pronunciar juízo sobre **alguém** (qualquer pessoa) que não cuida dos seus. Em assim fazendo, ele cria uma estrutura quiástica (*ab ba*; veja nota sobre 3:16) neste primeiro parágrafo.

a palavras aos parentes (v. 4)

b palavras às viúvas (v. 5)

b' juízo sobre as viúvas desobedientes (vv. 6-7)

a' juízo sobre os parentes desobedientes (v. 8)

Desse modo o "mas" que começa este versículo, no texto grego, volta ao v. 4.

A combinação **dos seus, e principalmente dos da sua família** (lot., "sua própria família") é particularmente enfática acerca dos membros da **família**, os que moram sob o mesmo teto. Talvez se insinue que alguém na comunidade crente (cp. v. 16) negligenciasse ou transferisse para a igreja o cuidado de sua mãe ou avó viúva. Tal incúria é equivalente a dizer-se que **negou a fé**. Dificilmente alguém está preparado para uma palavra tão forte de juízo para este tipo de lapso comportamental.

Contudo, as palavras seguintes: **e é pior do que o incrédulo**, dão-nos a pista. A exortação se conforma com a preocupação expressa por toda a carta (veja 2:2; 3:1-7; 5:14; 6:1) de que o comportamento cristão seja circunspecto perante o estranho e, portanto, pelo menos eticamente igual ao desses incrédulos — embora obviamente muito mais se espera dos crentes. Paulo não está condenando os descrentes; pelo contrário, diz ele, com efeito, que os incrédulos cuidam de suas próprias viúvas. *Fazer* menos é, portanto, *ser* menos **do que o incrédulo**; equivale à negação **da fé**, uma vez que estaria agindo pior do que uma pessoa que não fez profissão de fé.

O segundo parágrafo (vv. 9-16) desta seção acrescenta uma nova dimensão ao que foi dito e, ao mesmo tempo, também ajuda a clarificar alguns itens dos vv. 4-8. Aqui ficamos sabendo que uma "verdadeira viúva" deve ser **inscrita** na "lista de viúvas", desde que ela tenha outras qualificações do viver piedoso (vv. 9-10). A seguir, o procedimento da viúva dada à auto-indulgência (v. 6) é exposto em detalhe (vv. 11-13), e as instruções são para que ela se case de novo (v. 14). O v. 15 torna claro que tudo isto era muito existencial para a igreja e, portanto, não se trata de um "manual eclesiástico" sobre "o que fazer com as viúvas na igreja que progride". Paulo acrescenta uma palavra final (v. 16) para colocar em foco também outra questão importante — a preocupação com as viúvas.

5:9-10 / A redação desta sentença é que gerou grande parte do debate sobre este assunto. Primeiro, diz Paulo: **Não seja inscrita viúva com...** A expressão **inscrita** pode ser um termo geral ("incluir entre") ou um termo mais técnico para "arrolar" ou "alistar" pessoas em algum tipo de lista oficial. Segundo, Paulo cita três qualificações: ela deve ter mais de **sessenta anos**, ter **sido mulher de um só marido** (ter sido fiel ao marido), e ser **recomendada pelo testemunho de boas obras** (quatro ou cinco dessas obras são mencionadas).

Alguns vêem isto como indicativo de que havia por esse tempo na igreja uma "ordem de viúvas", de caráter oficial, que deviam executar os "deveres" do v. 10 e em retribuição recebiam assistência da igreja. Mas isso parece exigir demais do que está realmente escrito, bem como parece enxergar longe demais, nas evidências do segundo século, tomadas como ponto de apoio (veja nota). Além do mais, parece perder a consideração maior do parágrafo, a saber, os vv. 11-15.

É mais provável que o que está acontecendo aqui reflita a dupla preocupação de Paulo: determinar quem será **inscrita** entre "as verdadeiras viúvas", a fim de receber os cuidados da igreja; e contrastar essas mulheres com as viúvas mais moças (o que ele faz a seguir). Ao fazê-lo, Paulo não estabelece deveres no v. 10 — o texto grego na verdade dificilmente permitiria tal interpretação. O apóstolo está argumentando que a viúva deve ser bem **recomendada pelo testemunho de boas obras** (talvez desde antes do falecimento do marido, tanto quanto depois).

Que a viúva deve ter mais de **sessenta anos** talvez reflita a norma cultural tanto para a "velhice" quanto para a idade acima da qual um novo casamento teria ficado fora de cogitação. A construção grega traduzida pela NIV como "tenha sido fiel ao seu marido" (tenha sido mulher de um só marido) foi traduzida como "marido de uma só mulher" em 3:2. Embora a primeira idéia (NIV) certamente esteja incluída, aqui a última idéia pode ser a mais apropriada. O ideal cultural de uma viúva que "foi casada somente uma vez" é amplamente ilustrada por via da literatura e dos epitáfios (cp. Lucas 2:36-37). É certo que esse ideal incluiria ter **sido fiel ao seu marido**, mas tal fidelidade para uma viúva se estenderia de modo que excluísse um segundo casamento. O fato de as viúvas mais moças receberem aconselhamento que contraria este ideal dificilmente fala contra esta interpretação (conforme Hanson), visto que elas já estão, por diversos motivos, sendo excluídas do rol das "verdadeiras viúvas".

Recomendada pelo testemunho (lit. "tendo tido testemunho nascido dela") **de boas obras** inclui quatro itens específicos, além de uma conclusão generalizadora ("devotando-se a todos os tipos de boas obras", NAB; ou melhor, como traz ECA: **se praticou toda a sorte de boa obra**). Em uma palavra, tem ela sido zelosa por fazer toda boa obra possível? Estas palavras sugerem que a lista é meramente representativa, e não exaustiva, quanto a seus deveres.

Qualificações incluídas: (1) Uma mulher que **criou filhos**. O fato de criar filhos ser incluído como boa ação reflete tanto o ideal cultural como o bíblico para a feminilidade (veja disc. sobre 2:15); (2) Uma mulher que **se exercitou** na **hospitalidade**. Como no caso do bispo (3:2) e de todos os demais cristãos (Romanos 12:13), ela deve também ter a reputação de praticar a **hospitalidade**. (3) Uma mulher que **lavou os pés dos santos** (cp. 1 Samuel 25:41). Como em João 13:14, não está claro se essa

lavagem de pés é literal ou figurada. Parte da dificuldade resulta da falta geral de conhecimento dos costumes locais. Seja como for, é certo que o lava-pés seria o tipo de coisa que, se feita de modo literal, como parece muito provável, seria também exemplo de sua condição de serva humilde. (4) Uma mulher que **socorreu os atribulados**. Não há meios de saber a que podia isto referir-se, de modo específico. Todavia, deve-se notar que estas três últimas qualificações refletem uma mulher de espírito generoso e serviçal. Tais viúvas, sozinhas no mundo e cheias de boas ações, deveriam receber assistência da igreja.

5:11-12 / Não acontece o mesmo com as **viúvas mais novas... rejeita**-as, **não seja inscrita viúva**... basicamente por dois motivos: Elas se tornam levianas e não desejam permanecer viúvas (vv. 11-12); como viúvas, não vivem segundo o modelo de viúvas piedosas (v. 13).

Conquanto alguns dos detalhes desta sentença (vv. 11-12) sejam difíceis, o objetivo parece bastante claro. **As viúvas mais novas** não devem ser contadas entre as que "verdadeiramente são viúvas", antes de tudo porque elas não permanecerão como viúvas — visto que **quando se tornam levianas contra Cristo querem casar-se**. E a despeito do v. 14, parece claro que este desejo de casar-se de novo é visto como julgamento contra elas. Isto está em perfeita consonância com a perspectiva de 1 Coríntios 7:8-9, 39-40, onde Paulo requer que a viúva permaneça viúva, mas permite que ela se case de novo, sem, contudo, o veredicto um tanto severo desta passagem. O maior problema aqui é reconciliar a aparente severidade desta sentença contra o novo casamento com o desejo inequívoco do v. 14 de que elas se casem de novo.

A pista parece estar em dois lugares: Primeiro, Paulo realmente atribui à viuvez elevada honra. É certo que Paulo, como Lucas, aplaudiria Ana, pois o apóstolo elogia as viúvas nos vv. 9-10. Mas, em segundo lugar, ele diz que "quando seus desejos sensuais vencem sua dedicação a Cristo, querem casar-se" (**quando se tornam levianas contra Cristo, querem casar-se**). Muitas vezes temos a tendência de ler o v. 11 tendo em mente determinada interpretação do v. 12, que implica que o desejo que elas têm de casar-se de novo tende a pesar mais do que sua devoção a Cristo, a ponto de elas permitirem que o desejo sensual substitua essa devoção.

Embora Paulo não o diga aqui, ficamos imaginando se o problema não se relaciona com o que ele diz em 1 Coríntios 7:39 onde ele admite o

novo casamento de viúvas cristãs. Ela está **livre para casar-se** outra vez, diz ele, **com quem quiser, contanto que seja no Senhor** (GNB, "mas somente se ele for cristão"). O que parece estar em vista na presente passagem é um novo casamento que leve a mulher a perder a fé em Cristo, isto é, o desejo sensual dela é mais importante do que sua fé no Senhor, a ponto de ela casar-se com um incrédulo a fim de satisfazer a esse desejo.

Abandonando assim a Cristo, em seu desejo de casar-se, têm **quebrado o seu primeiro compromisso** (lit., "incorrendo em juízo porque puseram de lado a primeira fé"). Três opções foram propostas para a interpretação desta cláusula difícil: que a palavra *pistis* ("fé") significa "voto" e tem que ver com seu voto de viuvez (como o voto de "celibato" ao filiar-se alguém a uma "ordem", cp. Hanson), que ela anula ao desejar casar-se outra vez; que a palavra *pistis* significa "voto", mas tem que ver com sua "fidelidade" ao primeiro marido e, desse modo, reflete o fato de ela abandonar o ideal de casar-se só uma vez (v. 9); ou que a palavra *pistis*, conforme outras ocorrências nessas cartas, significa "fé em Cristo" ou "a fé", e o julgamento recai sobre a mulher sob a forma de novo casamento, o qual traz inerente em si o abandono do próprio Cristo.

As duas primeiras opções vêem julgamento no próprio novo casamento. Destas, a segunda se reconcilia mais facilmente com o v. 14. O desejo que elas têm de casar-se de novo é tão-só um fato entre outros (v. 13), que mostra que as viúvas mais novas seguem a Satanás (v. 15). Mas Paulo, com efeito, admite o novo casamento (v. 14) como a forma de redimi-las de verdade, ao permitir-lhes que desse modo se tornem mulheres bem conhecidas por suas boas obras, como "as que verdadeiramente são viúvas". Mas, no final de contas, a terceira é, talvez, a melhor opção. Não somente ela se ajusta à interpretação do v. 11, como reconhece que todo o parágrafo se relaciona com a redenção dessas mulheres, levando-as à fé — visto que algumas já abandonaram a fé — em vez de simplesmente fazê-las ver o erro de desejar casar-se de novo.

5:13 / O segundo motivo *(hama de kai* : "juntamente com isso elas também"; ou como traz ECA: **Além do mais, elas... também**) para não incluir as viúvas mais novas entre "as que verdadeiramente são viúvas" é que em seu presente estado de viuvez não fazem o que deveriam estar fazendo (oração, v. 5, e as boas obras dos vv. 8-10), e fazem coisas que não deveriam fazer.

Primeiro, **aprendem também a ser ociosas** (lit., "elas estão aprendendo a ser ociosas") **andando de casa em casa.** Isto está em direta contradição com as boas obras das "que verdadeiramente são viúvas", cujas atividades estão antes de tudo centradas em seus próprios lares. Dada a existência das igrejas-lares e a natureza dos problemas em Éfeso, perguntamo-nos se o problema aqui é apenas o de desperdiçar seu próprio tempo, e o de outros também, ou se, talvez, envolva uma desintegração das várias comunidades de crentes.

Tal possibilidade parece apoiar-se no que Paulo diz a seguir. **E não somente ociosas** dá a entender que não apenas nada estão fazendo de *cons*trutivo, mas suas atividades são realmente *des*trutivas. Elas se tornaram **faladeiras e intrigantes, falando o que não devem**. A tradução **faladeiras** *(phlyaroi)* é muito enganosa, insinuando que, na base de "indo de casa em casa", elas estariam envolvidas em "conversa ociosa acerca de assuntos alheios". Contudo, a palavra grega empregada significa falar tolice, ou bobagens, sendo usada na maioria das vezes, em casos em que se fala muita asneira, ou muitas coisas absurdas, em comparação com a verdade. Por isso, as viúvas mais novas são descritas em termos muito mais parecidos com os falsos mestres, cuja conversa é tola (1:6) e vazia (6:20), e que também andam **falando o que não devem** (cp. 1:6-7; 4:7; 6:3-4). É provável, à moda dos mercadores "ociosos" dos falsos ensinos, que elas sejam **intrigantes**, razão por que elas devem ficar em total submissão e não ensinar (2:11-12).

5:14 /As atividades das viúvas mais novas na promoção dos falsos ensinos são também a melhor explicação para o que agora parece contraditório aos vv. 11-12. Precisamente porque o comportamento descrito no v. 13 está em contradição com o comportamento piedoso descrito nos vv. 9-10 (**Além do mais**, em face do v. 13, talvez também 11 e 12), as viúvas mais jovens são agora encorajadas a seguir o exemplo de boas obras das viúvas idosas. Mas, para isso, elas que **se casem** de sorte que **tenham filhos** e **sejam boas donas de casa** (cp. v. 10). O verbo **tenham filhos** é o mesmo de 2:15, pelo qual o problema de 2:9-15 fica finalmente resolvido. Para Paulo, o ponto importante é que dando elas atenção à sua verdadeira tarefa, os problemas satanicamente induzidos da igreja efésia tenderiam a chegar ao fim.

Mas isto, com efeito, contradiz os vv. 11-12? Na verdade, não. Nos vv. 11-13 Paulo apresentava motivos por que elas **não** deveriam ser

inscritas entre as "verdadeiramente viúvas" — basicamente porque elas deixam de preencher as qualificações dadas nos vv. 9-10. Agora ele aconselha o que as viúvas jovens *devem* fazer, uma vez que são rejeitadas como "verdadeiramente viúvas".

Nem isto contradiz 1 Coríntios 7:39-40. Nesta passagem Paulo disse que a viúva está *livre* para casar-se outra vez (com um crente), mas é *melhor* permanecer viúva. Aqui ele ainda sustenta que é *melhor* continuar viúva (5:9, 12), mas a situação em Éfeso levou-o agora a *aconselhar* novo casamento (de novo, como subentendem os vv. 11-12, com um crente).

Como tantas vezes nesta carta (veja disc. sobre 2:2; 3:6; 5:8), o comportamento incentivado por Paulo em contraste com os falsos ensinos é: **Não dêem ocasião ao adversário de maldizer**. Talvez isso se refira a Satanás, embora, é claro, o pecado de **maldizer** seja perpetrado por instrumentalidade humana.

5:15 / A enfática ordem das palavras **porque já**, desta sentença, indica que chegamos agora à premência que a maior parte desta seção evoca. Esta sentença também deixa claro que os vv. 11-13 não são simplesmente hipotéticos, como se Paulo estivesse dizendo: "Isto é o que talvez aconteça às viúvas jovens; portanto, não as acrescentes à lista".

O problema é existencial — e sério. **Porque já algumas se desviaram, indo após Satanás.** Conforme observado anteriormente (veja disc. sobre 1:6), a expressão **se desviaram** repete-se em 1 e 2 Timóteo para refletir a situação ali, tanto dos mestres como daqueles aos quais eles enganaram. Descrever tal desvio como **indo após Satanás** reflete o que ficou dito em 4:1-2 e o que estava subentendido referente às mulheres em 2:14.

5:16 / Havendo agora lidado com o problema premente da defecção de algumas viúvas mais novas, Paulo retorna pela última vez à preocupação com a qual começou a seção — o cuidado das "que verdadeiramente são viúvas". Esta sentença torna claro o que foi apenas insinuado antes, que **a igreja** deve **socorrer** a viúva que está "desamparada"... **a que é verdadeiramente viúva**. Em assim fazendo, ele repete também a substância dos vv. 4 e 8, a saber, que os parentes devem ajudar as viúvas: **aprendam eles primeiro a exercer piedade para com a sua própria família** de modo que **não se sobrecarregue a igreja.**

O elemento surpreendente na sentença é o sujeito, se alguma mulher

crente, preferível a "se alguém" (como no v. 8). Tão surpreendente é este termo que alguns antigos copistas alteraram o texto (achando que o corrigiam) para dizer "qualquer homem crente ou mulher crente".

É este tipo de surpresa que nos lembra quão imediatas teriam sido a situação histórica e a substância da carta para os seus destinatários originais e quão distantes estamos hoje dessa situação e substância, o que nos leva a tantas incertezas (como se verifica em tantos versículos nas Epístolas do NT). É possível que este sujeito feminino nos diga que o problema por trás dos vv. 4 e 8 era o caso específico de uma viúva jovem, rica, que se recusava a cuidar da mãe ou avó enviuvadas. Ela seria, então, o "alguém" do v. 8. Se assim for, até mesmo a preocupação pelo cuidado das "que verdadeiramente são viúvas" seria estimulada pelas atividades de uma das viúvas mais novas.

A alternativa seria que **alguma mulher** cristã, rica, como Lídia (Atos 16:14-15) ou Cloé (1 Coríntios 1:11) já havia recebido algumas viúvas para fazer parte "de sua família" (as palavras "de sua família" não constam do texto grego). Paulo estaria, pois, incentivando a continuação deste procedimento, de sorte que a lista de viúvas que necessitassem do cuidado da igreja (conforme definido nos vv. 4-10) não incluiria estas que já recebiam assistência.

Notas Adicionais #13

5:6 / Uma expressão quase idêntica acerca de estar morto enquanto vive ocorre em Fílon *(On Flight and Finding)* 55, sendo usada por alguns como evidência da influência filônica sobre o suposto pseudo-epígrafo. Mas tal idéia com certeza não é substantivamente filônica. Na verdade, ela se encontra também em Apocalipse 3:1.

5:7 / A colocação desta incumbência em tal ponto da discussão cria dificuldade para os que negam a autoria paulina. Por isso, devem estes considerá-la ou como "sentença conectiva um tanto débil" (Hanson) ou apenas deixar de comentá-la de vez (D-C). Mas, à semelhança de 5:21, a incumbência constitui interrupção tão importante, que nos perguntamos como um pseudo-epígrafo poderia tê-la criado.

5:9-10 / Algumas vezes tem-se alegado (p.e., Bernard) que os vv. 3-8 e 9-10 referem-se a dois grupos: viúvas beneficiárias da caridade e outros que desempenham deveres oficiais. O argumento é que "a igreja não limitaria sua caridade aos necessitados por condições estritas como as dos vv. 9, 10" (p. 81). Mas este argumento erra o alvo proposto pela seção toda, bem como enfatiza demais uma opinião inçada de dúvidas — que uma "ordem de viúvas" ministrava na igreja.

Kelly (p. 112) argumenta, com base em declarações de Inácio (*Smyrnaeans* 13:1; Policarpo 4. 1), Policarpo (*Phillippians* 4. 3, e Tertuliano (*On the Veiling of Virgins)*, que uma ordem ministradora de viúvas já estava plenamente desenvolvida no segundo século. Mas nenhuma dessas declarações sugere, nem mesmo remotamente, a existência de uma ordem auxiliadora. Pelo contrário, as passagens aludem à existência delas como entidade reconhecível e refletem interesse por seu cuidado, como faz uma passagem semelhante em Justino (*First Apology* 1.67). Cp. a análise mais cautelosa de Barrett (p. 74) e Lock (p. 56).

Quanto a uma referência literária de louvor às mulheres que foram casadas somente uma vez, veja Sêneca, *On Marriage* 72-77 (traduzido em J. P. V. D. Balsdon, *Roman Women* [Westport, Conn.: Greenwood Press, 1962], p. 208); quanto a epitáfios, veja M. Lightman & W. Ziesel, "Univira: An Example of Continuity and Change in Roman Society".

Alguns (p.e., Kelly; cp. Hanson) querem que a expressão **tenham filhos** represente uma idéia mais ampla refletindo os deveres femininos, sugerindo que se traduza "cuidem de crianças", referindo-se ao cuidado dos órfãos. Argumenta-se, de igual modo, que **exercitou hospitalidade** refere-se a um dever, "em comparação com os bispos (cp. iii, 2), na recepção e hospedagem de evangelistas itinerantes, pregadores", etc. (Kelly, p. 117). Mas, fazer isso é permitir que a idéia de "deveres" determine o significado do texto, e deixa de levar a sério o fato que esta lista reflete uma reputação já adquirida mediante **boas obras**.

A questão de saber se "lavagem de pés" se havia tornado ou não um rito não pode ser resolvido deste ou daquele modo, com base nas poucas evidências disponíveis. A primeira referência clara a tal rito encontra-se em Agostinho, *Letters*.

5:13 / Tanto Kelly quanto Hanson ressaltam que a palavra **intrigantes** é usada no plural neutro em Atos 19:19, como eufemismo para "feitiçarias" ou "artes mágicas". Eles apresentam a sugestão interessante, mas improvável, de que esta palavra é "expressão discretamente velada" (Kelly, p. 118) para tais feitiçarias, de modo que falar de coisas **que não devem** reflete o uso de tais ritos satânicos. A sugestão de Barrett e de D-C, que consideram aquela expressão como reflexo das idéias de 2 Tessalonicenses 3:11, parece muito mais perto do alvo.

5:16 / A despeito de as palavras **se alguma mulher crente** serem as mais difíceis e as mais bem comprovadas, NEB, Moffatt, e Easton preferem a tradução "homem ou mulher cristãos" (NEB). Tal redação supõe a ausência das palavras *pistos e* ("homem cristão ou") porque o olho de um escriba pulou essas palavras, preferindo ver a semelhante *piste* ("mulher crente"). Mas a evidência a favor de *piste* é tão primitiva e tão diversa que quase temos de argumentar a favor de tal fenômeno ter ocorrido mais de uma vez, o que parece altamente improvável.

14. Instruções Acerca dos Presbíteros (1 Timóteo 5:17-25)

Como a seção precedente sobre viúvas, esta seção sobre presbíteros tem sido considerada há muito verdadeiro enigma. Além das dificuldades encontradas no significado de "presbíteros", há os problemas de contexto (o que esta expressão está fazendo *aqui?)* e de estrutura (como os vv. 21-25 se relacionam com 17-20, e qual é o objetivo das admoestações pessoais a Timóteo nos vv. 21 e 23?) Se nossa visão das coisas até aqui tem sido correta, a resposta a esses quebra-cabeças reside, então, na situação histórica da igreja em Éfeso, a saber, as atividades dos falsos mestres.

A estrutura da discussão tem algumas similaridades interessantes com a seção antecedente sobre as viúvas. Como a preocupação ali era dupla (o verdadeiro cuidado das viúvas, no contexto de algumas que rejeitaram a fé), assim também Paulo começa com uma autêntica preocupação aqui, que é o cuidado dos presbíteros (vv. 17-19), mas a seguir passa para o assunto mais importante — a reprovação imparcial dos que estão pecando (vv. 20-21. As substituições de presbíteros pecadores devem ser processadas com grande cuidado (v. 22), porque os pecados de algumas pessoas, infelizmente, nem sempre se evidenciam de imediato (v. 24). Nunca, porém, Paulo soluciona uma questão imprimindo-lhe nota tão negativa: O apóstolo acrescenta que muitas vezes se verifica a mesma coisa também com as boas obras. O v. 23, o grande enigma, é ligeira digressão suscitada pelo v. 22, mas expressa em face do ascetismo dos falsos mestres (4:3) e da saúde pessoal de Timóteo.

Mas, por que tudo isto dito aqui, e não depois do capítulo 3, por exemplo, ou 4:1-5? É provável que a resposta esteja no conteúdo geral da carta. Após a incumbência no capítulo 1, Paulo começa com a conduta na comunidade em face dos falsos mestres (caps. 2 - 3) passando, depois, para uma exposição do falso ensino em si mesmo — e de sua fonte (4:1-5). Após reiterar a incumbência a Timóteo e suas próprias responsabilidades na situação (4:6-5:2), Paulo dá instruções sobre como lidar com dois grupos específicos que são o elemento-problema — algumas

viúvas jovens (5:3-16) e seus "aliados", os presbíteros transviados (esta seção). Desse modo, a localização desses versículos nesta discussão relaciona-se em parte com os falsos mestres mancomunados com as viúvas mais jovens e, em parte com a necessidade de lidar com os presbíteros de modo específico (bons e maus, mas o problema foi suscitado pelos maus).

5:17-18 / os vv. 17 e 18 formam uma unidade clara, ligada por **porque** (v. 18), dizendo a Timóteo a à igreja que **os presbíteros que governam bem... principalmente os que trabalham na palavra e no ensino** devem receber **duplicada honra**, porque assim **diz a Escritura**.

Embora "anciãos, ou presbíteros" ("homens idosos") sejam mencionados em 5:1, este é o primeiro uso que Paulo faz deste termo em 1 Timóteo quanto aos que se encontram em posições de liderança (veja disc. sobre 3:1-7). Que o termo **presbíteros** inclui pelo menos os bispos (supervisores) de 3:1-7 é fato que tem apoio nas evidências de Tito 1:5-7 e de Atos 20:17, 28. Talvez o termo cubra todos os **que governam bem**, todos os que cuidam da **igreja de Deus** (3:5) e, desse modo, incluiria também os diáconos. A escolha do termo em si (veja também Atos 14:23; 15:4) sem dúvida reflete a herança judaica recebida pela igreja; os anciãos já constituíam característica permanente da sinagoga (veja BAGD, 2a).

Paulo afirma três coisas aqui a respeito dos anciãos (presbíteros): Primeira, eles **governam bem**, dirigem os negócios da igreja. A expressão **governam** é a usada em 3:4 e 12 no sentido de "administrar", "cuidar" da própria família. Conquanto não seja freqüente em Paulo, é com efeito a mais antiga expressão que ele usa com referência aos líderes da igreja (1 Tessalonicenses 5:12; cp. Romanos 12:8); encontra-se no singular, como substantivo, em Justino Mártir (c. 150 d. C. ; *First Apology* 1. 67) com referência àquele que na época havia emergido como líder único de uma congregação. A preocupação aqui é que tais **presbíteros** façam **bem** o seu trabalho.

Segunda, entre **os presbíteros** estão **os que trabalham na palavra e no ensino**. Nem todos os que **governam** "a igreja" são também mestres, mas os mestres são contados entre os líderes. O verbo "trabalhar" foi usado anteriormente para descrever seu próprio ministério e o de Timóteo (4:10), sendo um dos verbos prediletos de Paulo para a labuta do evangelho (p.e., 1 Tessalonicenses 5:12; 1 Coríntios 15:10; 16:16; Ro-

manos 16 até o fim). Tais homens **trabalham** bastante **na palavra** (lit.), e **no ensino.**

Terceira, tais presbíteros que **trabalham na palavra e no ensino** são **dignos de duplicada honra**. Está claro do v. 18 que **honra** (veja disc. sobre v. 3) aqui inclui pelo menos pagamento. Todavia, é de todo improvável que **duplicada honra** significa "remuneração em dobro" (conforme GNB), subentendendo-se duas vezes o que ganham os outros que não ensinam, ou duas vezes o que se paga às viúvas. A expressão significa, antes, "dobrada honra", a honra e o respeito devidos aos que se encontram em tais posições bem como remuneração. Paulo reitera, assim, uma ordem enunciada em várias passagens: os que lideram a comunidade no ministério da palavra devem ser sustentados pela comunidade (veja esp. 1 Coríntios 9:7-14; cp. 1 Tessalonicenses 2:7; 2 Coríntios 11:8-9).

O **porque** que começa o v. 18 implica que o que se segue explica ou dá apoio ao argumento do v. 17, e o que vem a seguir são duas citações que corroboram e apóiam a doutrina de os mestres receberem ajuda financeira e material. A fórmula que introduz as citações: **porque diz a Escritura** é tipicamente paulina (cp. Romanos 9:17; 10:11; 11:2; Gálatas 4:30). As próprias citações refletem os mesmos dois tipos de evidência apoiadora como em 1 Coríntios 9:9 e 9:14. A primeira citação é de Deuteronômio 25:4: **Não atarás a boca ao boi quando estiver debulhando**. Em 1 Coríntios Paulo havia alegado, em bom estilo rabínico, que Moisés disse isso para benefício dos ministros cristãos, que deveriam ser sustentados pelo povo para o qual "trabalham". O mesmo ponto óbvio é apresentado aqui sem entrar em detalhes.

Na argumentação de 1 Coríntios 9:13-14, como uma espécie de reflexão posterior, Paulo lembrou aos coríntios que os sacerdotes obtêm sua parte dos sacrifícios de alimento e que Jesus, também, havia ordenado que "aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho". Paulo, em 1 Coríntios, apela à passagem que cita aqui: **Digno é o obreiro do seu salário**. Este é um dito de Jesus, exatamente como aparece em Lucas 10:7 (cp. a versão ligeiramente diferente de Mateus 10:10). Deve-se notar que no único outro caso onde Paulo cita as palavras de Jesus (1 Coríntios 11:24-25), também cita uma versão que ele partilha com Lucas, em contraste com Marcos e Mateus. Isto não deveria causar surpresa a ninguém, dada a evidente intimidade de Paulo com Lucas.

O ponto central de tudo isto, é claro, *não* é dar uma definição de quem são os presbíteros e quais os seus deveres; a preocupação de Paulo é com os presbíteros de Éfeso, responsáveis pelo ensino. Esses homens são **dignos de duplicada honra**, incluindo remuneração, quando **governam bem**, ou executam bem o seu trabalho. Infelizmente, nem todos estão fazendo assim em Éfeso, de modo que ele deve agora tratar desse problema.

5:19-20 / Esses versículos retomam um segundo item com referência aos presbíteros — a questão da disciplina. Basicamente Paulo apresenta duas diretrizes: (1) Nenhuma acusação insustentada deve ser trazida contra um presbítero (v. 19), mas (2) deve haver repreensão *pública* dos que são considerados culpados (v. 20). Estas seguem obviamente uma à outra, e a segunda supõe que acusações válidas foram trazidas.

Ao ordenar: **Não aceites acusação contra um presbítero senão com duas ou três testemunhas**, Paulo não está exigindo algo que não exigiria quanto a outras pessoas (veja 2 Coríntios 13:1; cp. Deuteronômio 19:15; João 8:17; Hebreus 10:28). Mas ele diz isto aos ouvidos de toda a igreja para o bem dos presbíteros; por um lado, em virtude de estes ficarem bem à vista de todos, por causa da posição que ocupam e, por outro, porque alguns estão na realidade pecando (v. 20). Esta diretriz protege o presbítero contra os espíritos maliciosos, inconfiáveis.

A segunda incumbência é, com certeza, o motivo da seção toda, visto que os vv. 21-25 seguem-se com naturalidade. **Aos que pecarem** (lit., "os que *estão* pecando", e não "os que pecaram"), **repreende-os na presença de todos**. Esta expressão poderia também significar "expor publicamente", e assim a trazem Kelly e Moffatt. Em qualquer dos casos, a ênfase recai sobre a natureza pública (NASB, "na presença de todos") da ação. Isto pode parecer um tanto severo e desamoroso, mas, conforme indica a cláusula seguinte, é para o bem de toda a comunidade: **para que também os outros tenham temor**. O ponto central é que **os outros** experimentem "o temor de Deus" mediante tal repreensão pública, a qual parece ter apoio na solene exortação que se segue (v. 21). Todavia, quem são **os outros** que devem temer? A palavra grega comumente significa "os outros da mesma categoria". Pelo menos é o que significa aqui, isto é, que os outros presbíteros temam a Deus. Dada, porém, a natureza pública da ação, não há motivo para excluir **os outros** da igreja — embora a expressão com certeza não fosse usada primordialmente a respeito deles.

Como antes, tudo isto faz sentido se a carta tenciona tratar da situação *ad hoc* em Éfeso. Se assim for, a ênfase recai, então, sobre o v. 20, e não sobre o 19. Timóteo deve expor, ou "repreender" os que estão persistindo na obstinação. Mas Timóteo não deve exercer vingança, por isso Paulo começa acautelando — nada de acusações particulares, ou não sustentadas por provas.

5:21 / Que o v. 20 contém a verdadeira ênfase é apoiado por esta solene exortação a Timóteo: **sem prevenção guardes estas coisas, nada fazendo com parcialidade**. Embora alguns (p.e., GNB, D-C) considerem este versículo como o começo de novo parágrafo (a maneira de a NIV dividir os parágrafos é um mistério), o que é bastante improvável, dada a natureza pouco importante das instruções que se seguem. **Estas coisas** têm que ver com cuidar de que o *julgamento* seja levado a cabo **sem prevenção**, por um lado (como, p.e., no v. 19) e, por outro, **nada fazendo com parcialidade**. Tais julgamentos devem ser executados sem opiniões pré-formadas, sem **parcialidade**, porque Timóteo e a igreja de igual modo estão perante o tribunal celestial (**diante de Deus e de Cristo Jesus, e dos anjos eleitos**), quer como representantes do Senhor nessas ações, quer como quem um dia será julgado. Quanto a este tipo de solene exortação, veja também 2 Timóteo 4:1 (cp. 1 Timóteo 6:13).

A inclusão de **os anjos eleitos** não é comum e serve para intensificar a solenidade da exortação. **Eleitos** pode referir-se ou aos anjos como ministros escolhidos de Deus, que executam sua vontade (Bernard) ou servir como contraste com os anjos caídos (Kelly), sendo esta última alternativa talvez a melhor, dado o contexto do julgamento.

A premência deste apelo é o que nos faz pensar não tratar-se simplesmente de instruções gerais para lidar com os presbíteros, mas refletem uma situação específica, histórica. Mas, em vez de "casos... concretos de escândalos surgidos do tratamento preferencial que os presbíteros heréticos têm recebido", como proposto por Kelly (p. 127), é mais provável que a preocupação gire em torno dos presbíteros heréticos que, como falsos mestres, estão exercendo considerável influência na comunidade.

5:22 / O primeiro imperativo desta sentença: **a ninguém imponhas precipitadamente as mãos** tem origem natural no que foi dito. O v. 20 indica que alguns presbíteros *estão* pecando; o v. 21 ordena que sejam

denunciados ou repreendidos em público — imparcialmente. Agora serão dadas algumas diretrizes sobre como substituí-los. O objetivo deste imperativo é, como em 3:6, que Timóteo exerça a devida cautela antes de impor as mãos sobre pessoas que serão guindadas à posição de presbíteros (cp. 4:14). O motivo desta cautela relaciona-se com o pecado, isto é, o fato de que alguns estão pecando (v. 20) e que nem todos os pecados das pessoas são prontamente evidentes (v. 24).

Esta preocupação com os "pecados" de alguns dos presbíteros leva ao próximo imperativo: **Nem participes dos pecados alheios.** Isto poderia significar: "Não te envolvas nesses tipos de pecados que têm exigido que alguns dos presbíteros sejam julgados" ou "Sendo apressado na imposição das mãos e dessa maneira ordenando pessoas que se revelam pecadoras, por isso mesmo te tornas participante de seus pecados". Esta última opção parece contar com o apoio dos vv. 24-25, onde Paulo explica com minúcias o motivo para a paciência. Contudo, o imperativo adicional: **Conserva-te a ti mesmo puro**, parece favorecer a primeira opção, especialmente em face da preocupação semelhante em 4:12. Conforme 4:6-16, portanto, a preocupação acerca dos pecados de outros leva Paulo a um breve desvio para tratar de um assunto pessoal com Timóteo acerca de ordenar a sua própria vida.

5:23 / Todavia, Paulo apressa-se em qualificar essa breve palavra pessoal a Timóteo. Se ele não quer que Timóteo participe dos pecados de outros, também não quer que ele seja apanhado no ponto de vista errôneo que os falsos mestres têm de pureza, a saber, abstenção de certos alimentos (4:3) entre os quais, talvez, o vinho.

Assim, diz ele: **Não bebas mais água só**. Este verbo sempre foi usado na antigüidade com o sentido de **beber só água**, implicando a abstenção de vinho. Portanto, assim diz Paulo: "Quando te ordeno **conserva-te a ti mesmo puro**, não quero dizer que deves viver como um 'abstêmio'. Na verdade, a insistência na abstinência faz parte da hipocrisia dos falsos mestres, sendo um dos 'pecados' deles. Pelo contrário, Timóteo, **usa de um pouco de vinho**, para benefício de tua própria saúde. O uso do vinho é **por causa do teu estômago e das tuas freqüentes enfermidades**". Ao fazer esta recomendação, Paulo está meramente refletindo o amplo uso do vinho com propósitos medicinais entre judeus e gregos.

A menção das freqüentes enfermidades de Timóteo ajuda a contribuir para o quadro de timidez que surge nos vários textos (veja disc. sobre 4:12).

5:24-25 / Havendo feito breve digressão a propósito de uma nota pessoal a Timóteo, Paulo retorna agora à questão dos "pecados" dos presbíteros, e apresenta seu motivo fundamental para não haver pressa na imposição de mãos. Primeiro, diz ele: **Os pecados de alguns homens são manifestos antes de entrarem em juízo**. Isto é, quando finalmente o julgamento sobrevém a algumas pessoas, não será surpresa, em virtude de seus pecados evidentes. Mas Paulo ficou bem desapontado com alguns presbíteros desta igreja, pelo que adverte a Timóteo: **Os pecados de alguns homens** "deixam rasto atrás deles", o que significa, conforme traduz a GNB, que os pecados de algumas pessoas "são vistos somente mais tarde".

O que Paulo não diz no transcorrer desta seção é que **pecados** são esses. Mas a estreita proximidade da acusação final dos falsos mestres em 6:3-10 leva-nos a perguntar se os pecados ocultos não teriam sido o orgulho, o gosto doentio pelas controvérsias, o ciúme (6:4) e, de modo especial, a avareza (6:5-10).

Contudo, em estilo tipicamente paulino, a palavra de cautela no v. 24 necessita de seu contrapeso positivo. A mesma coisa que é verdade com relação aos pecados de algumas pessoas é também verdade em se tratando das **boas obras** de outras pessoas. Em sua maioria, **as boas obras são manifestas,** mas, em qualquer caso, **as que não o são não podem ocultar-se** para sempre. Esta cláusula final não é muito clara no grego. Poderia significar o seguinte: "Até as ações **que não... são** boas...", mas tendo em mente o que já foi dito no v. 24, a NIV talvez também tenha traduzido o sentido certo. Também não ficou claro quando Paulo acha que as más obras tampouco poderiam permanecer escondidas. Kelly pensa **em juízo**, porém, é mais provável que o juízo contrabalance a palavra do v. 24 e, dessa maneira, volta ao v. 22. Do mesmo modo como Paulo exige cautela porque os pecados de algumas pessoas nem sempre se evidenciam de imediato, assim a cautela favorece Timóteo com vistas às **boas obras** de outros. Com o tempo, tais boas obras se manifestarão, de sorte que as pessoas verdadeiramente dignas por fim ficarão em evidência.

Notas Adicionais #14

5:17-18 / Esta é uma passagem onde alguns traçariam distinções entre presbíteros "regentes" e presbíteros "docentes", embora os presbíteros "docen-

tes" sejam, também, "regentes". Os problemas com tais distinções têm que ver com o quão pouco podemos dizer tendo por base todas as evidências. O que esta passagem de fato admite é que nem todos os responsáveis por governar a igreja eram, de fato, mestres. Mas, depois disso, as evidências são mais ambíguas.

Bernard (p. lxxii) argumenta que os termos *episkopos* e *presbyteros* não são intercambiáveis, pelo menos no sentido de um *episkopos* ser também um *presbyteros*; mas o seu argumento baseia-se em exegese muito questionável. Veja disc. sobre Tito 1:5, 7. Para uma apresentação semelhante àquela defendida neste comentário, veja J. P. Meier, *"Presbyteros* in the Pastoral Epistles", pp. 325-37.

A fórmula **diz a Escritura** introduz apenas a citação de Deuteronômio 25:4. Se Paulo escreveu (ou ditou) essas palavras, então o Evangelho de Lucas quase com certeza ainda não tinha forma escrita. Muitos argumentariam que usando a expresão **Escritura** para uma citação nos evangelhos, o pseudo-epígrafo posterior se teria traído, assim. Mas, neste caso, isso dificilmente funcionaria, uma vez que o termo *Escritura* significava *somente* o AT, para os cristãos, até o fim do segundo século. Talvez nem mesmo um escritor do final do primeiro século se teria referido a uma palavra de Jesus como "Escritura", muito embora, é claro, as palavras de Cristo lhes fossem revestidas de plena autoridade (veja *graphe* em *Patristic Lexicon* de Lampe, com relação às evidências; cp. 1 Clemente, Inácio, Policarpo, Justino, etc.). Quase como Marcos, que diz: "Como está escrito no profeta Isaías" (1:2), e a seguir cita Malaquias e Isaías, Paulo escreve: **diz a Escritura** e cita a própria "Escritura", mas logo depois acrescenta outra palavra autorizada que não significa, necessariamente, *Escritura,* como fonte. É bem possível, conforme A. E. Harvey argumenta, que a segunda citação assemelhava-se a um provérbio. Contudo, é quase certo que Paulo tenciona citar o que para ele já era conhecido como palavras de Jesus.

Deve-se notar, também, que a citação de Deuteronômio 25:4 difere daquela em 1 Coríntios 9:9, usando o verbo *phimoseis*, com a LXX, em vez de *kemoseis*. Alguns consideram esta evidência favorável à autoria não paulina. Mas se um pseudo-epígrafo *estivesse* usando 1 Coríntios 9 para esta passagem, por que não citaria o que se encontra ali? Em qualquer caso, 1 Coríntios 9:9 segue a ordem de palavras da LXX, ordem não usada aqui, de modo que nenhuma das citações reflete plenamente a LXX — que é tipicamente paulina. Observe as duas diferentes citações de Isaías 40:13 em 1 Coríntios 2:16 e Romanos 11:34.

5:19-20 / Kelly sugere que não se dê nenhuma ênfase ao tempo presente do particípio, "aos que pecarem". Todavia, se Paulo tinha a intenção de referir-se a alguém que havia sido "apanhado" em algum tipo de pecado, seria de se esperar o aoristo grego: "aqueles que têm pecado". A forma verbal usada não dá a entender, com efeito, que o "pecar" prossegue.

Bernard (e outros) limitaria a frase "na presença de todos" a "na presença de todos os seus *co-presbíteros* (p. 87), rejeitando assim a tradução **publica-**

mente. No contexto, porém, nada sugeriria tal delineação. Fosse essa a intenção de Paulo, este seria o lugar apropriado para *loipoi*, **os outros**, deixando claro que os colegas presbíteros deveriam constituir o "tribunal".

5:22 / Alguns têm argumentado (p.e., Lock, D-C), que a preocupação com os presbíteros limita-se aos vv. 17-19, uma vez que a palavra *presbítero* ocorre somente nesses versículos. Os vv. 20-25 lidam, pois, com membros da comunidade que pecaram como um todo e, enquanto o v. 22 em particular fala da imposição de mãos para recuperação do penitente: "Não sejas rápido demais em trazê-los de volta", pelos motivos dados nos vv. 24-25.

Todavia, contra esta interpretação levantam-se estes dados: que faz sentido, e muito, considerar a seção toda como tratando de presbíteros; que tal prática era desconhecida antes do terceiro século; e que a imposição de mãos noutras passagens das EP refere-se ao reconhecimento de dons especiais para o ministério.

5:23 / O enquadramento deste versículo em seu contexto de há muito tem sido um dos enigmas de 1 Timóteo, de modo que Moffatt o omitiu totalmente de sua tradução. Para os que negam a autoria paulina, tanto sua colocação quanto seu conteúdo apresentam problemas. Conforme observa corretamente Kelly: "A própria banalidade do versículo faz soar uma nota de autenticidade" (p. 128).

O emprego medicinal do vinho, de modo especial para problemas do estômago, está documentado em fontes tão variadas como o Talmude *Berakoth* 51a; *Baba Bathra* 58b, Hipócrates *(Ancient Medicine* 13), Plutarco *(Advice About Keeping Well)*, e Plínio *(Natural History* 2. 19). Kelly inclui Provérbios 31:6-7, mas a exegese é muito duvidosa, na aparência.

15. Instruções aos Escravos (1 Timóteo 6:1-2a)

Esses dois versículos, que ministram instruções acerca das atitudes dos escravos para com os seus senhores, apresentam dificuldades nas respostas às perguntas contextuais: Qual é o objetivo desse texto, e que faz ele aqui? A seção relaciona-se com as duas seções precedentes, sobre viúvas e presbíteros, e tem que ver com *times* **honra**, ou "respeito"; cp. 5:3, 17). Não obstante, essa seção difere bastante das duas precedentes em que estas discutem um ponto de interesse: que a igreja tanto honrasse as "verdadeiramente viúvas" como aos presbíteros dignos, e que disciplinasse os que estivessem em erro. Aqui as palavras se dirigem de modo estrito aos escravos, sem nenhuma palavra correspondente à igreja ou aos senhores.

Mas, afinal, por que essas palavras? Primeiro, é preciso notar que a escravidão no mundo greco-romano do primeiro século era muito diferente da escravidão registrada na história norte-americana recente; pouquíssimas vezes era motivada por questão racial. Em sua maioria, as pessoas tornavam-se escravas por via de guerra, ou por necessidade econômica, embora ao tempo desta carta a maioria dos escravos já tivessem nascido no cativeiro. A manumissão, ou libertação de escravos, era ocorrência comum, embora em muitos casos a escravidão fosse preferida à liberdade pelo fato de oferecer segurança — e, em alguns casos, boa posição numa família.

Não obstante, a escravidão era o fundo do poço da condição social humana, não oferecendo status desejável. Os escravos, ao lado da maioria dos ex-escravos (libertos), constituíam o grande segmento dos "pobres" a quem veio o evangelho com as boas novas de aceitação e de liberdade diante de Deus. Das evidências do NT e outras fontes, torna-se claro que os escravos compunham uma considerável porção das comunidades cristãs primitivas no mundo helenístico. Daí que esta passagem se encaixa com várias outras no NT que falam sobre o comportamento dos escravos (Colossenses 3:22-25; Efésios 6:5-8; 1 Pedro 2:18-25; Tito 2:9-10) ou de sua situação (1 Coríntios 7:21-24; Filemom 10-17). Talvez seja digno de observação que as outras duas cartas paulinas (Colossenses e Efésios) foram escritas a igrejas desta mesma região geográfica e, em

cada caso, a palavra aos escravos é muito mais longa do que a palavra correspondente aos senhores, ou aos pais e filhos. Pergunta-se, portanto, se os falsos ensinos, ao serem então propagados naquela parte do mundo, não estariam colocando demasiada tensão na igreja no que se referia ao relacionamento senhor/escravo.

Não se pode ter certeza de que aqui fosse esse o caso, mas é inteiramente provável, em vista da posição desta seção na discussão. Além do mais, como no caso das duas seções precedentes, a preocupação parece estar com o segundo item retomado, a saber, as atitudes entre os crentes. Assim sendo, talvez os problemas tenham surgido, então, entre alguns escravos cristãos e suas atitudes para com os senhores cristãos, semelhantes àquelas entre as viúvas mais novas. Foi uma escatologia excessivamente enfatizada, ou uma espiritualidade elitista que os levou a desdenhar os antigos relacionamentos pertencentes à época que está morrendo? Não se pode, é claro, obter respostas certas a tais perguntas, mas tal reconstrução dá sentido às instruções de Paulo. Em qualquer caso, é claro que o interesse de Paulo, como antes (2:2; 3:7; 5:14) não se volta somente para os relacionamentos dentro da igreja, mas ele também quer saber como o problema atingia o testemunho da igreja.

6:1 / Pelo fato de Paulo mencionar os senhores crentes no v. 2, é comum interpretar-se o v. 1 como referindo-se a atitudes para com os senhores pagãos. Isso é bem possível. Não obstante, parece bastante provável que o v. 1 seja introdutório — e geral — tendo, portanto, que ver com as atitudes para com todos os senhores, mas ainda aqui está antecipando o v. 2.

Todos os servos que estão debaixo do jugo da escravidão (lit.), diz Paulo, **considerem seus senhores dignos de toda a honra**. Os escravos, logicamente, eram considerados "debaixo do jugo". Desse modo, a redundância, escravos **debaixo do jugo**, pode indicar o atrito de alguns que se acham debaixo de senhores pagãos; ou pode ser um lembrete paulino aos escravos crentes de que embora o status deles em Cristo seja o de libertos, aqui no mundo ainda estão na velha ordem social.

A instrução que diz: **Considerem seus senhores dignos de toda honra** tende a ressoar uma nota discordante aos ouvidos do vigésimo século, de modo especial se tais senhores fossem pagãos e indignos de "toda honra". Que aconteceria se suas ordens violassem a consciência? Por que não falar abertamente *contra* a escravidão? Mas a instrução de

Paulo está em perfeita consonância com o ensino todo do NT sobre o comportamento cristão como refletindo essencialmente a condição de servo (cp. Marcos 10:43-45; 1 Coríntios 9:19; Gálatas 5:13; Efésios 5:21; 1 Pedro 2:16-17) e da existência cristã como baseada na escatologia — o mundo está morrendo; sendo povo escatológico, nosso presente status é irrelevante (1 Coríntios 7:17-24, 29-31). Portanto, precisamente porque nossa vida aqui é destituída de importância, o indivíduo pode viver sua condição atual em obediência amorável.

A cláusula de finalidade **para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados**, retoma a preocupação recorrente sobre de que modo a igreja é vista pelos que estão do lado de fora (veja disc. sobre 2:2; 3:7; 5:14). Tal preocupação seria imediata se os escravos cristãos, por algum motivo, estivessem desobedecendo aos senhores pagãos. Mas isso poderia de igual modo refletir uma preocupação pela forma como os pagãos podiam considerar a igreja se eles estivessem vendo os escravos cristãos atirando fora **o jugo** imposto por seus senhores cristãos.

A expressão (lit.) **blasfemar o nome de Deus** vem de Isaías 52:5, texto citado de modo semelhante por Paulo em Romanos 2:24, para significar que o nome de Deus era desonrado entre os gentios por causa do comportamento "ímpio" do povo de Deus, que invocava o nome do Senhor. Nesta passagem, tal desonra ao **nome de Deus** significa que os de fora da igreja estão blasfemando contra nossa doutrina — contra o próprio evangelho. Para Paulo, blasfemar contra o evangelho é blasfemar contra a Pessoa que o originou, de modo que os escravos cristãos nada deveriam fazer, como escravos, para que essa blasfêmia acontecesse.

6:2a / Como foi sugerido acima, é provável que este versículo nos dê o motivo *ad hoc* desta breve seção. Há um *de* grego, traduzido por **e**, no começo da sentença. Se o v. 1 estivesse lidando com escravos cristãos e senhores pagãos, este *de* seria, então, adversativo: "*Mas* os (escravos) que têm... " Se o v. 1 é mais geral, ou prefacia o v. 2, esse *de* significa, então, "Na verdade, os (escravos) que têm... "

Parece que a segunda opção, "na verdade... " daria mais sentido ao v. 2. O problema da igreja talvez residisse aqui mesmo. **Os** escravos **que têm senhores crentes** menosprezavam a seus senhores, desconsiderando-os. O verbo de **não os desprezem** é o mesmo verbo de 4:12

e, com certeza, significa algo parecido, aqui (cp. RSV, "ser desrespeitoso", ou NAB [e Kelly] "tomar liberdades com"; ERA, "tratem com desrespeito"). Estar em pé de igualdade com outrem, em Cristo, não significa que, só por isso, se pode abusar da relação escravo/senhor; significa, antes, que o antigo relacionamento passa a ser exercido em esfera totalmente nova. Assim, o motivo apresentado para que os escravos não tratem com desdém os senhores cristãos é este: **porque são irmãos.** Sendo **irmãos** na família de Deus, todo o relacionamento se assenta em nova base.

Em face desse novo relacionamento, os escravos crentes têm nova obrigação: **antes os sirvam melhor**, não querendo dizer melhor do que fariam se fossem senhores pagãos, mas "com maior razão" porque são companheiros **crentes**. As palavras **que participam do benefício** podem referir-se aos senhores, e serem traduzidas "que se devotam a boas obras" (BAGD; D-C), ou "que trocam entre si bom atendimento" (Hendriksen). Parece, contudo, que tais traduções perdem a ênfase no serviço prestado aos senhores, **porque eles**, diz Paulo, **são crentes e amados** desses escravos — embora esta tradução possa refletir uma condição mais ideal do que a palavra *agapetoi* autoriza. O que Paulo tem em mente é que esses senhores são **crentes** e, portanto, fazem parte da fraternidade dos "amados".

Assim, a palavra de Paulo aos escravos cristãos é: Sejam cristãos para com os companheiros cristãos a quem vocês servem como escravos (1) para que os incrédulos não blasfemem contra o nome de Deus ou contra nosso ensino, e (2) porque tais senhores são seus *companheiros* crentes, membros da mesma fraternidade.

Notas Adicionais #15

6:1 / Barrett fez a intrigante sugestão de que este material pertence ao que o precedeu imediatamente, e que o correlativo *hosoi* ("todos os") que dá início à sentença deveria ser traduzido "Tantos quantos presbíteros são escravos debaixo do jugo considerem... " Se assim for, o problema ficaria ainda mais difícil, conforme a interpretação apresentada aqui.

6:2a / Não está bem claro no grego como a cláusula **porque são irmãos** deve ser entendida. NIV e outros tomam-na como complemento do verbo: **não os desprezem** (exatamente) **porque são irmãos**. Isso se encaixaria bem em nossa interpretação do v. 1. Não obstante, tal tradução parece perder o objetivo de *hoti* ("pois", **porque**), a conjunção que, como na GNB, talvez sirva para qualificar

a cláusula toda, e explica *por que* eles não devem "desprezar" seus senhores ("pois eles são seus irmãos").

D-C argumenta que *agapetoi* deveria ser traduzido "amados por Deus", na suposição de que "não se pode esperar que os escravos admoestados a servir, na mesma injunção, ajam por amor aos senhores". Mas além de prover uma visão muito inferior do poder da graça, essa opinião favorece um significado para a palavra que jamais se encontra em Paulo.

16. Último Acusação aos Falsos Mestres (1 Timóteo 6:2b-10)

Paulo está prestes a encerrar a carta. Uma vez mais ele exorta a Timóteo: **Ensina e recomenda estas coisas**. A exortação **ensina e recomenda estas coisas** leva Paulo a recapitular uma vez mais, antes de concluir, duas considerações dominantes: Os falsos mestres e o papel de Timóteo.

Nesta seção ele apresenta o último desmascaramento dos falsos mestres e a última acusação contra eles. Grande parte do que está dito no primeiro parágrafo faz lembrar a linguagem do capítulo 1. Todavia, grande parte é material novo. Aqui, o quadro se apresenta em minúcias. Esses mestres, que constituem o motivo de tudo — a presença de Timóteo em Éfeso, esta carta, o "desvio" ou "rejeição" da parte de alguns da igreja — revelam-se presunçosos, nutrindo avidez doentia por controvérsias. E tudo isto revela-se porque a razão fundamental é a ganância. Eles pensam que a "piedade" é meio de obter lucro financeiro — exatamente como os mascates do culto de Diana (Atos 19:23-41).

O segundo parágrafo (vv. 6-10), portanto, é a reação de Paulo à ganância deles. O apóstolo pronuncia a sentença da ruína que os espera.

6:2b / Pela última vez nesta carta Paulo ordena a Timóteo: **ensina e recomenda** (ou "exorta") **estas coisas**. Como antes (3:14; 4:6, 11; 5:7, 21), **estas coisas** referem-se ao que já foi dito, pelo menos entre 5:3 e 6:2, embora a natureza concludente do que se segue possa percorrer todo o caminho de volta a 2:1.

6:3-5 / Em contraste com **estas coisas** que Timóteo deve ensinar, há os que ensinam **outra doutrina** (a mesma expressão de 1:3). Os vv. 3-5 são um único parágrafo condicional, no grego, do tipo conhecido como presente simples particular, significando que ambas as partes do parágrafo expressam o modo como as coisas realmente são. Tais sentenças condicionais são usadas quando o autor tem perfeita certeza de sua premissa. Neste caso, a prótase (a parte que começa com "se", v. 3) descreve o que os falsos mestres *não* fazem, mas deveriam estar fazendo. A apódose (a parte que começa com "é soberbo... ", vv. 4-5) descreve os resultados.

A maior parte do que está dito no v. 3 já foi dito antes. Que o herético **ensina falsa doutrina** foi dito em 1:3; **sãs palavras** é repetição da metáfora médica de "sã doutrina", encontrada pela primeira vez em 1:10; a combinação de **sãs palavras** e **doutrina que é segundo a piedade** para descrever a verdade do evangelho ocorreu em 4:6; e que o ensino deve ser **segundo a piedade** *eusebeia* reflete o "mistério da piedade" de 3:16 e a verdadeira piedade que se opõe às **fábulas profanas** de 4:7-10.

O que é novo no parágrafo é a expressão **as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo**. Pensam alguns que isto se refiriria ao que talvez se encontrasse nalgum evangelho escrito e, desse modo, significaria as palavras proferidas por Cristo. Mas isso deixa de considerar a ênfase dada por Paulo, a saber, que os falsos mestres abandonaram a verdade do evangelho, que procede *de* nosso Senhor Jesus Cristo, que é a origem suprema da fé, ou "piedade", que Paulo proclamava. O fato de eles abandonarem a Cristo (isto é, o evangelho) é seu grave erro.

Os vv. 4-5 descrevem os resultados de os falsos mestres haverem se desviado do ensino são. Paulo começa caracterizando o falso mestre de duas maneiras: Primeira, **é soberbo e nada sabe** (cp. o "ignorante cheio de pompa", da NEB). Esta acusação reflete um assunto freqüente de Paulo, a saber, que os que abandonam a verdade do evangelho julgam a si mesmos como sábios, ou "bem informados" e desse modo incham-se de auto-importância quando, na realidade, nada entendem. (Veja disc. sobre 1:7; cp. Tito 1:15-16 e a discussão de 1 Coríntios 1:18-4:21; 8:1-3; 2 Coríntios 10-12; Colossenses 2).

Segunda, **delira acerca de questões e contendas de palavras**. Com um belo trocadilho Paulo descreve o oposto de "sãs palavras" como enfermidade, delírio, "ânsia mórbida" (BAGD) por controvérsias, ou **contendas de palavras**. Já observamos que seus ensinos levam a "conversa sem sentido" (**controvérsias; discursos vãos** — veja disc. sobre 1:4, 6); fomos prevenidos pelo que está registrado em 2:8, de que tais **contendas** geram discórdias. Agora, tudo isso está explicado com clareza (cp. 2 Timóteo 2:23-25; Tito 3:9). O que a princípio eram meras "especulações ociosas" (1:4) no fim leva a **contendas de palavras** (no grego, uma palavra composta de *logoi*, "palavras" e *mache*, "luta", significando "batalhas verbais").

O homem é **soberbo** e **delira**; a soberba e a ânsia doentia de engajar-se

em controvérsias e levar adiante batalhas verbais têm, por sua vez, dois efeitos devastadores. Primeiro, produzem uma comunidade despedaçada e doentia. Quando os mestres abandonam o evangelho e discutem e brigam, isto acarreta **invejas** ou **ciúmes** — as pessoas tomam partidos — sendo isso pecado mortal (veja Gálatas 5:21; Romanos 1:29). As **invejas** em geral explodem em **porfias** (ou "contendas"). Isto, também, está nas listas de Gálatas 5:20 e Romanos 1:29. As duas palavras aparecem juntas, caracterizando os oponentes de Paulo em Filipenses 1:15 (cp. 1 Coríntios 3:3). **Porfias** (cp. Tito 3:9) por sua vez ocasionam **blasfêmias** (cp. Tito 3:2) e **ruins suspeitas**. Quão egoísta é o ensino do erro — e quão destrutivo! E quantas vezes é feito em nome do "conhecimento" e da sabedoria (cp. 1:7; 6:20-21)! Finalmente, resultam em permanentes **contendas**. Esta palavra ocorre só aqui, no NT, e significa **constante atrito** (Moffatt) ou "irritação mútua" (Goodspeed) entre pessoas.

O segundo resultado da "enfermidade" (o herege **delira**), é o que o erro vem fazendo aos próprios falsos mestres. Eles se tornaram **homens corruptos de entendimento**; a metáfora da enfermidade chega à conclusão: decadência e corrupção da mente. Que tais mentes corruptas foram despojadas da verdade é repetição de tema comum. Os crentes chegaram a conhecer a verdade (2:4; 4:3; 2 Timóteo 2:25); esses homens foram despojados dela (cp. 2 Timóteo 2: 18; 3:7, 8; 4:4).

Tais **homens corruptos de entendimento**, não mais possuindo a verdade, por fim evidenciam em sua maneira de pensar que a **piedade** (*eusebeia;* cp. 3:16; 4:7-8) é **fonte de lucro** (ou "proveito"). Esta acusação final, insinuada em 3:3, 8, parece desmascarar o que eles têm feito o tempo todo. Esses homens ensinavam, porque isso lhes proporcionava um meio de "ganhar dinheiro". Embora Paulo não nos diga com precisão o que isso significa, quanto a esses mercenários, o ensino da filosofia como "manto para acobertar a ganância" (1 Tessalonicenses 2:5, RSV; "intuitos gananciosos", ECA), era uma acusação comum na antigüidade (veja, p.e., Dio Chrysostom, *Oration 32*, e da qual Paulo teve de defender-se pelo menos em uma ocasião (1 Tessalonicenses 2:4-9; cp. Gálatas 1:10). Talvez esses falsos mestres tenham colhido algumas pistas da cultura, passado a bajular as pessoas — e por fim tomado o dinheiro delas. Deve-se notar, em conclusão, quantas coisas negativas sobre os hereges têm equivalên-

cias positivas nas qualificações para líderes da igreja em 3:2-12.

Esse problema da ganância dos falsos mestres é tão crucial que Paulo agora vai dispensar-lhe atenção especial (vv. 6-10). Ele reage de duas formas à maneira de eles pensarem em *eusebeia* como meio de beneficiar-se: nos vv. 6-8, Paulo mostra a relação entre a verdadeira **piedade** e o dinheiro — este nada tem que ver com aquela — e nos vv. 9-10, mostra o verdadeiro fim dos que desejam dinheiro.

6:6 / Este versículo contrasta de pronto com as últimas palavras do v. 5, num chocante trocadilho. **É grande fonte de lucro a piedade**. *Eles* pensam que **piedade** "é meio de tornar-se ricos". Estão certos, em parte. *Há* grande **lucro** (ou ganho, agora usado metaforicamente) na *eusebeia*, desde que esta venha acompanhada por **contentamento**, isto é, se estivermos satisfeitos com o que temos e fazemos, e não buscarmos lucro material.

A palavra *autarkeia* (contentamento) expressa a virtude predileta dos filósofos estóicos e cínicos, para os quais ela significa "auto-suficiência" ou a capacidade de o indivíduo confiar em seus próprios recursos. Alguns há (D-C, Hanson, Brox, et al.) que consideram essa tradição filosófica como jazendo por trás dos vv. 6-8 e, por isso, traduzem: "Se ela estiver ligada à auto-suficiência" (D-C; cp. NEB, "cujos recursos estão dentro dele"). Mas Paulo já empregou esta palavra num contexto análogo em Filipenses 4:11; aqui ele "virou a mesa" em cima dos estóicos ao declarar que a verdadeira *autarkeia* não é a *auto*-suficiência, mas o *Cristo*-suficiência. Para Paulo, portanto, a palavra significa **contentamento**, a dotação de poder que Cristo nos concede para vivermos tanto acima da escassez quanto da abundância (Filipenses 4:13). De mais a mais, não há indício em 1 Timóteo de que seu autor considerava virtude qualquer coisa parecida com auto-suficiência. A vida para ele depende da graça e das misericórdias de Deus (1:12-17); o ministério paulino procede de Cristo, que o designou e lhe deu poder para executá-lo (1:12).

O objetivo de Paulo, portanto, é combater a ganância dos falsos mestres e, de modo incidental, a ganância de outros que por ela fossem tentados.

6:7-8 / Paulo dá agora dois motivos pelos quais o **contentamento** deveria acompanhar a **piedade** e por que, quando isso ocorre, temos "grande fonte de lucro". O primeiro motivo (v. 7) é, antes de tudo,

escatológico. Nada podemos levar conosco por ocasião da morte (ou da parousia), por isso o ganho material é irrelevante, e a ganância, irracional. O texto grego é indicativo — e particularmente esquisito (veja nota) — na forma, mas ECA capta bem o sentido. **Porque nada** material **trouxemos para este mundo** ao nascermos, e **nada podemos levar dele** ao morrermos. Este sentimento também pode ser encontrado entre os estóicos, mas é com precisão o ponto de vista de Jó 1:21: "Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá" (ECA; cp. Eclesiastes 5:15; Fílon, *On the Special Laws* 1. 294-95, onde ele se expressa em termos muito chegados aos de Paulo e então o sustenta aludindo a Jó 1:21). A ênfase de Paulo recai sobre a segunda cláusula, **nada podemos levar** do mundo; diante desta realidade escatológica, a ganância não faz nenhum sentido.

Todavia, Paulo acrescenta como segundo motivo, **tendo, porém, sustento e com que nos vestir, estejamos contentes** (o verbo oriundo do mesmo substantivo do v. 6). De novo se alega que isto "reflete o espírito do estoicismo" (D-C, p. 85), o que é verdade. Mas também reflete com mais precisão o ensino de Jesus (Lucas 12:22-32; Mateus 6:25-34), que em ambos os evangelhos é colocado de modo independente num contexto que condena a ganância (Lucas 12:16-21; Mateus 6:24). Desse modo, as coincidências com o estoicismo são incidentais; o que parece acontecer nos vv. 7-8, pelo contrário, é muito semelhante ao que Paulo escreve em 5:18. Faz alusão a um texto do AT (v. 7) seguida por uma alusão ao ensino de Jesus (v. 8).

A questão é bastante clara. A **piedade** não é algo que proporciona **lucro** material (v. 5); antes, ela é em si mesma o maior **lucro** (v. 6). A verdadeira **piedade**, contudo, é acompanhada por **contentamento** (v. 6). Uma vez que nada podemos levar conosco por ocasião de nossa morte (v. 7), se temos os essenciais da vida, podemos estar **contentes** (v. 8); e tal atitude obviamente exclui a ganância.

6:9-10 / Agora, mediante contraste com os vv. 6-8, Paulo retorna aos falsos mestres e sua avareza. O que ele diz no v. 9, é claro, tem alcance mais amplo, sendo verdadeiro com referência a todos **os que querem ficar ricos**. A carta é escrita, afinal de contas, para que a família de Deus se comporte de acordo com a verdade e com a piedade real. Assim, ele generaliza de início, descrevendo os resultados da ganância, que se aplicariam a todos. Mas o v. 10 deixa claro que alguns já capitularam, o que vincula todo o parágrafo ao v. 5. Desse modo, os vv. 9-10 são triste

comentário final de Paulo — e o julgamento — sobre os falsos mestres. Eles **querem ficar ricos**.

Os resultados da ganância são uma espiral descendente. Primeiro, os gananciosos **caem em tentação.** A avareza tem um jeito de fazer as pessoas olharem em direções que de outro modo nunca teriam olhado. Como bem sabe o caçador, a sedução da isca (**tentação**) é que induz a presa a cair **em laço**. As duas andam juntas. O **laço**, neste caso, são as **muitas concupiscências loucas e nocivas**. A palavra **concupiscências** muitas vezes tem conotações sexuais, mas não há motivo para que se lhe aplique esse sentido aqui. As **muitas concupiscências loucas** talvez sejam a própria riqueza, que recebe o nome de loucura porque ela nada tem que ver com a verdadeira piedade, e de **nocivas** porque, em última análise, **submergem** os gananciosos **na ruína e perdição**.

A questão de Paulo é que o próprio desejo de riqueza carrega perigos espirituais inerentes, em parte porque (vv. 6-8) a riqueza em si não tem relação com a piedade, de maneira alguma, e em parte porque (v. 9) as **concupiscências** são **laço** colocado pelo próprio Satanás para afundar o indivíduo em **ruína** espiritual. Em outras palavras: Por que os indivíduos **querem ficar ricos**? A riqueza não tem relação alguma com nossa existência escatológica em Cristo; pelo contrário, a concupiscência leva a outros desejos que terminam em ruína, e dessa verdade os falsos mestres são o principal exemplo (v. 10).

No v. 10, um texto que tem sofrido muito abuso, Paulo conclui, de dois modos, sua acusação contra os falsos mestres. Primeiro, ele cita, ou faz alusão a um provérbio bem conhecido, que apóia seu argumento no v. 9 acerca dos maus efeitos da concupiscência da riqueza. Segundo, ele focaliza tudo isto nos falsos mestres, que de maneira vívida ilustram a verdade do que foi dito no v. 9.

Porque, diz Paulo, agora como evidência apoiadora, pois, neste caso o provérbio comum está perfeitamente certo: **O amor do dinheiro é** [melhor: "a"] **raiz de todos os tipos de mal.** Este texto não diz, como muitas vezes é citado errroneamente, que o **dinheiro** é a raiz de todo o mal, nem tenciona dizer que todo o mal que se conhece tem como **raiz** a avareza. Um provérbio muito semelhante a este ("O amor do dinheiro é a cidade-matriz de todo o mal") era largamente usado na Grécia antiga. Por natureza, os provérbios são breves, enfatizam expressões particulares de certas verdades, muitas vezes de forma imprecisa e, para produzir

efeito, exageram. Desse modo, o problema de Paulo não é precisão teológica quanto à relação da ganância com os demais pecados. Tanto judeus como gregos, muito tempo antes já haviam reconhecido os efeitos desastrosos que a avareza produzia na vida das pessoas, os quais eles expressam mediante provérbios. Paulo está apenas citando um provérbio como apoio a seu argumento de que a ganância é laço repleto de muitas concupiscências nocivas conducentes a todos os tipos de pecado.

A prova viva de tudo isto encontra-se nos presbíteros teimosos da igreja de Éfeso. **Nessa cobiça alguns se desviaram da fé.** Mercadejavam o evangelho trocando-o por doutrinas diferentes e, em assim fazendo, **se trespassaram** a si mesmos (lit., "empaladas") **com muitas dores.**

Dessa maneira, a acusação final contra eles é trágica, e para Paulo muito dolorosa. Aqui estavam homens bons, que haviam surgido como líderes na igreja de Éfeso. Mas haviam-se deixado enredar por Satanás. Ninguém sabe como nem por quê eles se enamoraram de novas idéias, apaixonaram-se por interpretações especulativas, ou arranjaram aparência de bondade, ao apelar para um ideal ascético, um cristianismo elitista. Mas, no íntimo eles amaram o dinheiro, e isto os arruinou. **Desviaram**-se **da fé e se trespassaram a si mesmos com muitas dores**, como por uma espada.

Notas Adicionais #16

6:2b / NIV faz esta exortação concluir os vv. 1-2. Talvez, como em 4:11, a intenção seja começar um novo parágrafo fazendo referência ao precedente.

6:3-5 / Um acréscimo textual que parece ter-se desenvolvido na igreja latina, e que depois chegou a predominar, conclui o v. 5 com uma nota pessoal a Timóteo: "Afasta-te de tais pessoas". Contudo, não somente este imperativo interrompe a discussão, mas o texto grego aqui não é a linguagem normal usada nas EP (*paraitou*, não *aphistaso* é empregado algures para expressar esta idéia; 4:7; 2 Timóteo 2:23; Tito 3:10). Veja também Metzger, TCGNT, p. 643.

6:6 / NIV considera o *de* grego, nesta sentença, como adversativa. Mas isso faz perder a *ironia* da sentença.

D-C faz a notável declaração acerca deste parágrafo de que há "ausência de uma estrita conexão entre os ditados, que são simplesmente colocados em uma série" (p. 84). Ao contrário, o parágrafo inteiro constitui discussão clara e importante, de forma específica, da situação em Éfeso (cp. Kelly, p. 138).

Quanto a *autarkeia* como virtude cínico-estóica, D-C cita Stobaeus, *Ecl.* 3, "A auto-suficiência é riqueza da natureza", e Epícteto, "A arte de viver bem depende de autocontrole, auto-suficiência, espírito ordeiro, boas maneiras e frugalidade".

6:7-8 / A dificuldade do v. 7 se prende a um *hoti* ("porque" ou "que") que introduz a segunda cláusula. Tem-se feito várias tentativas para torná-lo compreensível, incluindo: uma variação textual que diria "é certo que" (RSV, margem); transformar "de algum modo", a segunda cláusula, em cláusula causal (Barret: "Não há sentido trazer alguma coisa conosco ao mundo, *porque* dele nada poderemos levar; e ignorando-a totalmente, ou vendo-a como cláusula que recomeça o assunto e, assim, deixando de traduzi-la (p.e., Bernard, NIV). Quanto à variação textual, veja Metzger, TCGNT, p. 643.

Quanto ao sentimento deste versículo, encontrado algures, veja em Judaísmo, Eclesiastes 5:15; Sabedoria de Salomão 7:6; e Fílon; e no pensamento greco-romano, Sêneca, *Epistle* 102. 25.

As duas palavras traduzidas por **sustento** e **com que nos vestir** não se encontram em outro lugar no NT, e tampouco são palavras usadas pelos filósofos gregos em tais contextos (cp. Diógenes Laércio 6. 106; 10. 131). A segunda palavra significa literalmente "coberta", "cobertura", e poderia referir-se a abrigo, mas "roupa" parece muito mais provável neste contexto.

Talvez convenha notar que D-C deveria estar tão enamorado das afinidades deste versículo com a filosofia grega que deixaria de mencionar de todo as afinidades muito mais íntimas com o próprio Deus.

6:9-10 / Conquanto seja possível traduzir o grego *rhiza* como *uma* **raiz**, tanto a ordem enfática das palavras como a assim chamada regra de Colwell (que um substantivo de predicado definido que precede seu verbo, geralmente aparece sem o artigo, como em João 1:1) sugerem que a intenção é *a* **raiz**, como em todas as demais expressões do provérbio.

Quanto ao próprio provérbio, veja Stobaeus, *Ecl.* 3; Diógenes Laércio 6. 50; Ps. -Phocylides 42: Policarpo, *Philippians* 4:1; cp. Test. Jud. 19:1; Diodorus Saeculus 21:1; Fílon, *On the Special Laws* 4:65; Apollodorus Comicus, *Philadelph. fragmenta* 4.

Quanto ao uso e significado dos provérbios bíblicos, veja Douglas Stuart, em G. D. Fee e D. Stuart, *How to Read the Bible for All Its Worth*, pp. 195-98.

17. Última Exortação a Timóteo (1 Timóteo 6:11-16)

O parágrafo precedente, com sua última acusação dos falsos mestres, trouxe o terceiro desmascaramento desses mestres em 1 Timóteo (cp. 1:3-7, 18-20 e 4:1-5). Nos dois casos precedentes, a palavra direta contra os falsos mestres veio acompanhada por uma correspondente palavra pessoal a Timóteo, para que lhes resistisse e fosse antítese deles na igreja de Éfeso (cp. 1:3, 18-19; 4:6-16). Em cada caso essa incumbência incluía um apelo às raízes espirituais de Timóteo (1:18; 4:14). É esse padrão que encontramos de novo neste parágrafo. Embora Paulo ainda tenha mais uma palavra sobre riquezas, aos que já eram abastados (vv. 17-19), o desmascaramento e a acusação finais dos falsos mestres trazem à tona uma imediata exortação final a Timóteo.

Conquanto não seja totalmente claro quais os acontecimentos ou no passado de Timóteo (vv. 12 e 14), ou na vida de Cristo (v. 13) formam a base do apelo, é muito fácil de discernir o argumento do próprio parágrafo. Paulo começa com uma série de quatro imperativos (vv. 11-12), exortando a Timóteo a evitar os pecados dos falsos mestres e a levar avante a presente luta da fé até o triunfo final, mediante a guarda de sua própria vocação e confissão. Isto leva a uma solene incumbência (vv. 13-14) que, por sua vez, leva a uma doxologia final (vv. 15-16) plena de raras descrições (para o NT) da majestade eterna de Deus. O apelo todo é colocado contra a tela de fundo das certezas cristãs escatológicas.

Mas, para que Paulo o está chamando? É a preocupação com este ministério per se, ou é com sua entrega pessoal a Cristo que também incluiria seu ministério? A resposta a esta pergunta talvez deva ser encontrada em 2 Timóteo 4:6-8 onde, em linguagem semelhante, Paulo reflete sobre sua própria história espiritual e está aí, quase certamente, referindo-se ao seu ministério — conquanto para Paulo isso também inclua toda a sua vida em Cristo.

6:11-12 / A exortação desses versículos coloca-se em enfático contraste com a "enfermidade" e a ganância dos falsos mestres: **Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas**. O **tudo** suprido pela NIV não consta do texto grego; é uma tentativa (correta) de ajudar o leitor a ver

que aquilo **de** que Timóteo deve **fugir** inclui mais do que apenas a ganância dos vv. 6-10. Ele deve fugir também das "doutrinas diferentes" (v. 3, e portanto, também 1:4 e 4:3, 7), bem como as divisões e a destruição causadas por suas controvérsias (vv. 4-5).

O vocativo, **homem de Deus**, embora um tanto fora do comum (cp. 1:18; 6:20; 2 Timóteo 2:1), é usado como título para Timóteo como ministro da Palavra de Deus em 2 Timóteo 3:17. O pano de fundo do termo está no AT, onde em cada caso ele se refere a um dos servos ou agentes de Deus: Moisés (Deuteronômio 33:1; Josué 14:6), Davi (Neemias 12:24), ou a um dos profetas (1 Samuel 9:6; 1 Reis 17:18; 2 Reis 4:7). Talvez seja evocado aqui como nítido contraste com os falsos mestres que, havendo abandonado a Cristo, também cessaram de ser servos da Palavra de Deus.

Ao invés (há um *de*, traduzido "e" na NIV), Timóteo deve seguir as virtudes e o comportamento que são o oposto do falso mestre e que refletem o evangelho. **Justiça**, no sentido da retidão na conduta (cp. Filipenses 1:11), e **piedade** (*eusebeia*); (cp. 3:16; 4:7-8; 6:5-6), tendo que ver com o nosso relacionamento com Deus, refletem a dimensão horizontal e vertical da fé, com ênfase na conduta observável. **Fé** e **amor** são as supremas virtudes cristãs e juntas aparecem em cada lista das EP (1 Timóteo 1:5; 2:15; 4:11; 2 Timóteo 2:22; Tito 2:2). As duas finais, **perseverança e benignidade**, são interpretações paulinas especiais das atitudes cristãs (veja, p.e., Gálatas 5:23; Colossenses 3:12; Efésios 4:2) — bem adequadas para o apelo deste parágrafo, que Timóteo continue na nobre competição até ao fim.

Dos contrastes de fugir das buscas dos falsos mestres e buscar essas graças que refletem o evangelho, Paulo passa de modo natural para um segundo conjunto de imperativos que exigem perseverança. O primeiro, **combate o bom combate da fé**, embora NIV e ECA traduzam exatamente como a metáfora da guerra em 1:19, é, com efeito, uma metáfora atlética oriunda dos jogos (cp. 2 Timóteo 4:7). A metáfora poderia implicar em corrida (sugerida por "acabar a carreira" em 2 Timóteo 4:7) ou luta de boxe, ou luta livre (cp. o uso em 1 Coríntios 9:25-27), ou simplesmente, de modo genérico, qualquer das competições (como traduz Montgomery: "continua lutando na nobre competição da fé"). A palavra **fé** tem o artigo, *a* **fé**, mas não está claro se Paulo diz a Timóteo que peleje a favor do próprio evangelho (voltando assim a referir-se aos

vv. 3-10) ou se em face do v. 11, agora, também, ele se refere de modo mais amplo à totalidade de sua vida cristã como uma grande competição que exige disciplina e propósito. Talvez o objetivo de Paulo seja dirigir-se a Timóteo tanto com referência à sua própria vida pessoal como à sua fidelidade no ministério, mas isso depende, em parte, de como interpretar o restante do parágrafo. Em qualquer caso, o tempo presente do verbo dá a entender perseverança na luta.

O segundo imperativo, **toma posse da vida eterna para a qual também foste chamado**, estende a metáfora para concentrar-se no prêmio. Tanto a linguagem (**vida eterna**, cp. disc. sobre 1:16) quanto a natureza da metáfora, bem como o paralelo em 2 Timóteo 4:7-8, implicam que a principal força do imperativo é escatológica; isto é, Timóteo deve continuar na competição até que ela termine em triunfo. Mas, como é de costume em tais textos, há uma tensão inerente entre o "já" e o "ainda não" da existência escatológica do crente. O imperativo **toma posse de** implica também uma ação presente. **Vida eterna** é aquela vida **para a qual** ele foi **chamado**, a qual já está, portanto, em seu poder (cp. 4:8).

A idéia de que Timóteo foi **chamado** para a vida é inteiramente paulina (cp. 1 Coríntios 1:9; 7:17-24; 2 Tessalonicenses 2:14). O chamado de Deus é a ação anterior, mas deve haver também resposta. Neste caso, Paulo lembra-lhe: **tendo já feito boa confissão diante de muitas testemunhas**. Alguns alegam que isto se refere, como em 1:18 e 4:14, ao chamado de Timóteo para o ministério e aos seus próprios "votos de ordenação". Mas o chamado aqui não é ao ministério propriamente dito, mas à vida cristã como vocação. É muito mais provável, portanto, que o acontecimento a que Paulo se refere seja aquele em que Timóteo se tornou crente, talvez se refira a seu batismo; mediante esse evento, ou em conjunto com ele, Timóteo fizera **boa confissão diante de muitas testemunhas.**

Assim, os imperativos exortam Timóteo a perseverar tanto na vida em Cristo como no ministério (o presente) e, desse modo, garantir o esperado prêmio (o futuro), trazendo-lhe à memória seus começos — o chamado de Deus e sua própria resposta (o passado).

6:13-14 / Os imperativos dos vv. 11-12, palavras muito pessoais a Timóteo, mas proferidas no contexto dos falsos mestres, são agora resumidos na forma de uma incumbência solene (cp. 5:21). Como

alguém que se coloca **perante Deus**, e **de Cristo Jesus**, Timóteo recebe a ordem (cp. 1:3, 5, 18) de guardar **este mandamento.**

O **Deus** perante quem Timóteo recebe esta ordem é descrito como um Deus **que todas as coisas vivifica.** Realmente este verbo *(zoogoneo)* que pode significar "dar vida", tanto na LXX como no NT (Lucas 17:33; Atos 7:19) quer dizer "preservar ou manter a vida". Dado o contexto como um chamado à constância, este matiz parece o mais provável aqui. Semelhantemente, o apelo para **Cristo Jesus** como aquele **que diante de Pôncio Pilatos deu o testemunho da boa confissão** deve, quase certamente, ser entendido como um incentivo à constância da parte de Timóteo. Mas não ficou bem certo o que Paulo tencionava, de modo específico. A NIV reconheceu corretamente os paralelos com a confissão de Timóteo no v. 12. Mas aqui o verbo e a preposição são diferentes. Literalmente, quer dizer "que *deu testemunho* da nobre confissão **perante** [ou, "nos dias de"] Pôncio Pilatos". Se significa **perante Pilatos**, a expressão poderia referir-se ou a uma confissão que o Senhor realmente fez ou ao fato de ele ter dado bom testemunho durante seu julgamento. Se significa "nos dias de" Pilatos, então poderia referir-se ou ao testemunho que ele deu durante toda a sua vida e ministério ou, mais especificamente, à sua morte. É possível que se apresentem bons motivos para todas essas interpretações, embora seja muito atraente o apelo à morte de Cristo — dirigido a Timóteo — como sendo nobre confissão e o próprio testemunho de Cristo.

Visto que Timóteo é convocado a colocar-se perante o Deus preservador da vida e do Cristo que fez a maior de todas as "confissões", Paulo agora diz: **exorto-te... que guardes este mandamento imaculado e irrepreensível**. A maioria das dificuldades para se entender o parágrafo provém desta ordem ambígua que, não obstante, é o eixo principal da discussão.

O **mandamento** que lhe foi ordenado cumprir tem sido entendido de maneira variada como (1) as exortações dos vv. 11-12, entendidas coletivamente; (2) uma suposta ordem batismal, à qual se faz alusão no v. 12; (3) uma ordem de ordenação; (4) a fé cristã toda, considerada um tipo de nova lei; ou (5) um mandamento para que Timóteo persevere em sua própria fé e ministério, como em 4:16, para que se salve a si mesmo e aos outros. Esta última parece caminhar na direção certa à luz do próprio contexto e das expressões similares em 6:20 (guardar o depósito

que lhe foi confiado) e de 2 Timóteo 4:7 ("Guardei a fé"). Assim, esse **mandamento** realmente resume o objetivo básico da carta: que Timóteo detenha os falsos mestres enquanto ele mesmo é constante em sua fé e chamado.

O acréscimo escatológico deixa claro que a ênfase ainda recai sobre sua perseverança, **até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo**. A palavra **vinda** (epiphaneia), que é usada para falar da encarnação de Cristo em 2 Timóteo 1:10 (cp. Tito 2:11), é a palavra uniformemente usada nestas cartas para referir-se ao Segundo Advento (2 Timóteo 4:1, 8; Tito 2:13). O termo mais comum que Paulo emprega é *parousia*; contudo, ambas as palavras ocorrem juntas já em 2 Tessalonicenses 2:8. Embora não se tenha certeza, este uso pode constituir outro reflexo da terminologia religiosa helenística muito freqüente nestas cartas.

Muitas vezes se sugere que esta última frase dá a entender que Paulo (ou outro autor, mais tarde) está escrevendo quando a iminência da Parousia já arrefeceu. Mas sugerir isso é ler o que não está escrito (leia-se, é claro, à luz de 2 Timóteo 4:6-8). Essa sugestão perde a urgência escatológica de ambas as cartas (1 Timóteo 4:1; 2 Timóteo 3:11), bem como a ambigüidade algures em Paulo. Já em 1 Coríntios, carta que encerra grande apelo a ação enérgica e imediata (7:29-31), Paulo fala de "aguardar a revelação" (1:7; cp. 11:26) e em Filipenses encontramos a mesma tensão entre sua prontidão para morrer (1:21-23) e a espera do Senhor Jesus Cristo vindo do céu (3:20-21). Se o presente texto subentende alguma coisa, é que Timóteo há de experimentar a Parousia, o que não reflete a perspectiva de uma igreja que almeja uma prolongada vida neste mundo.

6:15-16 / A coisa mais importante acerca desta menção do Segundo Advento é a insistência de Paulo, no v. 15, na certeza (**revelada pelo bendito e único Soberano**) e no descanso no controle todo-poderoso de Deus (**no tempo próprio**). Esta última frase ocorreu em 2:6, e aparecerá de novo em Tito 1:3, para expressar a vinda de Cristo e do evangelho no tempo que Deus determinou. O que foi verdadeiro com referência à primeira **vinda** será de igual modo verdadeiro com referência à segunda.

Esta ênfase no Segundo Advento como algo pertencente à soberania de Deus dispara, então, uma série de epítetos acerca de Deus que são a um só tempo impressionantes e majestosos. Cada um desses termos tem contrapartes no AT e no judaísmo helenístico; tomados juntos fazem

ressoar uma sinfonia sobre a majestade transcendente do Deus Eterno, comparável no NT somente pelas esplêndidas imagens de Apocalipse 4. Kelly talvez esteja certo em chamar esta passagem de "gema do tesouro devocional da sinagoga helenística", que os convertidos haviam transformado em igreja cristã (p. 146).

O Deus que fará acontecer a **vinda** de Cristo "no tempo próprio", que ele determinar, é:

O bendito e único Soberano. A palavra **soberano** *(dinastes)* usada com referência a Deus somente aqui, no NT, é comum no judaísmo helenístico (p.e., Eclesiástico 46:5; 2 Macabeus 12:15) e acentua a soberania de Deus. Paulo usou a palavra **bendito** para referir-se a Deus em 1:11 e **único** em 1:17 (cp. 2:5. O último termo, evidentemente, é primário no judaísmo (Deuteronômio 6:4), ao passo que **bendito** havia-se tornado a voga do período (cp. Fílon, *On Abraham*; *On the Special Laws* 1. 209; 2. 53; Jos., *Against Apion* 2. 190; *Antiquities* 10. 278).

O Rei dos reis e Senhor dos senhores: Estes termos têm histórias separadas no AT. **Reis dos reis** foi usado pela primeira vez para referir-se aos imperadores babilônio e persa (Ezequiel 26:7; Daniel 2:37; Esdras 7:12), mas à época de 2 Macabeus 13:4 é aplicado a Deus. **Senhor dos senhores** foi usado em conjunção com "Deus dos deuses" para expressar a soberania absoluta de Deus sobre todas as demais "divindades" (Deuteronômio 10:17; Salmo 136:2-3). Os dois termos já haviam sido juntados no judaísmo em Enoque 9:4; unem-se de novo como designações de Cristo em Apocalipse 17:14 e 19:16. Aqui eles acentuam a soberania total de Deus sobre todos os poderes, humanos e divinos.

Aquele que tem, ele só, a imortalidade. Veja discussão sobre 1:17, onde se emprega uma palavra diferente. (Esta palavra ocorre com **bendito** em Fílon, *On the Unchangeableness of God* 26, evidenciando seu uso no judaísmo helenístico.)

E habita na luz inacessível. A descrição reflete o Salmo 104:2. Surgiu no judaísmo em conexão com o conceito da glória ofuscante de Deus, que nenhum olho humano pode ver (cp. Exodo 24:15-17; 34:29-35; 1 Reis 8:11). A idéia dominante de Deus como luz pura é aproveitada de diversos ângulos na literatura joanina (João 1:7-9; 3:19-21; 1 João 1:5-7).

A quem **nenhum dos homens viu nem pode ver** (cp. "invisível" em 1:17). Essas cláusulas reforçam a idéia da habitação de Deus na **luz**

inacessível, refletindo um tema comum do AT (Êxodo 33:20; cp. 19:21). A ênfase nestes dois últimos itens não é a grega, que Deus é incognoscível, mas judaica, que Deus é tão infinitamente santo que a humanidade pecadora jamais **pode vê-lo** e continuar vivendo (cp. Isaías 6:1-5).

Ao qual seja honra e poder sempiterno. (Quanto ao **Amém**, veja disc. sobre 1:17). Esta atribuição final transforma a passagem em doxologia. Mas em vez de "honra e glória", como em 1:17 (e algures), Paulo diz **honra e poder sempiterno**, retomando assim o tema da soberania absoluta de Deus, iniciado no v. 15. Quanto a esta combinação, veja Apocalipse 5:13 (cp. "a glória e o domínio para todo o sempre" em 1 Pedro 4:11; Apocalipse 1:6).

Mas por que, perguntamos, esta doxologia com tão gloriosas atribuições exatamente aqui? Ela começa num contexto que enfatiza a certeza do Segundo Advento que se tornará realidade pela ação do Poderoso Deus. Tem isto em mira reforçar a coragem de Timóteo, a fim de perseverar na situação difícil em Éfeso? Talvez. Mas talvez seja para o benefício da igreja também. Éfeso não era somente o ancoradouro de Diana, mas, também, um antigo centro de adoração do imperador. Esta doxologia, portanto, são as últimas palavras de despedida de Paulo, segundo as quais o Deus com quem a igreja tem de haver-se no evangelho de Cristo não é outro senão o supremo Governante do universo, o Senhor de todos os senhores.

Notas Adicionais #17

6:11-12 / D-C usam uma rota um tanto indireta para argumentar que o vocativo **homem de Deus** "refere-se a qualquer cristão... dotado com o espírito de Deus, e que daí para a frente 'serve' a Deus". Neste sentido também seria aplicável a Timóteo, "o protótipo de um 'homem de Deus' uma vez que ele é o líder da congregação" (p. 88). Mas, de novo, isto parece perder o caráter *ad hoc* genuíno, desta epístola.

É comum alegar (p.e., Gealy, Hanson) que Paulo nunca poderia dizer: "Segue a justiça... a fé", uma vez que em Paulo são "dons de Deus, e não realizações do homem" (Gealy, p. 452). Mas tal argumento limita demais o próprio uso que Paulo faz desses termos. **Justiça** como "posição de retidão" e **fé** como "resposta de confiança" são deveras dadas por Deus, mas ambos os termos também se tornam virtudes cristãs que, como o **amor**, são ao mesmo tempo dons (Gálatas 5:22) e algo que se busca (1 Coríntios 14:1).

Quanto à apresentação do argumento de que a metáfora atlética do v. 12 aplica-se à vida e ao ministério de Timóteo, veja V. C. Pfitzner, *Paul and the*

Agon Motif (veja nota sobre 4:7-8), pp. 177-81. A opinião de que os vv. 12-14 refletem uma confissão e exortação batismal pode ser encontrada nos comentários de Kelly e Spicq, dentre outros. Para uma defesa dos "votos de ordenação", veja os comentários de D-C, Barrett, Hanson, e esp. o artigo de E. Kasemann, "Das Formular einer neutestamentlichen Ordinationsparanese", em W. Eltester, ed., *Neutestamentliche Studien für Rudolf Bultmann* (Berlim, 1957), pp. 261-68. O argumento a favor de uma confissão perante um tribunal foi apresentado por J. Thurén, "Die Struktur der Schlussparanese 1 Tim. 6, 3-21", *ThZ* 26 (1970), pp. 241-53.

6:13-14 / A palavra *epiphaneia* (aparecimento) tinha uma história considerável, no helenismo, como termo técnico para "manifestação visível de uma divindade oculta, ou na forma de uma aparência pessoal, ou por alguma ação ou poder pelo qual sua presença se faz conhecida" (BAGD). Tornou-se, assim, um termo no judaísmo helenístico para "manifestações" do poder de Deus (veja, p.e., 2 Macabeus 2:21; 3:24; 3 Macabeus 5:8; *Letter of Aristeas* 264; Jos., *Antiquities* 2. 339; 3. 310). Quanto a uma discussão sobre o pano de fundo mais estritamente judaico para esse termo, veja M. McNamara, *The New Testament and the Palestinian Targum to the Pentateuch* AB 27 (Roma: Pontifical Bible Institute, 1966), pp. 246-52.

6:15-16 / Hanson (pp. 112-13) minimiza a tentativa de Spicq de argumentar a favor desta doxologia como composição paulina. Mas não há bons motivos históricos para negar a possibilidade de que Paulo se valeu bastante da sinagoga helenística, onde ele próprio passou tanto tempo.

18. Exortação aos Ricos (1 Timóteo 6:17-19)

Depois da exaltada linguagem da doxologia precedente (vv. 15-16), estas palavras vêm como uma surpresa tal que alguns estudiosos duvidam de que elas realmente deveriam estar neste lugar, e sugerem que se trata de uma interpolação. Se, porém, a "lógica" de tudo isto não é perfeita, não há dificuldade em ver o que aconteceu.

Paulo chegava à conclusão de sua carta com uma palavra final contra os falsos mestres, palavra que se revelou ser um juízo tão forte contra a ganância deles, que incluía uma advertência "aos que querem ficar ricos" (v. 9). Haveria, contudo, alguns na igreja que *já* eram **ricos** no presente **mundo** (v. 17), especialmente aqueles em cujos lares a igreja se reunia (cp. também 5:16). Contudo, uma vez que a preocupação primeira de Paulo era com os falsos mestres e com o papel do próprio Timóteo em combatê-los, ele fez que suas palavras a respeito deles se acompanhassem de uma exortação final, imediata, a Timóteo — continuar lutando na nobre competição até o fim. Daí, tendo dado essa nobre incumbência a Timóteo, ele volta a dizer algumas palavras aos que já são ricos, para que não se sintam condenados pelos vv. 6-10.

O que ele lhes diz fundamenta-se em sua visão escatológica global da existência cristã, mas sem o ascetismo dos falsos mestres. Tais pessoas podem ser ricas nas coisas que pertencem à presente vida, mas essas coisas, embora sejam para o nosso gozo, pertencem apenas à presente era e são, portanto, incertas. Os ricos deveriam, pois, manter suas possessões soltas, não depositando nelas sua esperança, mas sendo generosos, usando-as para boas obras. Sua esperança deve ser posta em Deus, e suas riquezas usadas para armazenar tesouros para o futuro, para a vida que é verdadeiramente vida. Podemos notar que há algumas afinidades íntimas nesta passagem (incluindo 6:7) com Eclesiastes 5:8-20.

6:17 / Timóteo é concitado a "mandar" algo mais: que dê uma ordem (a mesma palavra usada em 1:3, 5; 4:11; 5:7), desta vez **aos ricos deste mundo**. Em parte alguma Paulo fala aos abastados como uma classe, mas isso indica meramente a natureza *ad hoc* de suas cartas. Sua teologia

da cruz reconhece claramente o ensino do AT, segundo o qual Deus defende a causa dos "pobres" (1 Coríntios 1:26-31). E em Corinto, onde a maioria está nessa classe, ele faz aos ricos uma severa advertência, pelo tratamento que dispensam aos destituídos (11:20-22). Muitas vezes, porém, ele deve ter sido beneficiário dos abastados (cp. Filemom 1-2, 5-7, 22), por isso dificilmente investe contra os ricos só por serem ricos. Ele simplesmente espera que os que são "abonados" sejam generosos com os "desabonados" (Romanos 12:8, 13; 2 Coríntios 9:6-15).

A "ordem" dada por Paulo trata dos perigos gêmeos dos ricos: **não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas.** A palavra **altivo** compõe-se de duas palavras que significam "pensar, ou nutrir idéias exaltadas" (ERA: "orgulhosos"; cp. Romanos 11:20; 12:16). A altivez, ou orgulho, é o pecado mortal de todas as pessoas, mas parece que é maldição especial dos ricos. Não somente isso, mas eles tendem a depositar demasiada confiança na **incerteza** deste mundo. A *incerteza* das riquezas é sublinhada nos Provérbios (23:4-5); no v. 17, o tema está vinculado a serem elas somente **deste mundo** (em contraste com "o futuro... vida eterna..." v. 19). Pôr a esperança nas riquezas foi denunciado pelos profetas (p.e., Jeremias 9:23) e parece ser o principal fator, acima dos demais, que fechou a porta do Reino a certas pessoas, no ministério de Jesus (cp. Marcos 10:17-27; Lucas 12:15, 16-21).

Como no caso das demais pessoas (4:10), especialmente as viúvas pobres (5:5), os ricos devem pôr **a esperança... em Deus**. Como nos dois textos anteriores, a salvação expressa como **esperança em Deus** carrega uma conotação decididamente escatológica, bem como de confiança e perseverança.

Todavia, Paulo não é ascético. Que os ricos não devem colocar confiança em suas riquezas não implica uma atitude de total rejeição. Assim, até mesmo aqui ele golpeia fortemente os falsos mestres (veja 4:1-5 e 5:23). **Deus**... diz ele, **abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos** (cp. 4:3-4; veja também Eclesiastes 5:19-20). "Gozar", porém, não significa levar uma vida auto-indulgente (5:6). O motivo por que **todas as coisas** podem ser usufruídas reside no reconhecimento de que tudo, incluindo a riqueza do indivíduo, é um dom, expressão da graciosa generosidade de Deus.

6:18 / O "gozo" de "todas as coisas" como dom gracioso de Deus afasta-nos da "altivez" e da falsa segurança, e leva-nos à liberdade de

dar generosamente. Em verdade, esse versículo repete de quatro maneiras que os ricos devem usar sua riqueza para o benefício de outros. Assim começa o versículo: **Manda** (subentendido, presente no v. 17) **que façam o bem**, que depois é enfatizado por meio de um trocadilho com "ricos de boas obras" (cp. 2 Coríntios 8:9). Caso não fique bem claro, **boas obras** vem logo a seguir, com esta definição: **generosos em dar e prontos a repartir**. Este último item, uma forma adjetiva de *koinonia* ("comunhão"), implica a repartição liberal com outros daquilo que possuímos. Pelo que as verdadeiras "riquezas" encontram-se no dar e não no ter.

6:19 / Havendo usado a expressão "sejam ricos" de modo metafórico, no v. 18, Paulo agora estende a metáfora escatologicamente. Com isso, ele faz o que nos parecem comentários verdadeiramente não-paulinos (como em 2:15). A dificuldade, porém, reside no resultado das metáforas, não de um desvio teológico. Salvação é colocar nossa esperança em Deus; ela não se alcança pela "compra de ações do céu"!

Não obstante, de modo semelhante ao de Jesus (Lucas 12:33; 18:22; cp. Mateus 6:19-21), Paulo lembra-lhes que devem proceder desse modo (dar com generosidade aos necessitados), para **que acumulem para si mesmos um bom fundamento para o futuro**. Isto não é "subornar" a Deus, nem merecer a salvação. Paulo apenas acentua de novo o que teve início no v. 17. As verdadeiras "riquezas" nada têm que ver com as possessões terrenas, que são incertas e pertencem somente a esta era. As verdadeiras "riquezas" são obtidas pela distribuição generosa e liberal das riquezas desta vida. Assim, quando os ricos distribuem riquezas não sofrem perda, mas, ao contrário, **acumulam para si mesmos ... um bom fundamento** de tipo diferente. Trata-se, numa mudança de metáfora tipicamente paulina, de "lançar" um alicerce firme **para o futuro**. Quanto a isto deveríamos notar os ensinos de Jesus que Lucas juntou em 12:32-33. O Reino, sendo um dom, nos leva a vender as possessões e dar aos necessitados, para que por esse meio possamos prover a nós mesmos "um tesouro no céu".

Finalmente, para que nada disto seja mal-interpretado, Paulo apresenta a natureza do tesouro, o mesmo alvo escatológico que todos os crentes partilham (cp. 1:16; 4:8, 10; 6:12): **Para que possam alcançar a vida eterna.** Eis uma cláusula semelhante à que foi dita a Timóteo em 6:12. A diferença é que em 6:12 há um imperativo; no v. 19 há uma cláusula

de finalidade, expressando o último alvo de sua esperança em Deus e as boas obras resultantes. Em assim fazendo, eles se apossam (ou "garantem para si mesmos") da **vida eterna,** que significa, é claro, a verdadeira vida entendida escatologicamente.

Nota Adicional #18

Este parágrafo é realmente, no grego, uma única sentença, trazendo um trocadilho com a palavra "riquezas" e idéias correlatas. Esta mesma palavra ocorre quatro vezes em quatro formas diferentes (adjetivo em forma substantiva, "os ricos"; substantivo abstrato, "riquezas"; advérbio, "ricamente" (**abundantemente**); e um verbo, **sejam ricos de boas obras**. Boas obras, então, estendendo a metáfora, é o modo de **acumular... para si mesmos um bom fundamento para o futuro.**

6:17 / Que as riquezas desta era devem ser **para delas gozarmos** cria considerável dificuldade para os que vêem 6:6-8 como um empréstimo que Paulo toma dos ideais cínico-estóicos (cp. Gealy, "é outro tom, diferente de 6:7-10", p. 457). Contudo, a idéia se ajusta bem à própria opinião de Paulo, exposta em Filipenses 4:10-13, onde o crente, fortalecido por Cristo, pode viver acima *tanto* da necessidade (6:6-10) *como* da abundância (6:17-19).

19. Incumbência Final (1 Timóteo 6:20-21)

Agora que Paulo chega à conclusão da carta, torna-se claro que o parágrafo precedente é uma reflexão posterior dos vv. 6-10. Bem que a carta poderia ter terminado com a saudação final, depois da solene exortação e da doxologia dos vv. 13-16 (veja Filipenses 4:20-23 e 2 Timóteo 4:18-22, onde as saudações finais vêm imediatamente depois de uma doxologia). Mas a necessidade de tranqüilizar os que já eram ricos impediu que assim fosse, de modo que agora o apóstolo repete a recomendação a Timóteo e o faz, como sempre, em face dos falsos mestres. Desse modo, as duas grandes ênfases da carta e, especialmente a partir de 6:2b em diante, são expressas pela última vez.

O fato mais notável com respeito a esta conclusão é a falta de quaisquer saudações finais. Todas as cartas paulinas, incluindo esta, terminam com uma graça, ou bênção final. Somente 1 Timóteo e Gálatas não têm saudações de Paulo e amigos ao destinatário e amigos (cp. 2 Timóteo 4:19-21; Tito 3:15). Até o final esta carta caracteristicamente "trata de assuntos importantes", e exceto no que tange a alguma nova expressão, esta recomendação final meramente resume aqueles assuntos.

6:20 / Com um último vocativo, **ó Timóteo** (a interjeição emocional **ó**, não traduzida na NIV, ocorre muitas vezes nos escritos de Paulo (6:11; Romanos 2:1, 3; 9:20; Gálatas 3:1]), Paulo apela para seu colega mais moço: **Guarda o depósito que te foi confiado**. Esta é a terceira incumbência desse teor na carta (cp. 1:18-19; 6:13-16; a quarta, se considerarmos 4:6-10 como incumbência). O imperativo (lit., "guarda o depósito") é metáfora extraída da vida do dia-a-dia, refletindo o mais elevado tipo de obrigação sagrada na sociedade antiga, a saber, confiar-se a alguém alguma possessão valiosíssima, para ficar guardada em segurança, enquanto seu proprietário ficava sob o dever sagrado de responsabilizar-se pela guarda segura "do depósito" (veja, p.e., Levítico 6:2, 4, onde esta palavra, *paratheke*, é empregada na LXX; cp. Tobias 10:13; e especialmente 2 Macabeus 3:15). É assim que Paulo conclui a carta, colocando Timóteo sob tal responsabilidade (cp. 1:18; 2 Timóteo 1:14).

Mas, o que é o "depósito" que **te foi confiado,** isto é, a Timóteo? Muitos acham que são as "sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo", no evangelho, que depois ele deve confiar a outros (2 Timóteo 2:2). Mas afirmar isso talvez seja ler o que não está escrito em 1 Timóteo, considerando as circunstâncias bem alteradas de 2 Timóteo. A melhor resposta deve ser encontrada no contexto da carta inteira: Foi confiada a Timóteo a tarefa de resistir aos falsos mestres, o que nesta carta inclui guardar pura a sua própria vida (4:11-13; 5:22-23; 6:11-12), a fiel proclamação e o ensino da verdade (4:12-14; 6:2b; etc.).

Tal interpretação conta com o apoio do restante dos vv. 20-21. Pela última vez Paulo exorta a Timóteo a resistir aos ensinos dos presbíteros desviados: **Evitando as conversas vãs e profanas** (cp. 4:7) **e as oposições** (cp. 1:6; e esp. 2 Timóteo 2:22, onde este imperativo é repetido quase palavra por palavra) **da falsamente chamada ciência.**

Muitos estão prontos a ver estas últimas palavras como revelação involuntária do autor, que estaria realmente combatendo alguma forma de gnosticismo (do grego *gnosis*, "conhecimento") e querem, por isso, datar a carta muito mais tarde do que a época de Paulo (veja também disc. sobre 1:4). Todavia, isso seria dar demasiada importância a uma expressão. As questões essenciais da heresia gnóstica (especulações acerca de hierarquias espirituais e a alma encontrando sua salvação no "conhecimento" de como escapar do mundo da matéria) simplesmente não se encontram em 1 Timóteo. Paulo antes havia tido problemas com os que se opunham ao seu evangelho em nome da sabedoria e da *gnosis* (1 Coríntios 1:10-4:21; 8:1-13), que se havia tornado um termo semitécnico para a filosofia. Além do mais, desvios do evangelho nesta área apenas uns poucos anos antes (veja esp. Colossenses 2:1-10). Este relacionamento com Colossenses explica adequadamente este emprego daquelas palavras.

6:21 / Para Paulo, muito embora tal falso ensino deva ser resistido, há sempre um elemento trágico ligado ao que aconteceu em Éfeso. **A qual professando-a alguns** (os falsos mestres e seus seguidores ?) **e em assim fazendo se desviaram da fé.** Este **se desviaram da fé** ("erraram o alvo com referência à fé", BAGD; cp. 1:6) por parte de **alguns** dentro da igreja é o que atormentou Paulo o tempo todo e, em última análise, constitui o motivo da carta (veja 1:3-7, 19-20; 4:1-2; 5:15, 20; 6:10; cp. 2:14; 3:6-7; 5:5-6, 24-25).

Finalmente, com uma rudeza que traz dentro de si seu próprio sofrimento, Paulo termina com sua bênção típica: **A graça seja convosco**. Este plural final **convosco** é evidência certa de que Paulo tencionava que esta carta fosse lida em voz alta na(s) igreja(s). Alguns consideram a falta de saudações como evidência contra a autoria paulina, mas, a seguir, devem concordar em que o autor superou a si mesmo ao imitar Paulo em 2 Timóteo e em Tito. Só podemos conjecturar sobre os motivos da falta de saudações pessoais. Fato semelhante acontece em Gálatas, onde na "assinatura" (6:11-18) Paulo dá um último golpe nos oponentes (vv. 11-15), mas ora pela paz sobre os que seguem o evangelho (v. 16), antes da graça final. Talvez valha a pena notar que falta também a essas duas cartas a ação de graças no início (veja disc. sobre 1:3). Parece que a angústia da situação em ambas as igrejas faz que as cartas a elas dirigidas só tratem de assuntos importantes.

A própria **graça** tem um aspecto tipicamente paulino. O "adeus" padrão nas cartas antigas era *errosthe* (lit., "sê forte"), que encontramos na carta de Tiago (Atos 15:29) e nas cartas de Inácio (cp. 2 Macabeus 11:21, 33; Jos., *Life* 227, 365). Mas, como ocorre com a saudação (veja disc. sobre 1:1-2), Paulo "cristianiza" todos os elementos formais da carta antiga. Assim, ele ora para que **a graça seja convosco**. Somente aqui e em Colossenses a bênção é tão concisa. Uma vez que a fonte da **graça** não está no texto, e nas demais cartas é a "graça de nosso Senhor Jesus Cristo", essa talvez seja a sua intenção aqui também.

O "amém" final da KJV não está nos manuscritos antigos; foi acrescentado num tempo posterior, quando a carta era regularmente lida na igreja como parte da Escritura.

Assim, 1 Timóteo chega à conclusão. Paulo está ausente e espera voltar (1:3; 3:14-15; 4:13); entrementes, a situação em Éfeso é tão desesperadora que ele teve de deixar (ou enviar) seu colega mais moço para "corrigir a confusão". Acima de tudo, o próprio Timóteo deve guardar esta responsabilidade, não se deixando atrair para o assim chamado conhecimento (**falsamente chamada ciência**) e fazendo o melhor que puder para deter-lhe a influência na igreja. Conforme vimos do princípio ao fim, tudo na carta de certa maneira reflete esta preocupação.

Notas Adicionais #19

Em virtude das palavras *antithesis* (**oposições**) e *gnosis* (**ciência**), alegou-se num tempo anterior (Bauer, Harnack) que esta recomendação final era uma interpolação antimarcionita (uma vez que Marcion [c. 150 d. C.) foi chamado de gnóstico e sua obra intitulada *Antithesis*. Mas ninguém, no presente, subscreve tal opinião.

6:20 / Para uma discussão útil de *paratheke* em 1 e 2 Timóteo, veja esp. W. Barclay, "Paul's Certainties, VII. Our Security in God — 2 Timothy i. 12". Há uma poderosa ilustração do significado do termo na história do apóstolo João e do jovem a quem ele confiou o cuidado de um bispo como uma *paratheke*, conforme narrado por Clemente de Alexandria, *The Rich Man's Salvation* 42 (Loeb, pp. 357-65).

TITO

1. Saudação (Tito 1:1-4)

O que nos choca acerca da saudação a Tito são as consideráveis diferenças entre as saudações de 1 e 2 Timóteo, especialmente a longa e minuciosa explicação do apostolado de Paulo (vv. 1-3), fenômeno encontrado somente algures em Romanos. Esses versículos, que formam no grego uma sentença única, extremamente complexa, concluem com uma nota sobre o apostolado de Paulo como algo que lhe foi confiado. O motivo central, contudo, acentua o *propósito* desse apostolado: conduzir o povo de Deus à fé e à verdade e, desse modo, à vida. Essa vida, explica ele, foi prometida por Deus antes do começo dos tempos, mas somente agora foi revelada — mediante a pregação de Paulo.

O que é menos claro é o motivo de tal minúcia *nesta* carta. Somente em parte ela parece existir para autenticar o próprio Paulo. A preocupação central é com a verdade do evangelho que os cretenses abraçaram como resultado da pregação de Paulo, preocupação que parece ajustar-se à natureza profilática da carta. Paulo quer incentivar as pessoas na nova fé, a qual se baseia no evangelho (**a verdade**) e contém a esperança da vida eterna. Ao mesmo tempo o conteúdo da saudação serve como salvaguarda ou advertência contra qualquer falso ensino ou falsos mestres.

1:1a / A primeira autodesignação de Paulo nesta carta, **servo de Deus** (lit., "escravo de Deus") sugere logo de início que o contexto de vida desta carta não é tão premente quanto em 1 e 2 Timóteo. Conquanto esta forma exata não apareça anteriormente, Paulo começa a carta aos Romanos e a carta aos Filipenses com a designação "escravo de Cristo Jesus". Dada a sua própria atitude pessoal para com seu ministério e relacionamento com o seu Senhor (veja, p.e., 1 Coríntios 4:1-2, 9; 2 Coríntios 2:14-17), esta talvez fosse sua autodesignação predileta ou comum. Mas a maioria de suas cartas, incluindo esta, são escritas em virtude de premências importantes, que exigem sua autoridade apostólica; daí que ele acrescenta, **apóstolo de Jesus Cristo**.

1:1b-3 / Geralmente Paulo qualifica seu apostolado por alguma nota referente à sua fonte (p.e., "pela vontade de Deus"); aqui, como em 2 Timóteo, ele se sente constrangido a dizer alguma coisa sobre seu

propósito. Paulo foi escolhido **segundo** ("de acordo com", KJV) **a fé dos eleitos de Deus.** A expressão "de acordo com" não significa que seu apostolado era regulado de algum modo pela fé que eles tinham, ou que ela estava em consonância com a ortodoxia. Antes, ela conota *alvo* ou *propósito* (BAGD, II, 4) e poderia ser traduzida "com o objetivo de". O apostolado de Paulo existia para **a fé dos eleitos de Deus**, o que talvez se refira a chegarem eles a confiar em Cristo, e não ao seu progresso ou melhor entendimento da fé. A designação **eleitos de Deus** (cp. Romanos 8:33; Colossenses 3:12; 2 Timóteo 2:10) é outro exemplo típico de Paulo referir-se aos crentes como o povo de Deus, usando a linguagem do AT (p.e., Salmo 105:43; Isaías 65:9, 15, cp. o uso que ele faz de "santos"). Na opinião de Paulo, os que puseram sua confiança (**fé**) em Cristo são, portanto, a verdadeira continuação do antigo povo de Deus. Tal designação certamente tem em mira os ouvidos dos que estão nas igrejas onde os erros têm para eles um feitio decididamente judaico (veja esp. 1:10, 14; 3:8-9).

Seu apostolado é, também, **segundo ... o pleno conhecimento da verdade** (NIV, "para ... o conhecimento da verdade"). Nas EP **a verdade** regularmente se repete como designação do evangelho (veja disc. sobre 1 Timóteo 2:4); aqui ela se refere ao aspecto cognitivo da fé (cp. esp. 1 Timóteo 4:3, "os que conhecem a verdade"). Aqui em Tito, **a verdade** também é definida como (lit.) "que é segundo a piedade" (*eusebeia*, veja disc. em 1 Timóteo 2:2 e 3:16). Como no caso da ocorrência precedente, este "que é segundo" pode significar ou "em harmonia com" ou "com o objetivo de" (donde a NIV: "que conduz à piedade"). Esta não é uma decisão fácil. A última faria ambas as preposições terem basicamente o mesmo significado e consideraria **piedade** como o verdadeiro alvo do evangelho, **a verdade**. Além de ser opção atraente, a gramática (com o artigo definido funcionando como pronome relativo, de sorte que a frase qualifica especificamente **a verdade**), a favorece. Assim, **a verdade** de que **os eleitos de Deus** chegaram a ter **pleno conhecimento**, é a que está de acordo com a verdadeira **piedade**, talvez com ênfase aqui sobre sua visível manifestação no comportamento piedoso.

A próxima frase (lit., "na" ou "para a esperança da vida eterna") é também muito difícil, quer quanto ao seu significado quer quanto ao que ela modifica. Muitos (p.e., Kelly, D-C) a consideram definição ulterior

do apostolado de Paulo, que devia promover a fé, o conhecimento da verdade, e a esperança. A NIV a vê (talvez de maneira correta) como modificando **fé** e **conhecimento** que *descansam* na **esperança da vida eterna**, como sua base escatológica (cp. BAGD), esta frase é mais bem entendida como seqüente a elas — como seu alvo supremo.

Esta **vida**, acrescenta Paulo, agora, **Deus** a **prometeu** a nós. Com esta cláusula ele desvia nossa atenção momentaneamente do seu apostolado e seu propósito, levando-a à fonte de todas as coisas — tanto do evangelho quanto do seu apostolado — o próprio Deus. Seu objetivo em dizer isto talvez seja semelhante a 1 Timóteo 6:14-16; ele deseja reforçar a certeza do futuro. **A esperança da vida eterna** é asseverada com base nos fatos paralelos que o **Deus** que a prometeu **não mente**, uma idéia não imposta algures nos escritos de Paulo, mas encontrada em Números 23:19 (cp. Hebreus 6:18), e que ele nos **prometeu** esta vida (cp. 1 Timóteo 4:8; 2 Timóteo 1:1) **antes dos tempos eternos, e em tempos próprios** (significando *agora*) **manifestou a sua palavra**. A frase **antes dos tempos eternos** é tradução literal, sendo interpretada às vezes como referindo-se às promessas do AT (cp. RSV, "em épocas imemoriais"). Mas, conforme está em 1 Coríntios 2:7-10 (cp. 2 Timóteo 1:9; Efésios 1:4), o ponto importante de Paulo é que o que os crentes estão experimentando agora pertence aos decretos eternos de Deus e esteve escondido em Deus até ser revelado pelo Espírito na presente Era, mediante a obra de Cristo (cp. Romanos 16:25-26; Colossenses 1:25-26).

A cláusula **em tempos próprios** (cp. 1 Timóteo 2:6) **manifestou a sua palavra** (isto é, a mensagem do evangelho, conforme algures nas EP; 2 Timóteo 2:9, 15; 4:2; Tito 1:9; 2:5) expressa o presente cumprimento da promessa mencionada no v. 2. Assim, Deus prometeu vida e, agora, **em tempos próprios, manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada.** Se isso não constitui um conjunto de idéias primorosamente equilibradas, o pensamento é bastante claro. Paulo leva sua sentença de volta ao ponto de origem, o seu apostolado. A revelação da vida prometida realmente ocorreu na proclamação que Paulo fez da **palavra** de Deus, conforme o atesta a fé dos cretenses (v. 1). Como sempre se dá com Paulo, tal pregação e, daí seu próprio apostolado, não é coisa de sua própria escolha, mas responsabilidade sagrada (veja 1 Timóteo 2:7). E tudo isto, finalmente, é **segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador** (veja disc. sobre 1 Timóteo 1:1). A pregação de

Paulo, à semelhança de seu apostolado, está em harmonia com **o mandamento de Deus**, injunção divina sobre a vida de Paulo.

1:4 / Depois dessa longa e minuciosa explicação sobre o propósito e a autenticação do seu apostolado, Paulo agora passa ao endereço e saudação, propriamente ditos. Como no caso de Timóteo (1 Timóteo 1:1), **Tito** (veja Introdução) deve ser reconhecido pelos cretenses como **verdadeiro filho** de Paulo, isto é, ele é filho legítimo de Paulo para levar avante o ministério do apóstolo. Essa legitimidade chega ao ponto crucial: **segundo a fé que nos é comum** (isto é, comum a Paulo, o judeu, e a Tito, o gentio).

Desse modo ele saúda a Tito com sua própria saudação cristianizada: **Graça e paz da parte de Deus, o Pai, e de Cristo Jesus, nosso Salvador** (veja disc. sobre 1 Timóteo 1:1). Em harmonia com as demais cartas de Paulo (exceto 1 e 2 Timóteo), a saudação é **graça e paz.** Embora nestas cartas Paulo chame mais freqüentemente a Deus **nosso Salvador** (como no v. 3), visto que a salvação se origina em Deus, o Pai, ela é efetivada por **Cristo Jesus, nosso Salvador.** O intercâmbio deste título entre Deus e Cristo Jesus (cp. 3:4) reflete a elevada cristologia encontrada em Paulo, desde o começo.

Notas Adicionais #1

1:1a / A parelha **servo de Deus** e **apóstolo de Jesus Cristo** é típica destas cartas — e Paulo a usa em data anterior. Cp. "Deus, nosso Salvador/Cristo Jesus, esperança nossa" (1 Timóteo 1:1) esp. e 1 Timóteo 6:13: "Deus, que todas as coisas vivifica, e de Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos deu o testemunho da boa confissão". Isto talvez explique porque Paulo diz "servo de Deus", em vez de "servo de Cristo Jesus", como seria de esperar (Romanos 1:1; Filipenses 1:1). Sugerir que o uso não é paulino e que significa "revelador autorizado de Deus" em lugar de "propriedade do próprio Deus" (conforme Hanson, seguindo a Hasler) é ir mais longe do que a evidência.

A ordem das palavras "Jesus Cristo" ocorre somente aqui e em 2 Timóteo 2:8, exceto em quatro ocasiões onde ela ocorre em conjunção com outro título (1 Timóteo 6:3, 14; Tito 2:13 [?]; 3:6). É provável que não se possa fazer nenhuma distinção importante a partir desta ordem de palavras aqui, embora em 2 Timóteo 2:8 talvez não seja esse o caso (queira ver).

1:1b-3 / Parece danoso que tal idéia inteiramente paulina como **a esperança da vida eterna** que Deus **prometeu antes dos tempos eternos** deva ser considerada por alguns como refletindo uma idéia platônica: "A salvação pertence ao mundo eterno intemporal; somente a revelação pertence ao tempo" (Hanson, p. 170).

2. Nomeação de Presbíteros (Tito 1:5-9)

Como no caso de 1 Timóteo, Paulo começa sem a típica ação de graças, o que talvez não seja de surpreender, dada a quase total falta de notas pessoais na carta (veja Introdução). Esta carta, como 1 Timóteo, é totalmente de "assuntos importantes" e não mera comunicação pessoal a Tito (cp. a muito diferente 2 Timóteo).

Todavia, diferentemente de 1 Timóteo, o "assunto premente" não é, acima de tudo, deter os falsos mestres e seus ensinos. Tais ensinos são, deveras, uma ameaça, e não obstante ela vir de dentro, sua fonte é diferente. Em vez de presbíteros estabelecidos que desencaminham as pessoas, a ameaça procede do "grupo da circuncisão" (1:10). Mais ainda, o problema não parece ter a mesma premência como o de Éfeso, talvez porque as igrejas fossem relativamente novas. O antídoto para o problema em Creta não é, portanto, que o próprio Tito exponha o erro às claras, mas que ele cuide para que as igrejas fiquem em ordem com presbíteros/bispos devidamente designados, os quais devem resistir aos mestres do erro. Daí que a carta começa com a questão de pôr as igrejas em ordem (vv. 5-9), para depois abordar o assunto dos falsos mestres (vv. 10-16).

Este parágrafo, especialmente os vv. 6-8, tem semelhanças muito íntimas com 1 Timóteo 3:1-7. Como no caso de 1 Timóteo 3, Paulo dá quinze qualificações; cinco são idênticas, e cinco ou seis outras têm pontos de correspondência. O que *difere* é que é significativo: (1) Tito deve **estabelecer** esses presbíteros (o que se diz aqui deve servir como qualificações para o estabelecimento deles). (2) Pelo menos um item do *dever* está claramente explicado em detalhes (v. 9): Devem ser mestres da verdade e devem, de igual modo, refutar os que estão em erro. (3) A lista completa tem disposição mais ordenada, de modo que as questões domésticas apareçam primeiro, seguidas por cinco vícios que devem ser evitados e seis virtudes a serem buscadas. Assim o todo, embora reflita 1 Timóteo, parece ter apresentação mais estudada.

1:5-6 / Paulo começa a carta lembrando a Tito o motivo por que ele foi deixado **em Creta** (cp. 1 Timóteo 1:3), que por sua vez indica também a finalidade da carta. Tanto o verbo **te deixei** (cp. 2 Timóteo 4:13) quanto

o contexto dão a entender que o próprio Paulo estivera **em Creta** e ali havia deixado Tito. Uma vez que não pode ser este o incidente mencionado em Atos 27:8, supõe-se ter havido outra missão, logo após a primeira prisão de Paulo, embora nada mais se conheça de tal missão, nem dos primeiros dias da igreja nessa ilha. (Alguns cretenses estiveram presentes no dia de Pentecoste [Atos 2:11] e ao voltarem, talvez tenham trazido as novidades daquele acontecimento às sinagogas, mas isso é apenas especulativo.)

Em qualquer caso, a missão parece ter sido bastante recente, de sorte que as congregações nas várias cidades da ilha ainda não tinham sido postas em boa ordem. Daí dizer Paulo **te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem o que ainda resta.** O verbo "pôr em ordem" geralmente significa "corrigir" ou "endireitar", mas a frase **o que ainda resta** (lit., "o que está faltando") deixa claro que a "correção" não é tanto uma reforma, porém, uma formação, a saber, a conclusão de uma tarefa que o próprio Paulo foi incapaz de terminar enquanto esteve em Creta.

Que essa é a interpretação correta, verifica-se pela cláusula seguinte, que define o que **ainda resta**. Tito deve designar **presbíteros** e, isso, **de cidade em cidade**. O restante do parágrafo pormenoriza o que isso significa. Ainda ficamos com muitas perguntas sem resposta. Tito os estabeleceu sozinho? Quantos em cada cidade? Tinham eles outros deveres além de ensinar? Em qualquer caso, a ausência de uma palavra de cautela (os presbíteros não deviam ser recém-convertidos — veja 1 Timóteo 3:6 e 5:22) contribui para o sentido geral de que se trata de uma coisa nova.

Embora um tanto ambígua, a próxima cláusula, **como já te mandei**, antes de tudo acompanha o que precede (conforme a NIV), o que apóia ainda mais o que temos afirmado aqui. Assim, o objetivo de Paulo define-se mais ou menos nestas linhas: "Deixei-te em Creta para completares a tarefa inacabada, exatamente conforme te instruí, de designar presbíteros em todas as igrejas". Mas essas palavras também apontam para a frente. "Contudo, essas instruções, deves lembrar-te (e agora para o benefício das igrejas, elas seguem por escrito), tinham os seguintes tipos de diretrizes. "

As primeiras diretrizes, dadas no v. 6, tomam a forma de perguntas indiretas, em vez de imperativas (conforme a NIV, e a maioria das

traduções), melhor seria que fossem postas na forma de perguntas (veja NEB; cp. NAB sobre 1 Timóteo 5:10). É homem **irrepreensível**? Esta não é a mesma palavra empregada em 1 Timóteo 3:2, mas o sinônimo da que Paulo usou em 3:10. Não obstante, a palavra funciona exatamente do mesmo modo — encabeça a lista, como termo que cobre uma variedade de considerações comportamentais. Conviria observar a mudança para o singular, **aquele que for irrepreensível**... ocasionada pela forma da pergunta indireta ("aquele que... ; veja nota sobre 1 Timóteo 3:2).

Os dois primeiros itens nos quais o presbítero deve ser **irrepreensível** relaciona-se com a qualidade de sua vida no lar (que aparece em primeiro e em décimo-terceiro lugares em 1 Timóteo 3:2, 4, mas são ajuntados como reflexão posterior para os diáconos — 3:12). Tem ele **uma só mulher**? (veja disc. sobre 1 Timóteo 3:2: "Tem ele sido fiel à sua única esposa?") Tem ele **filhos fiéis**? (lit., "tendo filhos fiéis [ou 'crentes']", **que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes**? Embora seja isto um reflexo de 1 Timóteo 3:4, Paulo o diz de maneira ligeiramente diferente, mais positiva. Representam as duas faces da mesma moeda. Seus **filhos** devem ser crentes **fiéis**; isto é, o presbítero em potencial deve ser pessoa cujos filhos o seguiram ao adotar a sua fé. Ou poderia significar que eles devem refletir "fielmente" o comportamento "dos fiéis". Em qualquer dos casos, o reverso da moeda é que eles não podem **ser acusados de dissolução** (ou "dissipação", ou "devassidão"; cp. Efésios 5:18) **nem são desobedientes** (palavra empregada na LXX com referência aos filhos de Eli, 1 Samuel 10:27). A palavra **desobediente** é substituída mais adiante (v. 10) por **insubordinados**, para referir-se aos falsos mestres ("que se rebelam"). Temos aqui a primeira insinuação do que virá a ser o tema dominante da carta — boas obras com comportamento exemplar, com preocupação pelo que pensam os de fora.

Talvez seja significativo para as igrejas mais novas que, antes de Paulo dar outra lista de vícios e virtudes, esses dois itens encabecem a lista de qualificações. Conforme foi observado com referência a 1 Timóteo 3:4, os primeiros presbíteros das igrejas paulinas com certeza estavam entre os convertidos mais antigos, os quais eram patriarcas e chefes de família. Portanto, um bom exame da vida doméstica do homem revelará muita coisa de seu caráter e de sua capacidade para liderar a igreja.

1:7-8 / Em virtude da dificuldade inerente da tradução, torna-se fácil perder a conexão íntima do v. 7 com o v. 6. O v. 7a apresenta agora motivos *por que* o **bispo** *(episkopos)* deve ser **irrepreensível** no sentido do v. 6 (isto é, como marido e pai fiel), a saber, porque ele deve servir também como "administrador da casa de Deus" (metáfora que pode passar despercebida ao ser traduzida **como despenseiro de Deus).** Daí a mesma insistência conforme 1 Timóteo 3:5: Se uma pessoa não é exemplar no seio de sua própria família, como pode cuidar da casa de Deus? Note-se também que **de Deus** é possessivo. O *episkopos* é "administrador da casa" **de Deus**, e não da igreja; tampouco é sua própria "casa".

A movimentação fácil de *presbyteroi* (pl., "presbíteros". v. 5) para *tis* (sing., "aquele", v. 6) para *ton episkopon* (sing., **o bispo** (supervisor) indica parte da dificuldade que temos para determinar com precisão quem e quantos eram esses **bispos** (supervisores). Isto, porém, nos parece certo: o *episkopos* é um **presbítero** (tanto em 1 Timóteo 3:2 como em Tito 1:9 o *episkopos* é mestre, e 1 Timóteo 5:17 torna claro que os mestres são também presbíteros). Parece provável, igualmente, que nem todos os presbíteros são *episkopoi*; portanto, essas palavras são intercambiáveis apenas num sentido limitado. Se determinada assembléia tinha diversos presbíteros, sendo um deles o *episkopos*, ou se havia vários *episkopoi*, a pluralidade é mais provável, a esta altura, devido ao plural em Filipenses 1:1. Portanto, **bispo** talvez seja termo genérico, como no v. 6.

Havendo repetido que o **bispo** (presbítero supervisor) deve ser **irrepreensível**, Paulo agora retorna a uma lista de onze adjetivos muito parecidos com 1 Timóteo 3:2-3, apenas de um modo mais ordenado. Há cinco vícios que devem ser evitados (os quais certamente não são exaustivos, mas representativos). Os dois primeiros formam um par, não encontrado em 1 Timóteo 3: **Não soberbo** ("arrogantes"; cp. 2 Pedro 2:10) **nem irascível** (cp. "moderado, inimigo de contendas" em 1 Timóteo 3:3). Está em consonância com todo o NT, pois **moderado** encabeça a lista. O administrador da casa de Deus deve ser servo, não obstinadamente voluntarioso, uma vez que se trata da casa de Deus e não da sua própria casa (cp. Marcos 10:41-45; 1 Coríntios 3:5-9; 4:1-2).

Quanto às duas expressões seguintes, **nem dado ao vinho, nem espancador**, que também formam um par, veja disc. sobre 1 Timóteo

3:3. O quinto vício, **nem cobiçoso de torpe ganância** traz quase as mesmas palavras usadas na lista para diácono (1 Timóteo 3:8), e aparece de novo no v. 11 a respeito dos falsos mestres. Talvez Barrett esteja certo ao observar: "Condena-se aqui a sordidez de auferir-se lucro no serviço cristão, mais do que o lucro desonesto" (p. 129).

Um exame dos vínculos íntimos entre os falsos mestres e a fama do caráter dos cretenses nos vv. 10-13 fará que o significado desta lista desde logo fique evidente — embora sejam obviamente apropriados para os líderes da igreja em qualquer época!

Em contraste com esses vícios, Paulo arrola seis virtudes representativas. Ele **deve ser hospitaleiro** (veja disc. sobre 1 Timóteo 3:2), **amigo do bem** (uma palavra encontrada freqüentemente nas inscrições em louvor de pessoas dignas). Aqui de novo emerge o tema dominante das "boas obras"; veja disc. sobre o v. 6). Ele deve também ser **sóbrio** (veja disc. sobre 1 Timóteo 3:2 e Tito 2:2, 5), uma palavra predileta nas EP, que talvez signifique algo perto de "não perder sua presença de espírito". As duas seguintes, **justo** e **piedoso**, ocorrem regularmente juntas, tanto na Escritura como fora dela, refletindo o dever para com outras pessoas e o dever para com Deus (cp. Lucas 1:75; Efésios 4:24; 1 Tessalonicenses 2:10). E ele deve ser **temperante** (ou "autocontrolado"); o substantivo oriundo desta palavra é o último fruto do Espírito em Gálatas 5:23.

Conquanto seja verdade que esta lista tem algumas afinidades com listas semelhantes no mundo helenístico, é verdade também que quatro das seis são palavras claramente paulinas, e que todas elas são muito bem apropriadas para os líderes da igreja. (Quanto a esta questão, veja a nota sobre 1 Timóteo 3:2).

1:9 / Finalmente, e de maneira muito significativa, a lista de qualificações conclui na forma de um dever. **Deve reter firme a palavra, que é conforme a doutrina,** o que repete a necessidade de ele ser absolutamente devotado ao evangelho (cp. 1 Timóteo 3:9 acerca dos diáconos). Ele deve ser assim, contudo, não apenas para si próprio, mas **para que** ele possa cumprir sua dupla tarefa de exortar e incentivar os fiéis e refutar a falsidade dos oponentes do evangelho.

Dever-se-ia notar que essas são exatamente as tarefas recomendadas a Timóteo em 1 Timóteo (cp. 2 Timóteo 4:2). Aqui, muito embora Timóteo deva dar o exemplo (veja disc. sobre 1:13), essas tarefas devem

ser confiadas aos presbíteros/bispos/supervisores. O líder da igreja, porque é certamente isso que são os presbíteros, deve poder **administrar** (ou "exortar"; cp. 1 Timóteo 4:13; 5:1; 6:2) **na sã doutrina** (veja disc. sobre 1 Timóteo 1:10). Ele deve, também, poder **convencer** (ou "refutar"; cp. 1 Timóteo 5:20; 2 Timóteo 3:16; 4:2) **os contradizentes**. Esta qualificação final conduzirá diretamente à próxima seção da carta.

Notas Adicionais #2

D-C atribuem considerável valor à questão das similaridades entre os vv. 6-9 e 1 Timóteo 3:1-7, 8-12, e 2 Timóteo 2:22-25. Parece que D-C encontram algumas correspondências adicionais que inexistem, na verdade. O argumento de D-C é que o autor está simplesmente tomando emprestado de um "esquema" comum e, portanto, que os itens reais arrolados dificilmente refletiriam o que Paulo exigiria de um líder cristão da igreja. Mas D-C dão maior importância à possibilidade de um esquema comum do que as evidências sugerem. A própria tentativa de fazer que as duas listas sejam mais parecidas do que são, sem reconhecer a natureza mais ordenada desta lista, nem o fato de que ambas as listas se ajustam com perfeição aos seus ambientes particulares, talvez lhes denuncie alguns interesses anteriores.

1:5-6 / Argumentam alguns que o verbo *apelipon* (**deixei**) não implica necessariamente **deixei** *para trás*, conforme a leitura variante *katelipon* encontrada na maioria das testemunhas. Mas isso é dar demasiada importância à variante, que meramente substitui um sinônimo mais forte para expressar a mesma idéia. Os dois empregos deste verbo em 2 Timóteo (4:13 e 20), significam claramente "deixar para trás" (veja também BAGD), e o contexto como um todo dá a entender que Paulo também havia estado em Creta.

Hanson (p. 172), acompanhando LSJ, argumenta que **pusesses em ordem o que ainda resta** deveria ser traduzido "completasses as reformas inacabadas". "Isso implica, portanto, que a igreja em Creta, longe de ter sido fundada recentemente, havia existido havia tempo suficiente para corromper-se e passava pelo processo de reforma." O argumento de Hanson a favor desta posição é que esta "sugere um estado de coisas que prevaleceria talvez no final do século, em vez de no tempo de Paulo". Mas isso é dar demasiada importância a uma tradução dúbia de *ta leiponta* ("o que está faltando"). Conforme demonstra a exegese, o peso da evidência aponta para uma situação nova, especialmente quando comparada com 1 e 2 Timóteo (p.e., a repetida preocupação em 1 Timóteo de que os novos presbíteros designados não sejam recém-convertidos, o que se ajusta à igreja estabelecida de Éfeso, mas faria pouco ou nenhum sentido, aqui e, por isso, está ausente).

1:9 / O MS 460 do décimo terceiro século contém a seguinte interessante adição depois do v. **9**: "Não nomeies os que foram casados duas vezes, nem os faças diáconos; nem possam eles ter esposas de um segundo casamento; nem permitas que eles se aproximem do altar para o serviço divino. Como servo de Deus, repreende os governantes que são injustos, trapaceiros, mentirosos e desalmados".

3. Advertências Contra Falsas Doutrinas (Tito 1:10-16)

Este parágrafo está intimamente vinculado aos vv. 5-9 (pelo **pois**), e se esmera bastante nos "contradizentes" do v. 9. Este é o principal motivo por que Tito deve designar presbíteros dignos, **pois, há muitos insubordinados** (v. 10) que se fazem "contradizentes" da "sã doutrina" (v. 9).

Paralelamente com 3:10-11, esta é, na carta, a única indicação da presença dos falsos mestres. Não obstante, a falta de verdadeiras boas obras da parte deles (v. 16), mais a ênfase por toda a carta sobre as boas obras observáveis nos que conhecem a verdade (2:5, 7, 8, 10, 14; 3:1, 8, 14), sugerem que a presença deles é grande motivo para a carta — ainda que lhe falte a premência de 1 Timóteo.

O retrato dos oponentes que surge tem muitos pontos de correspondência com a situação em Éfeso (1 e 2 Timóteo) e também com a situação existente havia pouco tempo Colossos-Laodicéia (cp. esp. Colossenses 2:16-23). É como se este desvio sutil, talvez atraente, criasse "popularidade" por todas estas partes do mundo. Neste caso, sobressai-se a natureza particular judaica do problema. De fato, o desvio é promovido por alguns cristãos judaicos (v. 10), e o todo dos vv. 14-16 revela ênfase em rituais, comparáveis com o ascetismo de 1 Timóteo 4:3, tendo, porém, caráter decididamente judaico.

O parágrafo como um todo expressa a dupla preocupação quanto ao caráter e à conduta desses rebeldes (considerados coerentes com a bem conhecida reputação de Creta) e seu próprio ensino.

1:10 / Com um **pois** explicativo, Paulo apresenta agora os motivos por que os presbíteros/bispos devem ter caráter irrepreensível (vv. 6-8), ser capazes de ensinar a verdade e refutar o erro. ***Há muitos insubordinados***, a mesma palavra traduzida por "desobedientes" no v. 6, que aqui tem o matiz de "insubordinados" (Moffatt). A rebelião, ou insubordinação deles, em primeiro lugar é rejeição da verdade do evangelho (v. 14, e por via de conseqüência, rejeição do senhorio de Cristo e da autoridade de Paulo). Tal rejeição se expressa em serem eles **faladores vãos, e**

enganadores. A expressão **faladores vãos** é a mesma de 1 Timóteo 1:6 (queira ver). Como no caso dos falsos mestres de Éfeso, Paulo considera o ensino divulgado em Creta como "conversa sem sentido" que desencaminha ou engana os outros (cp. 1 Timóteo 4:2; 2 Timóteo 3:13).

Mas, diferentemente de Éfeso, onde alguns dos falsos mestres são citados (1 Timóteo 1:20; 2 Timóteo 2:17) ou Paulo lhes faz referência com o indefinido "alguns" (1 Timóteo 1:3, 6, etc.), estes rebeldes são **os da circuncisão** (a expressão é literal; cp. Atos 10:45; 11:2; Gálatas 2:7-9, 12). A palavra **especialmente** (cp. 2 Timóteo 4:13) neste exemplo talvez signifique algo como "em outras palavras" e não implica que muitos outros também são insubordinados, mas que o problema vem dos convertidos judeus em particular (veja nota). Portanto, Paulo queria dizer algo assim: "Certifica-te de que teus designados sejam pessoas qualificadas, porque já há muitos insubordinados no trabalho, com seus enganos; refiro-me, em particular, como bem sabes, aos convertidos do judaísmo".

Significa isto que todos os judeus convertidos estão procedendo deste modo? Não necessariamente, mas implica, de fato, que a ameaça oriunda do judaísmo já não se concentra, como antes, na circuncisão (p.e., Gálatas), mas envolve algumas sutilezas em outras áreas, descritas nos vv. 14-16.

1:11 / Este versículo chega bem perto, na epístola, a expressar premência a respeito da situação em Creta. **É preciso tapar-lhes a boca** (tradução literal). O verbo poderia significar "silenciar" ou "impedir". Neste contexto significa que os enganadores devem ser silenciados de algum modo. Por quê? **Porque transtornaram** (ou "subverteram") **casas inteiras** (cp. 1 Timóteo 3:5, 15; 2 Timóteo 3:6-9) **ensinando o que não convém.**

O quadro emergente mostra uma estrutura de igreja menos do que coesa, na qual grande parte da atividade docente ocorre em várias casas. Em alguns casos, casas inteiras estão sendo subvertidas pelos falsos mestres; não seria, então, o caso como alguns têm sugerido, de algumas famílias serem transtornadas pela defecção de um ou dois membros.

A expressão **ensinando o que não convém** reflete 1 Timóteo 5:13 (cp. 1 Timóteo 1:6-7; 6:3-4). De novo, como em Éfeso (1 Timóteo 6:5-10), o ponto nevrálgico dos falsos mestres é a ganância, não a verdade, a piedade ou a "honra" de Deus. Eles se tornaram mercenários religiosos,

que procuram ganhar convertidos **por torpe ganância**, ou, como traduz a GNB, "tudo pelo propósito vergonhoso de fazer dinheiro" — implícito na prática da religião, por parte deles. Quanto ao significado deste termo em Tito, veja a disc. sobre o v. 7.

1:12-13 / Antes de prosseguir na admoestação desses oponentes com referência a seus ensinos, Paulo dá uma volta inesperada na discussão. Ele se lembra de que a conduta desses falsos mestres está muito de acordo com a conhecida reputação de Creta, expressa num epigrama de Epimênides (c. 600 a. C.: **"Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos".** A intenção de Paulo nesta citação parece clara. Não é acusação generalizada a todos os cretenses; antes, ele lhes lembra de que no caso dos falsos mestres, Epimênides, **seu próprio profeta**, com certeza deu **testemunho... exato**. Esses mestres são **mentirosos** (cp. "faladores vãos e enganadores", v. 10). Talvez se encaixem também no restante da descrição **bestas ruins**, "insubordinados" (v. 10); **ventres preguiçosos**, "por torpe ganância" (v. 11). Seja como for, ele está tentando envergonhá-los — tanto aos mestres como a qualquer que os siga — dizendo: "Elés têm muitas características dos cretenses", referindo-se à reputação repugnante da ilha no exterior.

A própria citação tem uma história interessante. De acordo com tradição bem firmada encontrada no *Hymn to Zeus* 8, de Callimachus (305-240 a. C.) e *Lover of Lies* 3, de Luciano (cp. *Timon* 6; c. 120-180 d. C.), o motivo por que **Os cretenses são sempre mentirosos** era reivindicarem eles a posse do *túmulo* de Zeus que, é claro, como deus não podia ter morrido!

Mas qual era a intenção de Paulo ao chamar a Epimênides de **um dentre eles, seu próprio profeta**? É possível que ele tencionasse algo semelhante a João 11:49-51, onde Caifás falou profeticamente sem o propósito de profetizar. É provável que Paulo esteja refletindo a reputação comum de Epimênides, a quem Platão chamou de "homem divino", e de quem disse Aristóteles: "Ele costumava adivinhar, não o futuro, mas somente as coisas passadas e obscuras" (*The Art of Rhetoric* 3. 17, Loeb). Era **exato** o que ele havia dito acerca dos cretenses, e de **seu próprio profeta**, evidenciando-se agora nos falsos mestres, o que fazia que o título fosse admissível.

Portanto, continua Paulo, **repreende-os severamente.** Esta é a única vez na carta que Tito recebe ordem para dirigir-se aos falsos mestres (cp.

1 Timóteo em todo o seu conteúdo). A palavra **repreende** *(elengchein)* ocorreu no v. 9 como tarefa dos presbíteros (**admoestar**; cp. 1 Timóteo 5:20; 2 Timóteo 3:16; Tito 2:15). Usado com o advérbio *apotomos* (**severamente**) é bem provável que o imperativo signifique "corrige-os rigorosamente" (Goodspeed), uma vez que a intenção é **para que sejam sãos na fé** (de novo, veja disc. sobre 1 Timóteo 1:10).

A última cláusula abre a questão sobre a quem Paulo se refere. Repreender a quem? Quem deve ser são na fé? Os falsos mestres? Os crentes cretenses também? O contexto exige que o antecedente seja antes de tudo os falsos mestres. Mas o alvo corretivo do verbo repreender, bem como o conteúdo do v. 14, podem apontar além deles para todos os crentes (não obstante, veja disc. sobre 2 Timóteo 2:25-26, onde é possível que Paulo alimente esperança pelos próprios oponentes).

1:14 / Em estilo típico, **sadios na fé**, que raramente se define, contrasta com o ensino ímpio dos heréticos. "Eles" não devem dar **ouvidos a fábulas judaicas** (cp. 1 Timóteo 1:4; 4:7). Embora aqui não se faça menção a "genealogias" (veja, porém, disc. sobre 3:9), essas **fábulas** descritas como **judaicas**, com toda a probabilidade refletem fenômeno semelhante condenado em 1 Timóteo 1:4 (queira ver).

É mais significativo ainda, no sentido em que Paulo o comentará depois, nos vv. 15-16, que eles tampouco devem dar **ouvidos ...** a mandamentos de homens. Isto reflete Isaías 29:13 (LXX: "Em vão me adoram, ensinando mandamentos e doutrinas dos homens"), passagem que Jesus citou a respeito dos regulamentos farisaicos (Marcos 7:7; Mateus 15:9) a que Paulo alude acerca das práticas ascéticas em Colossos, muito semelhantes (Colossenses 2:22). Conforme algures (p.e., 1 Timóteo 6:5; 2 Timóteo 4:4) os perpetradores de tais **mandamentos** são descritos como **homens que se desviam da verdade**, significando a rejeição do evangelho, cujas "boas novas" de salvação pela graça estão em nítida contradição com todas as formas de normas e preceitos religiosos.

1:15 / Os dois versículos finais do parágrafo explicam de maneira satisfatória a acusação que Paulo faz contra os falsos mestres e seus "mandamentos de homens". Desses versículos fica claro de novo que o problema tem que ver com proibições; talvez leis sobre alimentos, dada a ênfase na pureza e contaminação (veja 1 Timóteo 4:3; cp. Colossenses

2:16-23, esp. 20-23). Em qualquer caso, a linguagem toda reflete preocupações genuinamente judaicas.

Paulo começa de forma positiva. **Todas as coisas são puras para os puros**. Embora a preocupação aqui seja diferente, Paulo reafirma sua posição demonstrada em Romanos 14:20. Reflete um entendimento claro de Jesus conforme Marcos 7, de que aquilo que as pessoas comem não pode contaminá-las. O ponto de Paulo parece claro: **todas as coisas**, incluindo as que alguns julgam impuras, **são** (ritualmente) puras — isto é, nada é impuro em si mesmo (cp. 1 Timóteo 4:4, "não há nada que rejeitar") — **para os** (moralmente) **puros**, visto que eles foram "purificados" pela fé em Cristo.

O oposto disto é que, ao contrário da atitude dos falsos mestres, **nada é puro** (ritualmente) **para os corrompidos** (moralmente). Neste ponto, Paulo retoma o tema central judaico, segundo o qual tudo quanto uma pessoa contaminada toca fica igualmente contaminado (cp. Ageu 2:10-14; Fílon, *On the Special Laws* 3. 208-9). Mas o golpe devastador de Paulo é que, em vez de se tornarem, ou se manterem puros, comendo somente coisas puras, o próprio fato de eles considerarem qualquer coisa impura e de necessitar, portanto, de regulamentos para a sua própria pureza é a demonstração de que os falsos mestres estão pessoalmente **corrompidos**. São corruptos precisamente porque também são **descrentes**, isto é, não colocam sua confiança em Cristo. Assim, na era do Espírito, tudo é novo. Aquele que busca pureza pela obediência aos regulamentos, isto é, mandamentos humanos, revela-se não pertencer ao povo de Deus, de maneira alguma, mas aos incrédulos.

Para certificar-se de que seus objetivos não se perderão, Paulo acrescenta: **Antes, a sua mente como a sua consciência estão contaminadas.** O **sua** leva a questão das duas declarações sobre a pureza a desabar sobre os falsos mestres. Eles não são os **puros** para quem **todas as coisas são puras**; são, porém, os que crêem que **nada é puro**. O problema não é externo, não há contaminação através de alimentos, mas interno — **sua mente** (cp. 1 Timóteo 6:5), **como a sua consciência estão, contaminadas** porque pensam que serão contaminados por comerem certos alimentos, porém, mais do que isso, porque impõem tais mandamentos aos eleitos de Deus (v. 1), que depositaram sua fé e esperança em Cristo.

1:16 / Agora vem a mais pungente de todas as acusações. **Professam** (lit., "confessam") **conhecer a Deus, mas negam-no pelas suas obras.**

Embora Barrett, e outros, vejam isto como "tendência gnóstica dos heréticos" (p. 133; cp. Kelly, p. 237), é certo que isso é secundário. Afinal de contas, a gabolice especial dos judeus, especificamente descritos como **insubordinados** no v. 10, era afirmarem que conheciam a **Deus** — comparando-se com os pagãos que não o conheciam. O próprio Paulo reflete este entendimento em passagens como 1 Tessalonicenses 4:5; 2 Tessalonicenses 1:8; Gálatas 4:8; e Romanos 2:17-18. Este ponto é semelhante a 1 João 2:4 ou Tiago 2:14-16, onde os falsos mestres professam **conhecer a Deus** e desse modo se apresentam como quem pode conduzir outros a Deus.

Mas negam-no pelas suas obras (trad. literal). Não somente não conhecem a verdade a respeito de Deus, revelada no evangelho, mas o seu comportamento de modo particular demonstra sua falta de conhecimento. Não está claro a que obras Paulo se refere. Pensam alguns que são as práticas ascéticas; há maior probabilidade de que seja a ganância, a porfia, e assim por diante, uma vez que esta é a preocupação em todo o texto da carta, sendo observado no final do versículo: **reprovados para toda boa obra.**

Finalmente, tais pessoas são descritas como abomináveis e **desobedientes.** Contudo, questiona-se se a palavra *bdelyktos* deve ser considerada ativa (GNB, "odiosos") ou passiva (NIV, RSV, "detestáveis"; KJV, ECA e ERA, "abomináveis"). Neste contexto a última tradução é preferível, visto que é palavra pertencente ao AT, refletindo o que é detestável ou abominável aos olhos de Deus, de modo especial em conexão com a idolatria. Eis, pois, a suprema ironia. Conforme o disseram bem D-C: "Essas pessoas vêem 'abominação' por toda a parte sendo, elas mesmas, 'abomináveis' (p. 138). Obedecem a **mandamentos de homens**, porém, são **desobedientes** a Deus. Portanto, estão **reprovados para toda boa obra** (lit., desqualificadas para qualquer boa obra). Assim, Paulo conclui com a mais aguda condenação às obras deles, baseadas em mandamentos de homens, distinguindo-as do que Deus quer por via das boas obras, o que agora será pormenorizado em 2:1-3:11.

Notas Adicionais #3

1:10 / Quanto ao significado da palavra *malista* (**especialmente**) proposto aqui, veja o artigo de T. C. Skeat, "'Especially the Parchments': A Note on 2 Timothy IV. 13". Ele reuniu uma coleção convincente de evidências de que nos documentos *ad hoc* essa palavra com freqüência significa algo como "em outras

palavras" ou "quero dizer", ao definir ou particularizar um termo geral.

Há evidência substancial a favor de um grande número de judeus em Creta: Fílon, *On the Embassy to Gaius* 282; Jos., *Antiquities* 17. 327; *Life* 247. Cp. Atos 2:11; 1 Macabeus 15:23.

1:11 / A ganância dos cretenses era reputação firmada. Por exemplo, Políbio diz: "Tanto, com efeito, prevalecem o sórdido amor do lucro (a mesma palavra de Tito 1:7 e 11) e a concupiscência pela riqueza entre eles, que os cretenses são as únicas pessoas do mundo a cujos olhos nenhum lucro é vergonhoso" (6. 46, Loeb). Mas, uma vez que este problema existia também em Éfeso, talvez não se deva dar muita importância ao caráter particularmente cretense, como o fazem alguns.

No fim deste versículo o MS 460 (veja nota sobre o v. 9) acrescenta esta notável sentença: "Os filhos que abusam de seus pais ou os esmurram, você deve confrontar, reprovar e admoestar como um pai a seus filhos" (tradução de Metzger, *TCGNT*). Isto reflete uma atitude consideravelmente diferente quanto ao "transtorno" de casas inteiras!

1:14 / Embora a palavra **mandamentos** difira daquela da LXX, que é usada em Marcos 7:7; Mateus 15:9 e Colossenses 2:22, é certo que Paulo alude a Isaías 29:13. O intercâmbio dos sinônimos gregos envolvidos ocorre também em Marcos 7:7, 8.

1:15 / Barrett dá a entender que o autor de Tito aceita uma opinião diferente da de Paulo em Romanos 14 -15, a ponto de sugerir que "em Tito, são os fracos que não são protegidos, mas atacados" (p. 132-33). Mas tal linguagem reflete uma infeliz confusão de dois contextos ambientais consideravelmente diferentes. Exceto quanto à linguagem usada, praticamente não existe nenhum outro ponto de contato com Romanos 14.

É comum considerar a linguagem empregada e o problema tratado nos vv. 15-16 como reflexo de um ponto de vista gnóstico das coisas. Raramente se negaria que tais regulamentos ascéticos tenham sido, deveras, influenciados pelo helenismo. Não obstante, não há uma única palavra ou idéia de qualquer tipo neste parágrafo, ou em 3:8-11, que sugira primordial influência grega. Cada palavra, porém, encaixa-se no meio ambiente judaico especialmente visado nos vv. 10 e 14.

4. Instruções para Grupos de Crentes (Tito 2:1-10)

Conquanto esta seção tenha afinidades com diversas passagens quer das EP, quer do restante do NT, ainda assim o material aparece aqui de *maneira ímpar. Ela retoma a estrutura de 1 Timóteo 5:1-2, onde as* pessoas são agrupadas por idade e sexo, e nos vv. 2-8 lança alguns detalhes, não em termos do relacionamento de Tito com aquelas pessoas, mas quanto às próprias atitudes e conduta delas. A *linguagem* usada nesses detalhes ecoa aquela empregada com relação aos bispos, aos diáconos e às mulheres em 1 Timóteo 3:1-13 e 2:9-15. A passagem conclui, a seguir, nos vv. 9-10 com uma palavra aos escravos, reminiscente de 1 Timóteo 6:1-2. Encaixada nas instruções aos moços há uma palavra para o próprio Tito (vv. 7-8), reminiscente de 1 Timóteo 4:12-13.

Alguns têm visto similaridade entre este material e os assim chamados códigos da casa em Colossenses 3:18 - 4:1, Efésios 5:21 - 6:9, e 1 Pedro 2:18 - 3:7. Contudo, as similaridades são, na melhor das hipóteses, meramente superficiais, uma vez que nessas passagens a preocupação toda era com os relacionamentos dentro da família. Aqui, a preocupação liga-se principalmente ao caráter e conduta em geral; somente as instruções às mulheres mais moças e aos escravos são relacionais e, em ambos os casos Paulo aconselha a submissão para o bem da reputação do evangelho entre os de fora.

Assim, na passagem toda a preocupação é com o comportamento observável, em óbvio contraste com o dos "oponentes" descrito em 1:10-16, que no fim são julgados como desqualificados para qualquer boa obra. A linguagem empregada é geral, e semelhante à linguagem corrente nos círculos pagãos filosóficos e religiosos, adaptada aqui à vida cristã. Tem-se a impressão, portanto, de que a passagem não se destina tanto aos problemas *ad hoc* em Creta quanto, de modo geral, exige boas obras e um estilo de vida da parte dos cristãos, **para que em tudo sejam ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador** (v. 10).

Tudo isto contribui para a impressão geral da carta como sendo menos premente do que 1 Timóteo e um tanto profilática. Os cristãos de ambos os sexos e de todas as idades são exortados a considerar sua conduta, não tanto de uns para com os outros, mas perante o mundo.

2:1 / Começando com o pronome pessoal enfático e com a adversativa grega *de* ("**Tu, porém**"), esta seção contrasta fortemente com 1:10-16. A mesma fórmula ocorreu em 1 Timóteo 6:11, logo após a última acusação dos falsos mestres (cp. 2 Timóteo 3:10, 14). Contudo, contrastando com suas ocorrências em 1 e 2 Timóteo, onde o próprio Timóteo é exortado a fazer oposição aos falsos mestres, aqui a exortação é: **Fala o que convém à sã doutrina**, para que as *próprias pessoas* vivam de modo diferente dos falsos mestres. O verbo "falar" (tradução lit.) significa "ensinar", sendo um termo mais brando que os imperativos de 1 Timóteo ("exorta", "manda", "ensina"). Tito deve "repreender severamente" os oponentes (1:13); deve "falar" às pessoas. Quanto à **sã doutrina**, veja a discussão sobre 1 Timóteo 1:10 (cp. Tito 1:9, 13). Aqui ela contrasta com os "mandamentos de homens" de 1:14-16. Observe-se que **o que convém à sã doutrina** não tem tanto que ver com o lado cognitivo do evangelho quanto tem com o lado comportamental.

2:2 / Paulo começa com instruções para **os velhos** (cp. 1 Timóteo 5:1; quanto a esta palavra, Fílon, *On the Creation* 105, cita Hipócrates como referindo-se ao sexto dos sete períodos da vida de um homem, as idades de cinqüenta a cinqüenta e seis anos; o próprio Fílon a emprega para referir-se a um homem acima de sessenta anos em *On the Special Laws* 2. 33). É principalmente dentre esses homens que serão escolhidos os presbíteros/bispos de 1:5-9. Daí, não é de surpreender que as qualidades exigidas desses homens correspondam ao que se fala dos supervisores e diáconos em 1 Timóteo 3:2, 8. Eles devem ser **temperantes** (cp. 1 Timóteo 3:2) **respeitáveis** (cp. 1 Timóteo 3:8, **sensatos**, **sadios na fé, no amor e na constância** (cp. 1:8; 1 Timóteo 3:2). A última palavra *sophronas* (**sensatos**) predileta nas EP, é repetida abaixo com referência às mulheres mais jovens (v. 5) e aos homens moços ("moderados", v. 6). Ela relaciona-se especialmente com a "sensatez" e a "mentalidade sadia" (veja disc. sobre 2 Timóteo 1:7).

Devem, também, ser sadios (cp. v. 1 e 1:13) nas três virtudes fundamentais da **fé**, do **amor** e da **constância** (esperança?) Essas três palavras ocorrem juntas (no grego) na exortação a Timóteo em 1 Timóteo 6:11 (cp. 2 Timóteo 3:10) e já em 1 Tessalonicenses 1:3 (embora não precisamente nessa disposição). A tríade **fé**, **amor**, e "esperança" (**constância**) *parece* constituir uma parte bem primitiva da instrução sobre ética cristã (veja nota). O fato de a "esperança" ter sido substituída por

constância reflete, talvez, maior ênfase na perseverança, visto que a palavra *esperança* nem sempre tem esta conotação. Assim, "o que convém à sã doutrina" com relação aos **velhos** é que de todo modo devem ser respeitáveis (especialmente em face de 1:12!); acima de tudo eles devem ser exemplos das grandes virtudes cristãs: **fé** para com Deus, **amor** para com todos e **constância** até o fim. Embora nada semelhante à última virtude se diga de modo explícito, a respeito dos grupos seguintes, é de supor-se que isso se espere de todos.

2:3 / Semelhantemente (palavra que "de igual modo" liga 1 Timóteo 2:9 a 2:8 e 3:8; e 3:11 a 3:2) Tito deve ensinar **as mulheres idosas** (uma palavra diferente de 1 Timóteo 5:2, mas relacionada; usada por Fílon, *On the Special Laws* 2. 33, referente a mulheres acima dos sessenta anos). É interessante notar, de modo especial, diante do que Paulo diz a seguir, a respeito das mulheres mais moças, que essas instruções não refletem 1 Timóteo 5:9-10, mas apenas 3:11.

Primeiro, que elas **sejam sérias no seu viver**. A palavra traduzida por **sérias,** *hieroprepeis*, muitas vezes significa simplesmente "santas" (p.e., 4 Macabeus 9:25; 11:20), mas poderia conter o sentido mais especial de "agir como sacerdotisa", resultante de seu emprego para descrever a conduta de um sacerdote. Considerando que se trata de palavra incomum (ocorre somente aqui na Bíblia grega), bem pode ser que Paulo tenha em mente esta conotação mais ampla. Na conduta elas devem ser o que convém ao serviço do templo.

A seguir, Paulo acrescenta duas injunções: **não caluniadoras** (conforme 1 Timóteo 3:11), **não dadas a muito vinho** (cp. 1 Timóteo 3:8, 11). Trata-se de reflexão negativa sobre a própria cultura do primeiro século, que muitas vezes admirava os grandes bebedores, de modo que tanto os **velhos** como as **mulheres idosas** da igreja são exortados a estabelecer um tipo diferente de exemplo.

Finalmente, elas devem ser **mestras no bem**. Isto representa, no grego, uma palavra composta, única, *kalodidaskalous*, que ocorre somente aqui em toda a literatura grega. É palavra que em si significa, necessariamente, instrução formal. Na verdade, é provável que implique nada mais do que ensino informal por palavra e exemplo, uma vez que o conteúdo da instrução nos vv. 4-5 relaciona-se com ser uma esposa modelo, piedosa.

2:4-5 / A seguir, Paulo dirige sua instrução às **mulheres novas**, mas ele o faz por meio das "mulheres idosas" do v. 3. Estas devem ser mestras no bem, a fim de poderem **ensinar as mulheres novas**. O verbo traduzido por **ensinar**, *sophronizosin* (veja disc. sobre v. 2, *sophronas* "sensatos", "moderados") é muito inusitado, significando literalmente "fazer alguém raciocinar com bom juízo", embora haja algumas evidências para que também signifique algo como "aconselhar", ou "exortar". Visto que o que se segue é reminiscência das instruções às mulheres em 1 Timóteo 2:9-15 e 5:11-14, perguntamos se Paulo, ao mencionar **as mulheres novas**, não está ainda sentindo as dores do problema em Éfeso. Se assim for, o verbo talvez signifique algo como "inteirá-las" de suas responsabilidades como esposas.

Portanto, as instruções que se seguem diferem dos vv. 2-3, bem como do v. 6 — em que *(a)* elas são muito específicas, todas relacionadas com ser uma boa esposa; e *(b)* neste caso tal comportamento é especificamente imposto para que os de fora não depreciem o evangelho.

As mulheres novas (está implícito "esposas"; a passagem toda supõe uma cultura na qual a maioria das **mulheres novas** são casadas) recebem o conselho de demonstrar seis virtudes — talvez formando pares, conforme sugere NIV quanto às quatro primeiras. As mulheres serão ensinadas quanto **a amarem seus maridos e filhos** (duas palavras no grego, encontradas com freqüência na antigüidade pagã, em louvor das "boas esposas"). Convém notar que embora essas duas palavras não apareçam em 1 Timóteo, estão implícitas por trás de 2:9-12, 15 e 5:9-10, 14.

A palavra seguinte, **sensatas**, é idêntica à que é mencionada sobre os velhos, no v. 2. Contudo, esta é uma das mais freqüentes palavras empregadas pelos escritores contemporâneos para descrevê-la como mulher virtuosa (veja disc. sobre 1 Timóteo 2:10). Portanto, neste contexto, **sensatas, honestas** talvez signifiquem "virtuosas e castas". As duas últimas palavras da lista, **boas donas de casa, bondosas**, com certeza também formam par. A primeira palavra significa lit. "donas-de-casa" (cp. 1 Timóteo 5:14); a segunda significa "boas mulheres". Não obstante, a última poderia ter também o matiz, conforme ECA e NIV, de "bondosas", e alguns têm sugerido que poderia significar "generosas" ou "afáveis" para os membros da família (incluindo os escravos). Assim sendo, a lista toda reflete os relacionamentos da mulher no lar.

Por fim, Paulo as exorta a que também estejam sujeitas a seus maridos

(cp. 1 Timóteo 2:11; Colossenses 3:18; Efésios 5:21-23; 1 Pedro 3:1). Como no caso da lista das virtudes, esta, também, supõe a norma cultural sobre como deveria ser uma boa esposa (veja nota). Assim, muito em consonância com 1 Timóteo 2:9-15 e 5:9-15, Paulo estabelece um padrão, condicionado em parte pela norma cultural do que se julgava ser uma boa esposa, segundo a qual o lugar das **mulheres novas** em Cristo devia encontrar-se no lar.

O motivo para que elas vivam sua fé em termos deste código doméstico é que o evangelho seja beneficiado e como ela seria considerada pelos de fora: **para que a palavra de Deus não seja difamada**. Quanto a esta cláusula, veja discussão sobre 1 Timóteo 6:1. Aqui temos a primeira das diversas articulações claras da necessidade de boas obras para o bem dos não-crentes (veja disc. sobre 1:6; cp. 2:10, 11, 14; 3:2, 8, 14).

2:6 / Finalmente, Paulo volta sua atenção para os **moços** (observe a repetição de *hosautos*, **semelhantemente**; cp. v. 3). Contudo, neste caso em vez de dar uma lista de virtudes, ele faz uma única admoestação: **Exorta semelhantemente os moços a que sejam moderados**. Paulo emprega agora o verbo *sophroneo* (cp. vv. 2. 4 e 5) e acentua uma vez mais a necessidade do viver cristão lúcido, sensato, em face da tanta coisa falsa (quer em termos da própria verdade, quer do comportamento resultante).

A frase prepositiva, **em tudo** (melhor, talvez, "em todos os respeitos") pode deveras acompanhar o v. 7, conforme está na NIV (cp. GNB, RSV); é mais provável que ela pertença à exortação aos **moços** a que "mantenham o autodomínio" (como na NEB, NAB, Kelly, D-C). Este uso convém ao estilo das EP e não nega o uso enfático de *seauton*, "te", no v. 7 (não traduzido na NIV: tu, "tu mesmo" **te dá por exemplo de boas obras.**

2:7-8 / No contexto de exortar os **moços** a um comportamento cristão sensato, Paulo insta enfaticamente com Tito a que cumpra o papel apostólico de "modelar" o verdadeiro comportamento cristão (lit., "colocando-te na frente como exemplo de boas obras"). Este é um tema comum nos escritos de Paulo (veja disc. sobre 1 Timóteo 4:12; cp. 1 Tessalonicenses 1:7; 2 Tessalonicenses 3:9; Filipenses 3:17) e está em contraste com aqueles de 1:6 que são "reprovados para toda boa obra".

Esta passagem (vv. 7-8) é reminiscente de 1 Timóteo 4:12, 13. Contudo, em vez de dar uma lista do que é bom ("boas obras") para que ele lhes sirva de **exemplo dos fiéis** (conforme 1 Timóteo 4:12), ele se volta imediatamente para as responsabilidades maiores do próprio Tito na comunidade (conforme 1 Timóteo 4:13). Ali, o motivo era que Timóteo salvasse a si mesmo e aos seus ouvintes (4:16); aqui, é **para que o adversário se envergonhe e, não tendo nenhum mal que dizer de nós** (v. 8).

Assim, ele exorta a Tito: **na doutrina mostra integridade** (lit., "sê isento de corrupção"), **reverência** (*semnoteta*, veja disc. sobre 1 Timóteo 3:4; **linguagem sã e irrepreensível** ("sua maneira seja tal que inspire respeito", Lock). Aqui, **doutrina**, como em 1 Timóteo 4:13, 16; 2 Timóteo 3:16, tem que ver com a *atividade* de "doutrinar", o que será acentuado no v. 8. A preocupação é, antes de tudo, que **na doutrina** Tito sirva-lhes de **exemplo de boas obras**, de motivo puro e de comportamento respeitoso **(integridade e reverência)**, em óbvio contraste com os "insubordinados" de 1:10-16.

Também, em contraste com eles, Tito deve usar **linguagem sã** (de novo essa palavra! veja disc. sobre 1:9, 13; 2:1, 2; cp. 1 Timóteo 1:10) **e irrepreensível**. Esta palavra ocorre somente aqui no NT e significa "não condenada" e, portanto, "acima de repreensão". A ênfase é que Tito *seja* **irrepreensível**, mas que em termos do evangelho em si, o ensino e pregação de Tito devem estar acima de contradições.

Se a doutrina de Tito for pura em motivo, comportamento e conteúdo, **o adversário** que se **envergonhe**. O **adversário** está realmente no singular: "aquele que está em oposição". A referência primária é, certamente, aos oponentes de dentro, embora no contexto dos vv. 1-10 também se inclua o crítico pagão.

Mas, que significa, de fato, que o **adversário se envergonhe**? Tem Paulo em mente um tipo de juízo, que eles sejam desacreditados por não encontrarem nada na conduta de Tito que mereça censura? Ou talvez (cp. 2 Tessalonicenses 3:14) tencione que eles sejam envergonhados para arrependimento, uma vez que o **adversário** não tem **nenhum mal que dizer de nós**? Em qualquer dos casos, a palavra **mal** é usada invariavelmente com relação a **obras** más. Assim, a questão para Paulo não é que o adversário não consiga apontar o mal na doutrina de Tito, embora isso se deduza, mas em sua conduta, o que por sua vez também envolveria Paulo (**que dizer de nós**).

Assim, uma passagem que começou como exortação aos **moços** revela-se, ao invés, uma palavra a Tito acerca de sua vida e ministério. A passagem não exclui, em razão disso, os **moços**, mas os inclui apenas indiretamente.

2:9-10 / Esta exortação final aos **servos** (escravos) surge de surpresa, uma vez que tudo quanto precedeu baseia-se em idade e sexo. Não obstante, ela se une gramaticalmente aos vv. 6-8 como uma segunda ordem indireta com o verbo "exortar" do v. 6. A passagem é reminiscente de 1 Timóteo 6:1-2 e também possui alguns paralelos interessantes com o que é dito às mulheres mais moças nos vv. 4-5. São as duas seções mais extensas do parágrafo; em ambas Paulo exige submissão; e ambas concluem com uma cláusula de finalidade sobre o possível efeito que o comportamento dele poderá exercer sobre a maneira como os de fora consideram o evangelho. Embora Paulo nada diga de específico nesses dois versículos sobre se os senhores são pagãos ou cristãos — e nenhuma decisão tem de ser tomada — os estreitos laços com os vv. 4-5 e 1 Timóteo 6:1-2 talvez pressuponham ambiente de família cristã.

Os **servos** devem ser **obedientes** (melhor, "sujeitar-se", refletindo a voz média grega, e, portanto, melhor do que a voz passiva da NIV, et al.) **a seus senhores** (*despotais* como algures nas EP e em 1 Pedro); em cartas anteriores Paulo usa *kyrioi*. É provável, como nos vv. 6-7, que o **em tudo** tencione acompanhar este verbo, que por sua vez fortaleceria as sugestões de que os **senhores** são crentes. O restante da passagem (uma só sentença no grego) explica alguns pormenores da submissão cristã.

Primeiro, os **servos** devem ser **agradáveis** ("dar satisfação a", Bernard) a seus senhores. Ninguém prometeu que o discipulado cristão seria fácil! Esta é a atitude positiva que cobriria todas as demais (cp. esp. Colossenses 3:22-25; Efésios 6:5-8), mas é esmerada ainda mais por duas injunções: **sendo-lhes agradáveis em tudo, não os contradizendo, não defraudando.** Essas devem ter sido as duas tentações mais comuns dos **servos**, especialmente a última (uma palavra que implica "surrupiar" (RSV) ou "praticar malversação de fundos"), visto que muitas vezes os senhores confiavam aos escravos a compras de artigos e também lhes atribuíam alguma propriedade privada.

Pelo contrário (**antes**, uma forte adversativa às duas negativas) **mostrando perfeita lealdade** (lit., "demonstrar toda boa fé", ou "fidelida-

de"). Este uso de "fé" (*pistin* para significar fidelidade é um emprego paulino comum no NT (veja esp. Gálatas 5:22).

Essas atitudes — e comportamento — visam de novo aos de fora. Mas o que ficou dito de modo um tanto negativo no v. 5 ("para que a palavra de Deus não seja blasfemada") recebe agora seu reverso: **para que em tudo sejam ornamento da doutrina de Deus nosso Salvador** (veja disc. sobre 1 Timóteo 1:1). Quanto a ornamento *(kosmosin)*, lit. é "adorno", "algo atraente".

Conseqüentemente, o último ponto acerca da conduta dos **servos** cristãos também serve como ponto final da seção toda com relação aos crentes que devem ser "sadios na fé, no amor, e na constância" (v. 2). Paulo quer dizer que os cristãos de Creta façam contraste com a reputação cretense, exemplificada pelos insubordinados (1:10-16); que vivam de tal modo que os de fora não apenas não "blasfemem" o evangelho (v. 5), mas na verdade sejam atraídos a ele pelo bom comportamento (v. 10). Este é com exatidão o ponto básico de credo para a preocupação e comportamento que agora se segue (vv. 11-14).

Notas Adicionais #4

É comum entre os comentaristas (veja, p.e., D-C) ver esta seção como refletindo as seções domésticas em Colossenses, Efésios e 1 Pedro. Mas as dessemelhanças são muito maiores do que quaisquer similaridades. Com efeito, se não fosse a seção sobre os escravos (vv. 9-10), e em menor escala, a das esposas novas (vv. 4-5), seria de perguntar o que é que teria dado aquela sugestão aos eruditos. Não temos aqui um código doméstico, mas um chamado ao comportamento exemplar, tendo em vista os de fora.

2:2 / Quanto a uma discussão da tríade **fé, esperança** e **amor** como fórmula comum pré-paulina de instrução ética, veja A. M. Hunter, *Paul and His Predecessors*, ed. rev. (Londres: SCM, 1961), pp. 33-35.

2:3 / Que se espera que as mulheres idosas sejam "mestras no bem" para as mais novas é quase totalmente irrelevante às preocupações hermenêuticas muitas vezes levantadas em conjunção com 1 Timóteo 2:11-12. Dificilmente se tem em mira o ensino formal; antes, é o tipo de instrução "do dia-a-dia" que ocorre no lar por palavra e exemplo.

2:4-5 / A maioria das virtudes mencionadas para as **mulheres** novas ocorre em textos não-cristãos como os mais elevados ideais de uma boa esposa.

Por exemplo, as duas primeiras aparecem juntas no *Dialogue on Love* 23, de Plutarco. *Sophronas*, como elevado ideal de virtude, ocorre com freqüência nesse ensaio e em outros (esp. *Advice to Bride and Groom*. Neste último ensaio, conj. praec. 33, Plutarco observa ademais: "Assim é também com as mulheres;

se elas se subordinam a seus maridos, são elogiadas, mas se querem exercer controle, talham uma figura mais triste do que os que se lhes sujeitam", Loeb). No que tange a essas questões, Plutarco fala por toda a antigüidade.

2:8 / Tem havido desacordo geral quanto a quem Paulo se refere ao falar de "o adversário" (NIV, "os que te fazem oposição"). Crisóstomo, sozinho e incorrendo em erro, sugeriu Satanás. Bernardo argumentou a favor de oponentes dentro da igreja (1:10-16); Spicq, a favor de crítico pagão (geralmente, em vista de 2:1-3:2). Scott, Kelly e Hanson seguem o caminho neutro, que permite qualquer interpretação, considerando porém que a ênfase recai de modo diferente (dentro da igreja [Kelly]; fora, [Hanson]).

5. Base Teológica do Viver Cristão (Tito 2:11-15)

Esta maravilhosa passagem (vv. 11-14), à semelhança de sua companheira em 3:4-7 (cp. 2 Timóteo 1:8-10), exibe tanto material teológico que é fácil analisá-lo exclusivamente no que tange aos seus próprios méritos e, por isso, menosprezar seu lugar no contexto da carta. Além do mais, a linguagem empregada, embora refletindo uso paulino, também evidencia um número mais ou menos grande de afinidades com o helenismo (talvez por via do judaísmo helenístico), de sorte que para alguns estudiosos a investigação desses assunto tornou-se o principal interesse.

O parágrafo, com efeito, atende a uma função principal na carta — proporcionando a base teológica (o "indicativo") para as instruções de 1:10-2:10 (o "imperativo"). Começa (v. 11) retomando a preocupação com os de "fora" de 2:10, reiterando uma das preocupações principais de 1 Timóteo — o raio de ação universal da salvação (veja disc. sobre 1 Timóteo 2:3-7; 4:10). A seguir, Paulo apela para que a mesma graça que torna a salvação acessível a todos instrua o povo de Deus no comportamento adequado (v. 22). A salvação, contudo, não é meramente uma realidade presente; ela inclui também um futuro seguro para o povo de Deus (v. 13), porque o mesmo Senhor Jesus Cristo, que já veio como manifestação da graça de Deus (v. 14), virá de novo como manifestação da glória de Deus (v. 13). O alvo dessa graça é criar para Deus um povo que se caracteriza por seu "zelo pelas boas obras" (v. 14b).

Embora a passagem toda reflita a teologia da salvação pregada por Paulo como realidade passada-presente-futura, a estrutura revela que a principal preocupação do apóstolo é aconselhar o povo de Deus quanto ao que significa a salvação para seu comportamento presente (vv. 12 e 14b). Este aconselhamento evidentemente é motivado por sua ulterior preocupação pela universalidade da salvação, incluindo os "de fora" residentes em Creta.

Esta preocupação por trazer à lembrança do povo que o evangelho é a base da vida cristã (repetida de modo mais completo em 3:4-7), de novo sugere a natureza mais profilática desta carta, cujos ouvintes seriam convertidos mais recentes do que os de Éfeso (1 Timóteo).

2:11 / Um **pois** explicativo inicia o parágrafo e desse modo vincula de modo estreito os vv. 11-14 a 2-10. Paulo passa a explicar por que o povo de Deus deve viver conforme foi exortado em 2-10 (para que a mensagem de Deus não seja difamada [v. 5], mas, ao contrário, seja atraente [v. 10]: porque **a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens**.

No texto grego, os vv. 11-14 formam um único parágrafo no qual **a graça de Deus** se destaca como o sujeito gramatical. Mas, ao contrário da NIV (e da KJV), Paulo não diz que esta **graça se manifestou... a todos os homens**; antes, como todas as demais traduções o dizem, e tanto a ordem das palavras de Paulo como o uso em 1 Timóteo 2:3-6 o exigem, o que **se manifestou** (veja disc. sobre 1 Timóteo 6:14; *epiphaneia)* foi **a graça de Deus,** que oferece **salvação a todos os homens**.

Aqui Paulo não indica o ponto de referência para esta revelação da **graça** de Deus. Com toda a probabilidade ele está pensando na revelação histórica efetuada no evento salvador de Cristo (v. 14; cp. 2 Timóteo 1:9-10), mas poderia também referir-se existencialmente ao tempo em Creta quando Paulo e Tito pregavam o evangelho e os cretenses entendiam e aceitavam sua mensagem (cp. 1:3 e 3:3-4). Isso se deu, pelo menos, quando ocorreu a dimensão educativa da graça, acentuada no v. 12.

2:12 Se o objetivo neste parágrafo era apresentar uma fórmula de credo ou liturgia, conforme crêem alguns, a coerência teológica demandaria que o conteúdo do v. 14 aparecesse em seguida, uma vez que o versículo expressa a *revelação histórica* da **graça** de Deus. Ao invés, o problema é antes de tudo o do comportamento cristão. Daí Paulo apelar para os cretenses, por intermédio de Tito, a que se lembrem de como eles próprios receberam essa **graça,** o que ocorreu ao se converterem, quando pela primeira vez ouviram o evangelho.

Conforme ele explicará em maior detalhe teológico no v. 14, **a graça de Deus** (v. 11) **nos ensina** (v. 12) eticamente em duas direções. Primeiro, de forma negativa, o povo de Deus deve **abandonar a impiedade** (*asebeia*, cp. Romanos 1:18, o oposto de *eusebeia*, quanto ao que, veja disc. sobre 1 Timóteo 2:2) **e as paixões mundanas** (ao formular esta idéia, Paulo em geral diz **paixões** "carnais"; cp. Gálatas 5:16, 24). Eles devem abandonar tal viver, diz Paulo no v. 14, porque Cristo a si mesmo "se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniqüidade".

Segundo, de forma positiva eles devem viver **neste presente século** (em contraste com "a era vindoura"; veja disc. sobre 1 Timóteo 1:16); **sóbria** (*sophronos*; veja vv. 2, 5, 6 acima), **justa** (*dikaios*; cp. 1 Tessalonicenses 2:10; veja disc. sobre 1 Timóteo 6:11), e **piedosamente** (*eusebos*; em contraste com *asebeia*). Isto corresponde, de igual modo, à segunda declaração acerca da obra de Cristo no v. 14 ("purificar para si um povo todo seu, zeloso de boas obras"). Juntos, esses dois aspectos da resposta comportamental cristã refletem a tradição de "dois caminhos", encontrada no judaísmo já em Qumran e pormenorizada com esmero em documentos cristãos no começo do segundo século (Barnabé 18-21; *Didache* 1-6.) Muitas vezes Paulo apresenta a instrução ética cristã nesta forma (cp. "mortos para o pecado — vivos para Deus", Romanos 6:5-14; "obras da carne/fruto do Espírito", Gálatas 5:16-26; "despojai-vos"; "despistes"; "vestistes"; "revesti-vos" — como uma vestimenta — Colossenses 3:8-14). A ordem aqui é que devemos dizer "não" (melhor, "renunciar", NEB) às paixões mundanas (Romanos 6:12; Gálatas 5:24; Efésios 4:22), isto é, aos desejos que refletem os valores da presente era com sua mentalidade antipiedosa.

O lado positivo desta passagem retoma a linguagem regularmente empregada nestas cartas, que é também a do moralismo helenístico. Muitos, com efeito, consideram as três palavras **sóbria, justa e piedosamente** como expressando três das quatro virtudes cardeais do estoicismo-platonismo. Quase se pode duvidar dessa correspondência; contudo, nesta passagem, condicionada como está pelos vv. 13-14 e pelas três virtudes cardeais cristãs do v. 2, Paulo toma emprestada essa linguagem e a adapta para finalidades cristãs, exatamente como em Filipenses 4:8-9.

2:13 / Como em outros lugares nas EP, Paulo firma o imperativo cristão no contexto escatológico "já/ainda não" (veja disc. sobre 1 Timóteo 6:11-16; 2 Timóteo 1:8-12). Devemos "viver piedosamente" na presente era, **aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória de . . . Cristo Jesus**. Contudo, o modo como Paulo expressa esta esperança nesta passagem tem sido assunto de prolongada discussão. Literalmente, o texto diz: "aguardando a bendita esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e de nosso Salvador Jesus Cristo". Algumas ambigüidades da cláusula podem ser facilmente resolvidas. A bendita esperança talvez signifique "a esperança que traz

bênção, ou bem-aventurança". O primeiro "e" é quase com certeza igual a "mesmo" ou "a saber" (assim, "a esperança que traz bênção, a saber, o aparecimento...").

Mas, depois disso há amplo desacordo em três pontos: Primeiro, como devemos entender "da glória"? É descritiva ("o aparecimento glorioso", conforme a NIV)? Ou é objetiva, o "que" da manifestação (conforme GNB, RSV, et al.)? Neste caso, a última tem melhor conteúdo. A Segunda Vinda é a manifestação final da plena glória de Deus, como o primeiro advento foi a manifestação da "graça" de Deus (v. 11) ou, como em 1 Timóteo 1:11, foi o começo da manifestação da glória de Deus através do evangelho.

Segundo, queria Paulo dizer **nosso grande Deus e Salvador** (NIV, GNB, uma designação dupla de uma só Pessoa divina) ou **"o grande Deus** e nosso **Salvador"** (GNB margem, KJV, referindo-se às duas Pessoas divinas)? Aqui a NIV, GNB, RSV, ECA apresentam a melhor idéia, uma vez que *(a)* o artigo definido singular diante de **grande Deus** é mais bem interpretado como controlando ambos os substantivos juntos, *(b)* a expressão **Deus e Salvador** é terminologia estereotipada tanto na LXX como nas religiões helenísticas, e *(c)* em nenhuma outra passagem se entende Deus o Pai unindo-se ao Filho na Segunda Vinda.

Terceiro, com que, então, Cristo Jesus está em justaposição? Todos os que tomam o lado da KJV quanto à segunda pergunta consideram-na como em justaposição com nosso Salvador, como uma espécie de equilíbrio com o adjetivo grande. Assim: "Nosso grande Deus (o Pai) e nosso Salvador Cristo Jesus". A maioria dos que tomam a posição da NIV quanto à segunda pergunta consideram-na como em justaposição com nosso grande Deus e Salvador. Ela torna-se, desse modo, uma das poucas declarações inambíguas no corpus paulino de que Jesus é Deus (cp. NIV, RSV versus GNB, sobre Romanos 9:5). Assim sendo, então Paulo bem pode estar usando-a em oposição aos cultos helenísticos, incluindo o culto imperial, como uma afirmação de que só Jesus Cristo é o grande Deus e Salvador (veja Harris, Hanson). A terceira opção, que resolve as dificuldades e não traz nenhuma propriamente sua, é considerá-la em justaposição com a "glória de Deus". O que, finalmente, será manifestado é a glória de Deus, a saber, Jesus Cristo. (Quanto ao uso de glória, veja disc. sobre 1 Timóteo 1:11; *cp.* 2 Coríntios 4:4, 6; quanto a uma construção gramatical semelhante, veja Colossenses 2:2, lit., "o conhe-

cimento do mistério de Deus, a saber, o próprio Cristo").

A fim de demonstrar seu presente ponto, Paulo não teria tido de usar o nome de Cristo de maneira alguma. O que ele disse acerca de *parousia* é suficiente: Aguardamos a manifestação de a *glória* **de nosso grande Deus e Salvador**, o que todos entenderiam automaticamente como referindo-se à Segunda Vinda de Cristo. Mas, a seguir, Paulo acrescenta o nome pessoal, **Cristo Jesus**, porque tem algumas coisas mais que dizer a seu respeito (como em Colossenses 2:2), o que leva ao v. 14.

2:14 / O que ele tem mais para dizer concerne à salvação como um acontecimento passado, efetuado na crucificação de Cristo, na qual ele **a si mesmo se deu por nós.** Esta linguagem é inteiramente paulina (p.e., Gálatas 1:4), ecoando as palavras de Jesus em Marcos 10:45. Neste caso, Paulo apresenta dois motivos para que Cristo se dê **a si mesmo por nós**, correspondendo à resposta ética de "duas vias" no v. 12. Ela reflete a imagem de Êxodo, onde Deus redimiu o seu povo livrando-o do Egito. Primeiro, ele morreu **a fim de remir-nos** (NIV, RSV; "resgatar-nos", GNB; "livrar-nos", Goodspeed) **de toda iniqüidade** (um paralelo verbal direto à LXX, Salmo 129:8; 130:8, nas versões em português). Isto corresponde ao crente renunciar "à impiedade e às paixões mundanas" no v. 12. Segundo, ele morreu para **purificar para si um povo todo seu**. Grande parte deste texto depende verbalmente da LXX de Ezequiel 37:23. O adjetivo traduzido por **todo seu**, significando "um povo separado para ele próprio", vem de Êxodo 19:5 (cp. Deuteronômio 7:6; 14:2; 26:18). De novo, Paulo apropriou-se da linguagem usada com relação ao povo de Deus no AT para o novo povo de Deus (cp. 1:1).

A finalidade deste ato remidor bilateral era criar "um povo para ele próprio", caracterizado como **zeloso de boas obras** (lit., "cheio de zelo por boas obras"; cp. Deuteronômio 26:18.) Isto, evidentemente, corresponde a **para que vivamos neste presente século sóbria, justa e piedosamente** (v. 12). Com isto, o parágrafo volta ao ponto de partida, perfazendo o círculo. A preocupação de ponta a ponta tem sido com essas "boas obras", porém elas devem ser vistas como a *resposta* adequada à graça de Deus, revelada e tornada eficaz na morte salvadora de Jesus Cristo.

2:15 / Havendo colocado diante deles a base teológica para as "boas obras" (a graça salvadora de Deus manifestada no ato redentor dé

Cristo), Paulo volta-se agora a instar com Tito: **Fala estas coisas**. Tais imperativos *tauta* (**estas coisas**) são freqüentes em 1 Timóteo (veja 4:6, 11, 15; 5:7, 21; 6:2, 11); esta é a única ocorrência em Tito (novamente sugerindo que isso é menos premente). **Estas coisas** refere-se, pelo menos, a 2:2-14, talvez a 1:10-16 também. Seja como for, a incumbência retoma três verbos que aparecem anteriormente. "Falar" ("ensinar") **estas coisas** (cp. 2:1), diz Paulo a Tito, é ordem com dois aspectos. "Exortar" ("instar", 2:6) a igreja; "repreender" (1:13) os desviados. Tito deve fazer isso **com toda a autoridade**, a qual, naturalmente, é sua por seu relacionamento com Paulo.

Este pequeno interlúdio é concluído, a seguir, com uma rara palavra pessoal a Tito. **Ninguém te despreze.** Isto é reminiscente de 1 Timóteo 4:12, mas falta-lhe qualquer menção da juventude de Tito. Isto pode dar a entender que Tito é mais velho do que Timóteo; pelo menos, reflete uma preocupação ligeiramente diferente sobre o que Timóteo encontrava em Éfeso, que diferia daquilo que Tito podia esperar em Creta.

Após este breve desvio, lembrando às pessoas, por assim dizer, sobre o por quê de Tito estar ali e de sua autoridade, Paulo volta em 3:1-11 ao seu objetivo de o povo de Deus exibir boas obras, não apenas como resposta adequada ao amor divino, mas também para o benefício dos "perdidos" que observam o comportamento dos crentes.

Notas Adicionais #5

Para leitura posterior sobre a natureza da linguagem deste parágrafo, veja esp. D-C, pp. 142-46, que consideram o parágrafo como adoção por atacado de linguagem religiosa-moral helenística, incluindo termos do culto do imperador. S. C. Mott ("Greek Ethics and Christian Conversion: The Philonic Background of Titus II 10-14 and III 3-7") considera o texto como adoção das idéias de Fílon. Contudo, em ambos os casos, o que parece ter-lhes passado despercebido é a forma inteiramente "paulinizada" da linguagem agora usada (como no caso de "sabedoria" em 1 Coríntios 1-3; "conhecimento", etc., em Colossenses; e os "celestiais" em Efésios). Paulo revela-se coerente, como mestre em usar a linguagem dos oponentes, ou a situação à qual está escrevendo, e "quebrá-la" e "moldá-la" para seus próprios fins (cp. *autarkes*, "auto-suficiência" ("abundância"), em Filipenses 4:10-13; veja disc. sobre 1 Timóteo 6:6-8).

Quanto a uma análise de leitura muito agradável da teologia de Paulo que reflete o esquema da salvação como realidade passada-presente-futura, baseada na obra de Cristo, veja A. M. Hunter, *The Gospel According to St. Paul* (Filadélfia: Westminster, 1966).

2:11 / Em virtude da combinação da **graça** sendo "manifesta" *(epephane)* e "instruindo" *(paideuousa*, veja nota sobre v. 12), D-C comentam: "'Graça' neste contexto não lembra a graça de Deus da qual Paulo escreve, mas, antes, as 'graças' dos deuses epifânicos em suas manifestações (conforme eles são louvados, p.e., no culto do imperador)" (p. 144). É difícil imaginar um comentário que seja ao mesmo tempo mais influenciado por pressuposições e mais completamente fora do alvo do que este.

2:12 / A palavra **ensina** *(Paideuousa)*, que Paulo emprega em seu sentido mais comum de "disciplina", segundo a LXX, em 1 Timóteo 1:20 (cp. 1 Coríntios 11:32), é considerada como a "revelação involuntária" do caráter não-paulino deste parágrafo, visto que é palavra-chave da filosofia moral helenística. Veja, p.e., o clássico sobre a mente helenística, de autoria de W. Jaeger, intitulado *Paideia: The Ideals of Greek Culture* (Oxford, 1939). Assim, Barrett sustenta: "Em Paulo a graça não é educativa, mas liberadora". Duas coisas, porém, é preciso notar: Primeira, o uso de *paideuo* refletido aqui já foi adotado no judaísmo helenístico (Sabedoria 6:11, 25 [cp. 11:19, demonstrando que o autor conhecia ambos os significados da palavra]; Sir. 6:32). Assim, este uso se ajusta ao que se encontra nas cartas — a linguagem do judaísmo helenístico. Segunda, a instrução ética ocorria com regularidade, por fazer parte do evangelho de Paulo. De outra forma, passagens como 1 Tessalonicenses 1:5b-10 (cp. 4:1ss.) e 1 Coríntios 4:17 (cp. 10:33-11:1), fazem pouco sentido.

Quanto à questão do possível relacionamento da linguagem de Paulo com as quatro virtudes cardeais, veja especialmente S. C. Mott ("Greek Ethics and Christian Conversion").

2:13 / Há considerável literatura sobre este versículo. A discussão mais recente e atualizada, que também porá o leitor em contato com esta literatura, é da autoria de M. J. Harris, "Titus 2:13 and the Deity of Christ". A posição esposada no presente comentário foi sugerida pela primeira vez por F. J. A. Hort, *The Epistle of St. James* (Londres: Macmillan, 1909), pp. 47, 103-4.

2:14 / Conviria observar que esta preocupação pelas "boas obras" não é não-paulina, conforme supõem alguns. Paulo evita esta linguagem nas cartas controversas anteriores, porque seus oponentes tentavam estabelecer uma justiça baseada nas "obras da lei". Mas desde o começo Paulo esperava que o encontro com a graça resultasse em comportamento adequado, que só mais tarde ele chamaria de "boas obras" (cp. Efésios 2:8-10).

6. Instruções para Viver no Estado e na Sociedade (Tito 3:1-8)

Depois de uma breve exortação a Tito (2:15), **Fala estas coisas** (pelo menos 2:1-14), Paulo volta nesta seção à principal preocupação da carta — "boas obras" (isto é, comportamento verdadeiramente cristão) por amor aos de fora (3:1-8) e em contraste com os falsos mestres (3:9-11).

Contudo, esta seção produz reviravolta decidida na discussão. Em 2:1-14 a preocupação pelas "boas obras" tinha muito que ver com os relacionamentos entre os crentes, pois, examinados pelos de fora, estes ficariam impedidos de blasfemar "a palavra de Deus" (2:5) e talvez aqueles crentes se tornassem "ornamento da doutrina de Deus" (2:10). Agora o interesse centra-se no efeito do comportamento cristão sobre os de fora (3:1-2, 8). Novamente, como em 2:11-14, Paulo oferece uma base teológica para tal comportamento (3:3-7), desta vez uma declaração em forma de credo, acerca da salvação, com ênfase na misericórdia de Deus e na obra regeneradora do Espírito. No passado, o povo de Deus foi como os demais (v. 3), mas em misericórdia Deus os salvou (vv. 4-5a). Ele recriou-os pelo renascimento e renovação efetuados pelo Espírito Santo (vv. 5b-6), de sorte que agora são herdeiros da vida eterna (v. 7). O objetivo, tornado claro ela forma direta como é acentuado no v. 8, ensina que aquilo que Deus fez em misericórdia pelos crentes de Creta, ele quer fazer para os outros, e o próprio comportamento deles como cristãos contribuirá para esse fim.

A discussão da carta concluirá, então, com algumas exortações finais que também servem como últimas advertências contra os falsos mestres (vv. 9-11).

3:1-2 / Com o imperativo, **lembra-lhes** (lit.), que flui naturalmente de 2:15, Paulo retoma a discussão de 2:1. O verbo "lembrar" (cp. 2 Timóteo 2:14) dá a entender que eles já deviam conhecer essas coisas ou deveriam, pelo menos, reconhecê-las como implicações autênticas do evangelho. O que se segue, como muitas vezes ocorre nestas cartas, é outra lista, que neste caso combina alguns deveres com atitudes e virtudes.

Uma vez que o interesse aqui trata de modo específico do comportamento para com os de fora, o texto começa com lógica: Comportamento diante das **autoridades** governamentais. O rebanho de Tito deve submeter-se (cp. 2:5, 9) **aos governadores e autoridades**, e serem **obedientes.** Esses imperativos levantam todos os tipos de perguntas para os cristãos hodiernos: Que dizer dos governadores que obrigariam o crente a fazer coisas contra a consciência (cp. Atos 4:19)? Que dizer das autoridades que suprimem o Cristianismo? Que dizer da desobediência civil numa democracia participativa, quando as leis são flagrantemente injustas? Mas essas instruções estão, com efeito, em consonância com Romanos 13:1-8 e refletem um tempo (a época de Paulo) quando o estado ainda era benfeitor dos cristãos. Quanto a esta atitude positiva para com os **governadores e autoridades**, veja também 1 Timóteo 2:2. Quando o estado se volta contra a igreja (como no Apocalipse), os crentes ainda se submetem — até à morte (!) e, assim fazem porque não devem ser **obedientes**, quando a ordem violenta a consciência (veja Apocalipse 6:9-11; 12:11; 13 - 14).

Havendo começado com a obediência civil como obrigação cristã, Paulo diz a seguir que eles deveriam estar **preparados para toda boa obra** (lit., cp. 1:16). Alguns consideram isto como elaboração posterior do dever cívico (p.e., Scott: "Os cristãos deveriam estar entre os primeiros a demonstrar espírito público", p. 172); cp. Kelly, Guthrie, Hendriksen). É mais provável que este seja um imperativo generalizador que prepara o caminho para o restante da lista. Incluiria o dever cívico, mas não há necessidade de ser tão limitante.

Na verdade, este e os itens remanescentes fazem contraste nítido com os falsos mestres. Estes são "reprovados para toda boa obra" (1:16); os crentes devem estar **preparados para toda boa obra**. Os falsos mestres estão envolvidos em "questões tolas" e "contendas" (3:9); o povo de Deus **que a ninguém infamem** *blasphemein*; cp. 1 Timóteo 6:5, *blasphemiai*, "insultos"); **não sejam contenciosos** (melhor do que "ser pacíficos" da NIV; veja disc. sobre 1 Timóteo 3:3). Mais ainda, eles devem ser **cordatos** (interessante a tradução "conciliatórios" de Moffatt e Kelly).

Por fim, ainda em óbvio contraste com os debates e contendas dos falsos mestres, os eleitos de Deus devem estar **preparados para toda boa obra... mostrando toda a mansidão** (cp. 1 Timóteo 6:11; 2 Timó-

teo 2:25) **para com todos os homens** (cp. 1 Timóteo 2:1, 4, 6; 4:10; Tito 2:11). Esta demonstração de **toda a mansidão para com todos os homens** é o objetivo claro do parágrafo. Além do mais, parece que tem implicações evangelísticas, e não apenas interesse pela reputação cristã no mundo.

3:3 / Do mesmo modo que os vv. 1-2 *funcionam* como um apelo às boas obras, dirigido especificamente aos de fora, na *forma* assumem o caráter de outra lista de "virtudes", assim também este versículo funciona como *motivo* evangelístico para o apelo contido nos vv. 1-2, embora na forma assuma o caráter de outra lista de "vícios". Neste caso, porém, como bem se podia esperar, dado o conteúdo do v. 2, os pecados arrolados são menos os dos falsos mestres e mais os da humanidade decadente em geral (cp. Romanos 1:29-31; Gálatas 5:19-21; e esp. 1 Coríntios 6:9-11; esta última passagem tem diversos paralelos interessantes com os vv. 3-7, tanto na forma como no conteúdo).

A intenção evangelística surge no **nós também éramos** como eles. Conviria notar que sempre que Paulo é movido a falar acerca do evangelho ele adota a auto-identificação pessoal, o **nós também** (cp. 2:11-14; 2 Timóteo 1:9-10; Gálatas 1:4; etc.). O que **nós também éramos** — e *eles* por implicação ainda *são* — inclui **insensatos** (talvez "sem entendimento", Williams), **desobedientes** ("a Deus" está implícito; cp. 1:16), **extraviados** (ou "mal orientados", Kelly); segundo a teologia paulina, as pessoas que vivem no pecado são "ludibriadas" por Satanás; cp. 1 Timóteo 4:1-2; 2 Coríntios 4:4). Visto que estão **extraviados**, ficam **servindo a várias paixões** (cp. Gálatas 4:8, 9; Romanos 6:6) **e prazeres** (é interessante notar a única ocorrência desta palavra comum grega, em Paulo). Além do mais, a decadência humana envolve-nos em comportamento maléfico de todos os tipos: Como os outros, estávamos **vivendo em malícia** (cp. Romanos 1:29; Colossenses 3:8) **e inveja** (cp. 1 Timóteo 6:4; Romanos 1:29; Gálatas 5:21). O egoísmo de nossa pecaminosidade resultou em última análise em sermos **odiosos**. Este termo poderia significar "cheios de ódio", mas é provável que a idéia seja passiva, como na NIV) **e** sem cessar **odiando-nos uns aos outros**. Não é um quadro bonito, mas, como sempre, tais listas infalivelmente diagnosticam a condição humana.

3:4 / Nos vv. 4-7, um único parágrafo no texto grego, Paulo oferece a

resposta divina à condição humana. Como no caso de 2:11-14, esta declaração teológica acerca da salvação tem uma dupla função: colocar diante dos crentes cretenses o evangelho em forma de cápsula, quer como um lembrete do conteúdo de "sã doutrina", quer como reforço dos motivos evangelísticos para os apelos dos vv. 1-2 e 8: Deus está empenhado no ato de salvar as pessoas descritas no v. 3. E ao mesmo tempo enfatizar que a salvação não se baseia em "boas obras" para as quais ele continua apelando, mas depende totalmente da misericórdia de Deus.

Visto que o parágrafo está tão carregado de conteúdo teológico, muitas vezes é descrito como hino (p.e., Guthrie) ou composição litúrgica (p.e., Hanson; cp. Kelly, p. 254). Contudo, a despeito da natureza elevada da prosa, faltam-lhe de todo os elementos poéticos de um hino. É mais provável que se trate de formulação anterior de credo que apresenta a soteriologia paulina (a doutrina da salvação) em forma bem condensada. A linguagem, como o todo nessas cartas, é combinação de elementos paulinos com helenismo (via judaísmo helenístico), e como antes, Paulo está introduzindo tal linguagem a serviço do evangelho, em novas formas.

O parágrafo começa (v. 4) com uma cláusula temporal introduzida por *mas quando*. Embora "outrora nós também éramos" como os demais (v. 3), veio um tempo **quando** Deus misericordiosamente interveio a nosso favor. Conquanto **apareceu a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor,** na história, na pessoa e obra de Cristo (cp. 2:11), a ênfase aqui, como os vv. 5-7 deixam claro, está no fato de os próprios crentes experimentarem essa **benignidade de Deus... e o seu amor** por ocasião de seu renascimento e renovação. Esta cláusula em particular colhe temas helenísticos. Quanto a **apareceu** veja disc. sobre 1 Timóteo 6:14 (cp. Tito 2:11); quanto a **Deus, nosso Salvador,** veja disc. sobre 1 Timóteo 1:1. Embora **benignidade** (melhor, "bondade") seja termo de Paulo (Romanos 2:4; 11:22; Efésios 2:7), a combinação **benignidade... e seu amor** (pela humanidade), *philanthropia* ocorre com freqüência no helenismo e no judaísmo helenístico, como as mais elevadas virtudes tanto das divindades como dos governadores humanos. Paulo apenas coloca a linguagem deles a serviço do evangelho.

3:5 / *O que* Deus fez, "quando apareceu a benignidade... e o seu amor" pela humanidade? **Ele nos salvou. Deus** é o principal sujeito do período e **salvou**, seu principal verbo. O restante do período dá a *base* (**sua**

misericórdia), o *que* (**regeneração, renovação, justificados**) o *meio* (**pelo Espírito Santo**, "por sua graça [de Cristo]"), e o *alvo* (**a esperança da vida eterna**) da salvação.

A *base* da salvação é expressa em termos inteiramente paulinos. Não foi por causa de quaisquer **obras de justiça que houvéssemos feito** (cp. Efésios 2:8-9; Filipenses 3:9; 2 Timóteo 1:9), com toda ênfase aqui (e não em termos das "obras da lei" — que encontramos só em Romanos e Gálatas) em virtude de seu freqüente apelo a favor de boas obras nesta carta (1:6; 2:7, 14; 3:1, 8, 14). Pelo contrário, só pela **misericórdia**, "imensa e gratuita". Como ensina o AT todo, a salvação é ação anterior de Deus, baseada inteiramente na **sua misericórdia** (cp. 1 Timóteo 1:12-16). Paulo usa com mais freqüência a palavra "graça" para expressar esta idéia (veja porém Romanos 11:30-32); aqui, **Deus, segundo a sua misericórdia... nos salvou** (v. 5) "pela graça [de Cristo]" (v. 7).

O *que* da salvação é expresso em três metáforas: **regeneração** e **renovação** neste versículo, e "justificação" no v. 7. Entre si eles condensam o duplo aspecto da conversão cristã: (1) um novo (renovado, restaurado) relacionamento com Deus — o aspecto *posicional* — expresso pela "justificação" e (2) uma mudança radical no ser interior da pessoa — o aspecto *regeneracional expresso no novo nascimento (palingenesia*, "regeneração") e **renovação** (*anakainosis*). Nesta sentença o aspecto da recriação é mencionado em primeiro lugar, com ênfase sobre a obra **do Espírito Santo**, que a realizou **mediante a lavagem**. Esta última expressão é considerada pela NIV (e com maior clareza na GNB), talvez de modo correto, como metáfora da "purificação" espiritual, embora possivelmente faça alusão também ao batismo.

A NIV, porém, como se dá com muitas traduções, é muito ambígua quanto à intenção de uma frase muito difícil, que literalmente diz (como a ECA): "mediante a lavagem da regeneração e da renovação pelo Espírito Santo". Quanto a esta coleção de genitivos (frases com "de"), tem havido basicamente três posições (com várias modificações dentro de cada uma):

(1) Que a **lavagem** refere-se à conversão (ou batismo) e a **renovação** à vinda do Espírito, com ambas as palavras dependentes de **mediante** e referindo-se a *duas distintas* realidades. Assim: "mediante a 'lavagem' encontrada na regeneração e mediante a renovação que vem com o dom do Espírito". Essas duas realidades são vistas de maneiras variadas como

conversão e confirmação (o ponto de vista tradicional), ou conversão e batismo no Espírito (um ponto de vista "Holiness" — Pentecostal). Há, porém, algumas das vantagens explícitas ligadas a esta interpretação, incluindo o fato de que as palavras **regeneração** e **renovação** são quase metáforas sinônimas, e que tal objetivo parece necessitar de um repetido **mediante** a fim de torná-lo claro.

(2) Que a **lavagem** se refere exclusivamente ao batismo e, como tal, controla ambos os genitivos, "da regeneração e da renovação", que se efetuam no batismo **pelo Espírito Santo**. Assim: "mediante a obra regeneradora e renovadora do batismo efetuado pelo Espírito Santo". Esta é a interpretação mais comum que, por sua vez, traz à luz considerável discussão quanto ao significado do batismo em Paulo e nesta passagem. As duas palavras "regeneração e renovação" podem ser consideradas ou como sinônimos ("a lavagem da regeneração e renovação, efetuada pelo Espírito Santo"), ou como uma frase que explica a outra ("a lavagem da regeneração, isto é, a renovação do Espírito Santo"). Embora este ponto de vista deva certamente ser preferido em termos de compreensão das expressões do meio, "regeneração e renovação", ele tende a acentuar o batismo mais do que o contexto total justifica.

(3) Que a **lavagem** talvez se refira ao batismo, mas com efeito é metáfora da purificação espiritual e não sinônimo do próprio batismo, estando a ênfase da frase inteira sobre a obra purificadora, regeneradora **do Espírito Santo**. Assim: "mediante a 'lavagem' pelo Espírito Santo que traz o renascimento e a renovação". Este talvez seja o ponto de vista da NIV (visto que ela não repete "a" antes de renovação); em qualquer caso, parece muitíssimo provável ser essa a intenção do próprio Paulo. Está em plena harmonia com a teologia paulina de que o Espírito Santo é o pré-requisito absoluto da existência cristã (p.e., 1 Coríntios 2:6-16; Romanos 6-8), e parece confirmado pela ênfase na própria sentença (veja disc. sobre o v. 6).

Quanto aos termos do meio, **regeneração** é freqüentemente encontrado no helenismo e no judaísmo helenístico para descrever grande variedade de "renascimentos" — de divindades nos cultos de mistério (p.e., Plutarco, *Isis and Osiris* 35), da terra natal judaica (Jos., *Antiquities* 11. 66), da reencarnação das almas (p.e., Plutarco, *On the Eating of Flesh* 1, 2), e de iniciados nos cultos de mistério (veja nota). Pode-se comparar a

escatológica "regeneração de todas as coisas" mencionada por Jesus em Mateus 19:28. A idéia aqui, é claro, reflete a metáfora paulina: "morte, sepultamento, nova vida" encontrada em Romanos 6:4-14. O termo **renovação** ocorre somente em Paulo (cp. Romanos 12:2), e na literatura cristã posterior dependente de Paulo, de toda a literatura grega. A idéia está refletida de alguma forma em Paulo em 2 Coríntios 5:14-17. Assim, as duas palavras são metáforas gêmeas correspondentes à mesma realidade espiritual — a obra recriadora **do Espírito Santo** na vida do crente.

3:6 / Este versículo, uma cláusula relativa no grego, parece confirmar a interpretação do v. 5 que acaba de ser dada. A chave da conversão cristã e subseqüente vida é **o Espírito Santo, que ele derramou ricamente** (lit., cp. 1 Timóteo 6:17 — não há escassez, para com Deus) **sobre nós**. Assim, para Paulo, vida cristã é vida no Espírito (Romanos 8; Gálatas 5:16). A expressão **Espírito Santo que** Deus **derramou ricamente sobre nós** procede de Joel 2:28-30 (LXX, 3:1-2; cp. Atos 2:17-18). Que Deus **derramou** seu **Espírito... por meio de Jesus Cristo** não é dito expressamente algures nos escritos de Paulo, mas está em harmonia com expressões em 1 Coríntios 6:11 e com o restante do NT (cp. Atos 2:33; João 14:26; 16:7). Dever-se-ia notar também o trinitarianismo inerente desta cláusula (cp. 1 Coríntios 12:4-6; Efésios 1:13-14), que considera o Pai, Filho e Espírito operando conjuntamente para nossa salvação.

3:7 / Havendo mencionado "Jesus Cristo nosso Salvador" (cp. 1:4), Paulo reflete de novo sobre o *que* e o *meio* de salvação, com sua metáfora mais bem conhecida da "justificação pela graça", antes de concluir a sentença, observando o *alvo* escatológico da salvação.

Fomos **justificados por sua graça**, isto é, por um ato de pura graça Cristo nos justificou. Como sempre em Paulo, eis outra metáfora que expressa o aspecto posicional forense (legal) da salvação. Alguns têm alegado que a expressão aqui, por faltar-lhe "pela fé", não é totalmente paulina. Mas essa opinião desconsidera duas coisas: primeira, a ênfase de Paulo em outros lugares (ele diz "pela fé" para contrastar "pelas obras da lei", mas *sempre* quer dizer "pela graça... por meio da fé", como em Efésios 2:8-9); e segunda, o ensino de 1 Coríntios 6:11 (note a ordem das palavras: "lavados, santificados, justificados", e a conjunção coordenativa "em [pelo] nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito de nosso Deus", sem nenhuma menção de "fé").

Por fim, como sempre em Paulo (cp. 2:11-14; 1 Timóteo 1:16; 4:8-10; 6:12-14), a salvação deve ser realizada de modo pleno e escatológico. Por intermédio de Cristo Jesus os crentes, afinal, serão **feitos seus herdeiros**, isto é, da plena glória de Deus (cp. Gálatas 4:7; Romanos 8:17), **segundo a esperança** (cp. Tito 1:2; 1 Timóteo 4:10), **da vida eterna** (veja disc. sobre 1 Timóteo 1:16; 6:12; Tito 1:2).

3:8 / Esse texto analisado revela-se prosa de fino lavor, elevada, de que se diz: **Fiel é a palavra** nas EP (cp. 1 Timóteo 1:15; 3:1; 4:9; 2 Timóteo 2:11). Este é o segundo exemplo (cp. 1 Timóteo 4:9) onde a fórmula *vem depois* da "palavra fiel" (embora Scott sugira curiosamente que a "palavra fiel" deve ser encontrada no v. 8).

Visto que os outros exemplos de "palavra fiel" têm mais cerne e aspecto formalístico, tem havido considerável debate sobre a extensão desta "palavra fiel" (vv. 3-7, D-C; 5b-6, Kelly; 5-7, Spicq, Guthrie; 4-7, a maioria). Seguramente aqui o ponto de vista da maioria é correto, porque os vv. 4-7 formam o período completo. Alguns eruditos estão super convencidos de que o autor usou uma fonte anterior e que *logos* deve significar uma "palavra" anterior, já estabelecida (veja disc. sobre 1 Timóteo 3:1). Tanto a posição das palavras da "fórmula" como seu significado tornam-se claros se os considerarmos como início de um novo período composto, ligado pelo conectivo "e": **Fiel é a palavra. E quero que a proclames com firmeza**, isto é, que dês ênfase especial a estas questões (a saber, ao conteúdo dos vv. 1-7, esp. 4-7), os quais levarão a discussão de volta à nossa preocupação: que os crentes façam boas obras em consideração aos de fora.

Assim, Paulo quer (o verbo aqui não é forte, no sentido de "insistir"; é usado também em 1 Timóteo 2:8 e 5:14) "que Tito a proclame" **com firmeza** (um verbo usado por Paulo a fim de referir-se às asserções ousadas dos falsos mestres, em 1 Timóteo 1:7). A palavra *tauta* (estas coisas) traduzida pelo **a**, objeto direto de **proclames**) refere-se, pelo menos, aos vv. 4-7, mas talvez Paulo tencione incluir os vv. 1-7. Como em 2:11-14, e algures, em Paulo (cp. p.e., Romanos 12:1-2; Gálatas 5-6), o apelo em prol do comportamento verdadeiramente cristão fica na dependência de que o evangelho seja ouvido de modo adequado.

O motivo por que Tito deve proclamar as doutrinas dos vv. 1-7 é: **para que os crêem em Deus procurem aplicar-se** (quanto a este verbo, veja disc. sobre 1 Timóteo 3:4) **às boas obras** (cp. o propósito da redenção

expresso em 2:14). Por **os que crêem em Deus** Paulo obviamente quer dizer os crentes em Cristo, os que confiaram na misericórdia de Deus para a salvação expressa nos vv. 4-7 (aqui está a expressão "pela fé", que alguns julgam estar faltando nesta passagem; veja nota sobre v. 5). Em **boas obras,** como ocorre em todas as suas cartas, Paulo enfeixa todos os tipos de comportamentos e atitudes cristãos.

O alvo expresso desse viver cristão é que **estas coisas são boas e proveitosas aos homens**. No texto grego estas palavras formam nova sentença que literalmente diz: "Estas coisas (*tauta*) são boas e úteis para as pessoas". Kelly acha que "estas coisas" referem-se ao *tauta* anterior (**estas coisas**) no versículo e, por isso, traduz assim: "Estas coisas são verdades admiráveis e úteis para as pessoas". Contudo, uma vez que o correspondente "inúteis" no v. 9 se refere às "obras más" dos falsos mestres, é muito provável que aqui **estas coisas** se refira às "boas obras" dos crentes. O alvo é, pelo menos, parcialmente "evangelístico". **Aplicar-se às boas obras** "beneficia" (é proveitoso para) pessoas, não somente por influenciá-las de modo positivo, mas também por atraí-las à verdade do evangelho.

Com essas palavras Paulo conclui a dimensão mais "positiva" da carta — exceto quanto à palavra final de despedida, no v. 14. A preocupação é com o comportamento cristão, de modo especial quanto tal comportamento precisa influenciar o não-crente de modo positivo. Essa, porém, não é a única preocupação da carta, por isso Paulo volta uma vez mais (vv. 9-11) a advertir a Tito sobre a influência corruptora dos falsos mestres, que promovem o contrário disto — **coisas inúteis e vãs — ,** não proveitosas.

Notas adicionais #6

3:1 / Tem havido considerável debate quanto aos termos empregados aqui para **governadores** ("poderes") **e autoridades** *(archai, exousiai).* O último é usado somente com referência a autoridades governamentais em Romanos 13:1-7. Quando usados juntos algures em Paulo (p.e., Colossenses 1:16; 2:15; Efésios 6:12), tais termos se referem aos poderes espirituais. Lucas, porém, usa-os juntos para referir-se às autoridades terrenas (12:11). O debate tem-se concentrado em saber se os poderes espirituais são considerados como controladores das autoridades governamentais (como em O. Cullmann, *The State in the New Testament* [Londres: SCM, 1957], et. al.) e se os "poderes" são demoníacos ou angélicos. Quanto a uma discussão mais recente, completa, com

bibliografia, veja W. Carr, *Angels and Principalities* SNTSMS 42 (Cambridge: Cambridge University Press, 1981), embora ele pareça estar muito errado quanto às passagens de Colossenses e Efésios.

3:4 / Quanto à questão de saber se os vv. 4-7 compreendem ou não um fragmento hínico ou litúrgico, conviria notar que os estudiosos do NT estão todos bem inclinados a usar tal designação, ainda que as mais simples exigências poéticas (estrutura e metro) estejam ausentes. Nenhum elemento poético aparece neste parágrafo (a despeito do modo como é exposto no NT grego Nestle-Aland); o texto origina um compêndio de confissão de fé, ou credo, embora lhe falte a formulação que se inicia com "cremos... " Quanto a este assunto, veja A. Lesky, *A History of Greek Literature* (Nova York: Crowell, 1963), pp. 759-63; e W. Goodwin, *A Greek Grammar* (Boston: Ginn, 1982), pp. 348-49.

Quanto ao pano de fundo helenístico dos termos **benignidade e amor**, veja D-C, pp. 143-46. S. C. Mott (veja "Greek Ethics and Christian Conversion") considera esses termos como personificações; contudo, tanto a linguagem quanto os paralelos filônicos seriam obrigados a enquadrar-se a força, a fim de se chegar a tal conclusão.

3:5 / É de interesse mais do que passageiro observar alguns eruditos do NT, já convencidos da autoria não-paulina dessas cartas, alegarem que muitas características deste período (vv. 5-7), incluindo a cláusula **não... mas** deste versículo (5) não são totalmente paulinos. Neste caso, a ausência das expressões "obras da lei" e "pela fé" é considerada indício comprobatório (cp. Barrett, p. 141). Mas se fôssemos pressupor que Paulo não escreveu 1 Coríntios, os mesmos argumentos poderiam ser usados para demonstrar o caráter não-paulino de 6:11 ou 8:5-6! Esta passagem, segundo Barrett et al. reconhecem, "transmite com precisão suficiente a doutrina paulina". A questão da *linguagem* em tal passagem reflete uma diferença no ambiente histórico, e não de autoria.

Quanto a uma discussão completa das duas primeiras alternativas para o entendimento dos termos do meio deste versículo, veja G. R. Beasley-Murray, *Baptism in the New Testament*, pp. 209-16. Quanto a uma apresentação semelhante àquela adotada aqui (alternativa 3), veja J. D. G. Dunn, *Baptism in the Holy Spirit*, pp. 165-70.

Quanto a uma discussão do renascimento no helenismo, veja D-C, pp. 148-50, embora a fascinação deles com os paralelos nos mistérios pareça impedi-los de ler a passagem em termos de teologia paulina.

3:7 / Beasley-Murray *(Baptism in the NT)* argumenta que o termo "justificados" tem um sentido mais dinâmico do que forense, nesta passagem, conforme 1 Coríntios 6:11. Talvez ele esteja certo, mas pode ser também que ele não tenha levado muito a sério o sentido metafórico deste grupo de palavras em Paulo.

3:8 / Quanto a uma análise da extensão e do significado desta expressão "Fiel é a palavra", veja G. W. Knight, *The Faithful Sayings in the Pastoral Letters*, pp. 80-111.

A expressão **aplicar-se às boas obras** é traduzida por Moffatt "fazer questão de engajar-se em ocupações honrosas" (cp. RSV), vinculando-a assim de volta a uma opinião mais estreita de "toda boa obra" no v. 1. Contudo, tanto o contexto imediato dos vv. 9-11, como o contexto total da carta deixam claro que a preocupação não é com "ocupações", mas com o comportamento cristão de todo tipo.

7. Exortações e Advertências Finais Contra os Erros (Tito 3:9-11)

Com essas exortações finais Paulo traz a "discussão" da carta, que começou em 1:5, à sua conveniente conclusão. Realmente, esses versículos não formam tanto um novo parágrafo, mas trazem o parágrafo iniciado em 3:1 à conclusão, por via de alguns contrastes com o v. 8 (ao longo do tema central de obras **proveitosas** e obras **inúteis**. Entretanto, simultaneamente, os contrastes do v. 9 também alcançam 1:10-16, lá atrás, para concluir a carta.

O resultado líquido é que a discussão desde 1:10 (que se vincula a 1:9) até 3:11 forma um tipo de quiasmo:

a 1:10-16 — advertências contra os falsos mestres, com suas "obras falsas".

b 2:1-14 — "boas obras" específicas para crentes específicos, tendo sólida base teológica, e com vistas aos de fora.

b' 3:1-8 — uma vez mais "boas obras" para os de fora, desta vez dirigidas a eles, e sempre em sólida base teológica.

a' 3:9-11 — última advertência contra os falsos mestres e suas "obras falsas".

3:9 / Com a conjunção adversativa **mas**, Paulo diz agora a Tito: **Evita questões tolas**, algumas "obras más" que se colocam em óbvio contraste com as "boas obras" do v. 8, delineadas nos vv. 1-2. Embora o imperativo se dirija a Tito, pessoalmente, o contexto deixa claro que a ordem tem em mira a igreja toda também. Ademais é evidente, tanto da linguagem em si como dos vv. 10-11, que se seguem, que os falsos mestres estão uma vez mais dentro do campo de ação.

Quatro de suas obras **inúteis e vãs** são mencionadas. Tito — e os cretenses — devem evitar: **questões tolas** (cp. 1 Timóteo 6:4; 2 Timóteo 2:23), e **genealogias** (veja disc. sobre 1 Timóteo 1:4), **contendas e discussões** (ou "brigas"; veja disc. sobre 1 Timóteo 6:4, palavra que com freqüência figura nas listas de "vícios" de Paulo: p.e., Romanos 1:29; 13:13; 1 Coríntios 3:3; 2 Coríntios 12:20; Gálatas 5:20), **e debates** (cp. 2 Timóteo 2:23 e o termo composto "contendas de palavras" em

1 Timóteo 6:4; 2 Timóteo 2:14, mais a forma negativa "inimigos de contendas", no v. 2 ("contenciosos") e 1 Timóteo 3:3, **acerca da lei**. O acréscimo desta expressão final (traduzida **acerca da lei**) ajuda a colocar em foco outros itens dessas cartas (veja esp. disc. sobre 1:14-16; cp. 1 Timóteo 1:6-7; 4:1-5). Aqui há certa evidência, paralelamente com 1:10, de que os erros existentes nessas igrejas surgem basicamente do judaísmo helenístico. Esta linguagem indica um período bem anterior, mais do que mero reflexo de fenômeno posterior, pois as distinções entre igreja e sinagoga não estavam definidas com tanta clareza. Parece que alguns judeus helenistas em Creta, que haviam "aceitado a Cristo", promoviam contínuas conexões com o judaísmo, especialmente na forma de ensino especulativo e rigorosa devoção às normas e regulamentos. Assim, não apenas as aberrações teológicas (1:10-16) dos falsos mestres, mas também suas obras **inúteis** (o oposto de "proveitosas" no v. 8) **e vãs** angustiam Paulo.

3:10 / Havendo mencionado essas obras más (obviamente dos falsos mestres) que Tito e as pessoas devem "evitar", Paulo volta sua atenção uma vez mais para os próprios mestres. Aqui cada um deles é descrito como **o homem faccioso**. Visto que o adjetivo *hairetikon* ("que causa divisão") veio mais tarde a ser usado com referência aos que se apegavam a falsas doutrinas (como esses mestres obviamente fazem), a KJV (cp. NEB, NAB, et al.) traduziram-no como *herético*. Mas isso é enxergar no texto de hoje idéias que só seriam vistas ali mais tarde. O contexto (v. 9) deixa claro que o problema está no comportamento dessas pessoas, e não em sua teologia em si. Daí estar em vista a divisão que causam (cp. RSV, ERA, ECA, "faccioso"; cp. também o uso do substantivo em 1 Coríntios 11:19; Gálatas 5:20). Infelizmente, com demasiada freqüência na igreja "o ortodoxo", ao denunciar os "heréticos" (isto é, as pessoas que sustentam pontos de vista diferentes do seu) tem-se tornado **o homem faccioso**!

Tito deve passar-lhe a primeira admoestação. Paulo ainda alimenta a esperança de redimir tal pessoa, como em outras passagens nas EP (2 Timóteo 2:25-26; veja também disc. sobre 1 Timóteo 1:20) e em Paulo (2 Tessalonicenses 3:14-15; 2 Coríntios 2:5-11).

Mas, quando **o homem faccioso** não dá atenção às "admoestações", deve ser rejeitado: **evita-o** (o mesmo verbo usado em 1 Timóteo 5:11). Significa isto, então, que Paulo se tornou agora desleal consigo mesmo

e com o que ele acabou de dizer acerca do **homem faccioso**? De modo nenhum, como deixa claro o v. 11.

3:11 / O motivo de "o homem faccioso" ser rejeitado é que, ao causar divisão, **esse tal** demonstra que **está pervertido e vive pecando; e já por si mesmo está condenado.** Ao persistir no comportamento causador de divisão, o falso mestre "perverteu-se" ou "desviou-se" (passado perfeito, no grego) "e continua a pecar" (tempo presente, no grego), e assim **condena-se a si mesmo**. Isto é, por sua própria persistência em seu comportamento pecaminoso ele condenou-se a si mesmo, e desse modo coloca-se no lado de fora, pelo que é rejeitado por Tito e pela igreja.

Não é por mero interesse passageiro que outra advertência contra os que causam divisões, semelhante à desses versículos, apareça no final de Romanos (16:17-20).

8. Instruções e Saudações Pessoais (Tito 3:12-15)

Num estilo tipicamente paulino, a carta encerra-se com algumas instruções pessoais finais (vv. 12-13; cp. Romanos 16:1-2; 1 Coríntios 16:5-12; Colossenses 4:7-9), e uma palavra final de despedida, repetindo a preocupação da carta (v. 14; cp. Romanos 16:17-20a; 2 Coríntios 13:11; Gálatas 6:17), saudações finais, incluindo saudações *de* Paulo e seus companheiros *a* todos os crentes que residem em Creta (v. 15a; cp. a maioria das cartas paulinas), e a bênção final (v. 15b; cp. todas as cartas).

Seria conveniente comparar essas instruções e saudações com as duas cartas a Timóteo. A primeira carta a Timóteo não tem nada disto, exceto a bênção, indicando que embora ambas as cartas (1 Timóteo e Tito) *tendam a tratar só de "assuntos importantes", 1 Timóteo é mais restrita* ainda, a despeito de suas mais freqüentes exortações pessoais a Timóteo. A segunda carta a Timóteo é mais pessoal em todos os sentidos, incluindo uma palavra inicial de ação de graças (1:3-5) e uma conclusão bem mais longa, com instruções pessoais (4:9-18) e saudações finais (4:19-22).

A informação respigada dos vv. 12-13 ajuda-nos a juntar os pedaços da história da vida de Paulo neste período. Como no caso de 1 Timóteo, mas em agudo contraste com 2 Timóteo, Paulo ainda está ministrando no Leste, talvez na Macedônia, dirigindo as atividades de suas igrejas. O modo familiar como ele convida Tito a juntar-se de novo a ele, depois que Ártemas e Tíquico chegarem, para aliviá-lo em Creta, dá maiores indicações sobre o que se observa pela leitura da carta — o problema de Creta não tem a mesma premência da situação em Éfeso (1 Timóteo). Um pseudo-epígrafo que tivesse criado esses vários contextos, e os levasse a cabo com toda coerência, teria deveras alcançado uma notável realização, e com maior razão ainda se tentasse tratar de uma situação singular em seu próprio tempo.

3:12 / Paulo começa a concluir a carta com essas palavras pessoais. A despeito das instruções dadas a Tito nesta carta, parece que Paulo tenciona que logo depois que ela for recebida, talvez levada por Zenas e Apolo (v. 13), Tito deva ser substituído em Creta e voltar para encontrar-se com Paulo. Isto reforça de novo nossa observação feita reiteradas

vezes sobre a natureza menos premente e mais profilática desta carta, que se destina mais à igreja do que a Tito.

Na ocasião em que escreve a carta, Paulo ainda não decidiu sobre a substituição de Tito, se por **Ártemas** (de quem nada mais se conhece) ou por **Tíquico** (cp. Atos 20:4; Colossenses 4:7; Efésios 6:21). Na base de haver Paulo finalmente enviado **Tíquico** a Éfeso (2 Timóteo 4:12) e haver Tito ido para a Dalmácia (2 Timóteo 4:10), costeando a partir de **Nicópolis**, podemos conjecturar com segurança que o plano afinal se concretizou com o envio de **Ártemas.**

Quanto ao próprio Tito, Paulo lhe diz: Faze tudo o que puderes (cp. 2 Timóteo 4:9, 21) e **procura vir ter comigo em Nicópolis, porque resolvi passar o inverno ali**. O **ali** comprova que Paulo ainda não se encontrava **em Nicópolis,** mas é de todo impossível saber, por via da informação disponível, onde está o apóstolo.

Nicópolis está consideravelmente longe da "pista trilhada", tanto por terra como por mar. Uma cidade mais nova, fundada por Augusto no local de seu acampamento depois de sua vitória (donde *nico(s)*, "vitória", *polis* "cidade") sobre Marco Antônio em Actium em 31 a. C., está situada mais ou menos a trezentos e vinte quilômetros ao noroeste de Atenas, no lado norte do Golfo Ambraciano, junto ao mar Adriático.

Seria de notar que diversos detalhes deste versículo enfraquecem sobremaneira a hipótese de pseudo-epigrafia: A "indecisão" de Paulo quanto a quem enviar; a nomeação de uma pessoa sob certos aspectos desconhecida (**Ártemas**); o desejo de que Tito, sob cujo cuidado a igreja foi "confiada", deixe Creta; a escolha de **Nicópolis** como lugar de encontro. É difícil crer que um autor posterior, que supostamente usou Atos como ponto de partida, tivesse agido assim, uma vez que nada disso corresponde a quaisquer dados em Atos.

3:13 / Tito é instruído ainda: **Faze tudo o que puderes para ajudar a Zenas, doutor da lei, e a Apoio, para que nada lhes falte**. Esses homens, presumivelmente, haviam estado com Paulo, e ao descobrir que seus planos de viagem os levariam a Creta, o apóstolo envia esta carta por intermédio deles. Agora Paulo lembra a Tito sua responsabilidade cristã em **ajudar** na hospitalidade. Parece que a assistência aos viajantes era prática cristã reconhecida (veja Atos 15:3; 21:5; Romanos 15:24; 1 Coríntios 16:6, 11; 2 Coríntios 1:16; 3 João 6, onde ocorre em cada caso o mesmo verbo "ajudar na viagem").

Nada mais se conhece de **Zenas, doutor da lei**, cuja designação talvez signifique ser ele jurista (especializado na lei romana) por profissão. É um jeito paulino de identificar um profissional por seu cargo (cp. "Lucas, o médico", Colossenses 4:14; "Erasto, tesoureiro da cidade", Romanos 16:23). Supõe-se que **Apolo** seja o bem conhecido e eloqüente alexandrino desse nome (Atos 18:24-19:1; 1 Coríntios 1:12; 3:4-22; 16:12).

3:14 / A probabilidade de que Zenas e Apolo fossem os portadores desta carta é reforçada por esta inesperada intromissão nas saudações finais, pessoais. Havendo mencionado seus nomes e a necessidade de Tito dar-lhes assistência, Paulo se lembra também do destino deles e desse modo é impelido a apresentar aos crentes cretenses uma palavra final de despedida: **Que os nossos também aprendam a aplicar-se às boas obras** (cp. v. 8). A frase infinitiva, **aplicar-se às boas obras**, é repetição exata do v. 8. Este é o tema recorrente de toda a carta (1:16; 2:7, 14; 3:1, 8). *Neste caso as "boas obras" se qualificam como visando* ao propósito de **suprir** as **coisas necessárias** (lit., "necessidades"). Conseqüentemente, esta palavra final ergue sobremaneira as "boas obras" — atitudes e comportamentos — colocando-as em contraste com as discussões e desavenças dos falsos mestres.

Continua incerto se **suprir as coisas necessárias** reflete o fato de eles precisarem trabalhar a fim de sustentar-se, e atender às próprias necessidades cotidianas (assim traduzem NIV, NEB, BJ, NAB), ou para ajudar nas "necessidades urgentes" (Kelly) dos outros (RSV, GNB, et al.) O contexto do v. 8 como do v. 13 sugere a última alternativa como sendo a melhor. O propósito final de tais boas obras é que **não sejam infrutíferos** (cp. Kelly, "do contrário, não servem para nada"). Os cristãos são frutuosos à medida que atendem às necessidades dos outros.

3:15 / A carta encerra-se com saudações finais: **Saúdam-te** (primeiro a Tito) **todos os que estão comigo** (cp. 1 Coríntios 16:20; 2 Coríntios 13:12; Filipenses 4:22; cp. também Romanos 16:21-23 e Colossenses 4:10-14, onde os que estão com Paulo são mencionados pelo nome). A seguir Paulo diz a Tito: **Saúda a quantos nos amam na fé**. Esta maneira de expressar-se talvez seja referência indireta ao fato de alguns dos crentes de Creta se terem revelado desleais a Paulo e ao seu evangelho.

Quanto à bênção final, **a graça seja com todos vós**, veja disc. sobre 1 Timóteo 6:21. Assim, esta carta dirigida a um companheiro de muitos

anos no ministério, nascida de uma preocupação pelas igrejas nascentes em Creta, envolta, todavia, em premência menos considerável do que a carta a Timóteo, em Éfeso, conclui com uma bênção. Paulo ora para que a **graça** de Deus **seja** sobre **todos** os crentes.

Nota Adicional #8

Quanto a exemplos de fechos formais das cartas antigas, veja F. X. J. Exler *(The Form of the Ancient Greek Letter of the Epistolary Papyri)*, pp. 69-77 e 111-13.

2 TIMÓTEO

1. Saudação (2 Timóteo 1:1-2)

Depois de esmerar-se longamente na saudação a Tito (veja disc. sobre Tito 1:1-4), Paulo retorna a uma forma mais padronizada e breve nesta última carta a Timóteo. Em verdade, exceto quanto a ligeiras modificações, estes dois versículos são quase idênticos a 1 Timóteo 1:1-2. Contudo, como em todas as cartas de Paulo, essas "ligeiras" modificações refletem matizes de circunstâncias que mudaram, e de suas preocupações específicas.

1:1 / Parece-nos. um tanto surpreendente que Paulo numa carta tão pessoal se denomine **apóstolo de Cristo Jesus**. O motivo para que ele assim o faça talvez difira ligeiramente de 1 Timóteo 1:1 (queira ver). Ali, Paulo devia delegar autoridade tanto à carta quanto a Timóteo. Aqui pode refletir um hábito; é mais provável, contudo, que reflita o veemente apelo que caracteriza a carta toda, de lealdade a Paulo e ao seu evangelho. Visto que a preocupação agora não é firmar a autoridade do próprio Timóteo, Paulo volta também à sua expressão mais comum **pela vontade de Deus** (cp. 1 e 2 Coríntios, Colossenses, Efésios), em vez de "segundo o mandado de Deus" em 1 Timóteo. O apostolado, mesmo para quem deve sofrer por ele, é somente e sempre **pela vontade de Deus**.

O próximo modificador, **segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus**, constitui a maior diferença da saudação em 1 Timóteo. Em parte isto reflete a linguagem da "palavra fiel" de 1 Timóteo 4:8. Não é de todo surpreendente, dada a natureza desta carta com sua visão escatológica mais intensificada, que Paulo esteja refletindo sobre seu apostolado em tais termos escatológicos já de início. A **promessa da vida** é aquela "que há de vir", em 1 Timóteo 4:8; mas também é nossa no presente, à medida que participamos da **vida que está em Cristo Jesus**. Como no caso da ressurreição e do Espírito Santo, a presente participação na **vida** ... **em Cristo** são "as primícias" (1 Coríntios 15:20), "penhor" ou "pagamento inicial" (Efésios 1:14) da prometida plenitude de vida que ainda está por vir.

1:2 / Este versículo é paralelo exato de 1 Timóteo 1:2, exceto que **meu amado filho** substitui "meu verdadeiro filho na fé". Novamente, isto

reflete as novas circunstâncias. Esta carta não se destina à igreja de Éfeso; daí não existir nenhuma necessidade de legitimar a Timóteo perante os crentes. Timóteo é agora **meu amado** (ou "querido") **filho**, como sempre tem sido para Paulo (veja 1 Coríntios 4:17). O apelo a esses laços estreitos ocupará grande parte desta carta.

Quanto às outras questões deste versículo, veja a discussão sobre 1 Timóteo 1:2.

Nota Adicional #1

1:1 / A força das palavras "que está em Cristo Jesus", foi embotada pela NEB, que diz: "cuja promessa de vida é cumprida em Cristo Jesus", e por Easton, et al., que dizem "dada por Cristo Jesus". Veja Barrett quanto à crítica adequada da NEB e Kelly quanto à crítica de Easton.

2. Ações de Graças (2 Timóteo 1:3-5)

A prática comum no mundo helenístico era começar as cartas com um desejo em forma de oração formalizada, no sentido do bem-estar geral do destinatário, incluindo boa saúde (cp. 3 João 2). Todavia, no que tange à saudação (veja disc. sobre 1 Timóteo 1:1-2), tais expressões nas mãos de Paulo se cristianizam. Conquanto se possa encontrar orações formais (p.e., Colossenses 1:9-14; Filipenses 1:9-11), no mais das vezes Paulo as transforma em ações de graças ou bênção (em nove de suas cartas anteriores, excetuando-se Gálatas, 1 Timóteo e Tito; veja disc. sobre 1 Timóteo 1:3-11, Tito 1:5-9).

Esta ação de graças que estamos estudando harmoniza-se com a natureza mais pessoal de 2 Timóteo; também se assemelha às ações de graças anteriores, cujos conteúdos antecipam grande parte de suas respectivas cartas (veja esp. 1 Coríntios 1:4-9; Filipenses 1:3-8). Paulo está prestes a instar com Timóteo a que seja leal (a si mesmo) e perseverante (no evangelho), especialmente em face da tribulação. Fazendo isso, Paulo apelará para seu próprio exemplo (p.e., 1:11-12; 2:9-10; 3:10-11), ao longo relacionamento existente entre ambos (p.e., 3:10-11), e à própria história espiritual de Timóteo (p.e., 1:6-7, 13-14; 3:10-15). São estes precisamente os termos que dominam a ação de graças.

Assim, por via das ações de graças, Paulo lembra a Timóteo sua lealdade passada (v. 4) e fé (v. 5) e de suas "raízes" comuns na fé (vv. 3 e 5). A partir desses lembretes ele lança seu apelo inicial à constância (vv. 6-14).

1:3 / Como ex-fariseu guardador da lei (Filipenses 3:5), havia muito tempo que Paulo teria formado o hábito de orar com regularidade. Tal prática foi logo transferida à vida cristã, de sorte que ele orava **noite e dia** (cp. a exigência às viúvas em 1 Timóteo 5:5). Essas **orações** em geral consistiam em dar **graças a Deus** por seus destinatários (**sem cessar faço menção de ti nas minhas orações**), *por causa* de alguma coisa que Deus havia feito na vida deles (v. 5; cp. Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4-7; Filipenses 1:3-6; Colossenses 1:3-7; Tessalonicenses 1:2-3; 2 Tessalonicenses 2:13; Filemom 4-5). A expressão **sem cessar**, que ocorre na

maioria das ações de graças, não se refere à oração e ação de graças incessantes (conforme implícito em KJV), mas indica que Paulo sempre se lembrava de Timóteo em suas horas de oração regulares.

Ao mencionar **Deus** neste caso, Paulo acrescenta um notável qualificador: **a quem desde os meus antepassados sirvo com uma consciência pura** (quanto a esta última frase, veja disc. sobre 1 Timóteo 1:5). A cláusula em si não é tão inusual (cp. Romanos 1:9, "a quem sirvo de todo o meu coração na pregação do evangelho de seu Filho", NIV); mas a frase final é (lit.) "desde os meus antepassados", que pode significar **como o fizeram meus antepassados** (NIV), ou "(o Deus) de meus antepassados" (NAB). Em virtude da ordem das palavras de Paulo, talvez a NIV esteja correta. Mas, que é que ele quer dizer? Com toda a probabilidade essa expressão prepara o caminho para o lembrete a Timóteo no v. 3, ao sugerir que o serviço de Paulo para Deus está na continuidade da religião do AT, continuidade genuína entre o AT (cp. esp. 3:14-17) e sua pregação do evangelho (cp. Atos 24:14; 26:6; Romanos 2:28-29; 4:9-17; 9:1-9; Gálatas 3:6-9). O motivo de tal ênfase aqui talvez se relacione com os falsos mestres, que também usam o AT, mas o fazem falsamente (cp. 1 Timóteo 1:7; Tito 3:9). Em todo caso, este tema se repetirá por toda a carta (1:9-10; 2:8, 19; 3:8, 14-17).

1:4 / Os vv. 3-5 formam um único período no grego, cujas relações estruturais ficam um tanto obscurecidas na NIV. As sentenças básicas dizem: **Dou graças a Deus**... *quando* **faço menção de ti nas minhas orações** (v. 3) ... **trazendo à memória a fé não fingida que há em ti** (v. 5). O v. 4, portanto, parece um aparte. A menção de lembrar-se de Timóteo "nas minhas orações" (v. 3) desperta em Paulo uma lembrança de outro tipo — a última separação deles (talvez aquela referida em 1 Timóteo 1:3). Quase não se pode deixar de sentir a dor. "Quando me lembro de ti nas minhas orações", diz Paulo, **desejo muito ver-te**, porque também sou continuamente lembrado de **tuas lágrimas** quando nos separamos a última vez. "

Embora a menção se afaste ligeiramente do objetivo principal do período, ela tange, não obstante, uma nota ligada ao motivo supremo da carta — a solidão de Paulo em sua vigília final e seu desejo de que Timóteo venha juntar-se a ele, a despeito da obra inacabada em Éfeso (donde 2:2; veja 4:6-8, 9, 16, 21). "Assim", diz Paulo, **desejo muito ver-te, para me encher de gozo**.

1:5 / Com esta cláusula Paulo retorna à ação de graças propriamente dita, expressando agora sua base — a obra de Deus na vida de Timóteo. Esta obra é expressa em termos da **fé não fingida** (ou talvez nessas cartas seja melhor "genuína"; veja disc. sobre 1 Timóteo 1:5), que neste caso significa sua genuína confiança em Deus, mas talvez caminhe, também, na direção da idéia de "fidelidade", ou perseverança, a constância de Timóteo na **fé**. É comum Paulo considerar essa qualidade do povo de Deus como digna de confiança (cp. 1 Tessalonicenses 1:3; 3:6-7; 2 Tessalonicenses 1:3; Romanos 1:8; Colossenses 1:4; Filemom 5).

Visto que esta carta basicamente será um *apelo* a Timóteo para que mantenha sua lealdade e constância (a Cristo, a Paulo e ao ministério do evangelho) em face do sofrimento, Paulo é movido, portanto, a lembrar a Timóteo de que a mesma **fé** que ele tem — e a que deve ser leal — é a que **habitou primeiro em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice**. Isto é, "Não te desanimes, porque do mesmo modo que meu ministério tem conexão com meus antepassados (v. 3), assim ocorre com o teu. Não te esqueças de tuas raízes; elas estão no passado, e tua própria **fé** é como a de **tua mãe** e de **tua avó**".

A menção de sua ascendência materna está de acordo com a evidência de Atos 16:1, onde ficamos sabendo que **Eunice** era cristã judia, cujo marido era gentio. O apelo de Paulo à **fé** materna de Timóteo, portanto, embora com certeza se refira à **fé** que ela tem em Cristo, também reflete seu ponto de vista de que tal fé é expressão autêntica da herança judaica, isto é, essa fé em Cristo é verdadeira continuidade da religião do AT (cp. v. 3). Também conviria observar de passagem que, quanto mais pessoal a carta, mais vezes Paulo menciona nomes pessoais (vinte e dois nesta carta; cp. Filemom, nove).

Por fim, ao registrar sua preocupação uma vez mais, ele acrescenta: **E estou certo** de que **também habita em ti**. Esta confiança na **fé** autêntica de Timóteo, torna-se o trampolim para o apelo que vem a seguir (1:6 - 2:13). Assim, como em outras cartas (esp. 1 Tessalonicenses, Romanos e Colossenses), a ação de graças não somente expõe alguns dos temas da carta, mas em realidade abre caminho direto para a própria carta.

Notas Adicionais #2

Para uma coletânea de exemplos de desejo em forma de oração nas cartas

helenísticas, veja F. X. J. Exler, *(The Form of the Ancient Greek Letter of the Epistolary Papyri)*, pp. 102-111. Para uma coletânea das próprias cartas, veja A. S. Hunte C. C. Edgar, *Select Papyri I*, Loeb (Cambridge, Mass. : Harvard University Press, 1932), pp. 268-395.

A melhor discussão recente das ações de graças paulinas é de autoria de P. T. O'Brien, *Introductory Thanksgivings in the Letters of Paul* NovT Suppl. 49 (Leiden: Brill, 1977) que, infelizmente, decidiu não incluir esta (p. 2). Embora haja alguns aspectos lingüísticos acerca da ação de graças que não fazem parte do uso comum de Paulo (estas foram expostas de maneira satisfatória por Kelly, p. 155), o todo é tão paulino que seria de perguntar como um pseudo-epígrafo poderia ter captado o espírito do apóstolo de modo tão completo, deixando de usar, contudo, sua precisa linguagem. As mudanças nos próprios padrões lingüísticos de Paulo poderiam ser mais facilmente explicadas.

3. Apelo à Lealdade a Despeito das Tribulações (2 Timóteo 1:6-14)

Esta seção forma a primeira parte de um apelo — estendendo-se até 2:13 — que insta com Timóteo a ser constante e leal em face, por um lado, das conquistas crescentes dos falsos mestres (2:16-18; 3:13; 4:3-4); e por outro, as deserções crescentes de vários tipos (1:15; 4:10-16), devido à prisão (aparentemente política) de Paulo (1:8, 12; 2:9; 4:16-17). À luz dessas circunstâncias ele apela para a contínua lealdade de Timóteo ao ministério que lhe foi dado pelo Espírito (vv. 6-7, 13-14; cp. 1 Timóteo 1:18; 4:14), o que significa, por sua vez, ser leal a Cristo e ao seu evangelho (vv. 8a, 9-10) e a Paulo em sua prisão (vv. 8b, 11-12).

A discussão começa e termina com uma ênfase na capacitação de poder do Espírito Santo: **Deus não nos deu o espírito de timidez, mas de poder** para o ministério (de Timóteo, vv. 6-7 e 13-14). O v. 8 prepara o terreno para o restante, mediante seu apelo bilateral: **não te envergonhes** de Cristo nem de Paulo, **prisioneiro seu,** mas, pelo contrário, esteja preparado, **participa comigo das aflições do evangelho**, agora. A base de tal apelo está no evangelho de Cristo, que nos deu esperança por haver ele abolido a morte e pela revelação da vida e da imortalidade (vv. 9-10). Assim, **não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor** (v. 8a). A seguir, Timóteo é lembrado do próprio ministério de Paulo; o apóstolo não se envergonha de sofrer por Cristo, porque se pode confiar plenamente no Deus que guarda em segurança o que lhe foi confiado. Assim, **não te envergonhes ... nem de mim.**

Exemplos dos que abandonaram Paulo (v. 15) e de quem não se envergonhou dele (vv. 16-18) seguem-se a este primeiro apelo. A segunda parte do apelo (2:1-13) retoma de modo especial o tema da necessidade de constância da parte de Timóteo à medida que ele aceita sua própria parte nas aflições.

1:6 / Conforme foi observado na discussão sobre o v. 5, Paulo parte de modo direto da ação de graças para o objetivo central da carta. A expressão **por este motivo** refere-se à fé genuína que, segundo Paulo está convencido, habita em Timóteo. Crendo que ele tem tal fé, Paulo

diz: **Eu te exorto** (um verbo escolhido com certeza por causa da tríplice "lembrança" nos vv. 3-5) **que despertes o dom de Deus**. Este verbo é metáfora para reacender um fogo que se extingue. Não implica, necessariamente, em apostasia ou enfraquecimento da fé, da parte de Timóteo, mas Paulo exorta com linguagem muito forte: **que despertes o dom de Deus que há em ti**, no tempo de seu chamado, **pela imposição das minhas mãos**.

O retrato de Timóteo que emerge desses dois versículos (6 e 7), e por toda a Epístola, coincide com o que vem à tona em outras passagens (cp. 1 Timóteo 4:12; 5:23; 1 Coríntios 16:10-11) — Timóteo é ao mesmo tempo colega mais jovem e menos vigoroso. Como em 1 Timóteo (1:18 e 4:14), uma parte do apelo de Paulo, portanto, visa a lembrar-lhe o **dom** espiritual (para o ministério; no grego, *charisma*; veja disc. sobre 1 Timóteo 4:14) **de Deus** que lhe foi dado (**que há em ti**) por ocasião do seu chamado ("segundo as profecias"; 1 Timóteo 1:18; 4:14) e que foi reconhecido pela **imposição das minhas mãos**. Em 1 Timóteo 4:14 (queira ver), onde parte do objetivo era autenticar Timóteo perante a igreja, Paulo menciona a imposição de mãos pelos presbíteros. Aqui, onde o interesse é quase totalmente pessoal, o foco está sobre o papel do próprio Paulo nesse chamado, apelando assim para os estreitos laços pessoais entre eles. Observe um apelo semelhante às origens do ministério de Timóteo em 1 Timóteo 6:12-14.

1:7 / Embora a palavra "espírito" (com *e* minúsculo) seja possível neste versículo pelo fato de não haver artigo definido no grego (como traduz a NIV e as tradicionais versões em inglês KJV e RSV), é esta uma tradução muito improvável, pois prejudica a relação desta sentença não apenas com o v. 6, mas também com o emprego e a teologia do próprio Paulo em outras passagens. Paulo está se referindo não a algum "espírito" (ou atitude) que Deus nos deu (a ele e a Timóteo, mas em última análise a todos os demais crentes que devem de modo igual perseverar em face da adversidade). Paulo se refere ao *Espírito Santo* de Deus, o que é certo por diversas razões: (a) o "porque' explanatório com que o apóstolo começa este versículo dá-lhe o vínculo mais estreito possível com o v. 6; (b) a estreita relação entre *charisma* ("dom", v. 6) e o Espírito (v. 7) é inteiramente paulina (veja disc. sobre 1 Timóteo 4:14); (c) as graças do **poder** e **amor** são atribuídas de modo especial ao Espírito nos escritos de Paulo; e (d) há estreitos laços entre este versículo e 1 Timóteo 4:14,

onde o "dom" de Timóteo é especificamente designado como obra do Espírito.

Além do mais, o típico contraste paulino "não... mas" de modo especial os paralelos de Romanos 8:15 e 1 Coríntios 2:12, é determinativo. Em cada caso a dificuldade surge porque Paulo menciona primeiro o contraste negativo que, com efeito, não se ajusta bem ao Espírito Santo ("de escravidão", "do mundo", e "de timidez"). Mas está bem claro em cada caso que quando Paulo chega à conjunção "mas", ele tem em mira o Espírito Santo. Assim, a intenção de Paulo se expressa mais ou menos nestes termos: "Porque quando Deus nos deu seu Espírito, não foi timidez que recebemos, mas poder, amor, e moderação".

O objetivo de Paulo, é claro, tem vinculação com o que ele acabou de dizer no v. 6. À luz do apelo para perseverar em face da adversidade, ele insta com Timóteo a que "desperte o *charisma* de Deus", a saber, seu talento para o ministério. A base para este apelo remonta ao seu dom original do Espírito, dado no momento da conversão. Ao "dar" seu "Espírito" a Timóteo, Deus não lhe "deu" **timidez** — tradução talvez fraca demais. Essa palavra, que muitas vezes aparece em contextos de batalha, sugere "covardia" ou o terror que se apodera do medroso em extrema dificuldade (cp. Levítico 26:36. A escolha de palavras foi particularmente apropriada nesta carta, dadas as aparentes inclinações naturais de Timóteo, as aflições e adversidade com que ele agora se defronta.

Ao contrário, e em face das presentes dificuldades, Paulo lembra a Timóteo que o **Espírito** dotou-o de **poder** (uma interpretação inteiramente neotestamentária e paulina; cp. p.e., Atos 1:8; Romanos 5:5), e **moderação** (*sophronismos*; uma palavra para "autodisciplina" diferente da de Gálatas 5:23). Trata-se de termo cognato, sendo aqui talvez sinônimo do "sadio" de Tito 2:2, 5, e de outros lugares. Com toda a probabilidade Paulo tencionava uma "mente sábia" em face do ensino enganador e doentio dos heréticos.

Assim, Paulo começa seu apelo lembrando a Timóteo seu próprio "dom do Espírito" para o ministério, Espírito que lhe deu o necessário poder, amor e mente sadia para levar a cabo esse ministério.

1:8 / Com os dois imperativos deste versículo (**não te envergonhes**, e **participa comigo das aflições**) chegamos ao âmago deste primeiro apelo. Estes imperativos estão intimamente vinculados ao que vem antes

de "portanto". Noutras palavras, pelo mesmo motivo por que "o Espírito que Deus nos deu" não nos conduz à covardia, mas "enche-nos de poder" (sem mencionar outro motivo: os estreitos laços pessoais entre Paulo e Timóteo, vv. 3-6), o apóstolo exorta Timóteo a exercer lealdade maior ainda, quer ao evangelho, quer ao próprio Paulo.

Este apelo tem seu claro exemplo de vida na atual prisão de Paulo por amor ao evangelho (cp. 2:9). Conforme será detalhado em 3:12, tal sofrimento pelo evangelho sempre foi para Paulo uma parte de sua proclamação contínua do evangelho (cp. p.e., 1 Tessalonicenses 1:6; 2:14; 3:4; 2 Coríntios 4:7-15; Romanos 8:17; Colossenses 1:24; Filipenses 1:12, 29). No entendimento de Paulo, as aflições estão intimamente vinculadas ao próprio sofrimento de Cristo, englobando a dor física da tortura e a humilhação e vergonha da crucificação. Somente neste contexto é que se pode ouvir com precisão os dois imperativos, que são na realidade os dois lados do mesmo fato.

A determinação de um significado preciso para a expressão **não te envergonhes** apresenta algumas dificuldades. O verbo se refere com freqüência à humilhação ou ignomínia "merecida", porém na maioria das vezes diz respeito à humilhação "não merecida" e, de modo especial com relação aos escritores bíblicos, humilhação que receberá retribuição divina (p.e., Salmo 25:1-3). Noutras vezes ela se relaciona com o estigma ou constrangimento da associação com aquilo que traz vergonha. Nesta passagem esses dois últimos significados parecem misturar-se. Há um estigma no crente Timóteo estar associado com um Messias crucificado (portanto, um criminoso do estado) e com um prisioneiro (político) desse Messias. Entretanto, é "humilhação não merecida" para a qual haverá retribuição "naquele dia" (veja v. 12). Desse modo, Paulo não quer que Timóteo evite a humilhação gerada por sua associação com Cristo (**não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor**), ou talvez, para uma compreensão mais objetiva do "testemunho (evangelho) acerca de nosso Senhor") ou por sua associação com Paulo: não te envergonhes... nem **de mim que sou seu prisioneiro** (quando preso por **amor** de Cristo, Paulo não era, na sua maneira de pensar, um prisioneiro do império, mas do próprio Cristo).

Pelo contrário **(antes),** Paulo exorta a Timóteo, paradoxalmente, a juntar-se a ele na "humilhação": **Participa comigo das aflições** (ou, talvez, "assume tua parte no sofrimento", conforme GNB), mas não

qualquer sofrimento. São **aflições do evangelho**, sofrimento que lhe caberá tanto por sua associação com o evangelho como por suas próprias atividades a favor desse evangelho (daí o v. 6: **que despertes o dom de Deus que há em ti** para o ministério). Desse modo, os dois imperativos deste versículo exigem de Timóteo três lealdades essenciais: a Cristo (e a seu evangelho), a Paulo, e a seu próprio ministério.

Paulo, porém, cônscio do caráter de Timóteo e das dificuldades que estão pela frente, acrescenta de novo a dimensão da ajuda divina: **segundo o poder de Deus** (a mesma palavra do v. 7). Com esta referência a Deus, Paulo expressa uma declaração semelhante a um credo do próprio evangelho (vv. 9-10; a primeira lealdade), seguida por sua vez do exemplo do próprio Paulo (vv. 11-12; a segunda lealdade), e da exortação final a "guardar o depósito" (vv. 13-14; cp. 1 Timóteo 6:20; a terceira lealdade).

1:9-10 / Num estilo típico dessas cartas, Paulo apóia seu argumento com uma formulação semelhante a um credo, uma expressão do evangelho, breve, não necessariamente completa, adaptada de modo especial aos objetivos da presente discussão (veja disc. sobre Tito 2:11-14 e 3:4-7). Neste caso, as ênfases se ajustam de modo especial a alguém cujo dom necessita de "despertamento", alguém exortado a "não se envergonhar do evangelho, mas a aceitar seu quinhão de sofrimento". (Os vv. 8-11 são, com efeito, um único período no grego.)

Havendo observado que a participação de Timóteo no sofrimento só pode ser realizada "pelo poder de Deus", Paulo acentua que este é o mesmo Deus **que nos salvou e chamou**, e que este ato de salvação residia no **próprio propósito** gracioso de Deus... **antes dos tempos eternos**, e que **agora se manifestou** historicamente como expressão da **graça** ... **pelo aparecimento de** ... **Cristo**, cuja obra neste texto é definida assim: **destruiu a morte** e revelou a **imortalidade**. Dessa maneira Paulo reforça a resolução de Timóteo acentuando a graça e o propósito soberanos de Deus, que tornaram a morte inoperante, e insistindo em que esta revelação reside no próprio evangelho pelo qual Timóteo deve "assumir seu quinhão de aflições".

A formulação começa com um tema comum nas EP: Foi "Deus" **que nos salvou** (veja disc. sobre 1 Timóteo 1:1; 2:3-4; 4:10; Tito 1:3; 2:10; 3:4-5). Em estilo tipicamente paulino, tal salvação também constitui nossa vocação (veja disc. sobre 1 Timóteo 6:12; cp. p.e., 2 Tessalonicen-

ses 2:13-14; 1 Coríntios 1:9, 24, 26; Romanos 8:28-30). Deus iniciou e efetuou a salvação. Neste caso o chamado é qualificado como (literalmente) "um chamado santo". Esta é uma expressão semítica de cujo significado não se tem certeza. Poderia ser um dativo de meios "*com* uma santa vocação" (RSV, NASB, ECA), porque procede de um Deus santo. É mais provável tratar-se de dativo de interesse, "*para* uma vida santa" (cp. esp. 1 Tessalonicenses 4:7) ou "*para ser* um povo santo" (cp. NEB; cp. : "chamados para ser santos" ou "povo santo de Deus", 1 Coríntios 1:2, etc.).

Conforme Tito 3:5 e em outras partes dos escritos de Paulo (p.e., Efésios 2:8-9), o ato salvador de Deus baseia-se **não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e a graça**. Este é um modo tipicamente paulino de expressar-se (cp. Romanos 8:28-30), como o são as descrições desse **propósito e a graça** que se seguem — embora o modo de dizê-lo seja um tanto confuso. Que Deus nos salva, diz Paulo a Timóteo, é asseverado no **seu próprio propósito e a graça**. *Ambos* encontram expressão na **graça**: (**nos foi dada em Cristo Jesus**). Visto que Deus é um Deus de **graça**, ele fez de nossa salvação **um propósito** em **Cristo Jesus antes dos tempos eternos** (cp. Tito 1:2), **e que** somente **agora se manifestou pelo aparecimento** (*epiphaneia*; veja disc. sobre Tito 2:11, 13; 3:4; cp. 1 Timóteo 6:14) **de nosso Salvador Cristo Jesus** (cp. Tito 1:4; 3:6). Quanto a esta visão paulina, típica, da salvação, veja disc. sobre Tito 1:2-3 (cp. 1 Coríntios 2:7-10; Efésios 1:4).

Por fim, de modo especial e muito significativo neste contexto de encorajar a resolução de Timóteo de aceitar a sua parte do sofrimento, Paulo descreve o efeito da "manifestação" de Cristo: Ele **destruiu a morte** ("tornou a morte ineficaz", Berkeley) **e trouxe à luz a vida e a imortalidade** (lit., vida e incorruptibilidade, cp. Romanos 2:7). Como de costume em Paulo, a salvação tem perspectiva escatológica. Mas a imortalidade que ainda está por vir, em certo sentido já é nossa, porque no **aparecimento** de Cristo (encarnação), e de modo especial na cruz e na ressurreição, a **morte**, nosso último inimigo, já recebeu sua ferida mortal. Assim, a palavra a Timóteo é clara: "Sê constante; reacende teu dom; toma teu quinhão de sofrimento; porque já estamos entre os que venceram a morte por intermédio de Cristo".

Tudo isto foi trazido **à luz**, observa Paulo, **pelo evangelho**; e do mesmo modo como a menção do "poder de Deus" no final do versículo 8 lançou

Paulo nesta declaração semelhante a um credo, sobre a atividade salvadora de Deus, assim também esta menção do evangelho, como aconteceu muitas vezes antes, o incita a reiterar seu próprio papel na proclamação desse evangelho.

1:11-12 / Com estas cláusulas, o período que teve início no v. 8 chega ao fim. Paulo começou com um apelo duplo para que Timóteo não se envergonhe do evangelho de Cristo, nem dele, Paulo, prisioneiro de Cristo. Os vv. 9-10 funcionam, então, como lembrete do conteúdo desse evangelho — do qual Timóteo não deveria envergonhar-se — e são incentivo em face do sofrimento. Havendo concluído por observar que o acontecimento salvador de Deus (suas Boas Novas), foi trazido à luz "mediante o evangelho", ele agora afirma seu próprio papel no mesmo (**do qual fui constituído pregador**), e assim o faz a fim de estabelecer outra questão importante (v. 12), que é por amor do **evangelho**, e do seu próprio papel em proclamá-lo, que ele está agora em prisão — razão por que Timóteo não deveria tampouco envergonhar-se dele (v. 8).

O v. 11 quase repete 1 Timóteo 2:7, mas falta-lhe a frase "digo a verdade, não minto", e a expressão "dos gentios" (embora esta última seja acrescentada à maioria dos MSS posteriores). Assim, sua preocupação aqui não é a afirmação solene de seu ministério aos gentios, mas simplesmente sua designação como **pregador** (veja disc. sobre 1 Timóteo 2:7), **apóstolo, e mestre... do qual**... (lit., "por amor ao evangelho"). A ordem das três funções deixa claro que a ênfase não está em *autoridade* como apóstolo, mas no próprio evangelho e seu relacionamento com ele.

No v. 12 Paulo vincula sua função de mensageiro do evangelho (**Por esse motivo**; isto é, o que ficou dito no v. 11) às circunstâncias que enfrenta no momento (**também estas coisas**, isto é, sua prisão; cp. v. 9; 2:9). Talvez não seja sua nomeação nem seu apostolado que Paulo tem em mente como o motivo; antes, foi o cumprimento de sua comissão como arauto-apóstolo-mestre *do evangelho* que resultou em sua presente dificuldade.

Uma vez que ele escreve a Timóteo para que, não somente não se retire ("fique envergonhado") sob essas circunstâncias, mas esteja preparado para aceitar sua própria parcela de sofrimento (v. 8), Paulo o incentiva comentando sua própria atitude. Eu mesmo **não me envergonho** (cp. Romanos 1:16). Mas que significa para Paulo **não me envergonho**? Poderia significar "não se envergonhar do evangelho", a despeito do que

aconteceu. É provável que signifique: "minha prisão não me causa nenhuma vergonha pessoal, precisamente porque estou preso por Cristo e seu evangelho. Além do mais, à semelhança dos salmistas que esperavam a retribuição de Deus, no momento em que eram humilhados (p.e., Salmo 31:1-5; 69:9), Paulo não sente vergonha por estar preso porque **eu sei em quem tenho crido** (seria Deus, talvez Cristo); (no contexto do versículo deve-se preferir: "em quem tenho confiado").

Existe considerável desacordo sobre o significado do restante do versículo, que expressa a confiança de Paulo em sua vindicação final. Literalmente, o texto diz: "E estou convencido de que ele pode guardar o meu depósito até aquele dia". Os problemas são, primeiro, se "meu depósito" é algo que Deus confiou a Paulo ou algo que Paulo confiou a Deus e, segundo, o que se refere à metáfora "depósito".

Eruditos contemporâneos, convencidos em sua maioria de que a metáfora deve ter aqui o mesmo significado que tem no v. 14, entendem que se refere às "sãs palavras" do v. 13 — o próprio evangelho — que Deus confiou a Paulo (v. 12), que Paulo por sua vez confiou a Timóteo (v. 14; cp. 1 Timóteo 6:20) e que Timóteo deve, de forma semelhante, confiar a outros (2:2). Embora seja alternativa atraente, infelizmente se baseia no significado da metáfora, a que os eruditos ficaram presos, não levando muito a sério o sentido claro da expressão idiomática "guardar o que foi confiado (guardar o meu depósito)". Visto que é Deus quem guarda o "meu depósito", a expressão idiomática exige, portanto, que o depósito seja algo confiado a Deus (como *a* Timóteo, no v. 14), e não algo que Deus confiou a outrem e que, no entanto, Deus continua a guardar. A força claramente escatológica de **até aquele dia** também apóia esta interpretação.

Não se tem certeza do que a metáfora quer dizer, com precisão. Talvez ela se refira à vida de Paulo ou à sua entrega a Cristo e seu evangelho. Mas, em qualquer dos casos, a ênfase é paralela à dos vv. 9-10. Do mesmo modo que o evangelho anuncia a salvação que Deus em graça iniciou e efetuou, através da qual a morte foi destruída, assim também podemos confiar nesse mesmo Deus para **guardar** nosso depósito **até** o fim da vida, isto é, ele guardará tudo que colocarmos sob seus cuidados.

1:13-14 Nesses dois versículos finais Paulo volta ao apelo direto a Timóteo, mas agora com alguns matizes ligeiramente diferentes. A solicitação dos vv. 6-12 é muito pessoal, e diretamente vinculada às

presentes circunstâncias de Paulo e aos relacionamentos de ambos. Paulo, porém, não se esqueceu da contínua ameaça dos falsos mestres, nem da devastação que têm causado. A redação dos dois imperativos paralelos, nesses versículos, indica que ambos devem ser entendidos nesta luz (conforme o v. 15 também parece sugerir).

O primeiro imperativo a Timóteo repete a preocupação que percorre as EP: **Conserva o modelo das sãs palavras** (veja disc. sobre 1 Timóteo 1:10). Como sempre, **sãs palavras** são as **que de mim ouviste** (cp. 2:2, onde aparece a mesma redação; cp. também 3:10; 1 Timóteo 4:6). Tal preocupação de Paulo algures sempre é expressa contra a tela de fundo dos falsos mestres.

Conquanto a intenção de Paulo nesta sentença seja bastante clara, a redação em si não é (lit., "mantém um exemplo de sãs palavras"). Talvez isto signifique que aquilo que Paulo ensinava devesse servir de modelo para o ensino de Timóteo (conforme crê a maioria dos intérpretes; veja, porém, NEB e Moffatt, quanto a alternativas).

A frase prepositiva final, **na fé e no amor que há em Cristo Jesus**, não é, tampouco, bem clara. Parece certo que a **fé** e **amor** de Timóteo são produtos de estar ele **em Cristo Jesus** (veja disc. sobre 1 Timóteo 1:14; cp. Gálatas 5:22). Mas o modo como esta frase se relaciona com o verbo levanta um problema mais difícil. O sentido parece algo assim: "Que aquilo que aprendeste de mim te sirva de modelo para teu ensino sadio, mas que isso aconteça à medida que tu mesmo também sirvas de modelo de fé (ou fidelidade) e amor".

O imperativo final, **guarda o bom depósito** é paralelo ao v. 13, mas agora na linguagem de 1 Timóteo 6:20 (queira ver). "Ó Timóteo", insta Paulo, "guarda em segurança o que depositei contigo; é um encargo sagrado". Desde que o **depósito** é descrito como **bom**, é certo que se refere às **sãs palavras** do evangelho. Timóteo não deve permitir que seja roubado, nem sofra erosão pelos falsos ensinos. Mas quanto a tal responsabilidade, Timóteo não deve pensar em si mesmo como estando a sós. Ele deve executar suas responsabilidades **mediante o Espírito Santo** (veja v. 7) **que habita em nós**.

Desse modo o apelo completa o círculo. Começa com a insistência em que Timóteo desperte o **dom de Deus** do ministério, que ele recebeu mediante o poder do Espírito (vv. 6-7). A seguir, o apóstolo insiste na lealdade ao evangelho e a ele, Paulo, muito embora no momento esteja

preso. Depois de pormenorizar o evangelho, e a lealdade que o próprio Paulo lhe dedica, com ênfase na soberania de Deus, o apóstolo volta a insistir uma vez mais na lealdade ao seu próprio ministério e ao evangelho; e deve fazê-lo (reitera Paulo) **mediante o Espírito Santo que habita em nós**. A seguir, Paulo se volta a alguns exemplos de deslealdade e a alguém que lhe foi leal de modo especial, na prisão.

Notas Adicionais #3

1:6-7 / Em virtude da íntima relação entre este apelo e a ação de graças, nem todos os editores modernos estão de acordo quanto ao melhor esquema para dividi-los em parágrafos. A divisão em parágrafos seguida por este comentário (vv. 3-5, 6-12, 13-14, que difere da NIV (vv. 3-7, 8-12, 13-14), concorda integralmente com a própria maneira de Paulo dividir seu texto em sentenças. Esta forma também é seguida por Kelly e NA^{26}.

Embora Paulo diga com clareza "pela imposição das minhas mãos" no v. 6, a evidência de 1 Timóteo 1:18 e 4:14 sugere que pelo Espírito ("segundo as profecias que houve") Timóteo recebeu o seu **dom**, e isto foi *acompanhado* pela imposição de mãos. Portanto, o *dia* ("pela") ou é circunstância acompanhante (assim pensa Barrett) ou simplesmente uma expressão encurtada (como "pela fé" em lugar de "pela graça mediante a fé").

Dado o caráter totalmente paulino do v. 7, parece que Hanson foi tendencioso ao dizer: "mas a palavra que o autor usa aqui, *sophronismos*, tem em si um leve elemento de ética prudencial, que é estranho à maneira de pensar de Paulo" (pp. 121-22). Coisa semelhante se poderia dizer do uso de *enkrateia* ("domínio próprio") em Gálatas 5:23, se viéssemos a crer que Paulo não escreveu essa carta.

1:8 / Quanto ao conceito de "envergonhado/vergonha" nos escritos de Paulo (e no restante do NT), veja esp. H. C. Kee, "The Linguistic Background of 'Shame' in the New Testament", em *On Language, Culture, and Religion: In Honor of Eugene A. Nida*, red. M. Black & W. A. Smalley (Haia: Mouton, 1974), pp. 133-47.

1:9-10 / Quanto à questão dessas formulações à semelhança de credo, nas EP, veja disc. sobre Tito 2:11-14 e esp. 3:4-7. Como no caso das passagens de Tito, nada há aqui da natureza de um hino (a despeito da opinião de Easton). Empregar a palavra "litúrgicas" para essas formulações (conforme Hanson) é argumentar do mesmo modo, indo além do que os próprios dados indicam.

1:11-12 / Dados o contexto, a ordem dos três títulos e o fato de que quando Paulo quer afirmar sua autoridade, ele acentua seu apostolado, a alegação (conforme Hanson, p. 124): "Os três títulos dados a Paulo, aqui, têm em mira realçar sua autoridade exclusiva nas igrejas que ele fundou", parece que nos levaria a perder de vista o conteúdo dos vv. 11-12.

Quanto aos argumentos que defendem um ou outro lado da questão sobre a quem foi confiado o depósito referido no v. 12, veja-se Kelly ou Bernard (para "confiado a Deus") e W. Barclay, "Paul's Certainties VIII. Our Security in God — 2 Timothy i. 12" (para "confiado a Paulo").

1:13-14 / Veja-se Bernard (p. 112) quanto a uma apresentação completa e boa discussão das possibilidades alternativas da interpretação destes versículos.

4. Exemplos de Deslealdade e de Lealdade (2 Timóteo 1:15-18)

À primeira vista pode parecer que esta seção é irrelevante ao apelo que a circunda. Falta-lhe quaisquer palavras de exortação a Timóteo (não há nenhum imperativo na segunda pessoa do singular, como os que predominam na carta); seu conteúdo parece ter pouca coisa em comum com o contexto. Não obstante, como no caso de outras "digressões" desse teor nessas cartas (cp., p.e., 1 Timóteo 1:12-17), esta seção não é destituída de propósito. Neste caso a chave do seu significado reside em **Onesíforo... não se envergonhou** da prisão de Paulo (cp. vv. 8 e 12). Parece que a referência à prisão no v. 12, mais o apelo de Paulo a Timóteo para "guardar o bom depósito" que lhe foi confiado (v. 14), fez Paulo lembrar-se, primeiro, dos muitos que não haviam guardado esse depósito (v. 15) e, segundo, alguém em particular que não só não o havia abandonado, mas havia feito mais do que sua obrigação ao partilhar a "vergonha" da prisão de Paulo.

Neste parágrafo sentimos a dor da presente situação de Paulo e de sua solidão, causadas tanto pelo que aconteceu em Éfeso (v. 15; cp. 2:14 - 3:9) como por suas circunstâncias desfavoráveis em Roma (vv. 16-18; cp. 4:6-18). O parágrafo, porém, não deixa de apresentar suas dificuldades, de modo especial na tentativa de reconstituir algumas das questões históricas a que alude.

1:15 / Paulo começa lembrando a Timóteo alguma coisa da qual o apóstolo estava dolorosamente cônscio. **Bem sabes** tudo acerca do que está ocorrendo **na Ásia** (lit.). Paulo poderia talvez referir-se à província toda, mas inclui pelo menos Éfeso. Mas precisamente porque Timóteo *sabia*, somos deixados um tanto no escuro quanto ao *que* aconteceu — *quando* e *onde*.

Paulo diz que **todos na... Ásia** o **abandonaram**. Quase todos concordam em que esses desertores estavam **na Ásia** na ocasião da redação da carta. Mas **todos**? Ou isto significa que alguns asiáticos, incluindo Onesíforo, tinham vindo a Roma, e todos, exceto Onesíforo, o haviam abandonado e voltado para casa (assim pensa **B**ernard), ou então (mais

provável), significa que as defecções na Ásia foram tão assombrosas (Kelly, "o exagero [da] depressão"), que até os amigos (presumivelmente) mais confiáveis — **incluindo** [talvez guiados por] **Fígelo e Hermógenes** — o **abandonaram**.

Se for assim que devemos entender "quem" e "onde", então "quando" talvez tenha que ver com os acontecimentos desde que ele escreveu 1 Timóteo, talvez um "abandono do navio" geral diante da notícia da prisão de Paulo (cp. Kelly). O próprio Paulo teria sido informado disso por Onesíforo.

Mas que é que significa **me abandonaram**? Se nossa reconstrução até aqui for correta, significa então pelo menos que abandonaram sua lealdade a ele, Paulo. Assim sendo, então para o apóstolo isso significaria que abandonaram também o evangelho, visto que esse é quase o único meio de alguém abandonar o apóstolo; e é assim precisamente que o mesmo verbo é usado em outros lugares nas EP (4:4; Tito 1:14; um verbo diferente é empregado para referir-se às "deserções" pessoais em 4:10).

1:16-17 / A menção dos da Ásia que o **abandonaram** incita Paulo a orar por **misericórdia** a favor da **casa de** alguém que não o havia abandonado. Esta repentina erupção de um desejo com feitio de oração (dificilmente diríamos intercessão, com Kelly, mas expressão do que Paulo lhes deseja; cp. 2 Tessalonicenses 3:16; Romanos 15:5) **à casa de Onesíforo** (cp. 4:19) significa que Paulo não está agora na companhia dessa família (se estivesse, Paulo teria dito "a Onesíforo e sua família"). O fato de Paulo haver começado deste modo seu lembrete acerca de **Onesíforo**, solicitando **misericórdia**, *agora*, para sua **casa** e que no fim (v. 18a) solicita **misericórdia** *futura* (naquele Dia) para o próprio Onesíforo, sugere com muita força que Onesíforo havia morrido nesse meio tempo. Se assim foi, esse fato só poderia ter aumentado o sofrimento e solidão de Paulo.

Subsiste, porém, a memória de Onesíforo. Ele viera **a Roma**, onde se revela um modelo de lealdade (para o bem de Timóteo seguramente). **Muitas vezes ele me recreou**. Numa cultura em que o aprisionamento muitas vezes exigia que o prisioneiro se auto-sustentasse, tal "renovação de ânimo" talvez incluísse alimentação e "encorajamento". Acima de tudo, o motivo mais significativo que leva Paulo a mencionar o fato: Onesíforo **não se envergonhou de minhas algemas**. A "vergonha" neste caso dificilmente equivaleria a constrangimento. Aqui estava um

homem disposto a correr o risco de visitar com regularidade um criminoso do estado que logo seria condenado à morte. Em tais circunstâncias, as deserções haviam sido numerosas (veja disc. sobre 4:16-17), mas Onesíforo não agiu assim. Em verdade, **vindo ele a Roma, diligentemente me procurou** (lit.) **e me achou**. A dedução é que Paulo não estava numa prisão "pública" e que encontrá-lo exigia um considerável esforço da parte de Onesíforo.

O objetivo principal de Paulo quanto a Timóteo é bastante claro. "Não te envergonhes do evangelho, nem de mim, prisioneiro de Cristo (v. 8). Alguns se envergonharam (v. 15), não, porém, Onesíforo (vv. 16-17); portanto, sigas o seu exemplo. "

1:18 / Havendo já solicitado misericórdia para a casa de Onesíforo (v. 16a), presumivelmente por causa da perda que sofreram, Paulo agora deseja (de novo na forma de desejo com feitio de oração) para o próprio Onesíforo: Que **o Senhor lhe conceda que naquele dia ache misericórdia diante do Senhor!** Conforme o v. 12, **naquele dia** só pode referir-se ao segundo advento de Cristo. Assim, é difícil escapar da dedução de que Onesíforo está morto. Por que outra razão, pergunta-se, especialmente à luz do v. 16, estaria Paulo ainda desejando que **ache** (um trocadilho, pois, Onesíforo o "achou", v. 17) **misericórdia** no fim?

Este fato dá, então, apoio às orações pelos mortos? Muitos pensam que sim. Contudo, antes que se crie doutrina cristã sobre esta passagem, é preciso acautelar-se: tal idéia é singular neste texto um tanto impreciso, cujas palavras meramente expressam os sentimentos ou o desejo de Paulo quanto a Onesíforo. Não é, com efeito, oração intercessória (cp. a diferença com Efésios 1:17, p. e.); antes, é reconhecimento de que até mesmo uma pessoa como Onesíforo só pode apelar para a misericórdia de Deus.

Quase como em reflexão posterior, Paulo se lembra de que Timóteo reconhecerá facilmente que as ações de Onesíforo em Roma não deveriam causar nenhuma surpresa. Conforme Timóteo saberia muito bem, tudo se harmonizava com o homem. Timóteo se lembraria de **quantos serviços** ele **prestou** a Paulo **em Éfeso.** Não se tem certeza se tais "serviços" (palavra grega para "prestar serviços" ou "ministrar") foram efetuados mais cedo quando Paulo e Timóteo estavam juntos em Éfeso (cp. 1 Coríntios 4:17 com 16:8), ou se foi durante o recente mandato de Timóteo (veja-se 1 Timóteo). Em qualquer dos casos, Onesíforo trabalhou enquanto Timóteo estava por ali, capacitado para observar. Agora, o devotado serviço de Onesíforo está sendo lembrado — como uma alfinetada delicada em Timóteo.

Notas Adicionais #4

Notas pessoais do tipo encontrado neste parágrafo, conforme observa Kelly, "uma impressão de autenticidade particularmente vívida, e também dificuldades especiais para qualquer teoria de pseudonímia" (p. 168). Tanto é assim que a maioria dos eruditos admite que este material talvez seja autêntico, ainda que creiam que a carta não o seja (p.e., Barrett).

1:15 / Spicq sugere que a frase "todos os que estão **na Ásia**" pode ser um semitismo que significa "todos os que são da Ásia", dando a entender assim que todos os demais asiáticos que estão em Roma abandonaram Paulo, exceto Onesíforo. Contudo, essa interpretação do texto é forçada; é possível encontrar sentido no texto como este se apresenta.

Há, ainda, outras hipóteses a respeito das circunstâncias históricas que estão por trás desta sentença. Barrett, p.e., sugere à guisa de tentativa que a expressão poderia refletir um tempo a que Paulo faz alusão em 2 Coríntios 1:8; Hendriksen propõe que essas pessoas haviam sido convocadas para testemunhar, mas ninguém veio. Em sua maioria, essas sugestões consideram a deserção apenas como relacionada à prisão de Paulo e, portanto, em estrito contraste com Onesíforo. Com efeito, D-C fazem o surpreendente comentário de que o verbo "não pode ser entendido para implicar apostasia do evangelho, por causa da terminologia comparativamente branda" (p. 106). Mas tal interpretação parece negligenciar as muitas evidências ao contrário. O contexto geral de 1:6 - 2:13, seguido de perto por 2:14 - 3:9, parece favorecer a interpretação oferecida aqui.

1:16 / Quanto à consideração formal do "desejo em formato de oração" em Paulo, veja G. P. Wiles, *Paul's Intercessory Prayers*, SNTSMS 24 (Cambridge University Press, 1974), pp. 45-155.

Hendriksen (e outros) acautela de modo apropriado que não se pode ter certeza de que Onesíforo esteja morto, mas seu argumento de que Paulo o teria dito de forma explícita, se "este herói" houvesse morrido, é defesa inadequada. Ele simplesmente não leva bastante a sério a natureza abrupta da introdução de Onesíforo, desejando **misericórdia** *à casa* dele nem que o desejo-oração do v. 18a interrompe o texto (observe quão suave é a leitura sem essa adição), fato que só pode ser explicado como um trocadilho com o verbo "achar", a seguir expresso em termos escatológicos precisamente porque Onesíforo está morto.

1:18 / O desejo-oração literalmente diz: "Que *o Senhor* lhe conceda que encontre misericórdia *do Senhor* naquele dia". Têm sido apresentadas diversas explicações para esta construção desajeitada (veja Kelly ou Hanson). A mais provável (adotada por Spicq, Kelly, Hanson, et al.) é que o primeiro **Senhor** se refere a Cristo (conforme vv. 2 e 8 acima, e comumente em Paulo e nas EP), enquanto o segundo se refere a Deus (refletindo a LXX).

5. Apelo Renovado (2 Timóteo 2:1-7)

Após uma breve "digressão" em 1:15-18 que trazia à lembrança de Timóteo a deslealdade de "todos na Ásia", com a exceção digna de nota de Onesíforo, Paulo retoma o apelo a Timóteo. Com um enfático **tu, pois**, em contraste com as premências do v. 15, Paulo repete as de 1:6-14: que Timóteo cumpra seu ministério e o que lhe foi confiado (refletindo 1:6-7 e 13-14). Neste caso, que confie o depósito a outros (v. 2), e que esteja preparado para "sofrer aflições" (v. 3, que reflete o objetivo principal de 1:8-12).

Uma série de três analogias (militarismo, atletismo, lavoura) reforça o apelo ao sofrimento e acentua a necessidade de devoção sincera ao serviço (vv. 4-5) e a expectativa de recompensa depois das provações (vv. 5-6). Essas ênfases serão repetidas de modo diferente em 2:8-13.

2:1 / Este imperativo inicial, que de modo geral reúne os objetivos de 1:6-14 e antecipa os que se seguem (2:2-13), liga-se aos versículos precedentes com um enfático *su oun* (**tu, pois**). **Tu, pois** contrasta com a defecção geral dos asiáticos (1:15), mas harmoniza-se com os que se parecem com Onesíforo. O *oun* é, no mínimo, recomeço ("pois"), talvez resultante ("portanto"), e retorna aos imperativos de 1:13-14.

Tu, *portanto* (já tendo sido exortado a sofrer e a guardar o depósito, e agora em face dos asiáticos e de Onesíforo), **fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus**. O imperativo **fortifica-te** (cp. 4:17; 1 Timóteo 1:12; Romanos 4:20; Efésios 6:10; Filipenses 4:13) é tempo presente (isto é, "continua fortificando-te"), voz passiva, cuja força própria é que a pessoa está sendo fortalecida *por Deus*. A frase **na graça** pode ser instrumental ("por meio da graça") ou locativa ("na graça", conforme ECA, "em a graça"). Embora seja verdade que a **graça** é o meio pelo qual somos salvos e pelo qual somos capacitados a andar na vontade de Deus, também é verdade que essa mesma **graça** é a esfera na qual se vive a vida cristã (cp. Romanos 5:2). À luz do uso desta frase em Efésios 6:10 e em outras passagens nas EP, Paulo talvez tenha em mente esta última idéia. Ele quer que Timóteo seja fortalecido por Deus mesmo à medida que permanece *na* **graça**

recebida. A fonte de tal graça encontra-se **em Cristo Jesus (cp. 1:13).**

Desta maneira Paulo coloca os imperativos *específicos* deste apelo ("Não te envergonhes", 1:8; "participa comigo das aflições", 1:8; 2:3; "guarda o bom depósito", 1:14) dentro do contexto deste imperativo mais geral de permitir que Deus o fortaleçaa no seu ministério. Deve-se notar as similaridades com 1:6-7, 8c e 14.

2:2 / A primeira tarefa na qual ele deve ser fortalecido está intimamente ligada aos imperativos de 1:13-14. Assim como Timóteo deve " guardar — o que te foi confiado", deve agora "confiá-lo" (forma verbal do substantivo "depósito", de 1:14; cp. 1 Timóteo 6:20) **a homens fiéis que,** por sua vez, **sejam idôneos para também ensinarem os outros.**

O que nos choca acerca desta sentença é tanto sua singularidade nas EP como sua aparente interrupção no fluxo da argumentação (ou de apelos). Parece estranho, portanto, que tantos considerem este texto singular como ponto central das três cartas. Paulo, porém, não está tão preocupado com a "sucessão apostólica" (verdadeiro anacronismo), quanto está com o próprio evangelho, à luz dessa realidade: Timóteo está sendo exortado a deixar Éfeso e juntar-se ao apóstolo em Roma (em seu sofrimento; cp. 4:9, 21). Visto que Timóteo deve partir, **o que de mim... ouviste, confia-o a homens fiéis.** Aqueles a quem ele vai confiar esses ensinos devem ser pessoas **fiéis** (cp. 1 Timóteo 1:12). O mesmo adjetivo muitas vezes significa nas EP "crentes" (cp. 1 Timóteo 4:3, 10, 12; 6:2; Tito 1:6); mas aqui, conforme seu uso na frase "Fiel é esta palavra" (2:11, etc.), a ênfase recai sobre o caráter confiável dessas pessoas, e não sobre o *status* delas — talvez os verdadeiros presbíteros de 1 Timóteo 3:1-7 e 5:7-18 é que estão em mira.

O que Timóteo deve "confiar" a eles reflete também 1:13-14: **o que de mim ... ouviste** (tradução lit., precisamente como em 1:13, implicando assim, portanto, as "sãs palavras" que ali se mencionam. Este vínculo do evangelho com a pregação do próprio Paulo é constante nos escritos paulinos, começando a aparecer já em sua mais antiga carta (1 Tessalonicenses 2:13).

O que não está bem claro nesta sentença é a palavra **através** (*dia*, comumente "através" ou "mediante") **muitas testemunhas.** Se *dia* aqui significa **na presença de** (conforme Crisóstomo [morto em 407 d. C.] e muitos outros), deve referir-se à ocasião em que Timóteo aceitou a fé (cp. 1 Timóteo 6:11-13). É difícil, porém, entender o motivo de tal

ênfase, em especial em face de 3:10-11, que acentua a importância do duradouro companheirismo entre Timóteo e Paulo. Se *dia* significa "mediante", como parece mais provável, Paulo estaria dizendo, então, não que Timóteo ouviu pessoalmente os ensinos de Paulo ao serem transmitidos mediante **muitas testemunhas**, mas que, conforme Timóteo devia saber muito bem, o que Paulo ensinava era atestado também por muitos outros — uma ênfase necessária à luz das muitas defecções em Éfeso. (Cp. o plural "de quem" em 3:14, que também sustenta esta interpretação.)

2:3 / Com este imperativo, Paulo volta ao segundo — e principal — motivo por que Timóteo necessita "ser fortalecido na graça que há em Cristo", a saber, que ele possa, como Onesíforo, "participar das aflições". Uma vez que este verbo é repetição exata de 1:8, esta é, sem dúvida, tradução preferível a "suporta o sofrimento" da NIV (que traz "junta-te comigo no sofrimento" em 1:8; cp. KJV, NEB). O verbo (*syn* ["com"]-*kako* ["mal"]-*pascho* ["sofrer"]) significa participar de sofrimento, e não simplesmente suportar dificuldades, e Paulo o repete (sem o *syn*) no v. 9, ao falar de seus próprios sofrimentos pelo evangelho.

Nesta ocasião, Paulo qualifica o verbo com uma analogia da vida militar — **como bom soldado de Cristo Jesus**. Imagens militares são comuns nos escritos de Paulo (cp. 2 Coríntios 10:3-5; Efésios 6:10-17; Filemom 2) e geralmente ocorrem em contextos de lutas contra oponentes de seu evangelho (cp. 1 Timóteo 1:18). Embora a imagem aqui possa deveras refletir esse objetivo (cp. 2:14-19), é provável que seja metáfora genérica sobre Timóteo como ministro do evangelho, cujo ministério tem algumas analogias com a vida de **soldado**. Pela própria natureza de seu ofício, o **soldado** muitas vezes é convocado para assumir seu quinhão de sofrimento.

2:4 / A imagem da vida de soldado no v. 3 evoca a esta altura uma reflexão sobre a própria metáfora, que por sua vez conduzirá a duas outras metáforas; mas as três imagens encerram uma questão singular (os ministros do evangelho têm o direito de esperar sustento daqueles a quem ministram). Aqui a metáfora militar apresenta uma questão bem diferente (a necessidade de perseverança), e as metáforas subseqüentes acrescentam outro matiz (a promessa de recompensa escatológica); a discussão toda tem em vista os vv. 11-13.

A própria metáfora propõe: **Nenhum soldado em serviço se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra.** É preciso muito cuidado para não forçar nessas imagens significados que fogem à intenção do autor. Aqui o objetivo segue direto do v. 3: Timóteo deve "assumir seu quinhão de sofrimento". Não se trata, pois, de proibição contra o casamento, nem de chamado para separação do mundanismo, como entendem com freqüência católicos romanos ou mesmo protestantes fundamentalistas. O objetivo de Paulo é singular: Timóteo deve dar-se a si mesmo com devoção sincera, ainda que à custa de grande sofrimento, ao Senhor divino, **àquele que o alistou para a guerra.** Em verdade, seu desejo deveria ser este: **agradar**-lhe. Tal desejo significa obediência ao chamado para o **serviço**, inclusive sofrimento. A analogia não nega os "negócios desta vida"; antes, desaprova "olhar para trás" (cp. Lucas 9:61-62 e o anseio por um caminho mais fácil (no caso presente, a deserção, como muitos fizeram).

2:5 / A analogia estabelece devoção sincera no serviço a fim de "agradar" ao Senhor e requer outra analogia, acompanhante, a do **atleta** (cp. 1 Timóteo 1:18 e 6:12) que **não é coroado se não lutar legitimamente.** A ênfase agora recai sobre "obediência às regras do jogo" (lit. "competir legalmente"; no grego, *nomimos*, conforme 1 Timóteo 1:8), que parece refletir uma preocupação semelhante àquela do v. 4. Mas não ficou bem claro o que significa "legitimamente"; seria acatamento das regras da competição ou regras de treinamento? (p.e., os jogos exigiam um período de dez meses de estrita disciplina). É provável que se refira às regras da própria competição, uma vez que a preocupação não é que Timóteo precise de disciplina, mas que ele assuma seu quinhão de "aflições". A "competição nobre" (cp. 1 Timóteo 6:12), ou a "guerra nobre" (cp. 1 Timóteo 1:18), requer devoção sincera à tarefa, bem como total aquiescência às regras da peleja que, neste caso, inclui sofrimento.

Contudo, embora a ênfase recaia sobre o advérbio **legitimamente**, a metáfora reflete também a preocupação escatológica recorrente nesta carta (veja esp. vv. 11-13; 4:6-8; cp. 1:1, 12). O atleta que **lutar legitimamente**, isto é, que **participa... das aflições** sem dúvida será **coroado vencedor** (cp. 4:8). Quanto a um emprego semelhante da imagem do atletismo em Paulo, veja 1 Coríntios 9:24-27.

2:6 / Com outra imagem ainda, a da lavoura, Paulo acentua de novo,

apresentando a promessa da recompensa escatológica, a questão da devoção sincera, ainda que esta exija sofrimento. Como no caso da analogia do v. 5, a ênfase recai, aqui, sobre o **lavrador que trabalha**; de novo, a questão volta a referir-se ao v. 3 quanto à participação no sofrimento.

Mas, à semelhança do v. 5, a imagem acentua de novo a recompensa escatológica; **o lavrador que trabalha deve ser o primeiro a gozar dos frutos**. Portanto, a questão de ser ele **o primeiro a gozar dos frutos** nada tem que ver com ganhar a vida pela pregação do evangelho (D-C, Hanson), coisa totalmente estranha ao contexto, mas diz respeito à recompensa final pelo esforço: é "lavrador" **que trabalha**.

Assim, embora a imagem da vida militar não o diga com precisão, cada uma dessas metáforas, além de convocar Timóteo para "participar das aflições", olha para o futuro, para o prêmio escatológico. É como diz Barrett, com elegância: "Depois da guerra, a vitória; depois do esforço atlético, a coroa; e depois do labor agrícola, a colheita" (p. 102).

2:7 / O conjunto de metáforas dos vv. 4-6 conduziu Paulo da ênfase específica em seu imperativo a Timóteo ("participa comigo das aflições") à ênfase no "prêmio" escatológico. Ambas formam o alicerce básico do restante do apelo (vv. 8-13). Mas, com a intenção de chegar a esse parágrafo final, Paulo exorta a Timóteo: **Considera o que estou dizendo**, isto é, o objetivo das três metáforas, que apresentou sem maiores explicações.

Para não acontecer que Timóteo não entenda o ponto central, Paulo acrescenta que **o Senhor te dará** (não diz, "que o Senhor te dê"; cp. KJV, que se baseia em texto inferior) **entendimento em tudo**. Assim, tudo procede do **Senhor**, tanto o fortalecimento para permanecer na sua graça (v. 1) como a capacidade de entender a necessidade de participar no sofrimento.

Notas Adicionais #5

2:2 / Os que aceitam a tese de que essas cartas são um "manual eclesiástico" e, de modo especial, os que datariam as cartas como pseudo-epígrafos posteriores, consideram este imperativo como a chave para a compreensão das três cartas. Aqui, o "autor" está traindo suas preocupações pós-paulinas de preservar o evangelho puro por intermédio de ministros adequadamente preparados e ordenados. Contudo, a singularidade deste versículo, nessas cartas, não deve ser

menosprezada. A interpretação defendida neste comentário explica tanto a sua singularidade como seu lugar no contexto desta carta.

2:3 / Quanto ao uso de metáforas da vida militar e da atlética, nos escritos de Paulo, veja J. N. Sevenster, *Paul and Seneca*, pp. 162-64; e V. C. Pfitzner, *Paul and the Agon Motif*, pp. 157-86. Aqui está um exemplo claro do Paulo "autêntico" expressando-se por imagens ao lado de contemporâneos como Sêneca e Fílon, usando-as, não obstante, de modo singularmente cristão. Seu emprego, aqui, conforme Pfitzner o demonstra de maneira convincente, reflete o uso paulino, e não o helenismo, nem o judaísmo helenístico. Este fato deveria levar-nos a ser mais cautelosos em descrever outras metáforas desse teor, exclusivas dessas cartas como sendo não-paulinas.

2:5 / Quanto à informação de que os participantes dos Jogos Olímpicos tinham de fazer um juramento a Zeus, que observariam treinamento estrito durante os dez meses anteriores à competição, veja Pausânio, *Descriptions of Greece* 5. 25. 9 (Loeb, II, p. 529). Kelly vê o caso como "autodisciplina árdua", mas tal opinião parece afastar-se demais do contexto integral da participação no sofrimento.

2:6 / D-C, Hanson e outros que consideram a carta como pseudo-epigráfica, acham que o ponto central das metáforas de atletismo e lavoura é a remuneração. Mas esta opinião perde o claro sentido escatológico da recompensa (veja vv. 11-13 e 4:6-8) bem como o ponto central das metáforas no presente contexto. Tal interpretação resulta do ponto de vista que adotam quanto à autoria, e da subseqüente fascinação que nutrem pelas "fontes" do autor (aqui, 1 Coríntios 9:7 e 24-27) dispensando, além disso, pouca ou nenhuma atenção ao objetivo das metáforas no contexto. O significado das metáforas, argumentam eles, que "o leitor descubra por si mesmo", e essa é a interpretação que dão ao v. 7 (p. 108). A interpretação que dá bom sentido tanto aos detalhes como ao contexto deve ser preferida a este procedimento, por constituir sólido argumento.

6. Bases do Apelo (2 Timóteo 2:8-13)

Com este parágrafo Paulo conclui de modo conveniente seu longo apelo para que Timóteo permaneça leal — ao ponto do sofrimento. Lealdade ele a deve antes de tudo a Cristo e ao evangelho, mas também se evidenciará na lealdade a Paulo, prisioneiro por causa do evangelho, e na fidelidade a seu próprio ministério (1:6-14). Quando este apelo foi retomado em 2:1, reforçou-se de modo especial o tema da prontidão de Timóteo em participar do sofrimento pelo evangelho, e na promessa da recompensa escatológica (vv. 4-6; cp. 1:12).

O presente parágrafo proporciona a base teológica do apelo. Timóteo é exortado a lembrar-se de Jesus Cristo, cuja ressurreição e descendência davídica devem trazer-lhe confiança (v. 8). Mas esta referência a Cristo leva a outro lembrete da prisão de Paulo e ao motivo desta (vv. 9-10). A seguir, o apóstolo conclui com a quinta menção de "fiel é esta palavra", um quarteto, aparentemente tirado de um hino ou poema, que a um tempo incentiva a perseverar (v. 2), adverte contra a falta de perseverança (v. 3), e conclui com uma declaração solene da fidelidade de Deus (v. 4).

Desse modo, os temas fundamentais da seção são reiterados: Cristo e seu evangelho, o presente sofrimento de Paulo, e um apelo, com advertência ao próprio Timóteo, incluindo agora o povo de Deus, para que persevere a despeito do sofrimento.

2:8 / Embora o v. 7 seja como que uma reflexão posterior sobre as três analogias precedentes, a lembrança de que o Senhor capacitaria Timóteo a entender tudo faz suscitar o próximo imperativo: **Lembra-te** ("tenha em mente", Kelly) **de que Jesus Cristo**... O verbo apanha o motivo principal da "memória" que se repete nesta carta (1:4-5, 6; 3:14-15). Do mesmo modo como Paulo antes lhe havia trazido à lembrança a fé que tinham seus antepassados (1:5), seu próprio chamado e dotação de poder para o exercício do ministério (1:6-7), e o "ensino sadio" que ele vira modelado em Paulo (1:13; cp. 1:9-10), assim Paulo agora o convoca para concentrar a atenção em **Cristo.**

Lembra-te de que Jesus Cristo... Timóteo deve concentrar-se em duas realidades: que Cristo **ressurgiu dentre os mortos** e que ele é da

descendência de Davi (lit., "da semente de Davi"). É bem fácil discernir a razão da primeira dessas frases qualificadoras: **Jesus Cristo... ressurgiu** (melhor, "ressuscitou") **dentre os mortos** é ao mesmo tempo exemplo fundamental da vitória escatológica sobre a morte (daí refletir-se nos vv. 5-6, constituindo incentivo para quem está sofrendo) e fonte da força de Timóteo (isto é, "Fortifica-te... em Cristo Jesus", aquele que venceu a morte pela ressurreição; ele te fortalecerá na tua tarefa e te capacitará para perseverar). Além do mais, antecipa-se também a revelação dos falsos mestres nos vv. 14-18, os quais, argumentando que "a ressurreição (dos crentes) é passada", estão na verdade negando o futuro escatológico que Paulo afirma (vv. 5-6, 10).

A ordem a Timóteo: **Lembra-te de ... Jesus Cristo** focaliza o fato de ser este o Cristo ressurreto, o que fica demonstrado também no primeiro par de versos do hino (vv. 11-12a): "se já *morremos* com ele, com ele *também viveremos*; se *perseverarmos* com ele *também reinaremos*". Sendo assim, perguntamo-nos qual é o ponto central da segunda frase qualificadora, **é da descendência de Davi**? Diversas opiniões têm sido apresentadas. Tendo por base a combinação semelhante de Romanos 1:3-4, alguns têm visto o todo como fragmento de algum credo primitivo e sugerem que esta frase foi extraída dessa fonte, porém, sem ter algum significado necessário ao contexto. Outros a vêem como referência à encarnação, com ênfase na humanidade de Cristo, contra um alegado gnosticismo da parte dos oponentes (entretanto, o seu uso em Romanos 1:3 desfaz esta idéia). Talvez, como quanto a outras referências semelhantes no NT, a questão não seja tanto a humanidade de Cristo, mas o fato de ele ser o cumprimento da promessa de Deus e o coroamento das expectativas de seu povo. Se assim for, encaixa-se no tema de continuidade com o passado (veja disc. sobre 1:3, 5; cf. 3:14-17), de modo especial como cumprimento fiel e expressão visível da fidelidade de Deus.

Unidas estas duas realidades, **Jesus Cristo ... da descendência de Davi,** e **ressurgiu dentre os mortos**... temos um breve resumo de **meu evangelho** (cf. 1 Timóteo 1:11; Romanos 2:16; 16:25, "que eu não inventei, mas que me foi confiado", Lock). A palavra assegura a Timóteo e, no v. 10, ao povo de Deus também, de que o jovem pastor e seu rebanho pertencem a algo que o próprio Deus vem realizando na história, culminando em Cristo, e que são herdeiros da salvação final, escatológica, também mediante Cristo. Portanto, "persevera".

2:9-10 / Havendo chamado a atenção de Timóteo, mais uma vez, para Cristo como o conteúdo de seu evangelho, Paulo reitera a lembrança também de que as presentes aflições do apóstolo originam-se na obra, no exercício desse **evangelho**. **Pelo qual**, Paulo lembra a Timóteo, eu **sofro** este mal, **a ponto de ser preso** (traduzindo a preposição *mechri* **como malfeitor**, grande indignidade contra alguém que é ao mesmo tempo inocente e cidadão romano. A palavra criminoso (aqui traduzida por **malfeitor**), que ocorre em Lucas 23:32-39 para os salteadores crucificados com Jesus, é palavra especialmente forte, usada para referir-se aos "que cometem perversidades grosseiras e crimes graves" (BAGD). É evidente, por esta sentença, bem como por 1:8, 16, e 4:16-18, que a vil prisão de Paulo lhe era pessoalmente repugnante.

Mas esta repugnância por suas cadeias contrasta de pronto com **a palavra de Deus** que **não está presa**. Eles podem prender o mensageiro, mas não podem prender a mensagem. É como cantou Lutero: "O corpo eles podem matar; a verdade de Deus permanece firme; seu reino é eterno". Esta é, sem dúvida, a preocupação de Paulo por Timóteo, em toda a carta. "Participa comigo das aflições", exorta-o Paulo, "e acima de tudo, **prega a palavra** (4:2); porque é a **palavra** somente, a mensagem do evangelho, que conta. Eles podem prender-nos e acorrentar-nos, mas não podem acorrentar nossa mensagem" (cp. esp. Filipenses 1:12-18).

Contudo, a prisão de Paulo não é mencionada simplesmente para contrastar com a desacorrentada **palavra de Deus**, que **não está presa**. Como em Filipenses 1:12-18, a prisão é retratada como operando a favor dessa **palavra** e **por amor dos eleitos**. Assim, **tudo suporto** — e por implicação Timóteo suporta também (cp. v. 12a). "Povo escolhido de Deus" seria excelente tradução de *tous ekletous* (**os eleitos**). Muita tinta tem sido gasta sobre as implicações teológicas deste termo, quanto a se se refere aos "eleitos" já salvos, ou aos "eleitos" ainda não salvos. Esse teologizar perde muito o ponto central de Paulo. Aqui novamente, como em Tito 1:1, 2:14, e em muitos outros lugares, Paulo apropriou-se da linguagem empregada no AT para o povo de Deus e aplicou-a aos cristãos. Além do mais, conforme o v. 8 acima, a ênfase aqui recai na continuidade dos crentes com o passado, não no *status* teológico.

O objetivo desta prisão **por amor do** "povo escolhido de Deus" — motivo por que Paulo está disposto a tudo (**tudo suporto**) — é que **também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus**. Não ficou

claro, como em Colossenses 1:24 e 2 Coríntios 1:6, de que modo Paulo entende a relação entre os sofrimentos de Cristo, seus próprios sofrimentos e a salvação das pessoas. É certo que Paulo não quer dizer que seu sofrimento obtém a salvação para alguém. Talvez ele queira dizer que sua prisão, de certo modo, "contribuirá para a obra do evangelho" (Barrett), por meio do qual o povo de Deus obtém a salvação. Contudo, não ficamos sabendo de que modo Paulo compreende seu sofrimento como "ajuda ao evangelho". Seja como for, o evangelho pelo qual o apóstolo sofre, é que traz salvação às pessoas, e não seu sofrimento. Afinal, nossa salvação está em Cristo Jesus. Paulo é apenas um agente secundário — o mensageiro da salvação. Como aparece de ponta a ponta nessas cartas, e de modo especial nesta, a salvação é antes de tudo uma realidade escatológica: Ela vem com glória eterna. Assim, ele lembra a Timóteo — e agora aos crentes também — que depois da presente provação receberemos o prêmio escatológico (veja disc. sobre os vv. 4-6).

Não deveria passar despercebido que com essas palavras Paulo já começa a olhar para além de Timóteo, a fim de incluir o povo de Deus, os eleitos que, com Timóteo e Paulo, renunciarão aos falsos ensinos (2:14-21), alcançando "a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna".

2:11-13 / Para encerrar este segmento da argumentação (apelo), e assim reforçar a própria exortação (que agora inclui o povo de Deus), Paulo "fàz" a quinta (e última) menção de "fiel é esta palavra". Quanto à fórmula em si, veja a discussão sobre 1 Timóteo 1:15 (cp. 1 Timóteo 3:1; 4:10; Tito 3:8).

Visto que **a palavra**, neste caso, começa com um conectivo *gar* ("porque", não traduzido na NIV, nem na ECA), alguns têm alegado que a "palavra fiel" é realmente o v. 8 ou 10, ou que "logos" não significa "ditado" aqui, mas se refere à palavra de Deus no v. 9, ou que o "porque" era parte original de um ditado tomado por empréstimo e incorporado por Paulo, mas sem significado nesse contexto. Contudo, o equilíbrio rítmico dos quatro versos que se seguem dá-lhes o caráter evidente de "ditado" (talvez um primitivo poema ou hino cristão, possivelmente de autoria do próprio Paulo, ou de alguém de uma de suas igrejas). O "gar" talvez seja explicativo — e por isso intencional — mas não se refere a este ditado como sendo digno de confiança. Antes, "gar" remonta ao

apelo integral dos vv. 1-10. "Participa comigo das aflições", diz Paulo, "porque se já morremos com ele, também com ele viveremos", e assim por diante.

Pode-se ver facilmente a natureza poética do "ditado". É um quarteto de sentenças condicionais. Cada prótase (cláusula iniciada com "se") trata das obras dos crentes (todas na primeira pessoa do plural, linguagem de confissão); cada apódose (cláusula marcada por "também") antecipa os resultados de estarmos em Cristo; a apódose final apresenta uma coda explicativa adicional. Pode ser que a intenção fosse uma parelha de versos, visto que os dois primeiros versos tratam de ações positivas e os outros dois de negativas. Contudo, há também progressão de tempos do verbo (passado, presente e futuro) e de idéias nos três primeiros versos, ao passo que o verso final exibe algumas mudanças notáveis (ambos os versos estão no presente; nenhum *também* na apódose; uma virada surpreendente para a apódose).

A mais provável interpretação dos três primeiros versos é que eles progridem da conversão cristã (verso 1), passam pela perseverança e seu prêmio escatológico (verso 2) e chegam a uma advertência acerca das conseqüências da apostasia (verso 3). Embora haja consideráveis diferenças entre os estudiosos do assunto a respeito do verso 4, é provável que seja resposta ao verso 3, como palavra de esperança. Nossa fidelidade ou nossa deslealdade não pode alterar a realidade maior da fidelidade de Cristo (subentende-se: a nós).

Antes de examinar cada verso, seria conveniente observar que a linguagem e o pensamento do todo são inteiramente paulinos — até ao mínimo detalhe. Se não foi ele quem o compôs, certamente foi composto em uma de suas igrejas. Na análise final não há razão para pensar que o homem que escreveu 1 Coríntios 13 e Romanos 8:28-39 não poderia também ter escrito esta peça maravilhosa.

Verso 1: **Se já morremos com ele, também com ele viveremos**. Reflete claramente Romanos 6:8 (cp. Colossenses 2:20; 3:1), e não há motivo para pensar que signifique qualquer coisa diferente aqui do que significa ali. Usando a imagem batismal, Paulo está refletindo de novo sobre a conversão cristã como morrer e ressuscitar com Cristo. O futuro, **também com ele viveremos** relaciona-se antes de tudo com a vida em Cristo no presente (como o faz em Romanos 6:8-11), embora tal linguagem sempre traga latente em si a idéia do cumprimento escatológico

ainda por ser realizado. Depois de tudo, a presente vida **com ele** é o resultado de sua ressurreição, *o* acontecimento escatológico primário que já pôs em movimento o futuro.

No presente contexto, porém, a linguagem de morrer e viver em Cristo também deve ser ouvida, talvez com as implicações mais amplas do martírio cristão. Aquilo que é verdadeiro figuradamente no batismo de alguém, seria de igual modo verdadeiro em se tratando de um "batismo" de outro tipo. Bem podemos adivinhar que a implicação disto não se perdeu quanto a Timóteo.

Verso 2: **Se perseverarmos, com ele também reinaremos**. Este verso é o motivo fundamental, junto com sua contraparte de advertência no verso 3, para citar o ditado. Ele fala de modo direto à preocupação através do todo o apelo (1:6 - 2:13) para que Timóteo permaneça leal, mesmo em face do sofrimento. O verbo "perseverar" (implica "suportar") é usado pelos escritores do NT para referir-se à pessoa que se mantém paciente e firme na tribulação ou aflição (cp. Marcos 13:13; Romanos 12:12). Esse, por certo, é o sentido aqui.

A apódose também fala direto ao contexto, a saber, a promessa da vitória escatológica mencionada nas três analogias dos vv. 4-6. **Reinaremos com** Cristo é modo paulino de expressar a "glória eterna" que aguarda os que são fiéis até ao fim (cp. 1 Coríntios 4:8; cp. também Apocalipse 3:21).

Verso 3: **Se o negarmos** (lit.) **também nos negará**. Com este verso há uma mudança para ações negativas dos crentes. O conteúdo está em nítido contraste com o verso 2, como seu oposto. Portanto, por certo também pressupõe o conteúdo do sofrimento e da perseguição (isto é, "envergonhar-se" de Cristo na hora da provação). Assim, ele é a um tempo advertência a Timóteo e aos "eleitos" (v. 10; daí o tempo futuro do verbo) — e juízo — sobre os apóstatas como os asiáticos de 1:15, que já desertaram.

A linguagem deste verso reflete com precisão o ditado de Jesus encontrado em Mateus 10:33 (cp. Lucas 12:9). Assim, o sujeito da apódose muda de "nós" para um enfático **ele** (no grego, pronome demonstrativo).

Juntos, portanto, os versos 2 e 3 formam a razão básica para a citação: promessa e advertência anexadas a um chamado para perseverar em face do sofrimento e adversidade.

Verso 4: **Se somos infiéis, ele permanece fiel** (cp. Romanos 3:3). Este verso está cheio de surpresas, sobre o qual existem nítidas diferenças de opinião com vistas à interpretação. Alguns o vêem como uma negativa correspondente ao verso 3. **Se somos infiéis** (isto é, "se cometemos apostasia"), Deus deve permanecer **fiel** a si mesmo e distribuir juízo. Embora seja possível tal interpretação, parece muito improvável que fosse essa a intenção de Paulo. Afinal de contas, isso poderia ter sido dito com clareza. A falta de um verbo no futuro com o advérbio "também", além do fato de a fidelidade de Deus no NT ser sempre a favor de seu povo, tende a expressar-se contra aquele ponto de vista.

O que parece ter acontecido é que, numa forma típica (cp. p.e., 1 Coríntios 8:3), Paulo não consegue terminar uma sentença conforme a começou. É possível que comprovadamente nos falte a fé; Paulo, porém, não poderia dizer que Deus por isso seria infiel para conosco. Na verdade, muito pelo contrário. **Se somos infiéis** (e o contexto exige este significado para *apistoumen*, não "incrédulos", conforme KJV, et al.), isto de maneira alguma altera a fidelidade de Deus para com seu povo. Isto pode significar ou que Deus anulará nossa infidelidade com a sua graça (conforme a maioria dos comentaristas) ou que sua total fidelidade a seu dom gracioso de salvação escatológica para seu povo não é anulada pela infidelidade de alguns. Parece que esta última opção está mais em harmonia com Paulo e com o contexto imediato. Alguns foram comprovadamente infiéis, mas a fidelidade salvadora de Deus não diminuiu em razão disso. Assim, Timóteo e os crentes devem continuar a "perseverar" para que possam "também reinar com ele". Desse modo, os quatro versos concordam, como exposição da "salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna" (v. 10).

A coda final explica por que a última apódose se situa assim: **porque não pode negar-se a si mesmo**. Negar-se significaria que Deus havia cessado de ser Deus. Daí que a salvação escatológica está, para Paulo, totalmente arraigada ao caráter de Deus.

Com esta grande afirmação, no contexto de advertência bastante severa, este primeiro apelo à lealdade chega à conclusão. As defecções na Ásia, as advertências neste texto, mais o aumento na visão global, no v. 10, para incluir "os eleitos", tudo concorre para que a atenção de Paulo se volte pela última vez para os falsos mestres (veja 1 Timóteo 1:3-11, 18-20; 4:1-5; 6:3-10) e para as responsabilidades de Timóteo (2:14 - 3:9).

Notas Adicionais #6

2:8 / A ordem inusitada das palavras (quanto às EP) de **Jesus** antes de **Cristo** e, de modo especial, o aparecimento da frase "da descendência de Davi" em Inácio de Antioquia (c. 110 d. C.), também têm contribuído para a convicção de que este é um segmento de formulação de credo que foi tomado por empréstimo aqui e em Romanos 1:3-4. Conquanto a ordem das palavras talvez deixe de ter importância (veja Tito 1:1), é possível que o texto tenha natureza de credo. Mas é de todo improvável que estejamos lidando com um credo fixo. Antes, um "corpo comum de doutrina começava a cristalizar-se em padrões e formas mais ou menos convencionais e, às vezes, certos textos declarativos se tornavam correntes; todavia, a linguagem permanecia mais ou menos fluída" (J. N. D. Kelly, *Early Christian Creeds* pp. 23-24).

2:9-10 / Quanto a um exemplo típico de "gastar-se tinta demais" discutindo-se "quem são os eleitos" nesta passagem, que perde um pouco o objetivo central de Paulo, veja Hendriksen.

2:11-13 / Quanto a uma análise completa dos problemas envolvidos nesta passagem (que significa "fiel é esta palavra", qual sua extensão e estrutura?) bem como uma exegese profunda de seus detalhes, veja G. W. Knight, *The Faithful Sayings in the Pastoral Letters*, pp. 112-37. Knight e G. R. Beasley-Murray (*Baptism in the New Testament*, pp. 207-9) ambos argumentam que se trata de um hino batismal (mas veja J. D. G. Dunn, *Baptism in the Holy Spirit*, pp. 169-70). Bernard talvez chegue mais perto da realidade ao considerá-lo como "hino sobre as glórias do martírio". Mas se levarmos a sério a natureza paulina do poema, nenhuma dessas opções é necessária. O hino, em todas as suas partes, ajusta-se tão bem ao contexto que, seja qual for sua origem ou ambiente original, *funciona* agora para inspirar lealdade a Cristo.

Quanto a uma interpretação que considera o verso 1 como refletindo em essência o martírio, veja Hendriksen. Contudo, até mesmo ele reconhece as dificuldades que o verbo aoristo (tempo passado), **já morremos**, apresenta para este ponto de vista, pelo que ele espiritualiza a morte como sendo "consolo, conforto mundano", etc.

Quanto a exemplos da interpretação "negativa" do verso 4, veja os comentários de Bernard e Hendriksen. Veja Knight, pp. 126-31, quanto a uma refutação mais pormenorizada.

7. Exortação para Resistir aos Falsos Mestres (2 Timóteo 2:14-19)

A preocupação pela "salvação" do "povo escolhido de Deus" expressa no v. 10, mais a exortação à perseverança, com sua advertência contra a apostasia nos vv. 11-13, levam Paulo — e Timóteo — de volta às duras realidades de Éfeso, com a presença dos falsos mestres (cp. 1 Timóteo). Parece que continuam a atormentar a igreja, conforme Onesíforo com certeza havia informado, embora, é claro, nem todos houvessem capitulado. Esta preocupação domina o apelo que começa aqui e vai até 4:5. Em 2:14 -3:9 o foco recai sobre os falsos mestres e o que Timóteo deve fazer, tendo-os em mente. Assim, há muito em comum com 1 Timóteo 1, 4 e 6. Em 3:10 - 4:5 o foco recai sobre a pessoa de Timóteo e seu ministério, com a presença dos falsos mestres servindo de pano de fundo à exortação. Três questões dominam este parágrafo inicial, as quais preparam o caminho para o restante: uma denúncia contra os falsos mestres e seus ensinos, um apelo a Timóteo para resistir-lhes (tanto aos mestres quanto a seus ensinos), e uma preocupação para que o restante da igreja não capitule. Assim, Timóteo e seus sucessores (Tíquico? cp. 4:12) devem conduzir a igreja na resistência a esses erros.

Foi esta preocupação dupla por Timóteo e pela igreja, refletida através de 1 Timóteo, que talvez tenha levado Paulo a esta seção tão comprida sobre os falsos mestres, numa carta de caráter pessoal. Por um lado, o evangelho ainda corre risco em Éfeso e Paulo sente-se constrangido a falar da situação uma vez mais. Por outro lado, Timóteo, embora deva em breve deixar Éfeso, precisa também assumir a responsabilidade pela liderança da resistência, ainda que isso lhe custe sofrimento e adversidade.

2:14 / Este imperativo inicial retoma a preocupação de Paulo pela "salvação" do "povo escolhido de Deus" (v. 10) à sombra da ameaça — e terríveis conseqüências — da apostasia. Ele exorta a Timóteo: **lembra-lhes** (cp. Tito 3:1) (este "lhes" não existe no texto grego, mas está implícito pelo contexto) **estas coisas**. Este é o único *tauta* (**estas coisas**) imperativo em 2 Timóteo (há um *tauta* em 2:2; contudo, seu

antecedente não é o que precedeu na carta, mas "as sós palavras que de mim tens ouvido" no v. 13). Muitos o consideram como referindo-se a tudo quanto precedeu, ou aos ensinos mencionados em 2:2. Não obstante, o que faz o máximo sentido no contexto é considerar **estas coisas** como referindo-se especificamente a "fiel é esta palavra" (cp. Tito 3:8). Isto é, em face do "câncer" que se espalha (v. 17) dos falsos ensinos, **lembra** teu povo da necessidade de perseverança e das horríveis conseqüências da rejeição de Cristo.

Este lembrete deve vir acompanhado de uma "ordem" **diante do Senhor** (cp. 1 Timóteo 5:2; 2 Timóteo 4:1); isto é, os que forem advertidos devem reconhecer-se como sendo chamados por Deus a prestar contas. **Ordenando-lhes**, diz Paulo, **que não tenham contendas de palavras**, que são uma das principais características dos falsos mestres em Éfeso (veja disc. sobre 1 Timóteo 2:8; 6:4-5; cp. Tito 3:9). Assim, o povo de Deus é advertido a não engajar-se nas disputas vazias, sem propósito, especulativas (cp. v. 16) acerca **de palavras**, estimuladas pelos falsos mestres, porque isso não produz nenhum tipo de bem (cp. Tito 3:8); na verdade, bem ao contrário, **traz a subversão dos ouvintes**.

Este primeiro imperativo, portanto, exorta Timóteo a cumprir suas responsabilidades para com os crentes. É preciso lembrar-lhes a necessidade de perseverar, adverti-los solenemente a que não se envolvam nas **contendas de palavras** dos falsos mestres. Esta advertência será detalhada nos vv. 16-18. Antes disso, porém, em consonância com 1 Timóteo, Paulo dirige um recado pessoal a Timóteo.

2:15 / Como no caso de passagens semelhantes em 1 Timóteo (p.e., 1:18-19; 4:6-8, 13-15; 6:11-14), este imperativo coloca Timóteo e seu ministério em nítido contraste com os falsos mestres. Em última instância eles buscam aprovação humana (por amor ao lucro; 1 Timóteo 6:6-10); não, porém, Timóteo: **Procura apresentar-te a Deus** (no grego, *spoudason*; cp. 4:9, 21; Tito 3:12; a tradução da KJV, "estuda", tem desencaminhado gerações de cristãos de fala inglesa) **aprovado** (subentendendo-se "testado e aprovado"; cp. 1 Coríntios 11:19; 2 Coríntios 10:18).

Os falsos mestres são mercenários que passarão "vergonha" diante de Deus por causa de seus erros e pecados; Timóteo deve fazer o possível para ser um **obreiro que não tem de que se envergonhar**. Isto poderia significar (menos provável, contudo) "não se envergonhar do evangelho". É mais provável que signifique "não se envergonhar porque

trabalhou bem"; isto é, em contraste com os falsos mestres, ele deveria trabalhar de modo que não houvesse motivo para "vergonha".

A base para que Timóteo **não** tenha **de que se envergonhar**, de novo em contraste com os falsos mestres, é que ele maneje **bem a palavra da verdade.**

A expressão traduzida por maneja bem, que ocorre somente aqui no NT (mas cp. Provérbios 6:3 e 11:5, LXX), é metáfora que literalmente significa "cortar reto". Tem havido considerável especulação quanto à própria metáfora, sobre que tipo de "corte" (madeira, pedras, sulcos) Paulo teria em mente. É provável que se tenha perdido o sentido original da metáfora e a ênfase ficou em fazer-se algo de modo correto. Portanto, ECA traduziu adequadamente. Barrett observa de modo correto que uma intenção semelhante, baseada numa metáfora muito diferente, encontra-se em 2 Coríntios 2:17. Assim, Paulo não está instando com Timóteo para que interprete de modo correto a Escritura, mas que pregue e ensine o evangelho, **a palavra da verdade**, em contraste com as "contendas de palavras" (v. 14) e "falatórios inúteis" (v. 16) dos ímpios.

2:16 / Com este imperativo Paulo volta aos que não são "aprovados", porque não "manejam bem a palavra da verdade" (v. 15). Conforme outras passagens (cp. 1 Timóteo 4:7; 6:20), o imperativo, neste caso **evita** (cp. Tito 3:9), vai direto a Timóteo, mas também é de se esperar que os crentes prestem atenção. Tanto a **impiedade** (tudo que se afasta da verdadeira piedade) como a natureza vazia, sem propósito, do ensino herético, recebem críticas agudas.

O *motivo* por que tais falatórios devem ser evitados (a cláusula do "porque") é um tanto ambíguo, visto que o verbo *prokopsousin* (**produzirão maior**, lit., "avançarão" ou "farão maior progresso"; cp. 3:9, 13) não tem sujeito expresso. O contexto e o pronome **desses** no v. 17, referindo-se aos falsos mestres, implica claramente que tais pessoas são o sujeito do verbo. Conforme observado em 1 Timóteo 4:15, a expressão "produzirão maior" talvez seja gíria relacionada com a natureza elitista do ensino deles. Assim, com fina ironia, Paulo admite que é certo que estejam "produzindo mais" ("avançando"), mas esse progresso é "mais e mais na impiedade" (*asebeia*; antônimo de *eusebeia*, "piedade", que se repete nestas cartas; veja disc. sobre 1 Timóteo 2:2). Veja também disc. sobre 3:9, onde num forte ímpeto de confiança, semelhante ao do v. 19 deste capítulo, Paulo afirma que "não irão, porém, avante".

2:17-18 / Não somente essas pessoas "avançam mais e mais em *asebeia", mas* **a palavra** *desses* (veja disc. sobre v. 16) também se espalha de modo que causa a ruína de outrem. A **palavra** (grego *logos)* aqui contrasta com "a palavra *logos* da verdade" de Deus, do v. 15.

Em consonância com a imagem médica dessas epístolas (veja esp. disc. sobre 1 Timóteo 1:10 e 6:4), **a palavra desses**, metaforicamente descrita, **corrói** (lit., "tem pastagem") **como câncer**. Isto pode significar que ela se espalha como ovelhas num pasto, semelhante ao **câncer** ao espalhar-se, ou, conforme a GNB, "é como uma ferida aberta que devora a carne", dando a entender que o ensino deles devora a vida da igreja, ou dela se alimenta. Em qualquer dos casos, o ensino falso "se espalha", ou "devora" como uma enfermidade e, portanto, deve ser evitada a todo custo.

Dois desses mestres são agora identificados: **Himeneu e Fileto**. Visto que **Himeneu** não é nome comum, este deve ser o mesmo homem de quem Paulo diz: "entreguei a Satanás" em 1 Timóteo 1:20, mas que ainda está agindo com os que **perverteram a fé que tinham alguns**. Aqui junta-se-lhe **Fileto**, de quem nada mais se sabe. Quanto a uma conjetura acerca de Alexandre, antigo companheiro de Himeneu (1 Timóteo 1:20), veja a discussão sobre 2 Timóteo 4:14.

Desses dois homens, obviamente líderes dentre os falsos mestres, Paulo diz também que **se desviaram da verdade** (cp. 1 Timóteo 1:6 e 6:21, quanto a este uso). No texto grego esta cláusula é seguida pela frase: **dizendo que a ressurreição é já passada** (cp. 2 Tessalonicenses 2:2, "o Dia de Cristo já tivesse chegado"), uma das duas únicas passagens em 1 e 2 Timóteo onde é dado algum conteúdo da heresia (cp. 1 Timóteo 4:3). Talvez seja esta alguma forma de escatologia super-realizada, isto é, a plenitude do Fim, especialmente **a ressurreição** que já cumprida em nossa morte espiritual e ressurreição com Cristo (cp. v. 11; Romanos 6:1-11; Colossenses 2:20 - 3:4).

Tal idéia circulou por muito tempo (cp. 2 Tessalonicenses 2:2; 1 Coríntios 15:22; 4:8) e talvez se relacionasse com a concepção grega da alma como sendo imortal e liberta da existência física por ocasião da morte. Tal dualismo, já observamos anteriormente, pode estar também na raiz do ascetismo em 1 Timóteo 4:3.

Mas tal ensino, assegura Paulo a Timóteo, ultrapassa as fronteiras das diferenças legítimas. Na verdade eles **perverteram** (melhor, "subverte-

ram") **a fé que tinham alguns** (cp. Tito 1:11). Esta é a grande urgência; onde a preocupação nos vv. 10-13 sobre a "salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna" para o povo de Deus, e sobre a perseverança, para que não sejam rejeitados por Cristo. Para Paulo, negar nossa ressurreição (corporal, futura) é negar a própria fé, em que representa a negação de nosso passado (a ressurreição do próprio Cristo, sobre a qual tudo mais está firmado) e de nosso presente também: nossa existência escatológica tanto como *já* e como *não ainda*; veja Introdução.

2:19 / Como sempre nos escritos de Paulo, não é Satanás que tem a última palavra, mas Deus. Exatamente como no verso. 4 do hino/poema do v. 13, e também aqui, a última palavra não é a infidelidade de alguns (v. 18), mas a fidelidade permanente de Deus. Com forte adversativa, **todavia**, Paulo afirma que, a despeito de algumas defecções e abandonos, **o firme fundamento de Deus permanece**.

Não ficou bem certo o que Paulo tinha em mente, se é que tinha algo, com essa metáfora. Em outros lugares (veja disc. sobre 1 Timóteo 3:15) Paulo usa a metáfora do edifício com relação à igreja e faz Cristo (1 Coríntios 3:10-12) ou os apóstolos e profetas (Efésios 3:20) o **fundamento**. Em face da metáfora que vem depois, nos vv. 20-21, talvez fosse isso que ele tivesse em mente. Mas seria provável que Paulo não objetivasse alguns pontos de referência específicos. A ênfase, como mostra o restante do versículo, está na posse do proprietário, Deus, na certeza do triunfo escatológico dos **que são seus**. Visto que a metáfora contrasta nitidamente com o fato de **a fé que tinham alguns** está sendo subvertida, Paulo tenciona afirmar o contrário: O que Deus está fazendo em Éfeso, salvando o povo que lhe pertence (cp. Tito 2:14) para a glória eterna, não pode ser frustrado pela atividade dos falsos mestres. Nesse sentido, é claro, o "edifício" subentendido refere-se à igreja em Éfeso, "os que são seus", ou "os eleitos" (v. 10).

Os que são de Cristo e não podem ser subvertidos são reconhecíveis por uma dupla **marca**. O grego diz literalmente: "tendo este selo" (quanto a esta palavra, ver NIDNTito, vol. 3, pp. 497-501). O que Paulo tem em mente é o "selo" da posse com que o arquiteto ou o dono da obra marcavam a pedra fundamental (semelhante em alguns modos às nossas modernas pedras angulares).

A dupla inscrição diz: **O Senhor conhece os que são seus** (cp. Números 16:5, LXX, da rebelião de Coré). O edifício de Deus descansa

não sobre o fundamento instável de conhecermos a Deus, mas no de que ele nos **conhece** (cp. 1 Coríntios 8:1-3). Este é o fundamento básico de toda a confiança cristã. A ação de Deus é anterior: Ele **conhece os que são seus**.

Mas a ação anterior de Deus demanda resposta. Portanto, a inscrição também diz: "Qualquer que profere o nome do Senhor, aparte-se da injustiça" (a linguagem, lit., é: "que nomeia o nome do Senhor", vem da LXX — Levítico 24:16; Isaías 26:13; o sentimento da segunda parte encontra-se no Salmo 34:14; Provérbios 3:7). A ordem aos que são conhecidos por Deus é, por sua vez, **aparte-se da injustiça**, isto é, afaste-se de Himeneu, de Fileto e do ensino deles, os quais reconhecidamente *não* são homens de Deus, porque persistem em fazer o mal. No caso deles, o falso ensino gerou a corrupção moral (cp. 1 Timóteo 6:3-10).

Assim, a despeito das incursões devastadoras dos falsos mestres, Timóteo e a igreja devem ser incentivados por esta palavra segura (cp. também de que modo Paulo conclui os dois próximos parágrafos: 2:26 e 3:9).

Notas Adicionais #7

2:14 / Alguns intérpretes (p.e., Lock, Hendriksen), impressionados pelo aparecimento do *tauta* aqui e em 2:2, entendem o implícito "lhes", em **lembra-lhes** como referindo-se "aos mestres de 2:2" (Lock). Este ponto de vista baseia-se também em parte na menção de **os ouvintes**; portanto, os mestres e seus ouvintes. É ponto de vista que faz sentido no contexto geral; todavia, não passa por alto o contexto imediato, a singularidade de 2:2, e o uso consideravelmente diferente de *tauta* em 2:2?

2:15 / Quanto a discussão ou especulações sobre o possível significado da metáfora "cortar reto", veja p.e., Bernard, Lock, Hendriksen ou Kelly.

2:17-18 / Muitos ficam perplexos pelo fato de Himeneu ainda estar agindo em Éfeso, depois de ter sido excomungado por Paulo. Embora D-C casualmente descartem tais "inconsistências", este fenômeno somado ao fato de que seu compatriota agora é Fileto, e não Alexandre, coloca um fardo especial sobre as teorias da pseudo-epigrafia. Quem inventou os contextos dessas três cartas, com seus plausíveis detalhes históricos e cronológicos, deveria ter "disfarçado a coisa", dando-lhe um trato melhor, aqui.

Mas, considerando-o história séria, este é o tipo de "problema" que a distância histórica dos acontecimentos nos oferece. É provável que Kelly esteja certo: "Não podemos supor que a interdição formal do apóstolo fosse instanta-

neamente eficaz em silenciar um herético e, na verdade, o fato de Himeneu tê-la desprezado ilustra a situação difícil da igreja efésia" (p. 184).

Quanto a uma interpretação bem anterior de **a ressurreição é passada**, veja *Acts of Paul and Thecla* 14, onde é interpretada assim: "ela já ocorreu nos filhos que temos, e ressurgimos outra vez ao conhecer o verdadeiro Deus" (HS 2, p. 357). Irineu *(Against Heresies* 1. 23. 5) refere-se a uma seita gnóstica que acreditava que os discípulos do seu fundador (Simão) "obtinham a ressurreição ao serem batizados nele, e não mais podem morrer, mas permanecem na posse da juventude imortal (*ANF*, vol. 1, p. 348).

8. Analogia de Apoio Oriunda dos Vasos Domésticos (2 Timóteo 2:20-21)

O ponto central dos vv. 14-19 era reafirmar a necessidade de Timóteo — e do povo de Deus — de "evitar os falatórios inúteis" dos falsos mestres (v. 16), "que para nada aproveitam, exceto para a subversão dos ouvintes" (vv. 14, 18). A linha de pensamento foi rompida pelo v. 19 que, com a metáfora do selo-inscrição (selo de propriedade) sobre um fundamento, reafirma a certeza da obra de Deus, a despeito da "ruína" causada pelos falsos mestres.

Paulo agora passa à metáfora bastante diferente (mas que mantém, todavia, alguma relação), de uma casa com dois tipos de vasos, a fim de detalhar mais a segunda parte da inscrição: "Qualquer que profere o nome do Senhor, aparte-se da injustiça". Ao mesmo tempo esta nova analogia funciona como guia para os próximos imperativos a Timóteo, acerca de suas próprias responsabilidades pessoais para com o falso ensino e falsos mestres (vv. 22-26). (Observe as diferenças na divisão de parágrafos da NIV em comparação com a NEB, NA^{26}, Kelly [14-21, 22-26] e a GNB, RSV, NAB [14-19, 20-26]).

A passagem se divide em duas partes distintas: O v. 20 dá os fatos da própria analogia; o v. 21 faz a aplicação. Raramente as analogias são perfeitas; mas o ponto central de Paulo parece bastante claro, a despeito de algumas falhas na aplicação.

2:20 / A própria analogia reflete sobre um fenômeno comum na antigüidade. **Numa grande casa**, isto é, nas casas dos mais abastados, **há vasos** (lit.) de todos os tipos. Alguns deles são muito caros (**de ouro e de prata**); alguns são bem mais baratos (**de pau e de barro**). Geralmente os vasos caros eram usados para refeições ou "para honra" (lit.), isto é, para funções públicas, ou à mesa; os menos caros eram usados **para desonra** (lit.), talvez para uso comum; é mais provável, porém, que Paulo tivesse em vista o lixo ou excremento.

Esta realidade especial, dois tipos de vasos para dois usos diferentes, sendo ambos vasos, já havia fascinado os escritores bíblicos (veja Jeremias 18:1-11), bem como o próprio Paulo (Romanos 9:19-24).

Contudo, o problema de Paulo aqui é que ele estabelece uma analogia que, apresentada de modo estrito, apresenta uma questão bem diferente da que ele quer demonstrar em seqüência ao v. 19. Assim, conforme o v. 21 e o contexto deixam claro, o objetivo de Paulo *não* é o de 1 Coríntios 12:21-24 (não obstante os diferentes tipos e uso, *ambos* os vasos são úteis ao dono da casa) *nem* o da parábola do trigo e do joio (Mateus 13:24-30, 36-43, onde a igreja é retratada como contendo tanto os eleitos como os falsos mestres, que serão separados no fim), embora muitas vezes esta passagem receba tais interpretações.

2:21 / A aplicação que o próprio Paulo faz da analogia (um "de sorte que" ligando-a ao v. 9, até v. 20, não foi traduzido na NIV), embora pareça não caber muito bem, é precisamente a que *ele* quer fazer. A aplicação de Paulo relaciona-se com o v. 19, que os que "proferem" o nome de Deus, Timóteo e os crentes — os que são conhecidos por Deus — devem apartar-se da injustiça e, de modo especial, do mal sob a forma dos falsos ensinos de pessoas como Himeneu e Fileto.

Assim, **se alguém** (talvez uma forma ambígua como no v. 19, mas agora com certeza voltando a incluir Timóteo) **se purificar** (usando a linguagem da purificação ritual dos vasos) **destas coisas** (os falsos ensinos) **será vaso para honra** (NIV, instrumento para finalidades nobres). Ao aplicar a imagem, Paulo desvia-se da casa que contém todos os tipos de vasos para falar dos próprios bons vasos e argumenta que só estes, com suas finalidades "honrosas", é que contam (embora não seja o valor dos vasos, mas seus conteúdos, isto é, propósitos, que constituem a razão para alguém "se purificar destas coisas"). Paulo está antecipando o que dirá a Timóteo nos vv. 22-26, tendo em mente os vv. 14-19, de modo que ele deve, portanto, **purificar-se destas coisas** — desses falsos ensinos e comportamento.

O restante da aplicação, a que Paulo dá continuação fazendo trocadilhos com a imagem, apóia esta interpretação. Timóteo deve ser **santificado** (grego, *hegiasmenon*, "santificado"), termo de duplo sentido, muito apropriado. Do mesmo modo que os vasos do templo eram "santificados" para finalidades sagradas, assim deve Timóteo colocar-se à parte (**santificado**) e desta maneira **idôneo para uso do Senhor** (cp. a metáfora em 2:4), que de modo natural traz harmonia entre a imagem da **casa grande** e seus "vasos honrosos".

O vaso honroso está também **preparado para toda a boa obra**. Isto

reflete, também, um uso habilidoso da imagem. Como metáfora, significa "vaso para honra" (como aparece na NEB); contudo, como metáfora aplicada, reflete a importância premente do comportamento correto ("toda a boa obra") que se repete nestas cartas (cp. 1 Timóteo 2:10; 5:10; 6:18; e esp. Tito 1:16; 2:7, 14; 3:1, 8, 14). Como tal, ela nos guia de modo direto aos imperativos que se seguem.

Notas Adicionais #8

2:20 / Um dos erros comuns na interpretação desta passagem é a tentativa de aplicar a analogia do v. 20 sobre seus próprios méritos, sem permitir que o v. 21 seja o guia seguro. Isto se deve, talvez, ao sentido em que ele seja "mal aplicado" no v. 21 e, portanto, que o v. 20 pode ficar independente, como tendo sua própria aplicação — à igreja como estando cheia de todos os tipos de vasos. Mas o v. 21 deixa claro que *não* é isso que Paulo tem em mente, e o *oun* ("de sorte que") no v. 21 também torna claro que o v. 20 não tenciona ter seu próprio significado, à parte daquele dado no v. 21, ou diferente dele.

2:21 / Uma interpretação muito comum do ambíguo *apo touton* (lit., "destes", que a NIV traduz "das últimas") é que Timóteo deve "separar-se inflexivelmente de mestres como Fileto e Himeneu" (Kelly; também a maioria dos comentários), a que Kelly chama de "a exegese óbvia" (p. 188). Embora possa haver bom motivo para considerá-lo deste modo, o contexto parece exigir a ênfase em "falsos ensinos", não tanto nos próprios "falsos mestres". Os imperativos em ambos os vv. 14 e 16 relacionam-se com os ensinos falsos, como **injustiça** (ou "mal") no v. 19b relaciona-se com o imperativo "aparte-se". Assim também os imperativos do parágrafo que se segue relacionam-se aos ensinos falsos e, neste caso, Timóteo deve mesmo tentar "instruir" seus oponentes na esperança de ganhá-los de volta — o que se torna bem difícil se o v. 21 for considerado um tipo de excomunhão. As imagens são esticadas demais, em qualquer dos casos.

9. Responsabilidades de Timóteo Tendo em Mente os Falsos Mestres (2 Timóteo 2:22-26)

As ordens que introduzem esta seção fluem diretamente da aplicação da analogia dos vv. 20-21, mas continuam dentro do contexto das preocupações que começaram no v. 14. Ao "se purificar destas coisas" (v. 21), Timóteo é de novo exortado a evitar as discussões insensatas dos falsos mestres, que só levam a dissensões. Pelo contrário — e este é um tema novo — deve ele tentar salvar as pessoas da armadilha em que caíram pelo erro.

O parágrafo inteiro dirige-se a Timóteo e suas responsabilidades em face da presença do falso ensino. O tema dominante é a **paz**. Os falsos mestres entregam-se a discussões que geram rixas (cp. 1 Timóteo 6:4); Timóteo, por contraste, deve buscar a paz. Ele não deve envolver-se em rixas mas ser bondoso para com todos, deve corrigir com afabilidade, com o desejo de que sua correção e afabilidade levem alguns ao arrependimento.

2:22 / Estes dois imperativos (**foge** e **segue**), idênticos aos de 1 Timóteo 6:11, estão intimamente relacionados com os vv. 19-21, que acentuam "apartar-se da injustiça" e "purificar-se destas coisas". Mas o imperativo negativo neste caso é um tanto surpreendente no contexto. Por que *aqui* Paulo ordenava a Timóteo: **Foge também dos desejos da mocidade**?

A resposta reside basicamente no significado da palavra **desejos** (*epithymiai*; cp. 1 Timóteo 6:9; 2 Timóteo 4:3) nestas cartas. Em vez de "concupiscências", ela significa apenas **desejos**, de modo especial **maus desejos**. Portanto, Paulo não está falando tanto de paixões sensuais quanto dos tipos de paixões voluntariosas **da mocidade**, que às vezes ama as novidades, as discussões insensatas, e as "contendas de palavras" que com freqüência levam a brigas.

Em vez de engajar-se nos passatempos dos falsos mestres, Timóteo deve seguir **a justiça, a fé, o amor e a paz.** Quanto a estes três primeiros itens, veja disc. sobre 1 Timóteo 6:11. Do mesmo modo que os últimos itens daquela lista eram especialmente aplicáveis ao contexto, também

aqui Timóteo deve também seguir... **a paz**, como o fazem todos os que **com um coração puro, invocam** o nome **do Senhor** (não conforme traduz a GNB, "bradam ao Senhor por socorro"; cp. 1 Coríntios 1:2). Esta última frase é outra expressão idiomática para referir-se ao povo de Deus no AT (cp. 2:10; Tito 2:14; são os que **invocam o Senhor**, isto é, adoram a Yahweh, o Deus de Israel, e nenhum outro. Paralelamente, com o modificador **com um coração puro** (cp. 1 Timóteo 1:5; a mesma raiz do verbo "purificar-se" no v. 21), esta designação destaca o verdadeiro povo de Deus (que segue **a justiça,** etc.) diferenciando-o dos falsos mestres, que não conhecem verdadeiramente a Deus (cp. Tito 1:16), mas são apanhados na armadilha de Satanás. É possível, também, como no caso do v. 19, que se trate de uma palavra de incentivo a Timóteo, lembrando-lhe que nem todos "dobraram os joelhos diante de Baal".

2:23 / Precisamente porque Timóteo deve "seguir a paz", não deve envolver-se em **questões insensatas** (o mesmo verbo empregado em 1 Timóteo 4:7; 5:11); **insensatas** (cp. Tito 3:9, um pejorativo forte) e **absurdas** (*apaideutos*, "não instruídas, mal informadas"). Veja disc. sobre 1 Timóteo 6:4; Tito 3:9. Embora *apaideutos* possa significar **absurdas**, "estúpidas" ou "ignorantes" (GNB), neste contexto (veja disc. sobre o v. 25) é mais provável que se refira ao fato de que os perpetradores desses sofismas, que rejeitaram a verdade, sejam eles mesmos mal instruídos ou mal informados (cp. 1 Timóteo 1:7; "não entendem nem o que dizem nem o que com tanta confiança afirmam").

Timóteo deve, portanto, "seguir a paz" (v. 22), o que significa rejeitar as discussões **insensatas**, baseadas na falta de instrução, porque tais debates só **produzem** (lit., "dão à luz a") **contendas** (*machai*; cp. Tito 3:9; cp. também "contendas de palavras", *logomachiai*, 1 Timóteo 6:4; 2 Timóteo 2:14) — um dos graves pecados dos falsos mestres (veja esp. discussão sobre 1 Timóteo 6:4-5).

2:24-26 / Em contraste com os falsos mestres, cujas **questões insensatas** geram **contendas**, a Timóteo que é **servo do Senhor**, que deseja ser "idôneo para uso do Senhor" (v. 21), **não convém contender** (cp. as qualificações dos bispos/presbíteros, 1 Timóteo 3:3; Tito 1:7. O termo **servo** é comumente usado nos escritos de Paulo para referir-se aos que ministram a Palavra (cp. Tito 1:1); a combinação **servo do Senhor**, que ocorre somente aqui nos escritos de Paulo (geralmente ele diz "servo de

Cristo"), parece tentativa consciente de refletir sobre a metáfora do v. 21 ao usar linguagem do AT (cp. fato semelhante em 1 Timóteo 6:11). Desse modo, embora o **servo do Senhor** deva combater "o bom combate" (1 Timóteo 1:18), não deve fazê-lo engajando-se em **contendas** com seus oponentes.

Porém, não entrar em **contendas** *não* significa que Timóteo deve permitir que o erro prossiga em seu caminho. Pelo contrário. Contudo, ao colocar-se contra o erro, ele deve exibir uma disposição diferente. Ele deve **ser brando para com todos** — até mesmo seus adversários. O ponto em questão tem que ver com atitudes e reflete a situação muito difícil de Efésios 4:15 ("seguindo a verdade em amor"). Ele deve também ser **apto para ensinar** (cp. 1 Timóteo 3:2), **paciente** (lit., "pronto para suportar o mal", onde "paciente" [GNB e ECA] ou "tolerante" [NEB]). Novamente, a exigência relaciona-se à atitude. Timóteo deve mostrar-se à altura da tarefa, **aprovado, como obreiro** da verdade de Deus (2:15), mas deve fazê-lo sem perder a paciência ao reagir contra o mal. Finalmente, ele deve **corrigir com mansidão** (cp. 1 Timóteo 6:11; Tito 3:2) **os que resistem**. Esta frase apresenta algumas dificuldades consideráveis. O verbo *(paideuo) pode significar ou "corrigir" ou "educar" (cp. apaideutos* no v. 23; veja esp. disc. sobre Tito 2:12), ou "educar" ou "disciplinar" (cp. 1 Timóteo 1:20). A maior dificuldade está com a palavra traduzida **os que resistem**; trata-se de palavra extremamente rara que pode referir-se ou aos próprios oponentes ou "aos que são adversamente influenciados" (Bernard) pelos oponentes. Deve Timóteo disciplinar seus adversários, conforme 1 Timóteo 1:20 pode admitir? Ou deve ele instruir, corrigir ou reeducar os que foram "iludidos" pelos falsos mestres? Isto não é fácil de determinar, uma vez que ambos são considerados em outras passagens como apanhados na armadilha por Satanás (cp. 1 Timóteo 4:1-2; 3-7; 6:9). É provável que se possa afirmar com maior segurança que o verbo inclui, pelo menos, as pessoas que foram assim apanhadas em armadilha, podendo incluir também os próprios falsos mestres (embora 3:6, 9, 13 não pareçam dar tanta segurança).

Em qualquer dos casos, Paulo espera que buscando o caminho da paz e da mansidão, Timóteo possa ser instrumento nas mãos de Deus: **Na expectativa** (no grego uma pergunta indireta, "Deus, será que talvez... ?" **de que Deus lhes conceda o arrependimento** (entendido aqui como dom de

Deus; cp. NEB: "O Senhor lhes conceda mudança de coração"). Tal mudança de coração tem como seu alvo: **para conhecerem plenamente a verdade**, expressão que nas EP é quase sinônimo de "ser salvos" (1 Timóteo 2:4) ou "pertencer ao verdadeiro povo de Deus" (1 Timóteo 4:3). Tudo isto implica que os que persistem em seus erros correm verdadeiro perigo de perder a salvação, conforme afirma o verso terceiro do hino/poema 2:11-13.

O restante da sentença vem confirmar também tal implicação (v. 26; vv. 24-26 são um único período no grego; este é o segundo verbo controlado por **na expectativa de que Deus**. Talvez **Deus lhes conceda o arrependimento**; isso significaria também que eles "voltarão à razão" (metáfora referente à sobriedade, não traduzida em ECA; cp. 4:5 e também as palavras derivadas de *sophron*, referentes à mente lúcida ou sadia, p.e., Tito 2:2. Tal metáfora acentua a natureza enganosa do falso ensino, que sempre é retratado como supremamente demoníaco (veja esp. disc. sobre 1 Timóteo 4:1-2). Experimentar arrependimento dado por Deus e voltar à sobriedade significa desprender-se **dos laços do diabo** (cp. 1 Timóteo 3:7; 6:9). Embora não haja certeza total quanto a estas palavras finais (veja nota), Satanás também é retratado como aquele **por quem haviam sido presos** (lit., "havendo sido capturados vivos por ele"), **para cumprir a vontade de Deus**. Conforme foi observado na discussão sobre 1 Timóteo 4:1-2, este é um ponto de vista inteiramente paulino do que aconteceu aos que se opõem ao evangelho.

A ênfase nesta sentença está na redenção. Paulo quer que Timóteo elabore um tipo de ensino que vá além de refutar o erro (Tito 1:9; 2:15) e salvar seus ouvintes (1 Timóteo 4:16); que seja ensino usado por Deus para salvar os que se encontram emaranhados no falso ensino. Contudo, Paulo é também um realista sensato, e a menção dos "capturados vivos" por Satanás, para que lhe façam a vontade leva o apóstolo à acusação final dos próprios falsos mestres (3:1-9).

Notas Adicionais #9

2:22 / Para uma apresentação completa da posição adotada aqui sobre **os** (maus) **desejos da mocidade**, veja W. Metzger, "Die *neoterikai epithymioi* in 2 Tim. 2, 22", *ThZ* 33 (1977), pp. 129-36. Cp. Kelly.

A frase prepositiva **com os que... invocam o Senhor** está colocada de maneira ambígua, de sorte que pode significar que Timóteo deve **seguir a paz** somente com os verdadeiros crentes (assim pensam Barrett, Kelly). Todavia,

não somente o contexto de todo o parágrafo indica outra coisa, como este posicionamento de frase prepositiva no final da cláusula, embora modifique o verbo, é elemento característico dessas cartas (veja, p.e., 1 Timóteo 1:14; 2:7, 10; 2 Timóteo 1:12).

2:24-26 / A palavra traduzida por **os que resistem** ocorre na literatura existente apenas em Fílon (*On the Special Laws* 4. 103) na forma ativa, significando algo próximo de "retaliar" e, na forma passiva, em Pseudo-Longinus (*On the Sublime* 17). Em sua maioria, os estudiosos do assunto consideram-na como grego médio, neste ponto (assim, "opor-se a" ou "receber oposição"). Entretanto, se for passiva aqui, conforme alega Bernard, implicaria que uns haviam sido prejudicados pela oposição de outros. No todo, esta última posição parece a mais provável, uma vez que Paulo usa outras palavras para falar de seus oponentes de modo específico (1 Timóteo 5:14; Tito 1:9).

A última frase do v. 26, **por quem haviam sido presos, para cumprirem a vontade de Deus,** foi redigida em grego bastante grosseiro, de sorte que alguns argumentam que ela significa: "Deus pode conceder-lhes que escapem da armadilha do diabo, após terem sido capturados por ele, de modo que façam agora a vontade de Deus" (Scott, seguindo Moffatt; cp. Bernard; ou "tendo salvos vivos, pelo servo do Senhor, para fazerem a vontade do Senhor, e não a do diabo" (Lock). Ambas as soluções, porém, criam dificuldades até maiores na interpretação do texto grego. De modo geral, a NIV (cp. Kelly, Spicq, D-C, Hanson) e ECA devem ser preferidas. Quanto a uma consideração mais extensa do problema, veja J. P. Wilson, "The Translation of 2 Timothy 2:26", e Hanson.

10. Última Acusação aos Falsos Mestres (2 Timóteo 3:1-9)

Com este parágrafo, Paulo tira o foco de Timóteo, transferindo-o para os próprios falsos mestres, colocando-os contra o pano de fundo da premência escatológica importante, que percorre a carta de ponta a ponta. A única palavra pessoal dirigida a Timóteo é o imperativo reiterado no v. 5 — que ele não mantenha nenhuma associação com tais pessoas — que funciona como vínculo das duas partes do parágrafo (vv. 1-5, 6-9).

Novamente Timóteo é lembrado (cp. 1 Timóteo 4:1) de que a presença dos falsos mestres não deveria causar surpresa; eles pertencem ao tema do cumprimento escatológico, iniciado com a vinda de Cristo. Mas, nesse caso, Paulo dá uma volta interessante. Ao incluir uma lista típica de vícios (vv. 2-5), ele une as defecções dos falsos mestres ao aumento geral do mal, visto ao redor deles, como evidência de que estão raiando os últimos dias maus.

A segunda parte do parágrafo (vv. 6-9) faz uma correlação igualmente interessante. Ao descrever suas atividades de subverter mulheres fracas (vv. 6-7) e compará-los aos magos do Egito, que se opuseram a Moisés (vv. 8-9), Paulo insinua o que finalmente assevera no v. 13, que os falsos mestres nada mais são do que charlatães religiosos, comparáveis aos feiticeiros e enganadores de todos os tipos, dos quais o mundo antigo estava cheio (cp., p.e., Atos 8:9; 13:6-8; 19:13-16).

Exceto quanto às referências de passagem nos vv. 13 e 4:3 (e talvez 4:14), esta é a palavra final acerca dos falsos mestres nesta carta. Assim, ela funciona quase como 1 Timóteo 6:3-10, como desmascaramento e acusação. Deste ponto Paulo voltará às suas exortações pessoais a Timóteo, mas (esp. em 3:10 - 4:5) o que ficou dito em 2:14 - 3:9 vai ficar pairando no pano de fundo.

3:1 / Esta sentença segue-se a 2:22-26 um tanto abruptamente. Contudo, não é difícil localizar sua função na discussão. Embora a carta seja antes de tudo uma série de apelos pessoais a Timóteo, a influência contínua dos falsos mestres e o aparente fracasso de Timóteo de deter a maré levaram Paulo a discutir este problema em minúcias, começando

com 2:14. O que ele faz aqui, semelhantemente a 1 Timóteo 4:1 (queira ver), é colocar a presença deles numa perspectiva teológica mais ampla — a realidade escatológica de que o tempo do fim, o surgimento da Nova Dispensação, já se pôs em movimento com a vinda de Cristo.

Timóteo é, pois, lembrado (**Sabe, porém, isto**; ou conforme a RSV, "entende isto"): a presença dos falsos mestres pertence ao bem conhecido fenômeno escatológico segundo o qual **nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis**. Este era um tema dominante, comum, no apocalíptico judaico (cp. Daniel 12:1: "E haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo" [RSV]; cp.4 Esdras 5:1-12; Jesus dedicou-se a este tema (Marcos 13:3-23), e a igreja primitiva via o aumento do mal como evidência de que o fim já havia começado (cp. 1 Coríntios 7:26; 1 João 2:18; 2 Pedro 3:3; Judas 17-18). Quanto à expressão **os últimos dias** referindo-se de modo especial ao começo da era cristã, veja Atos 2:16-21 e Hebreus 1:2.

3:2-4 / Como evidência de que **os últimos dias** já estão sobre nós (a despeito do verbo futuro **serão**, Paulo recorre a uma prática que lhe é peculiar — um catálogo de vícios (cp. 1 Timóteo 1:9-10; 1 Coríntios 6:9-10; Gálatas 5:19-21; Romanos 1:29-31). A lista contém 18 itens, seis dos quais ocorrem somente aqui no NT, quatro outros se encontram aqui e na lista de Romanos 1, e cinco são do vocabulário partilhado com Lucas-Atos. Embora somente cinco das palavras ocorram em outros pontos nas EP, o catálogo foi redigido, não obstante, mais ou menos para ajustar-se a esta situação. Assim, de modo semelhante a 1 Timóteo 1:9-10 e Romanos 1:29-31, a lista reflete de modo especial os males prevalecentes na sociedade pagã. Ao mesmo tempo, Paulo está acusando os falsos mestres, tanto por caracterizar a existência deles como estando em harmonia com esses males, como por dar a entender que eles próprios se encaixam em muitos dos itens da lista (egoísmo, ganância, presunção, orgulho, blasfêmia, desobediência, ingratidão, etc.).

A lista em si não parece obedecer a nenhum desígnio claro, como encontramos em 1 Timóteo 1:9-10. Alguns itens parecem formar pares, mas isso não é evidente com relação a todos. Começa de modo bastante adequado com **amantes de si mesmos** (cp. Tito 1:7 onde "não soberbo" encabeça a lista) uma vez que de tal amor mal dirigido fluem todos os demais vícios. "Amor de si mesmo" faz par com **gananciosos**, ou "amantes do dinheiro", que era um dos vícios básicos dos falsos mestres

(veja 1 Timóteo 6:5-10; Tito 1:11). Os dois seguintes, **presunçosos** e **soberbos** (ou "arrogantes") que também aparecem juntos em Romanos 1:30, acentuam o orgulho nas palavras e no pensamento, respectivamente, e também refletem o que Paulo diz em outras passagens a respeito dos falsos mestres (1 Timóteo 1:7; 6:4). A palavra **blasfemos** *(blasphemoi)* reflete "blasfêmias" de 1 Timóteo 6:4; **desobedientes a pais e mães** (cp. Romanos 1:30) pode ser referente a alguém que não cuidava de seus pais, em 1 Timóteo 5:8.

As quatro palavras seguintes, todas começam com o prefixo negativo *a* (comparável ao nosso *in, não* parecem ampliar a perspectiva). **Nos últimos dias** os homens serão **ingratos** (que de modo muito significativo vem depois de **desobedientes a pais e mães**), **profanos** (no sentido de "ofensa contra as regras fundamentais de decoro da vida", Barclay), **sem afeição natural** (**sem amor**; cp. Romanos 1:31), e **irreconciliáveis** (isto é, incapazes de reconciliar-se com um ser humano de suas relações). Serão **caluniadores** (cp. 1 Timóteo 3:11; Tito 2:5), **sem domínio de si**, e **cruéis** (uma palavra diferente para o sentimento expresso em 1 Timóteo 3:3; Tito 1:7), e **sem amor para com os bons** (cp. o oposto esperado dos presbíteros em Tito 1:8). Serão **traidores, atrevidos** ("nada os impede de alcançar seus fins", Kelly), e **orgulhosos** (a mesma palavra de 1 Timóteo 3:6; 6:4). A lista conclui com outra forma ainda de amor mal dirigido: eles serão **mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus**.

Como sempre, tais listas parecem desancar com força a raça humana e são objeto de ataque da parte dos que têm tendências humanistas. Infelizmente, porém, a lista é apenas realista, lembrando ao povo de Deus repetidas vezes que esses são, também, **os últimos dias.**

3:5 / Com esta descrição final, Paulo faz com que o tema escatológico do aumento do mal nos últimos dias se concentre nos falsos mestres. O grande problema deles, do ponto de vista de Paulo, é que eles **tendo aparência de piedade**... (*eusebeia*; veja discussão sobre 1 Timóteo 2:2), **negam-lhe o poder**. Eles gostavam das expressões visíveis, das práticas ascéticas e das discussões sem fim de ninharias teológicas, julgando-se obviamente justos, porque obviamente eram religiosos. Mas por isso mesmo eles "negavam" o **poder** essencial da *eusebeia* cristã, uma vez que assumiam tantas das atitudes e práticas "irreligiosas" que caracterizavam o mundo pagão. Compare a acusação semelhante em Tito 1:16.

Assim, uma vez mais, Timóteo é exortado a não se envolver com eles, evidência clara de que Paulo não tinha em mente o futuro nos vv. 1-4. Este imperativo serve também para Paulo como transição para o desmascaramento final dos falsos mestres.

3:6-7 / Esta sentença, que por certo constitui informação desnecessária para Timóteo, talvez fosse um tipo de ação reflexa da parte de Paulo. Perturbado pelos falsos mestres, com sua "aparência de piedade" sem o "poder" dela, Paulo lembra a Timóteo (e à igreja) o tipo de pessoas com as quais estão lidando — charlatães religiosos. Paulo pretende que esta descrição seja uma censura contundente. Ela nos serve, contudo, pelo fato de preencher todos os tipos de espaços em branco em 1 Timóteo acerca dos falsos mestres e de seu relacionamento com as mulheres da igreja.

Embora nossas outras fontes datem de um período um tanto mais tardio, há evidências de sobra de que a charlatanice religiosa tinha um campo especialmente fértil entre as mulheres. Tanto a posição social delas, abaixo de um nível razoável na sociedade greco-romana, como sua fome religiosa, típica da época, tornavam as mulheres presa fácil. Com essas palavras, Paulo associa simultaneamente os falsos mestres com tal charlatanice e condena as mulheres da igreja que se deixaram seduzir. É com esta informação nas mãos que devemos ler 1 Timóteo 2:9-15; 3:11; 4:7; 5:3-16.

Desse modo Paulo vincula os falsos mestres com a precedente lista de vícios, dizendo: **Porque deste número são os que** (lit., "de tais pessoas", como as mencionadas nos vv. 1-5) **se introduzem pelas casas** (o verbo sugere "insinuar-se furtivamente" sob falsas pretensões; cp. "alguns desses jaez entram sorrateiramente", Berkeley) "nos lares" (grego, para dentro *dos* lares, subentendendo-se para dentro dos lares já conhecidos — esta proeza teria sido muito mais fácil de realizar entre algumas viúvas mais jovens, "abastadas", do que entre viúvas de negociantes comuns) **e levam cativas mulheres néscias.** Este verbo grego usado metaforicamente, como aqui, significa "levar cativas desencaminhando" ou "enganando" (cp. Inácio *Philadelphians* 2:2). A idéia está em consonância com o tema geral dessas cartas, a natureza enganadora desses mestres (1 Timóteo 2:14; 4:1-2; 2 Timóteo 3:13).

As próprias **mulheres** são designadas com o diminutivo grego (lit., "mulherzinhas"), que era um pejorativo de zombaria, significando "to-

las" ou "insensatas" (traduzido por "mulheres de vontade fraca", na NIV, significando "presa fácil"). Elas são ainda descritas como **carregadas de pecados** (o que poderia significar que estão na verdade cheias de pecados; porém, é mais provável que signifique "sobrecarregadas com um passado pecaminoso", NEB) e **levadas de várias concupiscências**. É bem possível que houvesse algum envolvimento sexual entre os falsos mestres e essas mulheres, o que lançaria luz sobre diversos textos em 1 Timóteo (veja nota). Essa, porém, não é uma inferência obrigatória, e Paulo não investiga tal questão. Ele insiste em que a culpa dos **pecados** delas e o fato de serem **levadas de várias concupiscências** transformaram-nas em diletantes religiosas, mulheres **que aprendem sempre mas nunca podem chegar ao conhecimento da verdade.** Assim, os falsos mestres e essas mulheres nutrem-se mutuamente. As mulheres recebem "treinamento religioso" — do pior tipo, destinado a alimentar-lhes a curiosidade sem conduzi-las à liberdade do evangelho — e elas por sua vez, sem dúvida, pagam os falsos mestres generosamente (1 Timóteo 6:3-10). Não admira que Paulo houvesse proibido às mulheres ensinarem, tenha-as incentivado a submissão aos seus maridos (1 Timóteo 2:9-15), e quisesse que as viúvas mais moças, que se haviam entregado ao prazer (5:6) e já se haviam desviado para seguirem a Satanás (5:15), se casassem (5:14).

3:8-9 / Agora Paulo deixa as mulheres e se volta para os falsos mestres e, por analogia, coloca as atividades destes na categoria dos feiticeiros religiosos. Como os mágicos de Faraó usaram as artes mágicas para resistir a **Moisés** (Êxodo 7:11-12, 22; 8:7) assim, por implicação os falsos mestres usam os enganos e **resistem à verdade** (cp. Atos 13:8). Daqui não se pode deduzir que Paulo realmente julgasse estarem eles usando a bruxaria: em qualquer caso ele vê claras analogias entre os enganos deles e as artes ocultas dos mágicos.

No AT os mágicos não são citados pelo nome, mas faz parte da tradição religiosa do judaísmo e do cristianismo dar nomes aos anônimos. Assim, pelo menos por volta de 150 a. C. os magos egípcios haviam sido limitados a dois irmãos que receberam os nomes de **Janes** (uma forma de Joana, ainda encontrado em algumas fontes) **e Jambres** (ou Mambres, em outras fontes). À época de Paulo esta tradição já era do conhecimento geral (cp. o uso semelhante de tal tradição em 1 Coríntios 10:4).

Mas, Paulo ainda não terminou. Uma vez mais (cp. 1 Timóteo 6:4-5) ele descreve a falta de "mentalidade clara" (veja disc. sobre 2 Timóteo 1:7; Tito 2:2) nesses mestres. São **homens corruptos de entendimento** (cp. 1 Timóteo 4:5) e **réprobos quanto à fé** (o oposto de "aprovado" em 2:15).

Como tantas vezes acontece (cp. 2:13 e 19), Paulo não pode concluir com uma nota tão melancólica. Assim ele volta ao tema deles de "obter sucesso" (veja disc. sobre 1 Timóteo 4:15 e 2 Timóteo 2:16) e uma vez mais dá-lhe uma estocada irônica. Com grande confiança na fidelidade de Deus (cp. 2:13, 19) ele afirma: **Não irão, porém, avante** ("não progredirão", ou "não avançarão"). O motivo disto está vinculado ao que acaba de ser dito no meio do v. 8: **Porque... a todos será manifesta a sua insensatez**. Isto não quer dizer que deixarão de ser eficientes em seus enganos (cp. 3:13), mas, para Paulo, a verdade vencerá. Dessa maneira, o fim deles há de vir, porque a **insensatez** deles será desmascarada da mesma forma **como Janes e Jambres**. Isto pode referir-se a Êxodo 9:11; conquanto seja também possível que Paulo estivesse pensando numa lenda que incluía seus nomes, tal lenda não chegou até nós.

Portanto, a analogia serviu bem, numa virada bastante útil. Assim como os mágicos foram desmascarados e mostraram o que eram de fato, Paulo não consegue ver o triunfo final dos falsos mestres.

Notas Adicionais #10

3:2-4 / Os que rejeitam a autoria paulina sentem-se obrigados a determinar tanto a *fonte* como a *função* deste rol de vícios. Hanson considera Romanos 1:29-31 como a fonte, tendo a maioria dos vícios "um paralelo exato, ou mais ou menos íntimo" com essa lista (p. 144); ele considera a função como irrelevante, "talvez parte do material que serviu de fonte para o autor". De novo a evidência é favorável à autoria paulina. Tais listas têm características típicas, embora nenhuma se assemelhe muito às demais, e cada qual é adaptada ao seu contexto — aqui. Para uma análise desta e de outras listas, veja McEleney, "The Vice Lists of the PE".

3:6-7 / Quanto a textos que revelam a susceptibilidade das mulheres aos charlatães religiosos, veja Luciano, Alexander the False Prophet 6: "Eles percorriam o país praticando charlatanice e bruxaria e 'enganando os estúpidos' — pois, assim eles moldam o público de acordo com o jargão tradicional dos mágicos. Bem, entre esses descobrem uma rica mulher macedônia já passada do esplendor primaveril, porém, ansiosa por mostrar-se encantadora, às expensas de quem eles enchem as bolsas". (Loeb, vol. 4, p. 183); e Irineu, *Against*

Heresies 1. 13. 3. Cp. também a história da dama Paulina (Jos. Antiquities 18. 65-80) e sua prontidão para agradar ao deus Anúbis e, embora o autor não pretendesse tal comparação, a prontidão das mulheres em seguir a Paulo nos *Acts of Paul and Thecla.*

D-C sugerem, na base de 1 Timóteo 1:11, "que as tendências de emancipação podem estar presentes" nessas mulheres. Isso é de todo possível, dados os problemas semelhantes em Corinto, que se originaram de algumas tendências teológicas semelhantes.

A possibilidade de haver ligações sexuais também poderia estar presente, dando ainda maior sentido a textos como 1 Timóteo 2:9-10, e a preocupação quanto à castidade; 3:2, que o bispo/presbítero seja "marido de uma só mulher" 5:2, que Timóteo trate "as moças como irmãs, com toda a pureza"; 5:6, 11-15, que as viúvas mais moças se entregavam ao prazer e se tornavam "levianas"; e 5:22, no contexto do juízo contra os presbíteros transviados, recado a Timóteo: "nem participes dos pecados alheios; conserva-te a ti mesmo puro". Não obstante, deve-se admitir que há um bocado de especulação nestas sugestões.

3:8-9 / Quanto ao fenômeno de dar-se nome aos anônimos no cristianismo primitivo, veja B. M. Metzger, "Names for the Nameless in the New Testament: A Study in the Growth of Christian Tradition", em *New Testament Studies: Philological, Versional, and Patristic* (Leiden: Brill, 1980), pp. 23-43, reimpressão de Quasten *Festschrift*, 1970.

Visto que os nomes **Janes e Jambres** foram bem divulgados na antigüidade judaica, bem como na pagã, a sugestão de Kelly de que esta menção, aqui, pode pertencer à elaboração de lendas judaicas acerca de Moisés, faz muito sentido. Tais nomes são mencionados no *Damascus Document* 5:18; Targum Ps-Jonathan 1. 3 (sobre Êxodo 1:15) e 7. 2 (sobre Êxodo 7:11) — embora haja algum debate sobre a datação desta fonte; *Menahoth* 85a; *Midrash Rabbah Exodus* 9:7; e Plínio, *Natural History* 30. 1. 11. No Targum (Ps-Jonathan 40. 6) sobre Números 22. 21-22 eles são chamados filhos de Balaão!

11. Outro Apelo à Lealdade e à Perseverança (2 Timóteo 3:10-17)

Com este parágrafo, que se concentra num verbo no presente do indicativo, mas com força de imperativo, no v. 14: **Tu, porém, tens seguido de perto** ... Paulo renova o apelo com o qual a carta começou. (Observe quantos temas Paulo enfoca a partir de 1:3 - 2:13: O longo relacionamento de Timóteo com Paulo [vv. 10-11, 14; cp. 1:4, 6, 13]; o próprio Paulo como modelo de lealdade [vv. 10-11; cp. 1:8, 11-12, 13; 2:9-10]; o chamado para o sofrimento [vv. 11-12; cp. 1:8, 16; 2:3-6, 11-12]; o próprio apelo [v. 14; cp. 1:6, 13-14]; a fé que tinham seus antepassados [v. 15; cp. 1:5]; o foco sobre a salvação [v. 15; cp. 2:10-13].) Contudo, ele agora o faz tendo total visão do que foi dito acerca dos falsos mestres e das responsabilidades de Timóteo quanto a eles (2:14 - 3:9).

Assim, Paulo reúne as preocupações das duas primeiras seções da carta (o apelo à lealdade a ele mesmo e ao seu evangelho — em face do sofrimento — em 1:6 - 2:13; e a contínua ameaça ao seu evangelho — na forma dos falsos mestres — em 2:14 - 3:9). O parágrafo serve, ao mesmo tempo, como preparação para a última incumbência em 4:1-5.

O parágrafo consta de duas partes (vv. 10-13, 14-17), estruturadas em torno de duas ocorrências de *su de* ("tu, porém", v. 10 e 14) e o imperativo central do v. 14. As duas partes contêm a chave da lealdade permanente de Timóteo: primeira parte, que ele recorde o passado, de modo especial o ensino e o exemplo de Paulo, aprendido durante a longa associação, e segunda parte, que ele dê atenção às Escrituras, com as quais ele também tem tido longa associação, e que levam à salvação por intermédio de Cristo e são úteis para todas as tarefas do seu ministério.

3:10-11 / Esta nova seção começa com um enfático *su de* (**tu, porém**; cp. 2:1; 3:14; 4:5). Depois do retumbante desmascaramento e acusação dos falsos mestres (vv. 1-9), que não somente ensinam falsidade, mas também vivem como réprobos, Timóteo será exortado, em contraste com eles, a permanecer fiel à verdade do evangelho. Paulo faz isto lembrando-lhe o exemplo do próprio apóstolo, que **tens seguido de perto** (cp. 1

Timóteo 4:6). Este verbo, que comumente significa "acompanhar", também veio a significar "estudar de perto" (Kelly; cp. Lucas 1:3). Nos círculos estóicos tornou-se um termo técnico denotando a relação íntima de um discípulo com seu mestre. Tal relacionamento havia muito tinha sido estabelecido entre Paulo e Timóteo, de sorte que, ao enviar Timóteo a Corinto, cerca de dez anos antes, Paulo pôde dizer: "o qual vos lembrará (aos coríntios) os meus caminhos em Cristo, como por toda a parte ensino em cada igreja" (1 Coríntios 4:16-17). Agora o lembrete é para o próprio Timóteo, que deve levar avante os "caminhos" de Paulo depois da partida do apóstolo.

Seus "caminhos" são, com efeito, um rol de virtudes (comparáveis, nalguns aspectos a 2 Coríntios 6:4-6) que se coloca, pelo menos em parte, em vivo contraste com o rol de vícios dos vv. 2-4. Como de costume, foi confeccionado sob medida para a situação. Começa com dois itens muito importantes, dessas cartas, **meu ensino** e **procedimento** ("conduta"; veja disc. sobre 1 Timóteo 1:10, até o fim), depois passa para sua **intenção** (isto é, a resolução de Paulo, sua entrega sincera a Cristo). A seguir aparecem as virtudes cristãs cardeais (veja disc. sobre Tito 2:2; cp. 1 Timóteo 1:11), **fé** (em Deus), **longanimidade** (paciência para com os outros, e nas circunstâncias atuais, em meio a situações difíceis; cp. 4:2 e as atitudes exigidas em 2:24-25); **amor** (para com todos), e **perseverança** (até o fim).

Todas essas virtudes Timóteo deveria ter observado e, portanto, aprendido como discípulo, na vida de Paulo. Mas o objetivo aqui é que Timóteo as reflita também (v. 14: **tens seguido... meu ensino**, de forma especial em face das duas realidades gêmeas dos falsos mestres e do inevitável sofrimento que ele é convocado a partilhar. Assim, a lista muda de **ensino** e **procedimento**, passa pelas virtudes cardeais do comportamento cristão e vai até **perseverança**. Por que **perseverança**? Porque a vida de Paulo em Cristo — e a de Timóteo depois dele — envolveu-o em muitas **perseguições** e **aflições**. Este se torna agora o coração do presente apelo e recorda claramente 1:8 - 2:3.

Tu, porém, tens seguido... perseguições e aflições, quais me aconteceram em Antioquia (cp. Atos 13:50), **Icônio** (cp. Atos 14:2-6) e **Listra** (cidade natal de Timóteo; cp. Atos 14:19-20), **quantas perseguições sofri**. Muitos têm ficado perplexos por Paulo ter ido tão longe, na memória, — antes mesmo da conversão de Timóteo — para apresentar

seu objetivo principal. Por que não menciona Paulo os casos em que Timóteo esteve presente para observar — e experimentar — a perseguição, como a de Filipos (Atos 16:19-34) ou Éfeso (2 Coríntios 1:1-11) ou Roma [?] (Filipenses 1:1, 12-18)? A resposta se encontra no que observamos já na ação de graças (1:3-5), a saber, naquela parte do apelo à lealdade, nesta carta, para lembrar a Timóteo suas origens. É o modo de Paulo dizer: "Olha, tu estiveste lá em Listra quando fui apedrejado. Tu te lembras de que tais sofrimentos te foram visíveis desde o tempo em que começaste o teu caminhar cristão. Portanto, não fujas agora, no meio da presente angústia — nem da vindoura".

Uma vez que Paulo no v. 12 vai aplicar esta questão diretamente a Timóteo, ele lembra-lhe algo mais que Timóteo conhece a respeito dos primórdios do evangelho na Ásia Menor. Numa citação próxima do Salmo 34:19, Paulo incentiva a Timóteo: **O Senhor**, como bem sabes, **de todas me livrou** (cp. 4:17-18); neste caso, **me livrou** não significa livramento das perseguições, mas da morte, que tantas vezes esteve tão próxima. "Assim, tem ânimo, peregrino, porque tu, também", Paulo assegura-lhe na sentença seguinte, "terás tua parcela de sofrimentos".

3:12-13 / Essas duas sentenças, a despeito das aparências, são companheiras, e aplicam o que acaba de ser dito. A primeira declaração (v. 12) é outro convite a Timóteo para que se junte a Paulo no sofrimento, com o lembrete de que os sofrimentos que o aguardam não são singulares a Paulo e ao próprio Timóteo. Na verdade, **todos os que desejam viver piamente** (de novo *eusebos*; veja disc. sobre 1 Timóteo 2:2) **em Cristo Jesus** (viver uma vida verdadeiramente cristã), com verdadeira *eusebeia* ("piedade", ao contrário de *asebeia*, "impiedade", dos falsos mestres), devem esperar, como discípulos, alguma medida do que Cristo sofreu. Jesus mesmo determinou esse tipo de discipulado (Marcos 8:34; Mateus 5:11-12), como fez Paulo (1 Tessalonicenses 3:4; 2 Coríntios 12:9-10; Romanos 8:17; Filipenses 1:29).

Quanto aos falsos mestres, a coisa é diferente. Não somente eles *não* vivem vidas piedosas, evitando assim a perseguição, mas são **homens maus** (cp. a lista nos vv. 2-4) **e enganadores** (melhor, "charlatães", conforme a NAB, numa referência direta aos vv. 6-9), que **irão** somente (de novo "progredindo"; veja disc. sobre 1 Timóteo 4:15; 2 Timóteo 2:16; 3:9) **de mal a pior**. Ótimo "progresso" farão esses charlatães, afundando-se cada vez mais em seus pecados e "bruxarias" — **enga-**

nando e sendo enganados (cp. vv. 6-9; 1 Timóteo 4:12) — e desviando-se cada vez mais do **viver piamente em Cristo Jesus**. Pode ser, é claro, que estejam sendo mencionados aqui porque são a fonte da perseguição de muitos dos piedosos. Seja como for, os **que desejam viver piamente**, por causa das perseguições sofridas podem achar que as coisas lhes são piores, mas, com efeito, estão **em Cristo Jesus** e, por isso, destinados à glória, enquanto os falsos mestres, que podem achar que "tudo vai bem com o mundo" na verdade, eles vão **de mal a pior**, destinados à destruição.

3:14-15 / Pelo interesse que têm nas novidades e especulações sem sentido, e em seus desejos insensatos e na ganância, os presbíteros desviados, havendo sido eles mesmos "enganados" e estando agora "enganando" a outros, abandonaram a verdade (2:18) e fizeram naufragar sua própria fé (1 Timóteo 1:19). À guisa de contraste (**tu, porém**) Timóteo é exortado a permanecer fiel ao evangelho apostólico (**permanece naquilo que aprendeste**, referindo-se aos vv. 10-11 e antecipando o que está prestes a ser dito). **Aquilo que aprendeste**, Paulo afirma esperançosamente, é também aquilo **de que foste inteirado**.

Há dois motivos por que Timóteo deve permanecer no que aprendeu. Primeiro, **sabes de quem o tens aprendido.** Este curioso plural (no grego **de quem** está no plural) mudado para o singular na maioria dos manuscritos posteriores, pode refletir o plural de 2:2 ("através de muitas testemunhas"). Talvez se refira a Paulo (vv. 10-11) e também à mãe e avó de Timóteo (1:5), que lhe haviam ensinado **desde a infância... as Sagradas Letras**. Desse modo, Paulo lembra-lhe de que aquilo "em que ele deve permanecer" tem raízes profundas em seu próprio passado e que ele pode confiar nelas, na sua família e no seu mais íntimo amigo, cujo legado ele deve levar avante.

Segundo, **sabes as Sagradas Letras**. Esta é a primeira referência nestas cartas. (Em outras partes "a Palavra" refere-se à mensagem do evangelho; veja disc. sobre 1 Timóteo 4:5.) Contudo, o que é dito aqui de modo especial, pela primeira vez, está implícito por todo o texto. Os falsos mestres estiveram usando (e abusando de) as Escrituras em seu próprio detrimento e no de outros (cp. 1 Timóteo 1:6-7). Mas **as Sagradas Letras** nos pertencem, porque elas apontam para a **salvação, pela fé que há em Cristo Jesus.**

Era dever sagrado dos pais instruir os filhos na Lei a partir do quinto

ano de vida. Portanto, Paulo sabia que Timóteo desde a infância sabia as Sagradas Letras (lit., "os Escritos Sagrados", aparentemente uma expressão predileta do judaísmo rabínico, que teria sido parte da história pessoal do próprio Paulo). A expressão **que podem fazer-te sábio**, que talvez reflita o uso da LXX no Salmo 19:7 ("dá sabedoria aos simples"), contrasta com a "insensatez" e com os "enganos" dos falsos mestres (vv. 9, 13).

Deste modo, Paulo insiste na lealdade de Timóteo, não somente a si próprio e ao seu passado, mas também às Escrituras Sagradas, porque elas conduzem à **salvação**. Todavia, a **salvação** não reside nas próprias **Escrituras**, mas tão somente quando devidamente interpretadas, apontando para Cristo. Sempre, para Paulo, a **salvação** é **mediante a fé que há em Cristo Jesus**.

3:16-17 / O lembrete a Timóteo de que ele já sabe as **Sagradas Letras** há tempos, leva Paulo a concluir seu apelo refletindo nas origens divinas do Livro santo, donde a absoluta utilidade delas para o ministério de Timóteo.

Primeiro, ele afirma as origens divinas das Escrituras: **Toda** (ou "cada") **Escritura é divinamente inspirada**. Alguns desejam traduzir assim: "Toda Escritura inspirada por Deus é também proveitosa" (ASV; cp. GNB, margem). Se assim fosse, teríamos aí talvez uma explicação adicional do v. 15, significando algo como: "A Escritura torna o indivíduo sábio para a salvação; na verdade, toda Escritura inspirada por Deus é também útil para instrução... Contudo, tendo por base uma construção semelhante em 1 Timóteo 4:4, e em face do contexto, Paulo talvez tencione acentuar que a **Escritura** que pode **fazer-te sábio para a salvação** em sua totalidade **foi divinamente inspirada** (refletindo a atividade criativa de Deus; cp. RSV, GNB, "inspirada por Deus"), isto é, de origem divina. (Cp. os "mandamentos de homens" em Tito 1:14.) Fazendo isso, Paulo não está propondo uma teoria da inspiração; ele está, antes, refletindo a tradição comum do judaísmo (cp. 2 Pedro 1:21).

Segundo, ele afirma que **toda Escritura é proveitosa para** todas as tarefas de seu ministério — e é por isto que ele acentua sua origem divina. As tarefas delineadas são um claro reflexo do contexto da carta.

Para ensinar. Esta é a responsabilidade primária de Timóteo — usar as Escrituras para dar instrução sadia no evangelho para o povo de Deus (cp. 1 Timóteo 4:6, 13, 16; 6:3).

Para **repreender**. Este é outro aspecto da tarefa; ele deve usar as Escrituras para desmascarar os erros dos falsos mestres.

Para **corrigir**. Esta palavra ocorre somente aqui no NT. Ela é companheira de **repreender**, mas acentua o comportamento, o lado ético das coisas.

Para instruir em justiça (*paideia*; cp. 2:25; Tito 2:12). Corresponde a **corrigir**, em seu aspecto positivo.

Desse modo, **toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa** para a dupla tarefa de Timóteo: **ensinar** a verdade do evangelho com seu reto comportamento e de resistir aos erros e ao comportamento imoral do falso ensino.

Mas Paulo ainda não terminou. Ele acrescenta aqui, no v. 17, uma cláusula de finalidade, ou talvez um resultado, cuja intenção não está totalmente clara: **a fim de que o homem de Deus** (cp. 1 Timóteo 6:11) **seja perfeito e perfeitamente preparado para toda boa obra** (cp. 2:21; Tito 1:16; 3:1). Tal cláusula deveria apontar para os que recebem a instrução. Não obstante, o contexto, acrescido do uso do título **homem de Deus** no singular, quase exige que Paulo esteja, antes de tudo, preocupado com Timóteo, como o responsável por ministrar a instrução. Em certo sentido, a cláusula não é seqüencial; não obstante, o objetivo de Paulo é bastante claro. Pela contínua nutrição de sua própria vida nas Escrituras, que ele deve usar em seu ministério, Timóteo estará **perfeitamente preparado** ("capaz de enfrentar todas as exigências", BAGD) **para toda boa obra,** que aqui significa não somente comportamento cristão, mas também o ministério do evangelho, e aponta de modo especial para a frente, para 4:1-5.

Com essas palavras, o apelo que começou em 1:6 é levado à conclusão. Paulo insiste na lealdade de Timóteo à sua vocação ministerial, ao próprio Paulo e a Cristo e seu evangelho, incluindo o ensino das Escrituras. Timóteo deve permanecer leal a despeito do sofrimento e em face da oposição. Mas essas palavras também preparam o caminho para o que vem a seguir — uma incumbência final que reúne todas essas coisas antes que Paulo lhe revele o verdadeiro motivo da carta (4:6-16).

Notas Adicionais #11

3:10-11 / Os que consideram essas cartas como inautênticas ficam impressionados de modo especial à menção de **Antioquia, Icônio e Listra**, que apóia

seu ponto de vista. O Paulo real teria mencionado perseguições mais recentes, e nosso conhecimento do autor ficou limitado ao que ele pôde colher de Atos (veja Hanson). J. D. Quinn, que acredita que Lucas escreveu essas cartas, também considera isto como evidência apoiadora (veja "The Last Volume of Luke: The Relation Luke-Acts to the Pastoral Letters", p. 66). A explicação proposta neste comentário, contudo, está em plena harmonia com o contexto total da carta, se esta for considerada como procedente de Paulo mesmo.

3:14-15 / Há literatura considerável sobre o treinamento das crianças judaicas durante este período, do qual o principal componente era o estudo da lei (veja, p.e., Jos. *Against Apion* 1. 60; 2. 173-78). No tratado Mishnah *Pirke Aboth* 5:21, rabino do fim do primeiro século d. C., disse: "Aos cinco anos de idade (a criança está apta) para a Escritura" (Danby, p. 458). Quanto a fontes primárias que fornecem grande parte desta evidência, veja Str-B, vol. 3, pp. 464-66. Quanto a uma pesquisa útil desses dados e bibliografia adicional, veja S. Safrai, "Education and the Study of the Torah".

Os estudiosos do assunto têm debatido o significado da frase **as Sagradas Letras** no v. 15. Há variação textual quanto a se o artigo deveria ou não ser incluído (talvez neste caso ele não seja original; seu acréscimo seria muito mais fácil de explicar do que sua omissão). Porém, mesmo sem o artigo, o termo *hiera grammata* (lit., "escritos sagrados") indiscutivelmente se refere **às santas Escrituras** (cp. Jos., *Antiquities* 10. 210; Fílon, *Moses* 2. 292). Fílon emprega expressões semelhantes sem o artigo e quer dizer *as* Escrituras (veja *On the Posterity and Exile of Cain* 158; *Who Is the Heir* 06). O contexto desta passagem quase exige tal significado aqui, e não "ensino religioso" ou "*escritos* sagrados" (em oposição a tradições orais), possibilidades sugeridas por Lock. A sugestão de Hendriksen de que os vv. 15 e 16 significam coisas diferentes, e que o v. 16 abrange "mais do que o v. 15" é gratuita.

3:16-17 / A literatura e o debate sobre o v. 16 são mais ou menos extensos. Três são os problemas: Primeiro, *pasa graphe* significa de fato **toda Escritura**? (isto é, Escritura como um todo coletivamente entendido) ou "cada Escritura"? isto é, distributivamente entendida para significar cada passagem individual). É quase impossível decidir qual é o certo, em bases gramaticais, e em qualquer dos casos o significado procede do mesmo lugar.

Segundo, o problema já discutido: onde colocar o subentendido **é**, fazendo desse modo **inspirada por Deus** o predicativo (texto da NIV e ECA) ou o atributivo, como na ASV. Quanto a uma discussão mais completa, veja os comentários de Hanson, Kelly e Hendriksen (quanto ao texto) e de Bernard, Spicq e Barrett (quanto à margem).

O terceiro é o problema do significado de *theopneustos* (**divinamente inspirada**). Quanto a esta discussão, veja B. B. Warfield, *The Inspiration and Authority of the Bible* (Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1948), pp. 245-96.

Quanto a uma breve visão geral do entendimento da inspiração no judaísmo contemporâneo, veja Warfield, pp. 229-30, e o verbete sobre *theopneustos*, de E. Schweitzer, em *TDNT, vol. 6, pp. 454.*

12. Última Incumbência a Timóteo (2 Timóteo 4:1-5)

Paulo conclui agora o longo apelo que compõe a maior parte desta carta. O apelo começou em 1:6 e foi retomado em 3:10, após o interlúdio sobre os falsos mestres em 2:14 - 3:9; mas agora ele toma a forma de uma incumbência solene (v. 1) seguida por nove imperativos (cinco no v. 2 e quatro no v. 5).

O primeiro conjunto de imperativos (v. 2) repete as preocupações acerca do próprio ministério de Timóteo e flui diretamente do apelo precedente. Este é seguido (vv. 3-4) por mais uma declaração do motivo, os erros dos falsos mestres — conquanto neste caso são as próprias pessoas que estão em vista. O conjunto final de imperativos (v. 5), que contrasta com os vv. 3-4, é mais pessoal, ainda que esteja claramente em vista o ministério de Timóteo.

Uma vez que esta incumbência está gramaticalmente ligada aos vv. 6-8 ("Cumpre bem o teu ministério, porque já estou sendo derramado como libação"), esses versículos nos darão a pista para grande parte desta seção. Paulo sabe que está prestes a morrer. Esta incumbência, portanto, embora feita contra o telão de fundo da situação em Éfeso, contempla muito além disso. Aqui temos uma espécie de mudança da guarda, a palavra de um homem moribundo ao seu herdeiro. Para usar a metáfora atlética dos vv. 7-8, é a transferência do bastão. É preciso que todo o parágrafo seja lido com esta realidade em vista.

4:1 / As palavras iniciais desta sentença **Conjuro-te, pois** (cp. 1 Timóteo 5:21; 2 Timóteo 2:14) transformam o apelo precedente numa última incumbência solene para Timóteo apegar-se a seu ministério em toda e qualquer circunstância. A linguagem da incumbência, que tem claras afinidades com as de 1 Timóteo 5:21 e 6:13, contém um contexto escatológico altamente carregado. A base dessa ordem é quádrupla: **Deus, Cristo**, a segunda **vinda**, e o **reino** eterno. Isto é, como alguém cuja vida é vivida **diante de Deus e de Cristo Jesus** (veja disc. sobre 1 Timóteo 5:21) perante quem é responsável, e tendo em mente a certeza das realidades escatológicas cristãs, Timóteo é solenemente incumbido de cumprir as responsabilidades do ministério que lhe foi dado por Deus,

em especial a de proclamar o evangelho. (Observe a perspectiva escatológica semelhante nos vv. 6-8, esp. v. 8).

O impulso escatológico da incumbência começa pelo qualificador acrescentado a **Cristo Jesus**, a saber, **que há de julgar os vivos e os mortos**. Esta terminologia, que era exclusiva dos cristãos (cp. Atos 10:42; 1 Pedro 4:5), tornou-se, em pouco tempo, uma fórmula, um semicredo (Barnabé; Policarpo, Philippians 2:1; 2 *Clemente* 1:1; cp. o Credo dos Apóstolos). Ela foi baseada na convicção de que aquele que apareceu uma vez para salvar aparecerá uma segunda vez para completar a salvação, e para juízo (cp. também Atos 17:31 e 2 Coríntios 5:10). Assim, ele **há de julgar** tanto os que estarão vivos por ocasião de **sua vinda** como aqueles que morreram, os quais ressurgirão para juízo.

Havendo mencionado o juízo futuro, Paulo esmera-se acrescentando **na sua vinda** (cp. 1 Timóteo 6:14; Tito 2:13) **e no seu reino**. Embora o grego seja rústico aqui (Paulo misturou duas construções, uma frase prepositiva e dois modificadores objetivos, após o verbo "conjuro-te, pois"), sua intenção é bastante clara. Tendo em mente a vinda de Cristo (cp. 4:8), seguida por seu reino eterno (cp. 4:18) — que são realidades escatológicas relacionadas com o fato de ser Cristo o juiz que vai **julgar os vivos e os mortos** — Timóteo deve dispensar especial atenção a esta última incumbência. Afinal de contas, todos, o próprio Timóteo, os falsos mestres, todas as pessoas terão de prestar contas por ocasião da vinda de Cristo.

4:2 / A incumbência é uma série de imperativos. O primeiro, **prega a Palavra** (veja disc. sobre 1 Timóteo 4:5, quanto à "mensagem do evangelho" como sendo a interpretação adequada de "o *logos* de Deus" nas EP), encabeça os demais. Acima de tudo, Timóteo deve proclamar a mensagem do evangelho, que aqui tem o mesmo efeito da incumbência de "guardar o depósito" de 1 Timóteo 6:20 e 2 Timóteo 1:14. É sobre isto que versa todo o apelo de 1:6 a 3:17.

Além do mais, diz Paulo: **Insta a tempo e fora de tempo**. Esta tradução aproxima-se muito da famosa frase da KJV: "Sê instante a tempo e fora de tempo". Infelizmente, o que Paulo tenciona não é tão claro assim. Talvez o verbo seja mais bem traduzido por "apega-te a isso" (D-C) ou "aferra-te a isso" (Kelly), ou seja, à tua proclamação **da Palavra**. Os duplos advérbios (*eukairos, akairos*) são ou subjetivos (relacionados a Timóteo) ou objetivos (relacionados a seus ouvintes). Se

o certo é a primeira opção, como Crisóstomo entendia, significa que Timóteo deveria permanecer na tarefa, quer esta lhe fosse conveniente, quer não. Se a última é que está certa, significa, então, que Timóteo deveria permanecer na tarefa, "quer a pregação venha numa hora conveniente para os ouvintes, quer não". Segundo o contexto, de modo especial em face do que se segue, é provável que esta segunda opção é a que Paulo teria em mente, embora só se dirigisse à reticência de Timóteo (cp. 1:6-7).

Os últimos três imperativos, **admoesta, repreende e exorta**, relacionam-se com os vários aspectos da tarefa de Timóteo como pregador da Palavra. Ele deve "admoestar" (no sentido de "repreender", como em 3:16; Tito 1:13; 2:15) os que estão em erro; "repreender" (talvez "advertir") os que não atentam para a correção; e finalmente "exortar" (ou "instar", de preferência a "incentivar"; veja disc. sobre 1 Timóteo 2:1; 5:1; 6:2) todos os crentes.

Timóteo deve executar essas três últimas tarefas **com toda a longanimidade e ensino**. A **longanimidade** (paciência) é exigida em virtude do que será dito a seguir — nem todos lhe darão atenção. Não obstante, deve ele sempre apregoar a verdade (isto é, "prega... e põe **ensino** em tua pregação").

4:3-4 / Este período começa com um **porque** explanatório e dá os motivos para a natureza da ordem do v. 2: "Prega a palavra, atém-te a ela, não importando o que aconteça; fazendo isso, admoesta, repreende e exorta, com toda paciência e ensino, porque virá tempo... ".

Como no caso de 3:1-5 e 1 Timóteo 4:1-2, a realidade presente também é vista como um acontecimento futuro. Isto se relaciona de novo com o conceito do aumento do mal à aproximação do fim, o qual, conforme evidenciado pela situação em Éfeso, já começou. Mas, neste caso, talvez represente a transferência de bastão de comando desta última incumbência. Timóteo deve levar avante o ministério de Paulo num mundo em que não há promessa de resposta ansiosa — nem mesmo da parte do povo de Deus.

A descrição nos é familiar. Contudo, neste caso, ela se concentra nos próprios crentes, e não nos falsos mestres, e lança um pouco da culpa aos pés deles — a despeito da ênfase até aqui sobre serem eles enganados (cp. 1 Timóteo 4:1-2; 5:15; 6:5; 2 Timóteo 3:6-7, 13). A descrição é dada em dois pares de contrastes.

Primeiro, eles **não suportarão a sã doutrina** (veja disc. sobre 1 Timóteo 1:10; cp. 6:3); **mas, tendo coceira nos ouvidos**... é expressão pejorativa, metáfora para "curiosidade mórbida que procura fuxicos interessantes, bem condimentados" (BAGD), ajustando-se, portanto, à natureza especulativa, diletante, dos falsos mestres (veja disc. sobre 1 Timóteo 1:4; 2 Timóteo 3:6-7). **Cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças** (cp. 3:6; 1 Timóteo 6:9), os quais, é claro, são o tema de 1 Timóteo e de grande parte de 2 Timóteo.

A situação fica mais esmiuçada, ainda, em segundo lugar, em termos que nos são familiares, agora. Por um lado, eles **se recusarão a dar ouvidos à verdade**, isto é, ao evangelho (veja 1 Timóteo 6:5; Tito 1:14; 2 Timóteo 2:18; 3:7-8); por outro lado, estarão **voltando às fábulas** (veja 1 Timóteo 1:4; 4:7; Tito 1:14). Esta é a palavra final nessas cartas acerca dos falsos ensinos, sendo muito semelhantes à primeira paiavra (1 Timóteo 1:3-7). Os hereges e seus seguidores simplesmente abandonaram a verdade em troca da mentira. E não há promessa alguma a Timóteo de que as coisas vão ficar melhores depois da morte de Paulo.

4:5 / Como ocorre em todo o texto dessas cartas, a menção dos transviados suscita uma palavra de contraste para Timóteo. Com um **tu, porém** (*su de*, "mas quanto a ti"; cp. 2:1; 3:10, 14; 1 Timóteo 6:11) Paulo volta à incumbência final, acrescentando-lhe mais quatro imperativos.

Sê sóbrio em tudo. Este verbo exige que Timóteo mantenha o controle de si mesmo. As pessoas andarão atrás de qualquer coisa porque têm "coceira nos ouvidos"; **tu, porém,** deves manter-te alerta para que não sejas apanhado.

Sofre as aflições é expressão que leva Timóteo de volta a um tema repisado nesta carta (1:8; 2:2; 3:12) e o prepara para o último testemunho de Paulo, a seguir. Aparece, como antes, no contexto da proclamação do evangelho.

Faze a obra de um evangelista. Este substantivo, **evangelista**, encontra-se também no NT em Efésios 4:11 e Atos 21:8. Aqui ele apenas recorda o imperativo com que esta incumbência se iniciou (v. 2, "prega a palavra").

Cumpre bem o teu ministério. Com este imperativo apropriado, que abrange todo o texto precedente, indo além — Paulo encerra a incumbência. Conforme veremos, o apóstolo está prestes a sair de cena, e a capa de seu ministério vai recair sobre Timóteo. Portanto, este impera-

tivo assume importância especial, visto que Paulo passa a enunciar sua última vontade e testamento (vv. 6-8). Conforme diz Hendriksen com elegância: Este conjunto de imperativos, ao servir de introdução aos vv. 6-8, "traça um contraste entre Timóteo, ainda no auge da luta, e Paulo, que *combateu* o magnífico combate" (p. 312).

Notas Adicionais #12

4:1 / A maioria dos manuscritos, os mais antigos, contudo, procedentes do nono século, marcaram especificamente o laço intencional deste parágrafo com o texto precedente, ao acrescentar um "pois".

4:2 / Segundo evidências contemporâneas, o verbo traduzido **insta a tempo** seria metáfora do ambiente militar. Assim, a NEB (margem) traduz: "Está de serviço o tempo todo". Embora seja essa uma possibilidade real, não há necessidade, quanto ao contexto, de tomar esse verbo como metáfora, aqui.

13. Último Testemunho de Paulo (2 Timóteo 4:6-8)

Até este ponto, tudo quanto foi dito em 2 Timóteo, exceto os temas da prisão de Paulo, e o fato de Timóteo ter assumido sua parte no sofrimento, encaixa-se nos objetivos de 1 Timóteo — e de certo modo, parece repetição, ou mais advertências de mesmo teor. Contudo, este parágrafo, somado ao que se segue nos vv. 9-18, coloca tudo sob luz diferente.

Aqui ficamos sabendo pela primeira vez que Paulo espera que sua presente prisão resulte em morte (v. 6); ele está cônscio de que seu próprio ministério está terminado (v. 7) e que o prêmio escatológico o aguarda (v. 8). Mas, conforme indica com clareza a situação em Éfeso, esta é uma péssima hora para o apóstolo partir. Chegou o tempo de o evangelho puro de Cristo contaminar-se por dentro, ao absorver elementos estranhos; e as pessoas sentem "comichão", querem ouvir mais (4:3). Daí o motivo da carta, com seus apelos prementes à lealdade. Paulo vai partir, e Timóteo é exortado a prosseguir, fiel ao evangelho que Paulo — e ele — têm pregado.

Este último testemunho, pois, com o anúncio da morte iminente de Paulo, serve antes de tudo como o motivo principal da incumbência anterior (vv. 1-5). Ao mesmo tempo, como antes, serve de modelo adicional que Timóteo deve seguir. (Veja 1:11-12; 2:9-10; 3:10-11.)

4:6 / O parágrafo está intimamente ligado à incumbência precedente (esp. v. 5) com um enfático *ego* (eu; **quanto a mim**, ECA, GNB), e um explanatório **tu, porém,** "quanto a ti" (v. 5). Paulo exorta: **tu, porém,** "mantém o juízo, cumpre teu dever completo como servo de Deus, porque quanto a mim, estou prestes a partir".

As duas metáforas deste versículo deixam claro que Paulo não espera sobreviver à prisão. A primeira metáfora, usada anteriormente em Filipenses 2:17, refere-se à possibilidade de Paulo ser **derramado como libação**; foi tomada das libações do AT, ou ofertas de bebida (Números 15:5, 7, 10). Tal oferta, composta de vinho (talvez em substituição das libações de sangue dos pagãos, Salmo 16:4), era derramada perante o Senhor no santuário (Números 28:7). Por isso Paulo diz: "Já estou sendo

oferecido como libação"; minha vida está sendo derramada perante o Senhor. A ênfase recai sobre o "já", não implicando necessariamente em morte imediata (os vv. 13 e 21 pelo menos admitem a possibilidade de outro inverno). A metáfora implica que toda a presente provação, culminando com a morte, é uma libação diante do Senhor.

A segunda metáfora, **e o tempo da minha partida está próximo** (cp. Filipenses 1:23), onde Paulo usa a forma verbal na imagem da desmontagem do acampamento, ou soltura das amarras de um navio, de seu ancoradouro. Era eufemismo comum para a morte (cp. Fílon, *Flaccus* 187; Diógenes Laércio 5. 71).

4:7 / Com outra metáfora, a do atletismo, tão comum em Paulo (2:5; cp. 1 Timóteo 6:12; 1 Coríntios 9:24-27; Filipenses 3:12-14), o apóstolo externa esta bem conhecida reflexão sobre seu próprio ministério (não sobre sua vida em geral, como é tantas vezes interpretado). Em três sentenças surpreendentes ele afirma a finalidade das coisas e sua fidelidade à sua vocação.

Combati o bom combate (lit., "competi na competição nobre"). Como em 1 Timóteo 6:12, esta é uma metáfora do atletismo, e não da vida militar. Talvez a "competição" seja metáfora para uma corrida (assim pensa Pfitzner), e não luta romana ou boxe (conforme Kelly). A palavra *kalon* (bom, "nobre") não implica que a participação de Paulo era "boa", mas que o apóstolo, conforme ele mesmo instava com Timóteo (1 Timóteo 6:12), participasse da mais nobre e mais grandiosa de todas as competições: o ministério evangélico. Afinal de contas, essa é a vida de Paulo.

Acabei a carreira (cp. Atos 20:24). A ênfase aqui recai com clareza no fato de que para Paulo a **carreira** (a competição) está terminada; não apenas sua vida, mas seu ministério já acabou.

Guardei a fé. Isto pode significar que Paulo, no cumprimento de seu ministério, preservou intacta a fé, a "sã doutrina" (1 Timóteo 1:10), preservou "o bom depósito" confiado a ele (2 Timóteo 1:14), ou, talvez, que ele fosse "leal ao que lhe foi confiado" (Kelly). Tanto o contexto como o fato de que esta era uma fórmula fixa da antigüidade, para significar a guarda do depósito de alguém, parecem apoiar esta interpretação. É uma palavra especialmente significativa em face dos vv. 16-18, onde a lealdade total, até mesmo na tribulação, significava que todos os gentios ouviram a mensagem.

4:8 / Paulo volta agora à metáfora do atleta, mas o faz retomando o tema central escatológico do v. 1 (cp. 1 Timóteo 6:12). Do mesmo modo que as corridas atléticas terminam com prêmios aos vencedores, assim os crentes receberão **a coroa da justiça** (*stephanos*, a grinalda de louros dada ao vencedor; cp. 2:5; 1 Coríntios 9:25). **A qual**... (coroa) **o Senhor**... **me dará naquele dia** (estando guardada em segurança no céu). Neste caso a grinalda é descrita como **a coroa da justiça.** Significa isto que "o prêmio conferido por uma vida justa" (conforme Bernard, Barrett, Kelly), que alguns alegam não ser característico de Paulo (D-C, Hanson)? Ou significa "uma que consiste no dom da justiça, que somente o Juiz, aquele que é o único *dikaios* (justo), pode dar" (Pfitzner, p. 184)?

A primeira opção não é tão dessemelhante de Paulo quanto às vezes julgamos. Afinal de contas, é frase genitiva, e não cláusula detalhada com clareza (cp. GNB), e significa nada mais do que a coroa que o justo receberá, não necessariamente como prêmio por **seu** desempenho. Tal interpretação seria forçar a metáfora do v. 7 para além dos limites paulinos reconhecíveis. Não obstante, outros usos deste tipo de frase no NT (Tiago 1:12; 1 Pedro 5:4), favorecem a segunda interpretação. Esta, todavia, também tem recebido objeções como sendo não-paulina (a justiça é recebida nesta vida); mas essa objeção desconsidera o "já/ainda não" da escatologia de Paulo. O crente recebe a **coroa de justiça** final precisamente porque já recebeu a justiça de Cristo.

Tal coroa será concedida pelo **Senhor, justo Juiz** (cp. v. 1) **naquele dia**, que significa por ocasião de sua vinda (cp. 1:12, 18) — **e não somente a mim**. Com esta última frase, Paulo de novo redireciona sua preocupação para Timóteo. Do mesmo modo que Timóteo foi incumbido, no v. 1, de cumprir seu ministério em face das grandes realidades escatológicas cristãs, assim agora ele é incentivado: que o prêmio também seja seu e de todos quantos têm ansiado pela segunda **vinda** de Cristo (quanto a esta palavra, **vinda** *epiphaneia*, veja disc. sobre o v. 1). Se intencionada ou não, esta cláusula estabelece um agudo contraste com Demas no v. 10, que amou o presente século, em vez de amar a **vinda** de Cristo.

Com esta palavra, o objetivo principal da carta é atingido, finalmente. Porém, a carta ainda não terminou, e tudo que foi dito até aqui terá de ser repensado, na base do que é dito a seguir.

Nota Adicional #13

A natureza muito pessoal deste testemunho, bem como suas íntimas afinidades com Filipenses, de há muito tem sido usada como argumento a favor de sua autenticidade. Na verdade, muitos que não conseguem ir tão longe assim, concordam que aqui está um fragmento verdadeiramente paulino.

Outros, porém, têm considerado os laços com Filipenses como sendo a "fonte" da carta para o autor pseudo-epigráfico. Como ocorre com tanta freqüência, tais argumentos tendem para um impasse, e a decisão final recebe o peso de considerável subjetividade. Recentemente, D. Cook ("2 Timothy iv. 6-8 and the Epistle to the Philippians") argumentou a favor da autoria não-paulina tendo por base a linguagem e o estilo. Mas tudo o que ele mostrou conclusivamente é que esses versículos são da mesma espécie do restante da carta, sem mostrar quem, na verdade, escreveu a carta.

4:7 / Quanto à frase "guardar a fé" como referindo-se à lealdade ao depósito, veja autores tão divergentes como Políbio (6. 56. 13; 10. 37. 9) e Jos. (*Wars*6. 345.) Quanto a outros textos, veja D-C.

Veja V. C. Pfitzner, *Paul and the Agon Motif*, quanto a uma discussão completa da metáfora atlética em Paulo.

14. Palavras e Instruções Pessoais (2 Timóteo 4:9-18)

Esta seção exibe todas as marcas de propriedade de um trabalho de correspondência particular procedente da antigüidade. O autor insta com seu destinatário a que venha a toda pressa (v. 9); diz *por que* quer que ele venha (ele está só, vv. 10-11a), *quem* e *o que* trazer (vv. 11b-13), e com *quem* tomar cuidado ao longo do caminho (vv. 14-15); e conclui com informação no tocante à maneira como as coisas têm acontecido (vv. 16-18). Por si só, tudo isto é tão corriqueiro que não causa surpresa a ninguém. Seria mais uma dentre milhares de cartas de mesmo tipo, oriundas do mundo helenístico.

O elemento surpresa, é claro, provém do fato que este texto que agora analisamos não é fragmento separado. Ao contrário, estas palavras foram precedidas por um longo apelo à lealdade de Timóteo, o qual conclui com a solene incumbência de manter-se firme em sua tarefa ministerial, seguida de uma espécie de manifestação de última vontade e testamento de Paulo. Entretanto, estas palavras finais dão nova perspectiva a tudo que precedeu. O objetivo do apelo não é, antes de tudo, a situação em Éfeso (como no caso de 1 Timóteo); daí haver somente um *tauta* ("estas coisas") imperativo (2:14); donde também a razão de 2:2 ("confia-o a homens fiéis"), o que *não* é sugerido em 1 Timóteo. Ao contrário, o apelo é, primariamente, para que o próprio Timóteo estivesse preparado para assumir as rédeas após a morte de Paulo, em face de: (*a*)a propagação do ensino herético e causador de divisão; (*b*) a prisão de Paulo e sua morte iminente, e (*c*) o ministério do próprio Timóteo, a despeito de sua timidez.

Paulo volta agora ao segundo motivo da carta, insinuado primeiramente na ação de graças (1:4: "desejo muito ver-te"). Paulo sente-se solitário em sua prisão, e esta carta representa um convite para que Timóteo venha juntar-se a ele. Tíquico (v. 12), portador da carta, é enviado a Éfeso, onde talvez assumisse os deveres de Timóteo; e Timóteo deve ir tão depressa quanto possível. A seção toda transpira preocupações pessoais, particulares (em cada versículo aparece um pronome referente na primeira pessoa). Um pseudo-epígrafo que criasse isso, especialmente em face das demais preocupações dessas cartas, teria sido um gênio extraordinário.

4:9 / Imediatamente após o prenúncio de sua morte iminente (vv. 6-8), Paulo roga com urgência **Procura vir ter comigo depressa** (cp. 2:14; 4:21; Tito 3:12). Dadas as condições de viagem e o lapso de tempo envolvido, este dois elementos (isto é, morte iminente e o pedido para que Timóteo venha) podem parecer contraditórios. Contudo, como observaremos nos vv. 16-17, Paulo teve experiência anterior com o sistema judiciário romano e, embora pareça que ele não espere ser libertado, está bem cônscio das demoras no sistema.

Este pedido domina tudo o que será dito nos versículos seguintes: A urgência encontra-se nas expressões **depressa** (*tacheos*, "sem demora") e "antes do inverno", no v. 21, bem como na informação acerca de sua primeira defesa nos vv. 16-18. Assim, este pedido tem uma força bem diferente do pedido semelhante feito a Tito (3:12).

4:10-11a / Paulo passa a dar os *motivos* do pedido (começa com outro **porque** explanatório). Todos os seus colaboradores, exceto **Lucas**, o deixaram, um de modo desonroso e outros por várias razões.

Demas é mencionado em primeiro lugar, talvez porque sua partida tenha sido a mais dolorosa. Pouco se sabe dele — embora seja muito mencionado na literatura apócrifa. Sabe-se que foi colaborador durante a prisão anterior de Paulo (Colossenses 4:12; Filemom 24) juntamente com outros quatro, incluindo **Marcos** e **Lucas**.

Mas agora ele **me abandonou** (é o verbo da LXX, no Salmo 22:1, o mesmo que Jesus bradou na cruz), **amando o presente século**. Esta frase contém linguagem escatológica (cp. 1 Timóteo 4:8; Tito 2:12; Gálatas 1:4; Efésios 1:21), comparando a era presente com a vindoura e, neste caso, oferece um vivo contraste com Paulo, Timóteo e outros, "que amarem a sua vinda" (v. 8). Por que ele foi **para Tessalônica** não se sabe. Era cidade sem reputação, como "zona de diversão sensual" do mundo greco-romano; talvez fosse sua cidade natal.

A menção da ida de Demas **para Tessalônica** traz a Paulo a lembrança de dois outros que também saíram: **Crescente** (de quem nada mais se sabe, com certeza) **para a Galácia** (alguns MSS antigos trazem *Gallia*, "Gália", a moderna França; mas isto parece uma corruptela), e **Tito para a Dalmácia**. Talvez ambos tenham ido a serviço do ministério. **Galácia**, na Ásia Menor central, havia muito tinha sido cenário de missão paulina. **Dalmácia**, a costa do antigo Ilírico (Iugoslávia; cp. Romanos 15:19), ao norte do Adriático, depois de Nicópolis (veja Tito 3:12). Talvez Tito

tenha saído dali, embora o contexto dê a entender de modo diferente.

Isso significa, uma vez que Erasto ficou em Corinto, Trófimo deixado em Mileto (v. 20), e Tíquico despachado para Éfeso (v. 12), que de seus colaboradores **só Lucas** (cp. Colossenses 4:14; Filemom 24) **está comigo**. Quanto ao possível papel desempenhado por Lucas na composição dessas cartas, veja a Introdução.

Alguns têm alegado que as informações contidas nesses versículos estão em contradição com o v. 21. Não é assim, porém. Os que ele menciona primeiro foram colaboradores de Paulo, sem os quais ele raramente ministrava (cp. Atos 17:14-18:4; 1 Tessalonicenses 3:1-5, quanto a possíveis exceções). As pessoas mencionadas no v. 21 são com certeza cristãos romanos conhecidos de Timóteo.

4:11b-12 / A seguir, Paulo diz a Timóteo quem (v. 11b) e o que (v. 13) trazer consigo quando vier. Numa ocasião anterior, Marcos o havia abandonado, durante uma circunstância difícil (Atos 13:13) e se havia tornado ponto de contenda entre Paulo e Barnabé (Atos 15:36-41). Mas a nobreza de caráter de Paulo pode ser vista no fato de que numa fase posterior Marcos de novo se tornara colaborador (Colossenses 4:10; Filemom 24). Agora ele insta com Timóteo: **Toma a Marcos** (dando a entender que ele não está em Éfeso) **e traze-o contigo.** O motivo? **Porque me é muito útil para o ministério** (lit., "ele me é útil no serviço"). A frase "no serviço" (*diakonian*, embora favorita de Paulo para indicar o ministério do evangelho (cp. 4:5; 1 Timóteo 1:12; 2 Coríntios 4:1), é ambígua aqui e pode referir-se a serviço pessoal (cp. 1 Coríntios 16:15). Talvez Paulo tencione um pouco de ambos, mas o contexto sugere que pelo menos Paulo tem em mente que Marcos ministre às suas necessidades pessoais (cp. 1:16-18, sobre Onesíforo).

A razão para querer que **Marcos** o ajude é que seu antigo ajudante, **Tíquico**, tinha sido enviado **a Éfeso** — pelo menos é o que está implícito pelo grego *de* ("Quanto a") que liga o v. 12 ao 11 (portanto, não há volta ao v. 10, como lapso de memória). **Tíquico** (cp. Tito 3:12; Colossenses 4:7; Efésios 6:21-22) com certeza é o portador desta carta (assim, **enviei-te** é "aoristo epistolário" que significa "estou enviando", visto da perspectiva do escritor, ou "enviei", da perspectiva do destinatário; cp. Efésios 6:22). Pode-se supor que Tíquico devia também assumir as responsabilidades de Timóteo.

4:13 / Este pequeno pedido da **capa** e **os livros**, que transtorna bastante as teorias de pseudo-epigrafia, revela-se de imediato cheio de interesse e de incertezas históricas. A reconstrução mais provável (subentendendo-se, é claro, a natureza hipotética de grande parte do que está dito) é que, a caminho de Éfeso, Paulo havia sido preso, ou em Mileto (v. 20, na rota de **Carpo** (presumivelmente um crente que morava nessa cidade) ele havia deixado a **capa**, a pesada vestimenta que era usada pelos viajantes no tempo frio ou chuvoso. Agora ele quer que Timóteo a traga (evidentemente **antes do inverno**; v. 21) e **os livros**. Obviamente Paulo espera que Timóteo siga a mesma rota (de Éfeso a Trôade, por terra, através da Macedônia na Via Inácia, por navio até Brundísio, e até Roma).

Tem havido muita especulação acerca do que Paulo queria dizer por **os livros, principalmente os pergaminhos**. O termo *Biblia* (rolos, "livros") poderia referir-se a qualquer tipo de obra literária, incluindo livros sagrados (neste caso o AT) ou documentos de vários tipos. O qualificativo **principalmente os pergaminhos**, ou significa o que a tradução sugere (isto é, seleção específica a partir de um grupo geral de escritos, conforme em outras passagens nas EP; p.e., 1 Timóteo 4:10) ou, conforme T. C. Skeat alegou, é um termo que define e equipara ("os livros — quero dizer, os cadernos de notas de pergaminho"). Esta última opção talvez seja o que Paulo tem em vista. Não podemos saber que é que eles continham (talvez fossem, pensa-se, escritos do AT) nem por que ele fez tal pedido.

4:14-15 / Esses dois versículos desde há muito têm sido enigmáticos — que estariam fazendo aqui? Mas, considerando-se que podemos fazer bom sentido *contextual* de quase tudo nessas cartas, e que a preocupação aqui é com o v. 15 e com o próprio Timóteo: **guarda-te dele**, a melhor suposição contextual é que os **muitos males** causados por **Alexandre, o latoeiro,** a Paulo, foi mandar prendê-lo. Esta idéia tem o apoio de dois fatos: o verbo *endeiknymi* (lit., "mostrar", "destacar", fracamente traduzido por **causou-me)** era muitas vezes usado com o sentido legal de "informar contra", delatar, e o v. 15, ele **resistiu muito** (o mesmo verbo de 3:8) **às nossas palavras**.

Nesse caso, quem teria sido este **Alexandre, o latoeiro**? Seria o Alexandre que, com Himeneu, havia sido excomungado por Paulo (1 Timóteo 1:19-20), ou o judeu desse nome que tentou sufocar o levante

em Éfeso (Atos 19:33-34)? Alegam alguns que se trata da mesma pessoa — ou de algum outro Alexandre, que desconhecemos; Paulo quer ter certeza de que Timóteo o reconheça, e chama-o de **o latoeiro**. Embora a questão seja um tanto especulativa, a primeira suposição pode ser a verdadeira. Depois de excomungado, Alexandre deixou Éfeso (donde a Himeneu vem juntar-se Fileto em 2 Timóteo 2:17). A referência a ter sido forçado a deixar sua capa e livros em Trôade lembra a Paulo a causa de sua prisão: **Alexandre, o latoeiro,** contra quem ele agora acautela Timóteo: **guarda-te dele** quando ele passar por aí. Em qualquer caso, Paulo tem plena confiança na justiça de Deus e, portanto, espera que **Alexandre** caia sob o juízo escatológico: **o Senhor lhe pague** (o mesmo verbo empregado no v. 8) **segundo as suas obras** (palavras reminiscentes dos Salmos 28:4 e 62:12).

4:16 / Paulo agora deixa o pedido a Timóteo e dá uma breve explicação de sua própria situação, que tem inerente em si a urgência observada no pedido. Ele emprega uma frase prepositiva **na minha primeira defesa**, que tem causado algum debate. Faz pouco (ou nenhum) sentido dizer-se que isto se refere a uma prisão anterior (p.e., Atos 18; cp. Colossenses , Filemom, Filipenses), conforme supunha a maioria dos pais primitivos e a maioria dos exegetas anteriores (por que Paulo informa a Timóteo aquilo que ele já sabia?) É mais provável que **minha primeira defesa** refere-se à presente prisão e à praxe jurídica romana de uma *prima actio*, audiência preliminar perante o imperador ou magistrado, grosseiramente comparável, quanto ao propósito, a uma audiência do grande júri. Esta seria seguida, depois, pelo julgamento verdadeiro. Dada a demora de dois anos, depois da audiência preliminar, durante sua primeira prisão (Atos 24:1, 23, 27; cp. 28:16, 30), Paulo tinha bom motivo para esperar a mesma coisa de novo; daí esta carta e o rogo para que Timóteo venha juntar-se a ele.

Contudo, nesta ocasião, as circunstâncias parecem ser muito mais graves. Paulo está sendo mantido em cadeias (1:16; 2:9), e a despeito de ficar "livre da boca do leão" (v. 17), na audiência preliminar, ele espera que o resultado final seja a morte (vv. 6-8). Portanto, talvez devido à seriedade da situação, **ninguém me assistiu na minha primeira defesa** (dando a entender que ninguém se juntou a ele nem se identificou com ele; talvez quisesse dizer que não teve nenhum advogado oficial); na verdade, **todos** o **desampararam**. É só especulação ociosa perguntar o

que Paulo podia ter esperado ou *onde* estavam amigos como Tíquico ou Lucas. Da perspectiva do próprio Paulo **todos** o **desampararam**. Não obstante, à semelhança do seu Senhor na cruz (Lucas 23:24), nessa questão Paulo mostra perdão — **Que isto não lhes seja imputado.**

4:17 / Porém, como sempre nos escritos de Paulo, a última palavra é a de Deus. Mas (o vocábulo *de*, em contraste com todos que desampararam o apóstolo) **o Senhor me assistiu**. Como de costume em Paulo, e nessas cartas, **o Senhor** refere-se a Cristo. Esta não é, necessariamente, a linguagem do misticismo religioso; é, antes, a linguagem daquele que se encontrou pessoalmente com o Cristo vivo, que está "nele" e que teve sua própria vida invadida pelo poder do Espírito Santo. Para Paulo, experimentar a presença do **Senhor** numa ocasião assim foi tão natural como respirar.

O Senhor fez duas coisas quando **assistiu** a seu apóstolo. A primeira, e muito significativa, tinha que ver com o evangelho de Paulo. Ele **me fortaleceu** (cp. 2:1; 1 Timóteo 1:12), **para que por mim fosse cumprida a pregação, e a ouvissem todos os gentios.** Como no caso da audiência preliminar semelhante, registrada em Atos 24:1-20 (cp. 26:1-32), Paulo tirou total vantagem do inquérito para dar o "verdadeiro" motivo de sua prisão. A primeira parte do texto grego diz literalmente, "para que por meu intermédio a pregação pudesse cumprir-se". A ênfase recai ainda sobre a capacitação concedida pelo Senhor. Deus **me fortaleceu, para que por mim** ... (construção enfática) "ele pudesse cumprir seus próprios planos". "Fosse cumprida a pregação" refere-se a pregação apostólica do evangelho que alcançaria o coração do império, que nesse sentido é Roma, "a senhora das nações" (para usar uma frase de Bernard), pelo que **todos os gentios** poderiam ouvir o evangelho.

Em segundo lugar, o Senhor me livrou (o que está subentendido pela forma passiva, no grego), **fiquei livre da boca do leão**. Esta metáfora há muito tem sido assunto de debate. Satanás, Nero, o próprio império e a morte, todos têm sido propostos como o **leão**. É mais provável que a pista esteja na observação que ecoa do Salmo 22 até ao fim da passagem (vv. 9-18). Do mesmo modo que Paulo foi abandonado e desamparado (vv. 10, 16; cp. Salmo 22:1), assim ele havia sido liberto e *será* liberto (v. 18; cp. Salmo 22:4-5) — **da boca do leão** (cp. Salmo 22:21). Se esta for a pista certa, Paulo estaria usando a linguagem do salmo para referir-se a seu livramento da morte.

4:18 / Em estilo típico, o livramento recente do perigo reflete-se teologicamente. **O Senhor** que me pôs **livre**, sempre **me livrará**, não da morte necessariamente, mas **de toda má obra** (cp. a petição final da oração dominical), **e me levará salvo para** (melhor, "me salvará para", ou "até") **seu reino celestial**. A frase **de toda má obra** (lit.) o oposto de "boas obras", 2:21; 3:17) dificilmente significaria "dos efeitos de todas as tramas maléficas", como indica a conclusão escatológica da sentença, mas "de todo o poder do mal que quer destruir-me". A razão é simples: **O Senhor ... me levará salvo para o seu reino celestial**. Mais uma vez o foco da carta se concentra na escatologia, na forma de uma das triunfantes certezas de Paulo: O que Deus já realizou em Cristo, ele considera até à consumação final; a salvação que Deus começou, ele completará de verdade.

Tal nota de triunfo escatológico, sem mencionar as vitórias passadas, exige uma doxologia (cp. 1 Timóteo 1:17; 6:15-16): **A quem seja glória para todo o sempre. Amém.** Tanto a localização quanto a linguagem desta doxologia são reminiscentes de Filipenses 4:20. Que nota apropriada com que concluir, dadas as premências aflitivas contínuas de Paulo e Timóteo!

Notas Adicionais #14

Embora seja certo que não teria sido impossível a existência de um pseudo-epígrafo (veja D-C ou Hanson), é muito improvável que outro autor tivesse *criado* estas informações. Partindo do "corpo clerical" ou de outras fontes, muitos têm optado por uma teoria de fragmentos paulinos autênticos, os quais teriam sido compilados numa obra pseudo-epigráfica. Quanto à apresentação clássica deste ponto de vista, veja P. N. Harrison, *The Problem of the Pastoral Epistles* e *Paulines and Pastorals*, nas quais ele reelabora algumas teorias em face de críticas subseqüentes. Barrett parece favorecer esta perspectiva.

4:9 / Muitos têm percebido uma tensão inerente, também, entre os vv. 9-18 e o restante da carta. Mas isto se deve à noção errônea de que Paulo teria dito a Timóteo que continuasse em Éfeso a fim de resistir aos falsos mestres (p.e., Scott), o que Paulo não disse (não *nesta* carta, pelo menos), ou que 2 Timóteo, à semelhança de 1 Timóteo, é também um manual eclesiástico ou, no mínimo, um "manual do pastor", o que tampouco é verdade.

4:10-11a / A observação a respeito de **Demas** é o tipo de material sobre o qual vicejam os Atos apócrifos. Veja, p.e., os *Acts of Paul and Thecla* 1, 4, 12-14, 16. Alguns o identificam com Demétrio de 3 João (Demas é abreviação de Demétrio), mas esta hipótese é muito improvável. Outros argumentam que sua

ação não era apostasia; mas isso parece trabalhar no interesse de salvar um comprometimento teológico anterior. Policarpo (*Philippians* 9:1-2) usa essas palavras de tal modo que ele certamente interpretava "amar o presente século" no sentido de apostasia. O contraste, especialmente com o v. 8, é tão nítido, que é difícil dar à ação de Demas uma interpretação mais branda.

Lock (p. 116) fez uma interessante correlação entre os vv. 9-18 e o Salmo 22. Talvez ele tenha levado a comparação longe demais, para parecer haver correção ali (veja esp. a nota sobre o v. 17).

4:13 / Há uma literatura um tanto extensa sobre este versículo. Quanto a uma discussão completa sobre o significado de *biblia*, veja T. C. Skeat, "Early Christian Book Production: Papyri and Manuscripts", em *The Cambridge History of the Bible*, red. G. W. H. Lampe (Cambridge: Cambridge University Press, 1969), vol. 2, pp. 54-79. Sobre a frase qualificativa **principalmente os pergaminhos**, veja Skeat, " 'Especially the Parchments': A Note on 2 Timothy iv. 13".

4:14-15 / Lock e Bernard sugerem que **Alexandre** se opôs a Paulo em Roma. Assim, esses versículos são considerados como pertencentes aos vv. 16-18. Mas, uma vez que eles servem de clara advertência a Timóteo, faz mais sentido localizar Alexandre no ponto da prisão de Paulo.

4:16 / Grande parte do debate sobre este texto relaciona-se com a dupla questão da autenticidade e da possível segunda prisão. Quanto a essas questões, veja a Introdução.

4:17 / Quanto a uma análise desta passagem em face do Salmo 22, veja Lock (p. 116) e J. Munck, *Paul and the Salvation of Mankind* (Londres: SCM, 1959), pp. 331-33.

15. Saudações Finais (2 Timóteo 4:19-22)

Como no caso de Tito, mas diferente em 1 Timóteo (veja disc. sobre 1 Timóteo 6:21), Paulo conclui esta carta com saudações pessoais, tanto *para* amigos em Éfeso como *para* Timóteo, da parte de alguns crentes romanos. Tais saudações são típicas das cartas helenísticas e igualmente do apóstolo Paulo (cp. 1 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Romanos, Colossenses, Filipenses, Filemom). Conquanto nenhuma destas seja formalmente igual às demais, todos os elementos da presente carta se encontram de alguma forma em outras epístolas.

Há cinco partes neste encerramento: saudações para determinadas pessoas (cp. 16:3-15; Colossenses 4:15); notícias pessoais de amigos (cp. Colossenses 4:13); um pedido final (cp. Romanos 16:17-19; 2 Coríntios 13:11; Colossenses 4:16); saudações de pessoas específicas (cp. Romanos 16:21-23; 1 Coríntios 16:19; Colossenses 4:10-14); e uma bênção final (cp. todas as demais cartas).

4:19 / Saudações a indivíduos são raras nas cartas de Paulo. Nunca é feita a igrejas onde ele é conhecido de todos. Mas neste caso ele faz duas notáveis exceções.

A instrução: **Saúda a Priscila e Áqüila**, seus velhos amigos. É surpreendente, não que Paulo os saudasse, mas que eles estivessem de volta a Éfeso. Paulo encontrou-se com eles pela primeira vez em Corinto, para onde tinham ido de Roma depois do decreto de Cláudio (Atos 18:1-3). Depois, eles acompanharam Paulo a Éfeso, onde permaneceram por algum tempo (Atos 18:18-26; em 1 Coríntios 16:19 uma igreja reúne-se na casa deles). Um pouco mais tarde eles estão aparentemente em Roma, onde de novo têm uma igreja-lar (Romanos 16:3-4); e agora os encontramos de novo em Éfeso. **Áqüila** era judeu, natural do Ponto; podemos supor que **Priscila** fosse judia. Em quatro de seis referências a seus nomes, ela é mencionada em primeiro lugar, o que é tão espantosamente incomum na antigüidade, que podemos supor que o papel dela era muito significativo no ministério do casal. Eram amigos tão queridos, tinham trabalhado com Paulo durante tantos anos, que o apóstolo não pode deixar de saudá-los.

Ele também envia saudações pessoais e especiais à **casa de Onesíforo**. Mencionar somente a família significa pelo menos que Onesíforo não estava com eles. Se nossa interpretação de 1:16-18 for correta, que Onesíforo havia morrido, esta saudação pessoal extraordinária também faz sentido.

4:20 / Esta interrupção das saudações com notícias pessoais de amigos também chega como surpresa — tanto mais se esta carta é pseudo-epigrafia! Simplesmente não sabemos os motivos disto. Talvez fosse disparado, de súbito, pela menção dos amigos no v. 19, ou pela repentina lembrança de que nem todos os colaboradores que Timóteo sabia estarem com Paulo haviam sido mencionados nos vv. 10-12.

A nota acerca de **Erasto** é especialmente enigmática. Uma vez que ele **ficou em Corinto**, seria esse (menos provável) o oficial da cidade ("diretor de obras públicas") com tal nome, mencionado em Romanos 16:23, cuja inscrição ainda pode ser vista entre as ruínas da velha Corinto? Ou seria esse Erasto (mais provável) o "ajudante" (*diakoneo*) a quem ele enviou com Timóteo de Éfeso para a Macedônia alguns anos antes (Atos 19:22)? E deixou-o Paulo **em Corinto** quando passaram pela cidade? Ou já estava Erasto em Corinto, e Timóteo esperava que ele se tivesse unido a Paulo, mas em vez disso Erasto **ficou em Corinto?** Simplesmente não sabemos. O mesmo com **Trófimo**. Chegara Paulo tão perto, a Mileto, na tentativa de voltar a Éfeso (cp. 1 Timóteo 3:14-15)? Se assim for, é possível que a informação acerca de Trófimo não tivesse chegado a Timóteo? Ou estaria errada a pergunta, e deveríamos olhar somente da perspectiva de Paulo, que queria ter certeza de que Timóteo soubesse a respeito de **Trófimo** na cidade vizinha? Seja como for, Paulo teve de deixá-lo **doente em Mileto** — um dos raros toques pessoais que obtemos, bem de passagem, com referência à delicadeza deste ministério primitivo. Quão pouco realmente sabemos dos fatos cotidianos da vida dessas pessoas (cp. 2 Coríntios 11:23-27)!

4:21 / A superficial excursão acerca de Erasto e Trófimo parece disparar outro lembrete dos vv. 9-15. **Apressa-te a vir antes do inverno** — não somente porque ele necessitaria de sua capa (v. 13), mas porque o Mediterrâneo fechava à navegação de novembro a março. Isto talvez sugira que a carta tenha sido escrita no final da primavera ou começo do

verão; se Timóteo tivesse de chegar ali durante aquele ano, precisaria partir imediatamente.

Por fim, Paulo envia saudações de alguns amigos, **Eubulo, Pudente, Lino, Cláudia e todos os irmãos** e irmãs. Considerando-se que três desses nomes são latinos, pode-se supor que esses são os crentes romanos locais. São eles líderes, como é bem provável? Ou são meros conhecidos de Timóteo, desde sua primeira visita a Roma? Talvez ambos. No mínimo são conhecidos de Timóteo; visto que Timóteo teria conhecido também tantos outros, é bem provável que estes sejam líderes também. É de interesse, portanto, que uma mulher seja citada pelo nome dentre eles.

O único dos quatro de quem há substancial informação posterior é **Lino**, que é mencionado como "bispo" de Roma na tradição tão antiga quanto Irineu (*Against Heresies* 3. 3). Não há razão alguma para duvidar do que para Irineu é fato firme como a rocha.

4:22 / Finalmente, há uma bênção e graça, comuns a todas as cartas. Esta se divide em duas partes. Primeira, há uma palavra pessoal para Timóteo: **O Senhor seja com o teu espírito** (cp. Gálatas 6:18; Filemom 25; Filipenses 4:23). Esta é uma forma expandida de "o Senhor seja contigo"; **teu espírito** neste caso representa a pessoa toda. Segunda, e muito interessante, ele tem uma palavra para a igreja: **A graça seja convosco**. Assim, embora a carta toda seja uma palavra muito pessoal a Timóteo, em grande parte dela há uma preocupação óbvia pela igreja efésia também; e considerando que Paulo envia saudações a outros além de Timóteo, ele inclui, portanto, **todos** eles na **graça** final.

É bem apropriado que as últimas palavras de Paulo sejam uma bênção, um desejo de que a **graça** de Deus **seja com** todo o seu povo.

Nota Adicional #15

Quanto a exemplos desses tipos de saudações das cartas helenísticas, veja F. X. J. Exler *(The Form of the Ancient Greek Letter)*, pp. 69-77 e 111-13. Os encerramentos paulinos foram formalmente analisados por W. G. Doty, *Letters in Primitive Christianity*, pp. 39-42, e H. Gamble, *The Textual History of the Letter to the Romans*, SD 42 (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), pp. 56-83.

4:21 / Quanto a uma apresentação completa das dificuldades de viagem no Mediterrâneo durante o inverno, veja F. Brandel, *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II* (Nova York: Harper & Row, 1966), pp. 248-56.

QUEM LÊ...

...Sobe Mais

...Pensa Melhor

...Compara idéias

...Preparo-se Melhor

...Tem o que Falar

...Tem o que Responder

...Fundamenta Suas Opiniões

...Aumenta Sua Compreensão

...Melhora o Vocabulário

...Tem Mais Chances

...Absorve Experiência

...Sabe o que Está Acontecendo



Dedicados à Excelência

Avenida da Liberdade, 902 - 01502-001 - São Paulo - SP
Fone: (011)278-5388 - Fax: (011)278-1798